"Um livro maravilhoso que retrata muito bem a vulnerabilidade de adolescentes envolvidos em joguinhos de adultos." – Ali Hazelwood

AMIZADES FATAIS



JULIE SOTO



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas e dicas de leitura.

Saiba mais.

AMIZADES FATAIS



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

AMIZADES FATAIS



JULIE SOTO

Traduzido por Karen Alvares

ARQUEIRO

Título original: *The Thrashers*

Copyright © 2025 por Julie Soto
Copyright da tradução © 2026 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Todos os emojis foram feitos pela OpenMoji – projeto de emojis e ícones de código aberto. Licença: CCBY-SA 4.0.

coordenação editorial: Gabriel Machado
produção editorial: Guilherme Bernardo
preparo de originais: Cláudia Mello Belhassof
revisão: Milena Vargas e Rayana Faria
diagramação: Gustavo Cardozo
capa: © HarperCollins Publishers Ltd. 2025
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão
foto da autora: © Debbie Soto
e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S692a
Soto, Julie, 1988-
Amizades fatais [recurso eletrônico] / Julie Soto ; tradução Karen Alvares. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2026.
recurso digital

Tradução de: The thrashers
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5565-937-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Alvares, Karen. II. Título.

25-102504.0

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 2894-4987
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Anna, Amanda e Fancy Margaret

Sumário

Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22

Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Epílogo

Sobre a autora
Sobre a Arqueiro

Nota sobre conteúdo

Este livro aborda temas sensíveis, incluindo: suicídio, bullying, alcoolismo, questões de imagem corporal e referências a estupro.

Prólogo

Eu morri na noite do baile de encerramento.

Era para ser uma noite cheia de cetim e renda, limusines e quartos de hotel, beijos roubados e erros adoráveis. Enquanto meus colegas davam risada, dançavam e tiravam fotos, eu me enfiei na banheira com meu vestido cor-de-rosa requintado e esvaziei o frasco de analgésico da minha mãe goela abaixo.

Apaguei com o cantarolar de uma dança lenta nas veias.

A polícia de Sacramento falou que tinha sido suicídio, mas minha mãe berrou e meu pai gritou: *Emily nunca faria uma coisa dessas! Podem perguntar pra qualquer um que a conhecia de verdade!*

E a polícia foi investigar. Todos os adolescentes, o rei e a rainha do baile, futuros líderes empresariais dos Estados Unidos e futuros traficantes de Modesto.

– Ah, com certeza foi suicídio – declararam.

Mas uma frase escapou em vários depoimentos. Duas palavras que sussurrei nos ouvidos deles até que ficassem na ponta da língua de todos tanto quanto *seguidores*, *filtros* e *provas finais*.

Os Thrashers.

Capítulo 1

JULHO

Se dependesse de Jodi, ela iria para a cama às onze da noite às sextas-feiras, assistiria à Netflix e fingiria que o pote de Ben & Jerry's servia uma pessoa só, mas isso raramente acontecia. Caroline Vallow estava dando uma festa. Jodi nem a conhecia, mas, se não fosse ao evento, passaria os seis meses seguintes ouvindo histórias: que Paige tinha dado uns amassos num estudante de intercâmbio, que Lucy e Julian tinham vencido o joguinho dos copos de cerveja atirando a bolinha de costas ou que Zack tinha conhecido seu novo casinho de verão.

Por isso, ela botou sua calça jeans mais justa, enfiou a chave de casa no sutiã e, depois de dez tentativas frustradas de ligar para Zack pedindo carona, pegou o ônibus para aquela festa da Escola de Ensino Médio St. Joseph's.

Porque, se não estivesse lá, seria como se ela não existisse.

O ônibus sacolejou e parou, e Jodi saltou, seguindo a vibração do baixo da música ruim até chegar a uma rua sem saída com casas iguais de dois andares com quintais impecáveis e um Mercedes em cada garagem. Jodi tinha morado em uma rua sem saída quando era bebê, mas só sabia disso pelas fotos que o pai mostrava da mãe dela.

Carros estacionados em fila dupla abarrotavam as calçadas, e garotos soltavam fogos de artifício do Dia da Independência enquanto garotas assistiam, sentadas em cadeiras dobráveis, apesar de julho já estar quase no fim. Jodi alisou a blusa e se abaixou para dar uma olhada no próprio reflexo no retrovisor de um carro estacionado. Ela ajeitou um cacho castanho-avermelhado atrás da orelha antes de se dar conta de que o carro estava *balançando*, e as janelas estavam embaçadas com o que quer que estivesse rolando lá dentro. Ela deu um pulo para trás, pediu desculpa para ninguém e se afastou depressa.

Jodi se esgueirou para entrar na casa, e dezenas de olhos se voltaram para a porta, esperando ver alguém conhecido. Ela tentou sorrir enquanto davam uma geral nela, sabendo que esse era o preço a pagar por entrar de penetra na festa de alguém de outra escola. Mas, pensando bem, era possível que o pessoal da escola dela tivesse a mesma reação.

Não que ela não tivesse amigos. Mas às vezes se sentia invisível perto deles. Os amigos de Jodi nunca eram ignorados nos lugares.

– Jodi Dillon! Vem cá! – exclamou uma voz animada.

Uma garota de cabelo louro-mel estiloso, dentes branquíssimos e pernas compridas que desapareciam sob um vestidinho curto estava parada no meio da sala de estar, cercada por corpos dançantes.

Paige Montgomery, por exemplo, era alguém que entortava pescoços aonde quer que fosse, e os olhares ficavam grudados nela até que saísse do local.

Jodi acenou para ela, um pouco tímida, e apontou para a cozinha, sinalizando que ia pegar uma água. Paige abriu a boca para gritar algo em resposta, mas a música mudou e Paige berrou, jogando as mãos para o alto.

Rindo, Jodi saiu dali, atravessando um mar de copos vermelhos. Tinha um karaokê rolando nos fundos da casa – um karaokê *ruim*. Quando encontrou a cozinha, ela foi direto até uma tina de metal na ilha em busca de garrafas de água, mas um cara alto passou na frente dela bem na hora em que Jodi estendeu a mão.

– Foi mal – disse ele, com um sorriso. – Quer cerveja?

– Não, na verdade eu não bebo…

– Você tava na turma de álgebra da Freeman comigo este ano? – perguntou ele, depois pegou uma Bud Light, atirou o boné na bancada de granito e enfiou a garrafa na mão dela. – Eu sou o Matt.

Os dedos dela se fecharam ao redor da garrafa gelada. Jodi abriu a boca para dizer que nem era da escola dele, mas Matt continuou falando.

– Em que faculdades você tá de olho? – quis saber e, depois, sem fazer uma pausa para ouvir a resposta, acrescentou: – Tô me candidatando para a Santa Barbara e San Diego. A vida na praia é incrível, né?

– Com certeza – respondeu ela, alongando as vogais.

– Matt, pega a jarra de água filtrada – pediu uma garota que apareceu atrás de Jodi.

Ela estava de biquíni e nada mais. Seus olhos deram uma geral em Jodi de cima a baixo, e os lábios se curvaram para baixo.

– Claro. – Matt atendeu no mesmo instante, pegando a jarra na geladeira e enchendo um copo vermelho para a garota. – Ei, vocês ouviram falar que o Zack Thrasher tá aqui? – perguntou Matt para as duas.

Os olhos da garota se viraram depressa para Matt, arregalados.

– Sério? Bem na hora que eu tô indo embora? – reclamou ela, baixando a cabeça para dar uma olhada nos poros da pele pelo reflexo da torradeira.

Jodi conteve um sorriso enquanto apanhava um copo vermelho e pegava a

jarra de Matt.

– Quem é Zack Thrasher? – perguntou, fingindo curiosidade.

A garota pareceu chocada.

– Tá de zoeira, né?

Jodi virou os olhos inocentes para ela e balançou a cabeça. Aquilo prometia ser bom.

– Ele é o armador da New Helvetia – disse Matt, animado. – Ouvi dizer que ele pegou o chapéu da Taylor Swift no show dela em Santa Clara. Ele tava na área VIP com a Gigi Hadid.

– Você soube que ele descobriu uma banda antiga chamada KISS e a escola toda apareceu no baile de primavera com o rosto pintado? – perguntou a garota.

Jodi bufou. Foi *ela* que "descobriu" o KISS e mostrou para Zack, mas, sim, o lance da pintura facial era verdade.

Estava prestes a sair em busca do garoto em questão quando ouviu algo terrível acontecendo no cômodo ao lado.

– Quero dedicar essa música a Jodi Dillon – disse uma voz conhecida, saindo dos alto-falantes do karaokê. – "Hey Ya!" é a música favorita dela.

Jodi espiou do canto da cozinha e olhou para o garoto bonito com o microfone sorrindo para ela.

– Essa é pra você, Jodi – disse Zack Thrasher.

Depois disso, ela teve que se sentar e ouvir o melhor amigo cantando, bêbado, a música que ela mais odiava.

Ele foi dançando até ela, atraindo um monte de gente, e pelo menos ela teve o prazer de ver os olhos da garota de biquíni quase saltarem das órbitas enquanto a atenção de Zack Thrasher se concentrava apenas em Jodi.

Se ela tivesse que adivinhar, diria que ele havia virado pelo menos umas quatro cervejas. Zack era um bêbado brincalhão e imprevisível, que pulava do telhado para dentro da piscina, acendia a churrasqueira de um desconhecido para agradar uma garota que estivesse a fim de um cheeseburger ou simplesmente passava horas dançando a pior música do mundo.

No refrão de "Hey Ya!", Matt foi a pessoa que gritou "ice cold!" mais alto e, quando Zack cantou a parte de "Okay, now ladies", ele enfiou o microfone na cara de Jodi.

– "Yeah?" – respondeu ela, seca.

Zack caiu na gargalhada e passou o microfone para outra pessoa. Ele abraçou Jodi até erguê-la do chão.

– Onde você tava? – perguntou ele.

Em seguida, Zack a colocou no chão, tirando o cabelo castanho-claro dos olhos e sorrindo para ela com os dentes perfeitamente retos daquele jeito que fazia Jodi sentir um frio na barriga.

– Achei que você não fosse vir.

– Eu te mandei mensagem pedindo carona – disse ela.

– Merda! Já acabou a bateria do meu celular. – Ele fez uma pausa. – Manda mensagem pro Julian! – exclamou ele de repente, como se ela ainda precisasse de carona.

Jodi apertou os lábios em um sorriso tenso.

– Eu mandei. Nada.

O olhar dela desviou para o cara alto de cabelo escuro, com perfil de modelo, que tinha se juntado a Zack na cozinha. Julian Hollister tomou um gole do copo vermelho com um olhar calculado.

– Hum. Acho que eu tava sem sinal.

Jodi estreitou os olhos para ele, mas, antes que pudesse responder, Matt se adiantou.

– Você é o Zack, né?

– Sou! É um prazer te conhecer.

Zack estendeu a mão. Ele era uma das únicas pessoas que ela conhecia que dava apertos de mão, um costume que o pai tinha incutido nele.

– Eu sou a Monica – disse a garota de biquíni, com um sorriso paquerador.

Ela se debruçou na ilha da cozinha, apertando os seios e, assim, de repente, a atenção tanto de Zack quanto de Julian se desviou por completo de Jodi.

– O que te fez vir numa festa da St. Joseph? – perguntou Monica.

Jodi revirou os olhos e se virou para a pia, resolvendo encher a jarra de água antes de devolvê-la para a geladeira. Tinha acabado de colocar a jarra lá dentro quando uma sombra cobriu seu ombro. Sem levantar o olhar, soube que Julian estava se preparando para acabar com a noite dela.

– Boa demais pra tomar água da torneira, Dillon?

Jodi olhou feio para ele.

– Como se você já tivesse bebido água da torneira alguma vez na vida.

Julian Hollister era o tormento da vida dela, para dizer o mínimo sem ser mal-educada. Jodi era amiga de Zack Thrasher desde a segunda série – melhores amigos, ela até ousava dizer. Mas, quando Zack começou a se concentrar no basquete, no fim do ensino fundamental, ele conheceu Julian, e os dois se tornaram inseparáveis desde então, não importava o quanto Jodi ficasse no meio.

A família de Julian tinha dinheiro, como a de Zack. Eles praticavam os

mesmos esportes, cursavam as mesmas matérias nas mesmas turmas, gostavam do mesmo tipo de humor. Mas Julian era grosso por natureza. Ele colava nas provas, chifrava as garotas e não pedia desculpa por nada. Era tão atraente que dava nojo, Jodi sabia, e, exceto pelo cabelo escuro e os ombros largos, ele e Zack combinavam até mesmo no jeito de se vestir. Jodi pelo menos ficava feliz porque as escolhas duvidosas de Julian e seu total desrespeito pelo bem-estar dos outros não tinham influenciado Zack.

– Tá quente aqui. – Zack apontou o polegar em direção à porta de vidro. – Não é melhor a gente ir lá pra fora?

Matt e Monica ficaram muito felizes em ir. Jodi fechou a porta da geladeira e saiu atrás deles.

Ao contrário de Julian, Zack era do tipo que sempre incluía as pessoas, charmoso e em sintonia com as emoções do ambiente. Se Jodi tentava escapar dos planos de sexta à noite – como naquele dia –, ele era a primeira pessoa a mandar uma mensagem para ela fora do grupo e perguntar o que estava acontecendo. Quando a traição do namorado de Paige foi descoberta no primeiro ano, Zack deu um soco nele no meio do pátio e depois foi direto para a casa de Paige com um pote de sorvete de chocolate com marshmallow e castanhas. Zack era… bem bacana. Jodi o conhecia havia dez anos e estava apaixonada por ele por um pouquinho menos de tempo que isso. Mas todo mundo era apaixonado por Zack Thrasher.

Só tinha uma coisa que ela gostaria que Zack melhorasse: que ele não fragmentasse seu tempo e atenção em milhares de direções diferentes.

– Aquilo lá é um Bentley?

Ele arregalou os olhos e foi correndo até a garagem, onde uns caras estavam fumando maconha ao lado de um carro prateado brilhante. Monica foi logo atrás, ansiosa, deixando Jodi, Julian e Matt para trás.

Talvez fosse egoísmo dela querer Zack todinho para si, mas, mesmo quando eram só os dois no jogo de vôlei da Lucy, ele dava um jeito de convidar três pessoas para acompanhá-los, fazendo novos amigos aonde quer que fosse. Zack era o melhor amigo de Jodi. Mas ela era só uma das *muitas* melhores amigas de Zack.

Enquanto Julian dava uma puxada no baseado de um cara de cabelo comprido sentado numa cadeira de praia, Matt se virou para Jodi, olhando para ela com outros olhos.

– E aí, como é que você conhece o Zack Thrasher? – perguntou ele.

Jodi teve a impressão de que ele ainda não sabia que ela não frequentava a

mesma escola que ele.

– Ele é tipo a realeza de Sacramento ou algo do tipo – prosseguiu Matt, sem esperar resposta. – Sei lá.

– Realeza – cantarolou Julian. – Gostei disso.

– Ele está falando do Zack, não de você – rebateu Jodi, tomando um gole de água.

– Hum. Lucy é a rainha, Paige é a princesa… – Ele inclinou a cabeça para ela. – E você é o quê, docinho?

Jodi engoliu em seco, sabendo no que aquilo ia dar.

– Talvez você seja o bobo da corte. Você entretém o rei e é engraçada nos jantares, mas não faz parte da coisa toda de verdade.

Ela contraiu o maxilar, ignorando Matt enquanto ele observava os dois como se assistisse a uma partida de tênis. Ela fitou os olhos castanhos e frios de Julian por cima da borda do copo vermelho.

– Você pode me ofender, ignorar as minhas mensagens, "me esquecer" depois de um encontro de torcedores de um jeito bem conveniente – retrucou ela, pois não tinha se esquecido daquilo –, mas eu não vou a lugar algum.

Em seguida, ela apertou os lábios e sibilou:

– Vamos só terminar o último ano. Quando você estiver lá na Ivy League, nunca mais vai ter que olhar na minha cara.

Os olhos de Julian cintilaram de tanto que estava se divertindo. Os lábios se abriram…

– Jodi!

Um grito familiar perfurou as orelhas dela, e Jodi se virou. Paige vinha correndo na direção dela, descalça.

– Aí está você, amiga.

De repente, Jodi foi envolvida por uma nuvem de perfume Fantasy e ondas louras deslumbrantes. Ela deixou de lado a irritação que só Julian Hollister era capaz de provocar e deu um abraço bem apertado em Paige.

– Oi! – exclamou Jodi. – Onde tá a Lucy?

Mas a pergunta foi respondida um instante depois. Atrás de Paige, viu Lucy descendo os degraus até o quintal, do jeito que Jodi gostava de chamar de "Lucy em câmera lenta".

Lucy Reed era ridiculamente atraente: alta, com pele escura e um cabelo preto espesso que sempre parecia ter sido devidamente bagunçado por um profissional no salão de beleza. Ela não era apenas deslumbrante, era fatal. Uma pessoa que não se deveria contrariar. Era mais difícil se entrosar com ela do que com Paige,

mas, uma vez amiga de Lucy, era para a vida toda.

Quando "Lucy em câmera lenta" enfim se aproximou, Paige se afastou do abraço esmagador e brincou com o cabelo de Jodi.

– Tá perfeito, amiga! Você fez os cachos como eu te ensinei!

– Tá muito bonito mesmo – concordou Lucy.

O peito de Jodi inflou com o elogio, feliz por ter feito algo com o cabelo que tinha ficado remotamente parecido com o de Paige.

Paige era o oposto de Lucy, mas as duas se complementavam como azeite e vinagre. Ela era líder de torcida e vice-presidente do conselho estudantil e – o que era bem engraçado – competia na olimpíada de matemática. Uma pessoa leve e alegre, enquanto Lucy era dura e intransigente. Na maioria das vezes, as duas se afastavam e cuidavam da própria vida, deixando Jodi sozinha para se defender de Julian. Todo mundo sabia que Lucy e Paige também estavam apaixonadas por Zack.

De fora, podia parecer estranho, mas não havia tensão – desde que Zack não "escolhesse" oficialmente uma delas.

– Ai, caramba! – exclamou Matt.

Ele passou a mão no cabelo, os olhos se alternando entre cada um dos quatro. Respirou fundo, encarando-os como se tivesse visto um fantasma.

– Vocês são os Thrashers.

Jodi suspirou, e Julian revirou os olhos. O nome do grupo era ridículo. Eles nunca se chamavam desse jeito.

– E você é...? – perguntou Lucy, erguendo uma das sobrancelhas, modeladas com perfeição.

Toda a bravata que ele teve com Jodi sumiu.

– M-Matt – respondeu ele, com um leve aceno de cabeça que foi meio estranho.

Lucy deu um passo à frente, e Matt engoliu em seco.

– Meu nome é Lucy Reed. Não é "Thrasher número 4" nem nada do tipo.

– Tá. Desculpa. Quer uma bebida?

Ela estendeu a mão e pegou a cerveja de Matt da mão dele.

– Eu já tenho uma.

Lucy sempre parecia muito durona depois de tomar alguns drinques, mas Jodi sabia que ela roubava as bebidas dos caras porque os copos não estariam batizados. Ela contou a Jodi que precisou aprender esse truque na marra no primeiro ano.

– Tá se divertindo, Matt? – perguntou Paige, avaliando-o com um brilho no

olhar.

– Demais – respondeu Matt, e Julian deu uma risadinha dentro do copo. – E de onde vocês conhecem a Caroline?

– Não conhecemos – respondeu Julian, sorrindo. – A gente não tem permissão pra ir em festas com o nosso pessoal.

Quando Matt absorveu a resposta, seus olhos se arregalaram. Ele falou, baixando a voz:

– É verdade. Escola New Helvetia, né? Uma garota não acabou de morrer? Vocês conheciam ela?

Como uma música que parava antes de a batida terminar, de repente a festa de Caroline Vallow já não era mais um lugar tranquilo para distrair a cabeça.

Jodi ficou paralisada, como sempre ficava quando o nome de Emily era mencionado na TV, nos corredores antes das provas finais ou por trás de palmas das mãos em forma de concha quando ela passava. Paige inspirou fundo ao lado dela, algo que tinha começado a fazer um mês antes, reclamando que às vezes não conseguia respirar. Julian ficou muito quieto, encarando o próprio copo. Com os olhos fixos em Matt, Lucy deu uma risadinha baixa e felina, como se ele tivesse dito algo divertido.

– Na verdade, não – respondeu ela, por fim.

Mas o estrago estava feito. Matt retribuiu o olhar dela com uma expressão cautelosa.

– Acho que eu fiz duas matérias com ela – acrescentou Lucy.

Paige respirou fundo mais uma vez, o ruído ecoando nos ouvidos de Jodi.

– Ela teve mesmo uma overdose na noite do baile?

Os pés de Jodi começaram a se mexer, o corpo indo logo atrás como uma marionete conduzida por fios. Alguém a chamou, mas ela abriu a porta de vidro deslizante e sumiu lá dentro. O jato frio do ar-condicionado em uma noite abafada de julho empurrou o ar para seus pulmões enquanto ela se dirigia para o banheiro do andar de baixo. Ela se enfiou lá dentro e trancou a porta antes de respirar de novo.

Jodi se apoiou na pia. No espelho, viu uma garota baixinha com um rosto comum. Alguém poderia descrevê-la como "curvilínea" por educação. Ela fechou os olhos e se concentrou em respirar.

Olhos azul-claros surgiram das profundezas da mente dela, onde Jodi os tinha enterrado. Um punhado de sardas em um nariz fino e dentes muito separados para uma boca tão pequena.

Jodi abriu as torneiras. Os próprios olhos a encaravam no espelho, castanhos

e delineados. A única coisa na bancada era sabonete líquido para as mãos, então ela bombeou um pouco na palma e contou até trinta enquanto aquela voz se insinuava nos seus ouvidos, onírica e perturbadora.

– Às vezes fico imaginando como seria estar no seu lugar.

Jodi ergueu os olhos do livro de biologia.

– Como assim?

Emily assentiu, com os cabelos louros e finos cintilando ao redor das bochechas.

– Ser uma Thrasher.

A notificação de uma nova mensagem a arrancou dos próprios pensamentos. Era de um número desconhecido com código de área de Sacramento. A mensagem dizia apenas: O verão está sendo bom para você?

Ela encarou a tela, tentando identificar o número, esperando que fizesse sentido.

Houve uma batida à porta do banheiro, e a voz de Zack soou através da madeira:

– Jo?

Ela logo secou as mãos e virou a maçaneta. Zack se encostou no batente com os olhos cautelosos, os ombros bloqueando o resto da festa.

– Posso entrar?

Ela abriu espaço para ele passar. Zack trancou a porta e se acomodou no assento fechado da privada.

– O que tá rolando? A Paige falou que você surtou.

Revirando os olhos, ela se recostou na pia.

– Eu não "surtei", tá? Foi só que… alguém perguntou da Emily. – Jodi pressionou o polegar na palma da mão oposta, esfregando-o. – As últimas duas semanas de aula já foram bem ruins. Eu não sabia que ia continuar desse jeito no verão.

– Foi por isso que eu quis vir numa festa da St. Joseph. Achei que ninguém ia comentar sobre o assunto. – Ele passou a mão pelo cabelo e ergueu os olhos para ela. – Você não precisa se sentir… culpada nem nada do tipo.

Ela olhou para baixo, fitando os sapatos.

– Eu não me sinto *culpada* – murmurou.

– Você tá se escondendo no banheiro.

Ela lançou um olhar feio para ele.

– Eu só… Você não pensa nela?

– Penso. Muito – respondeu ele, com a voz rouca. Os olhos pareciam brilhar

enquanto ele refletia. – Ela tá em todo lugar, sabe? Acho que às vezes eu sonho com ela. Nunca consigo me lembrar, mas fico com essa sensação.

Jodi assentiu.

– Eu também.

Na noite anterior mesmo, ela tinha sonhado que estavam fazendo o dever de casa juntas, como costumavam fazer. Tinha acordado bem na hora em que Emily perguntou: "A que horas a limusine vai vir me buscar?"

Depois disso, Jodi tinha encarado o teto por uma hora até ouvir o pai andando pela casa.

Zack se levantou da privada num pulo e segurou os cotovelos dela.

– Vem. Vamos jogar com os copos de cerveja ou algo assim.

Ele deu um beliscão nela, e Jodi se afastou com um gritinho. Zack sorriu daquele jeito que provocava um frio na barriga dela.

Três batidas fortes na porta do banheiro. Antes que Jodi conseguisse gritar para a pessoa do outro lado relaxar, uma voz *adulta* e grave bradou:

– Sai daí.

Zack franziu a testa quando abriu a porta, ficando cara a cara com um policial de bigode grosso e louro.

– Zackary Thrasher?

Jodi piscou, aturdida, e notou o silêncio da sala de jantar. O grupo de vinte pessoas tinha sumido. O baseado de alguém ainda estava soltando fumaça, que subia até o lustre.

– Sim?

– Preciso que me acompanhe, garoto.

Zack olhou para Jodi.

– Claro. Para onde vamos?

– Temos umas perguntas pra te fazer na delegacia.

Jodi sentiu a pulsação martelando nas veias.

– Não dá pra esperar até de manhã? – perguntou ela, a voz falhando.

Os olhos do policial louro se fixaram nela.

– Jodi Dillon?

Sentiu o coração parar na garganta enquanto assentia.

– Você também.

Zack se postou na frente dela.

– Policial, não tem necessidade disso. Se ligarmos pro meu pai, tenho certeza…

– O que "não tem necessidade" é eu fazer o teste do bafômetro em você e

pedir um exame toxicológico quando chegarmos à delegacia. Você *quer* que tenha necessidade disso? – Ele ergueu uma sobrancelha, e o bigode deu uma mexida enquanto Zack engolia em seco. – Vamos.

Zack saiu do banheiro, e Jodi o seguiu. O policial foi atrás deles enquanto Zack cruzava a porta da frente e atravessava o gramado cheio de adolescentes cochichando, tentando esconder os copos vermelhos. Alguns estavam com os celulares no alto para gravar a cena.

O policial se virou para o resto do pessoal e gritou:

– Eu volto daqui a uma hora! Sumam daqui!

Havia duas viaturas estacionadas na rua sem saída, com giroflex apagado, mas os faróis iluminavam a fachada da casa. Outro policial estava ajudando alguém a entrar no banco de trás da primeira viatura: Julian. Paige e Lucy já estavam lá dentro, olhando para a frente com os lábios bem apertados. A porta se fechou com um baque.

O policial louro ajudou os dois a entrarem na segunda viatura, uma multidão se formando no gramado. No silêncio que se seguiu enquanto o policial ia para o banco do motorista, Zack sussurrou:

– Não fala nada.

Jodi assentiu em um movimento rápido. A mente dela começou a percorrer as possíveis razões para aquilo, descartando cada uma como mais improvável que a anterior, mas girando em torno de uma delas como espuma ao redor de um ralo.

E bem baixinho, quase falando sozinho, Zack declarou:

– Isso é por causa da Emily.

Capítulo 2

Jodi e Zack ficaram calados durante todo o trajeto. Ela tentou fazer contato visual, mas ele ficou olhando pela janela, mordendo o interior da bochecha. Jodi não conseguia tirar os olhos da grade de metal que separava o banco da frente do de trás – separando os policiais dos criminosos. Seu coração martelava no peito quando o carro estacionou em frente a uma placa da delegacia de Sacramento. O policial saiu depressa e abriu a porta para eles.

Ela nunca tinha ido à delegacia. Nunca tinha sido presa. Não estava sendo presa *naquele momento*. A mente de Jodi dava voltas conforme eles subiam os degraus do prédio, mas o policial tinha dito "umas perguntas" ao falar com Zack. Eles não tinham sido algemados.

As luzes fluorescentes dentro da delegacia fizeram os olhos de Jodi lacrimejarem à medida que o policial os conduzia pela recepção, pelos detectores de metal e até uma sala de espera onde Julian, Lucy e Paige já estavam sentados.

– Aguardem aqui.

O policial apontou para as cadeiras e foi embora.

Lucy inclinou a cabeça, os braços cruzados e as pernas estendidas à frente, ocupando o máximo de espaço possível, com um olhar feroz. Ao lado dela, Julian enviava mensagens de texto com os lábios levemente curvados para baixo. Paige enxugou uma lágrima do rosto. Ela ainda estava descalça, pois os sapatos tinham se perdido na casa dos Vallows.

Depois de se jogar na única cadeira livre, Jodi segurou a mão de Paige, apoiada no joelho que não parava de balançar. Paige abriu um leve sorriso para ela.

O lugar estava silencioso, a não ser pelo rangido de uma cadeira na recepção. Ela se concentrou no cheiro de café queimado e no calor da mão de Paige.

Zack andava de um lado para outro, passando os dedos por entre as mechas de cabelo. De repente, a mão dele foi parar no bolso e ele olhou para Julian.

– Meu celular ainda tá sem bateria. Você pode…

– Seu pai tá vindo.

Respirando fundo, Zack assentiu, agradecendo.

O pai de Zack era advogado, um dos melhores da cidade. Jodi sabia disso porque o homem não precisava de anúncios em bancos nem de outdoors na rodovia. Ele trabalhava com casos criminais, mas ela não conseguia se lembrar de qual tipo.

Paige recolheu a mão e começou a roer a unha do polegar.

– Eu não preciso ligar pra minha mãe, né?

– A gente é menor de idade – afirmou Lucy. – Nem devia estar aqui. Talvez a gente possa até ir embora.

– Tá – disse Jodi. – A gente pode ir, então?

Julian suspirou.

– Ele falou que ia fazer o teste do bafômetro na gente e dar uma multa por beber sendo menor de idade. É melhor descobrir qual é a deles antes de tentar sair daqui.

– Mas não estamos, tipo… presos, né? – perguntou Paige. – Isso não vai pra nossa ficha ou… meu Deus, sei lá.

– Não estamos presos. – Lucy se levantou e deu de ombros. Ela olhou para Jodi. – Você devia ir embora, Jodi.

Todos os olhos se voltaram para ela.

– Como assim?

– Você não bebeu. Devia fazer o bafômetro e vazar daqui.

Ela olhou para Lucy, abrindo e fechando a boca.

– E depois? Eu vou *andando* pra casa?

– Chama um Uber. Ou eu chamo um pra você – disse Lucy e tirou o celular do bolso.

Jodi franziu a testa.

– Eu não vou deixar vocês aqui. Vamos descobrir o que eles querem. Vamos nos apoiar, sei lá.

Ela se virou para encarar Zack. Ele estava olhando para Lucy, e a mandíbula se mexia enquanto o olhar parecia transmitir uma mensagem para ela.

Uma porta se abriu, e todos os cinco se viraram na direção do barulho.

Uma mulher asiática esbelta vestindo um terninho justo entrou na sala, com o salto alto de 10 centímetros fazendo barulho. O cabelo escuro estava preso em um rabo de cavalo rígido mas jovial. Um policial jovem, com o bigode tão ralo que não passava de uma penugem, a acompanhava alguns passos atrás. Ela passou os olhos pelos cinco e firmou os pés.

– "Os Thrashers". Que honra.

Quando os olhos da mulher pousaram em Jodi, ela sentiu um frio na espinha.

– Vou levar a Descalça e a Tintura de Caixinha primeiro. Traz uma sandália ou algo do tipo do Achados e Perdidos – disse ela ao policial.

Jodi estreitou os olhos para a mulher quando se deu conta de que Tintura de Caixinha era *ela.*

Zack deu um pulo.

– Posso perguntar qual é o assunto, senhorita?

– Podem me chamar de detetive Harding.

Ele estendeu a mão.

– Zack Thrasher. É um prazer conhecê-la, detetive.

A policial olhou para a mão antes de apertá-la com firmeza.

– Zack.

– Estamos sendo presos ou…?

– Não – respondeu ela, com um sorriso contido. – São só algumas perguntas, mais nada.

– A gente tem permissão legal pra ir embora, então? – perguntou Julian.

O olhar dela disparou para onde Julian estava largado na cadeira, e ela o analisou de cima a baixo, desde o cabelo estiloso e bagunçado até os tênis de grife.

– Não sei, Julian, você está legalmente sóbrio?

Jodi piscou, surpresa com o azedume nas palavras dela, e, quando Julian se endireitou na cadeira, ela se deu conta de que a detetive Harding já sabia o nome dele.

– Como é que a senhorita sabia que tinha que procurar a gente numa festa da St. Joseph? – perguntou Paige.

A detetive tirou o celular do bolso e tocou na tela.

– Você facilitou as coisas, Paige.

Quando ela virou o aparelho para eles, os rostos de Paige e Lucy preenchiam a tela. Elas estavam no Jeep de Lucy com as roupas daquele dia, poucas horas antes. O texto no story do Instagram dizia: Festa na Fortune Ct – bora lá!

Julian deixou a cabeça pender para trás e suspirou. O lábio de Paige tremeu.

– Vamos lá, meninas.

A detetive se virou, o rabo de cavalo balançando por cima do ombro enquanto ela voltava para a porta, os sapatos de salto agulha batendo no piso. Paige a seguiu, as unhas cor-de-rosa dos pés brilhando em contraste com o piso de linóleo. Jodi lançou um último olhar para Zack e saiu.

Atrás da porta havia um pequeno corredor com escritórios à esquerda e

portas fechadas à direita. A detetive Harding parou diante de uma sala com o número 202 e girou a maçaneta. As luzes do teto se acenderam. Jodi conseguiu distinguir uma mesa com quatro cadeiras desparelhadas.

– Srta. Dillon. Espere aqui, por favor, enquanto eu acomodo a Srta. Montgomery.

Jodi passou por ela e olhou para a sala vazia. Ela viu os olhos arregalados de Paige assim que a detetive fechou a porta.

Eles iam separar as duas.

Ela não tinha muita noção do trabalho que detetives faziam além do que tinha aprendido assistindo às reprises de *Law & Order* e *Castle*, mas sabia que, se as duas iam ser entrevistadas separadamente, algo estava acontecendo.

Jodi se virou para olhar as paredes, tentando descobrir se tinham um daqueles espelhos falsos, mas havia apenas uma janelinha com vista para o estacionamento e alguns cartazes inspiracionais sobre trabalho em equipe. Ela se sentou em uma cadeira de plástico laranja de frente para a porta e esperou.

Quanto tempo iam ficar ali? Lucy tinha falado para ela ir embora, mas será que poderia fazer isso? Se ela se aproximasse do guarda na entrada e avisasse que estava indo para casa, será que a deixariam ir?

Como se tivessem jogado um balde de água fria nela, Jodi pensou: *Será que ligaram para o meu pai?*

Ela massageou a área entre os olhos, que tinha começado a doer. Quando saíra de casa algumas horas antes, havia um cemitério de garrafas de Corona vazias aos pés do pai, o jogo passando na TV e a poltrona ocupada: uma típica noite de sexta-feira. Ele não estava em condição de dirigir para lugar nenhum, muito menos para uma delegacia cheia de policiais doidos para usar o bafômetro.

As bochechas de Jodi ficaram quentes ao pensar nas amigas vendo o pai, com os olhos turvos e avermelhados por causa da cerveja. Zack sabia. Ele sabia que havia algumas noites em que Jodi só precisava sair de casa. Sabia que não deveria fazer perguntas, simplesmente aparecer, abrir a janela do quarto dela e ajudá-la a escapar. Mas os outros só tinham visto o pai dela nos eventos da escola e brevemente quando passavam para buscá-la em casa. Ela precisava rezar para que ele já tivesse apagado e não ouvisse o telefone.

Jodi suspirou e se recostou, pensando em que tipos de perguntas seriam feitas. Zack parecia ter certeza de que tudo aquilo tinha a ver com Emily.

Ela sentiu um aperto no peito e fechou os olhos.

Emily Mills.

Eles não falavam dela. Desde o que aconteceu. Isso ajudava Jodi a não *pensar*

muito nela também.

Emily era um ano mais nova que eles e estava um ano atrás deles na escola. Se Emily não estivesse avançada em matemática e ciências, Jodi nem a teria conhecido. Emily era… legal, apesar de meio…

Jodi estalou os dedos e deu de ombros, tentando se livrar desses pensamentos. *Não fale mal dos mortos* e tal. Mas não era indelicado; era verdade. Emily andava esquisita. Ela fazia perguntas pessoais que conhecidos não tinham o direito de fazer. Usava todo dia o mesmo All-Star laranja, a mesma mochila laranja e os mesmos brincos laranja. Ficava muito perto das pessoas quando falava.

Emily Mills podia ser esquisita, meio lunática, mas tinha uma única coisa em comum com todas as outras garotas da New Helvetia: estava apaixonada por Zack Thrasher.

Quando Emily se matou na noite do baile, Jodi estava na limusine com os amigos, rindo e sentindo o cheiro do verão logo ali, bem pertinho. A irmã mais velha de Zack tinha fornecido álcool suficiente para cinco limusines, e Julian já tinha bebido quase metade quando chegaram ao baile. No início do semestre da primavera, Lucy tinha decretado que nenhum dos cinco ia namorar naquele ano. Ela disse que queria uma desculpa para terminar com a namorada, mas Jodi sabia que havia vários motivos por trás disso, entre eles (e não menos importante), que Zack seria obrigado a não ficar com ninguém naquela noite.

Eles tinham dançado, rido, tirado as fotos oficiais do baile de encerramento e, quando saíram da festa mais cedo para passear sem pressa de limusine pelas ruas luxuosas entre a 40th e a 49th, apelidadas de Fab Forties, viram dois carros da polícia passarem. Uma ambulância vinha logo atrás.

Era a rua da Emily. Jodi tinha ido muito lá para estudar, e às vezes era até obrigada a jantar com a família toda. Isso sem mencionar as várias vezes em que foram buscar Emily ou deixá-la em casa depois de uma noitada.

Jodi tinha dado uma batida na janelinha e pedido ao motorista para passar mais devagar na 35th Street. A limusine deu meia-volta e parou, sem conseguir ultrapassar as viaturas e a ambulância com suas luzes piscantes. Descalça, Jodi tinha cambaleado até a calçada, ignorando o chamado dos amigos.

Em seu vestido de festa verde-água, Jodi ficou paralisada, observando com horror a mãe de Emily tentando puxar de volta para dentro de casa uma maca com um saco preto para cadáveres. Ela gritava com os socorristas. O pai de Emily estava de lado, com o queixo trêmulo, conversando com um policial que fazia anotações. Em um canto, no balanço da varanda onde Jodi tinha se sentado

algumas vezes no ano anterior, uma pequena figura loura balançava na brisa, olhando diretamente para ela.

Hannah Mills se parecia tanto com a irmã mais velha que Jodi demorou um bom tempo para perceber que não era a própria Emily. O tempo todo, Hannah não tinha tirado os olhos de Jodi; havia algo irreconhecível no olhar da garota tímida. Uma aparência perturbada.

A porta da sala se abriu com tudo, e Jodi deu um pulo. A detetive Harding entrou com uma pasta grossa debaixo do braço e uma caneca de um vermelho berrante em uma das mãos. Ela puxou a cadeira do outro lado, o metal raspando no piso, e se sentou.

Jodi ficou observando enquanto a mulher abria a pasta e apertava o pino na ponta de uma caneta, tudo sem olhar para ela.

– Ouvi dizer que não bebe, Srta. Dillon.

Os olhos dela cruzaram com os de Jodi, a cabeça um pouco inclinada para a esquerda. Jodi estava paralisada, tamanha sua confusão.

– Como assim?

– Foi uma das primeiras coisas que saiu da boca do Sr. Thrasher. *A Jodi não está bêbada. Vocês não podem manter ela aqui.*

A detetive Harding apertava bem rápido o pino da caneta, sem parar, e Jodi percebeu que ela já tinha interrogado Zack.

– É uma escolha pessoal?

Jodi piscou.

– É isso mesmo que a senhora quer saber?

Os lábios da detetive Harding se curvaram para cima em um sorriso rápido enquanto ela pegava a caneca.

– Só estou curiosa. Não conheço muitos adolescentes que não bebem. – Ela se inclinou para a frente, como se as duas dividissem um segredo. – Muito menos aqueles que andam com a panelinha dos mais populares.

Ela tomou um gole da bebida. A cor do batom combinava perfeitamente com a caneca.

– É uma escolha pessoal, sim – respondeu Jodi.

Imagens de garrafas vazias de cerveja pipocavam na cabeça dela, o cheiro rançoso de álcool no hálito do pai.

– Não me incomodo. Assim eu posso dirigir pros meus amigos – acrescentou.

As palavras escaparam da boca antes que ela conseguisse impedi-las. Ela olhou para a detetive Harding e se deparou com um sorriso malicioso se

insinuando no canto da boca da mulher. A detetive franziu a testa, fingindo confusão, e folheou o arquivo em cima da mesa.

– A senhorita tem carteira de motorista? Achei que não…

– Eu só quis dizer… que eu tomo conta deles. Dirijo eles para os lugares.

– Claro.

A detetive Harding sorriu, e Jodi conseguiu ver os dentes perfeitamente alinhados em cima do lábio inferior vermelho e carnudo. A mulher estava tensa, muito consciente de cada piscada de olhos, cada pausa que Jodi fazia.

– Costuma ter que "tomar conta" deles? Dos seus amigos?

Jodi franziu as sobrancelhas antes que conseguisse detê-las.

– Como assim?

A detetive baixou os olhos para as anotações.

– Quer dizer, a senhorita tira boas notas. Sua média é 9.

– Acho que a Paige tem média 10. E daí…?

– E o Sr. Thrasher, que tem média 8,5? Ele e a Srta. Montgomery tiraram essas notas? Não foi mais uma situação em que a senhorita "tomou conta" deles?

Jodi se recostou na cadeira.

– Não. Zack e Paige têm professores particulares. Por que eles iam precisar colar de mim?

– A senhorita não tem um professor particular? – perguntou a detetive, rabiscando algo ilegível no bloco de notas.

Jodi inclinou a cabeça para ver se conseguia ler.

– Não, eu não posso pag… – Ela parou de falar.

O olhar da detetive Harding focou nela, e Jodi se sentiu encurralada. Seu rosto ficou quente.

– Eu tenho as minhas notas, e eles têm as deles.

– Mas eles *pagam* pelas deles. De um jeito ou de outro. Certo?

Os olhos da detetive brilharam, e ela cruzou as pernas.

Como alguém que estava usando sapatos Louboutin, Harding com certeza adorava falar de dinheiro. As solas vermelhas dos sapatos cintilaram na direção de Jodi, e seus olhos foram parar neles outra vez. Arranhadas e brilhantes, de plástico. Os sapatos eram falsos. Jodi deveria saber; já tinha usado muitas versões piratas de roupas de grife só para acompanhar Paige e Lucy.

Jodi ergueu uma sobrancelha, observando a detetive Harding enquanto ela descruzava as pernas, o canto da boca apertado como se tivesse sido desmascarada. Ela pigarreou.

– Como foi que a senhorita conheceu Emily Mills?

– Ela era minha colega de turma.

– Só isso? A senhorita não a via como amiga?

– A senhora me perguntou como eu conhecia ela, não qual era o nosso relacionamento. A gente se conheceu na escola, ou seja… colegas de turma.

Ela reformulou a pergunta.

– A senhorita era amiga de Emily Mills?

A língua de Jodi parecia uma lixa na boca.

– Tipo isso. Um pouco.

– Ela chegou a comentar que tinha depressão? Mencionou suicídio alguma vez?

A palavra a abalou. *Suicídio*. Aquilo fez seu pulso desacelerar, depois acelerar. Jodi sentiu como se o ar estivesse sendo drenado da sala.

– A gente não era tão chegada pra ter esse tipo de conversa.

– Os seus amigos comentaram que Emily era o tipo de pessoa que… – disse ela, então olhou para as anotações – … falava demais. O Sr. Hollister afirmou que ela *grudava nas pessoas porque dava muitos detalhes pessoais para elas*.

Se ela já tinha interrogado Zack e Julian, será que Jodi era a última? O que isso queria dizer?

– Hum, é. Acho que tá certo.

– Mas ela nunca falou de suicídio com a senhorita?

Jodi pressionou o polegar na palma da mão, se concentrando na marca do ponto de pressão. Teve o lampejo de uma lembrança: *um ônibus escolar sacolejando. O assento suado sob as coxas. Olhos azul-claros segurando-a no assento da janela.*

"Eu vou te proteger."

A dor se espalhou pelo pulso quando atingiu o ponto de pressão. Ela balançou os dedos e espalmou as mãos na mesa.

– Nunca – respondeu Jodi.

A detetive Harding a encarou, analisando-a. Ela apoiou os cotovelos na mesa, a centímetros da ponta dos dedos de Jodi.

– Por que a senhorita acha que Emily Mills se matou? – perguntou baixinho. De um jeito quase maternal.

– Não sei.

Ela inclinou a cabeça para Jodi.

– Não sabe?

A porta se abriu com tanta força que bateu na parede. Jodi recuou com o susto.

Gregory Thrasher, pai de Zack, estava parado à porta, em todo o seu 1,93 metro de altura. Mesmo de calça jeans escura e camisa polo, ele parecia capaz de influenciar um júri inteiro com um lampejo dos olhos azuis.

– Já chega – disse ele, ríspido. – Vamos, Jodi.

Logo atrás dele, ela pôde ver Zack no corredor.

– Greg Thrasher, que surpresa – cantarolou a detetive Harding.

– Ela é menor de idade, Chelsea. Todos eles são.

– Todos eles? – Ela sorriu, e os olhos faiscaram na direção de Zack. – Só estávamos conversando. – Ela deu de ombros. – Ela está liberada.

O Sr. Thrasher segurou o cotovelo de Jodi, guiando-a até o corredor. Ele se virou para a detetive e sibilou:

– Se você aprontar outra dessa com o *meu* filho, vou te denunciar.

Os lábios largos e vermelhos da detetive se abriram em um sorriso reluzente.

– É sempre um prazer, Greg. – Ela olhou para além dele, para Zack. – Você se parece muito com seu pai no ensino médio. Veja bem, nós nos conhecemos há muito tempo.

Greg deu meia-volta e foi em direção ao saguão, pisando firme, com Zack em seu encalço. Jodi deu uma última olhada para a detetive Harding, que estava apoiada no batente da porta. A mulher piscou para ela, e Jodi saiu correndo.

Os outros já estavam esperando por eles, incluindo a mãe de Paige, que sempre parecia ter acabado de sair da academia.

– Greg – disse ela, puxando as mangas do agasalho de marca com zíper. – O que está acontecendo?

– Está tudo bem, Cheryl. Vamos… – Ele olhou para os policiais, que estavam manuseando os telefones e folheando arquivos de casos. – Vamos conversar lá fora.

O Sr. Thrasher colocou a mão no ombro do filho e o guiou até a saída. A Sra. Montgomery caminhou ao lado de Paige e Lucy. Antes que pudesse ir atrás deles, Jodi foi detida por uma mão em seu cotovelo. Ela ergueu o olhar e viu Julian caminhando no ritmo dela enquanto passavam pelos detectores de metal.

– O que ela te perguntou? – sussurrou ele.

Jodi quase tropeçou, de tão desacostumada a ser tocada por Julian Hollister. Ela deu de ombros.

– Provavelmente as mesmas coisas que perguntou pra todos nós. *Como foi que você conheceu a Emily? Você sabia que ela ia se matar…*

– E o que você respondeu? – insistiu Julian, apertando o cotovelo dela e a forçando a andar mais devagar.

Jodi se desvencilhou dele assim que um policial se levantou da recepção, dando boa-noite para eles com um olhar curioso.

Julian sorriu para ele e passou o braço em volta dos ombros dela, como se estivessem *juntos* ou algo do tipo. Jodi se encolheu.

– Dá pra parar?

– O que você respondeu?

– Eu falei que não sabia!

Ela se desvencilhou dele e apressou o passo para alcançar Paige e Lucy. A Sra. Montgomery estava com o Sr. Thrasher na frente do BMW dele, falando baixinho enquanto Zack ficava de lado.

– Vocês duas estão bem? – perguntou Jodi.

Paige assentiu, mas ainda parecia prestes a chorar. Lucy deu de ombros.

– Tudo bem. Acho que a detetive Durona não gosta muito de mim.

– A Lucy não falou nada – contou Paige a Jodi, impressionada. – Ela não respondeu nem uma pergunta. Só ficou encarando a mulher.

– Oi. – Julian se aproximou delas e acenou com a cabeça para Zack, a fim de chamá-lo. – Nada de ficar trocando mensagens. Nem no privado. Não deixem nada por escrito. – Ele olhou para Zack. – Certo?

Zack assentiu.

– Talvez no modo temporário no Instagram ou no Snapchat… Vou ter que perguntar pro meu pai.

Jodi estreitou os olhos para eles.

– Isso não é exagero? Não estamos sendo acusados de nada.

– Claro que estamos – zombou Lucy. – Uma garota morreu porque a gente não convidou ela pra nossa limusine do baile…

– Lu – reagiu Zack.

– Você sabe que é isso que estão falando…

– Mas não foi isso que aconteceu! – Jodi baixou a voz para um sibilo. – A Emily era desequilibrada. Ela era esquisita. Todos nós sabíamos. Isso não é culpa nossa. A gente não fez nada com ela pra ela se matar.

Silêncio. Zack abriu a boca… depois a fechou.

– Foi isso que você falou pra Harding? – perguntou Lucy.

Jodi piscou para ela, aturdida.

– Não. Eu não falei nada, na verdade.

– Molecada! – O Sr. Thrasher fez um gesto para chamar o grupo. – Vamos! Paige e Lucy vão com a Cheryl. Os outros vêm comigo.

Jodi caminhou em direção ao carro dos Thrashers sob a luz bruxuleante de

um poste. Ela se sentou ao lado de Julian no banco de trás e, ao puxar o cinto de segurança, lançou mais um olhar para a delegacia.

Uma figura com um rabo de cavalo alto, de blazer, estava em uma das janelas dos fundos, observando o estacionamento enquanto bebia de sua caneca vermelha brilhante.

Capítulo 3

– Vocês são menores de idade. Têm mais medidas de proteção do que os adultos – dizia Greg Thrasher no banco do motorista. – Não só têm direito a um advogado, mas também à presença de um responsável legal.

Jodi baixou os olhos para o colo, girando o anel que usava no polegar. Ela sabia dessas coisas. Devia ter usado a cabeça e se dado conta de que não precisava responder a nenhuma pergunta sem a presença do pai.

Zack era o único que não precisava de um responsável e, mesmo assim, devia ter exigido a presença de um advogado. Embora parecesse o mais novo entre eles, com o rostinho de bebê e os olhos azuis convidativos, Zack tinha feito 18 anos em março.

Ele tivera que repetir a segunda série; foi assim que acabou ficando na de Jodi. Ela era a única criança que não tirava sarro dele por ser "burro". Quatro anos depois, ele foi diagnosticado com TDAH.

– E se eles tiverem algo contra a gente? – perguntou Julian, inclinando-se para a frente no assento ao lado dela. – Todos nós estávamos bebendo. O policial que veio atrás de mim e das meninas deu a impressão de que a gente tava sendo levado pra passar pelo bafômetro.

– *Boa noite, policial. Estou sendo preso?* – recitou o Sr. Thrasher, entrando na rodovia. – *Posso ligar para o meu pai? Eu tenho 17 anos.* Repita isso com testemunhas por perto. Se ele recusar o pedido, é melhor torcer para que as câmeras dos celulares estejam ligadas.

– Ai, caramba. – Zack passou a mão pelo rosto. – Pai, tinha muitos celulares na nossa cara na festa…

– Eu sei. Vou pedir para a Patricia redigir uma declaração.

– Pai, não tem necessidade da sua empresa emitir um comunicado pra imprensa.

– Tem necessidade, sim, se vocês cinco quiserem ir para a faculdade.

Os olhos de Jodi se arregalaram, e os meninos ficaram em silêncio.

– Isso pode… isso pode acontecer? As faculdades verem isso?

– Não foi uma prisão. Como é que isso vai pra nossa ficha?

– Só de ver no TikTok?

O Sr. Thrasher ergueu a mão, como se tentasse apaziguar os ânimos.

– Só estou dizendo que vocês precisam manter a ficha limpa.

O carro ficou silencioso enquanto eles saíam da rodovia. Jodi pegou o celular pela primeira vez desde a festa e viu *milhares* de notificações: marcações no Instagram, no X e no TikTok; mensagens de texto, no Snapchat, no privado. Levaria horas para ver tudo e se desmarcar dos vídeos feitos na festa. Mas não havia nada do pai dela.

– Sr. Thrasher, o senhor… ligou pro meu pai?

– Não, eu ia deixar para você fazer isso, Jodi. Eu não sabia se ele estava em casa.

Ele se virou no assento.

– É, ele tá aqui nesse fim de semana. Acho que vou pra casa e explicar pra ele.

Ele girou o volante de leve e trocou para a pista da esquerda, levando-os para longe do lado bonito da cidade.

Zack olhava para a frente, tamborilando no apoio de braço. Julian olhava fixamente pela janela, de costas para Jodi. Apesar de ser o pior aluno de todos, Julian só pensava na faculdade. Ele queria ir para a Costa Leste, e queria isso para ontem. Quando alguém comentava sobre as inscrições, ele desembestava a falar quais faculdades que tinham polo aquático iam vê-lo jogar naquele outono. Ele precisava sair de Sacramento tanto quanto precisava respirar.

Jodi não era assim. A única atividade extracurricular que fazia era artes, mas, com as notas dela, poderia pelo menos entrar numa faculdade pública, quem sabe uma ou duas universidades da Califórnia, se ela se esforçasse no último ano. Não poder ir para a faculdade… isso não a assustava de verdade. O que a assustava era Zack ir para a Universidade da Carolina do Sul e nunca mais falar com ela. Era Lucy se tornar uma estrela de cinema e esquecer o nome dela. Era Paige concorrer ao Congresso dali a dez anos e tentar esconder as fotos das duas. Ela chegou a cogitar se mudar para Los Angeles, achar um apartamento e começar uma faculdade pública por lá, só para ficar perto de Zack. Mas isso a fazia se sentir patética.

O carro virou na rua dela e diminuiu a velocidade até chegar à via estreita repleta de carros e pessoas nos gramados. O vizinho que morava a três casas da dela sempre dava uma festa na sexta à noite e, enquanto o Sr. Thrasher diminuía a velocidade para passar ao lado de um carro que tinha parado em fila dupla, Jodi começou a ficar muito vermelha.

Ela ficava sem graça ao ser vista saindo do Mustang de Zack naquela rua, mas o BMW fez tudo ficar dez vezes pior. Sentiu os olhos dos vizinhos no carro quando ele parou em frente à casa dela. O velho Corolla do pai estava na garagem.

– Obrigada – disse ela, soltando o cinto de segurança. – Prometo que vou falar com o meu pai.

– Peça para ele me ligar se tiver alguma dúvida. Vou ver como a Chelsea enquadrou vocês. Se algo assim acontecer de novo, vamos estar preparados.

Jodi assentiu, se despedindo de todos. Enquanto ela contornava o carro, Zack baixou o vidro da janela.

– Ei, eu te mando mensagem amanhã.

– Snapchat! – berrou Julian no banco de trás.

Parte do peso foi aliviado do coração dela. Jodi caminhou pela entrada de carros, tirando a chave de casa do sutiã. Eles esperaram até que ela abrisse a porta e acenasse antes de partir, depois Jodi tirou os sapatos e entrou na ponta dos pés na sala de estar.

O pai estava no mesmíssimo lugar em que o deixara, com a barriga redonda se projetando da poltrona em direção à televisão, os comerciais tão altos que conseguiriam acordar uma pessoa comum. Um ronco pesado chegou aos ouvidos dela, e Jodi deu um suspiro de alívio. O ronco do pai era lendário, mas às vezes ele não fazia nenhum barulho, e Jodi tinha que pressionar os dedos trêmulos no pescoço dele para sentir a pulsação só para garantir a própria paz de espírito.

Hank Dillon era motorista de caminhão de uma grande empresa de entregas. Ele passava seis ou sete dias na estrada, dormindo no caminhão ou parado em um motel, antes de descarregar e dar meia-volta. A cada dois fins de semana, ele ficava fora de casa, mas Jodi estava acostumada, desde que tivessem um dia por semana para jantar no cantinho favorito deles ou ir ao campo de golfe de Roseville. Quando ele estava na estrada, Jodi tinha os Burns bem ao lado para o caso de uma emergência ou passava a noite com os amigos. Às vezes, quando ele era designado para a rota da Flórida, ela ficava com a avó e a tia maternas durante a semana, mas era difícil ouvir as duas falarem que o pai dela era um fracasso. Elas ficavam cochichando pelos cantos, comentando que Jodi não comia cenoura, não fazia exercício, não ia mais à igreja. Era irritante.

O pai roncou bem alto, e Jodi rapidamente se inclinou para pegar as garrafas de cerveja aos pés dele e levou tudo para a cozinha. Ela desligou a TV, ligou o ventilador e foi pegar um copo de água para cada um.

O aviso da escola estava pendurado na geladeira sob um ímã do Pateta, e Jodi deixou os olhos darem uma passada por alto nas palavras que ela já sabia de cor.

> *Como muitos sabem, sofremos a trágica perda de Emily Mills (Turma de 2026) em maio. A família Mills gostaria de convidar toda a escola para uma homenagem no campo de futebol da New Helvetia no dia 9 de agosto.*

Faltava pouco menos de duas semanas. Jodi olhou para a foto do anuário de Emily, que fora incluída no aviso. Logo atrás, convenientemente coberta por outros ímãs, havia um bilhete curto que Jodi tinha ignorado o mês todo. Era da mãe de Emily, Maureen, convidando Jodi para ir à casa da família a qualquer hora, se estivesse triste ou quisesse conversar sobre Emily.

Jodi tinha perguntado aos outros se eles também tinham recebido um bilhete pelo correio. Não tinham.

Ela não conseguia se imaginar sentada com Maureen Mills, mentindo ao dizer que ela e Emily tinham sido boas amigas e tentando contar histórias de momentos divertidos que as duas passaram juntas. Claro, Jodi tinha saído mais vezes com ela do que os outros para fazer compras e ir ao cinema, mas isso tinha acontecido porque dizer não para Emily Mills era como chutar um cachorrinho.

Uma garota morreu porque a gente não convidou ela pra nossa limusine do baile.

Será que Lucy tinha razão? Será que eles eram parcialmente culpados? Era por isso que a detetive Harding estava atrás deles?

Ninguém tinha chamado Emily para a limusine. Emily não devia ter presumido que iam chamá-la, afinal ela não era *amiga* deles. Pelo menos não era tão próxima. Ela ficou pensando quando exatamente tinha ocorrido a confusão por parte de Emily. Alunos mais novos precisavam ser convidados pelos veteranos para o baile de encerramento, então devia ter havido um mal-entendido, se ela estava toda vestida para a festa quando morreu.

Balançando a cabeça para espantar os pensamentos, Jodi colocou o copo de água ao lado do pai e foi para o quarto. O cômodo era pintado de um cinza monocromático com toques de azul: um travesseiro, a luminária da escrivaninha, a arte na parede. A escrivaninha estava lotada de livros para ler no verão que ela estava ignorando, paletas de maquiagem abertas e os cadernos de desenho. As aquarelas e os desenhos a carvão de Jodi estavam pendurados nas paredes ao lado de fotos dela e de Zack. Ela foi para a cama depois de passar rapidinho um lenço demaquilante, ignorando as notificações que pipocavam no celular. Muitas

marcações para ver naquele momento. Havia uma mensagem de Lucy perguntando se ela tinha chegado bem em casa – que ela sempre enviava para cada um deles depois de uma noitada. Ela respondeu e notou que não tinha visto algumas mensagens dela enquanto estavam na festa. Fotos de Lucy e Paige dançando, e a pergunta: ONDE VC TÁ?

Jodi tocou na foto para salvá-la na pasta do celular chamada *Chantagem*, sobre a qual ela sempre brincava, mas parou quando percebeu que um reflexo da lente tinha cortado um pedaço do rosto de cada uma. Se tivesse sido feito de propósito, era muito artístico. Mas assim, sem querer, era esquisito. Parecia uma faca brilhando na luz, atravessando as bochechas e mandíbulas delas. Isso lhe causou arrepios.

Pouco antes de desligar o celular para dormir, seus olhos foram atraídos para o número desconhecido na lista de mensagens.

O verão está sendo bom para você?

Jodi franziu a testa e enviou uma resposta:

Quem é?

Esperou vinte minutos por uma resposta antes de enfim se deitar e esperar que o sono chegasse.



– Você é Jodi Dillon.

Jodi ergueu os olhos do dever de casa de cálculo e se deparou com uma garota loura olhando para ela.

– Sou…

– Legal. – A garota se sentou ao lado dela. – Meu nome é Emily. Eu te sigo no Instagram. Sou EmilySmiles lá.

Só podia ser mesmo. Os dentes dela eram separados de um jeito esquisito, e os olhos eram grandes e brilhantes. Ela encarava Jodi como se esperasse que ela conhecesse todos os seguidores dela.

– Oi, Emily.

Ela não sabia mais o que dizer, então abriu um sorriso rápido e se virou de novo para o livro.

– Você é a melhor amiga do Zack Thrasher.

Era isso. Não seria a primeira nem a última vez que alguém resolvia falar com ela só para tentar arrumar um jeito de se aproximar de Zack. Só era incomum que a pessoa fosse tão direta a respeito de suas verdadeiras intenções. Jodi respirou fundo e ergueu o olhar outra vez.

– Aham. Eu mesma. – Ela fechou o livro, pronta para dedicar toda a atenção à conversa. – Você tá no primeiro ano?

– Segundo. Mas tô na sua turma de biologia.

– Ah. – Ela sentiu o rosto ficar vermelho. – Desculpa, não te reconheci…

– Tá tudo bem – respondeu Emily. – Eu sento atrás de você.

Jodi assentiu, olhando para ela e tentando entender o que havia naquela garota que dava arrepios na nuca.

– Você… tá a fim de estudar um dia desses? Ou tinha alguma coisa que você…?

– Não, não! – Emily balançou a cabeça, e o cabelo caiu nos olhos. Ela não o tirou dali. – Eu só queria te conhecer.

– Tá. "A melhor amiga de Zack Thrasher." – Jodi apontou o polegar para si mesma, sarcástica, pronta para começar a dar uma desculpa para ir embora.

– Não. Você. Eu queria conhecer você. *– Os olhos azuis de Emily pareceram criar vida quando ela encarou bem fundo os de Jodi. – Você é Jodi Dillon.*

Ela piscou para Emily, aturdida, esperando que a garota falasse mais alguma coisa, mas parecia que "Jodi Dillon" era o que bastava para ela.

Sentiu um calor no peito, e algo que estava esquecido havia muito tempo se inflou.



Quando Jodi cambaleou até a cozinha pela manhã e abriu os armários, soltou um suspiro. Nada, ou ao menos nada comestível. Ela olhou para a cadeira vazia em frente à TV e o copo de água intocado, os roncos agora vindo da porta fechada do quarto no final do corredor.

Na tarde do dia anterior, tinha mandado uma mensagem para ele falando para ir ao mercado, e ele concordara em fazer as compras. Jodi abriu a geladeira. Os únicos itens novos eram as cervejas.

Jodi esfregou o rosto, vestiu sua última roupa limpa e caminhou até o ponto de ônibus. Duas paradas depois, estava fazendo compras no mercadinho mais próximo, o braço vacilando sob o peso de uma cesta de supermercado recheada com 4 litros de leite, duas caixas de cereal e dez refeições congeladas, cada uma

por 1 dólar. Ela ouviu o próprio nome perto do caixa.

– Jodi.

Maureen Mills estava parada atrás de um carrinho de compras, com um sorriso sincero no rosto cansado, as pontas dos dedos brincando com o cordão do crucifixo pendurado no pescoço. A respiração de Jodi travou. Ela sentiu como se estivesse debaixo d'água.

– Sra. Mills. Oi.

Jodi visualizou a imagem de uma mulher se jogando por cima de um saco para cadáveres, aos berros.

– É bom te ver. – A Sra. Mills empurrou o carrinho para o lado, cheio de vegetais, pão e carne. Jodi tentou esconder as compras atrás de si. – Ando pensando muito em você.

– Recebi o bilhete da senhora pelo correio – comentou Jodi quando finalmente recuperou a voz. – Desculpa mesmo por não ter dado uma passada na sua casa.

A Sra. Mills abriu um sorriso choroso.

– Eu entendo. Cada pessoa lida com o luto de forma diferente.

Luto. Isso. Ela estava de luto por Emily; por isso não conseguia encarar os pais dela.

– Eu, é… mal posso esperar pela homenagem em agosto. Não, quer dizer, não é que eu *mal possa esperar*, é só que…

– Eu entendi – disse a Sra. Mills com gentileza. – O velório foi bem pequeno, não convidamos ninguém de fora da família. Fico contente que a escola tenha organizado algo para dar aos amigos dela um jeito de se despedirem.

Jodi assentiu, imaginando a quais amigos a Sra. Mills se referia. Será que ela sabia que a polícia tinha interrogado as únicas pessoas que poderiam se encaixar nessa categoria?

Ficaram em silêncio pelo que pareceu durar uma eternidade. Jodi estava ansiosa para achar alguma coisa para responder, então finalmente se decidiu.

– A Emily era uma pessoa boa de verdade.

O olho esquerdo da Sra. Mills estremeceu ao ouvir o nome da filha, e a boca se abriu em um sorriso agradecido. Como ela não comentou mais nada, Jodi prosseguiu:

– Como tá a Hannah?

– Ela… ela ainda está processando a situação – respondeu Maureen. – Nós a mandamos pra um acampamento de ciência da computação no verão para se distrair disso tudo, mas ela vai começar na New Helvetia este ano.

Jodi abriu e fechou a boca.

– Que ótimo.

– Escuta, Jodi. – A Sra. Mills se aproximou e apertou o próprio colar, com os dedos brancos. – Eu sei como você era importante pra Emily. E quero agradecer por ter estado ao lado dela em abril…

– Em abril?

– Quando ela tentou pela primeira vez. E você a impediu.

– Tentou o quê? – perguntou Jodi, engolindo em seco.

Os lábios da Sra. Mills estremeceram.

– Descobrimos isso no diário dela. Que você impediu a Emily de se matar.

Jodi sentiu como se um balde de gelo tivesse sido despejado na sua camiseta.

– Em abril? – repetiu ela, com a voz fraca.

– Ela escreveu sobre o assunto. Foi assim que descobrimos que ela estava sofrendo já fazia algum tempo. – Maureen enxugou os olhos. – Robert e eu ficamos muito contentes por você tê-la convencido a desistir, pois assim todos nós tivemos um pouco mais de tempo com ela.

Jodi achava que tinha ouvido mal, como se o universo todinho tivesse dado um pulo para a frente e a deixado para trás.

– Desculpa mesmo, mas não faço ideia do que a senhora tá falando. Eu não fazia ideia de que a Emily tinha tentado se matar em abril.

Maureen inclinou a cabeça, surpresa.

– Ela escreveu isso no diário.

– Posso ver?

O coração de Jodi batia acelerado.

– Não está com a gente – disse Maureen, como se pedisse desculpas. – É… bem, está com a detetive Harding.

Jodi arregalou os olhos ao ouvir o nome da detetive. Ela se lembrou das perguntas de Harding. *Mas ela nunca falou de suicídio com a senhorita?*

– Sra. Mills, eu juro pra senhora. Se a Emily tivesse falado isso pra mim, eu teria contado pra um adulto. – Ela ficou esfregando a palma da mão, vasculhando as lembranças. – Talvez eu não tenha entendido o que ela estava querendo dizer na época…

– Está tudo bem, Jodi – disse ela, com um sorriso. – Só ficamos contentes por… por você ter ajudado a Emily quando ela precisou.

Jodi sentiu o estômago arder. Parecia estar mentindo quando sorriu, concordando.

– Bem, vou deixar você continuar as suas compras. – A Sra. Mills pegou o

carrinho. – E, se precisar de alguma coisa, por favor, me liga. A Emily contou pra gente que seu pai passa… – disse ela, e os olhos pararam um instante nas refeições congeladas – … muito tempo fora da cidade.

O rosto de Jodi ficou quente.

– Obrigada. Foi ótimo ver a senhora. Vou tentar dar uma passada logo, logo. E, hã… vou tentar levar o Zack e o pessoal.

Toda a cordialidade se esvaiu do rosto de Maureen.

– Não precisa. Obrigada. – Ela abraçou a barriga, como se alguém tivesse lhe dado um soco no estômago. – Não quero ver aquele garoto nunca mais.

Jodi piscou para Maureen, aturdida. Havia um zumbido nos ouvidos dela. Sentiu como se estivesse afundando.

Maureen apertou o ombro dela com um sorriso tenso.

– Foi bom te ver.

Em seguida, ela começou a empurrar o carrinho em direção aos biscoitos integrais e sumiu de vista.

Jodi se esforçou para recuperar o fôlego enquanto corria para o caixa, sentindo como se houvesse água enchendo seus pulmões e travando a garganta. Ela pagou as compras e caminhou confusa até o ponto de ônibus.

Havia um diário, e a polícia precisava dele por algum motivo.

Havia um diário, e Jodi não tinha certeza se a polícia podia confiar no que estava escrito nele.

Capítulo 4

A cabeça dela girava enquanto fazia o caminho do ponto de ônibus para casa com duas sacolas de supermercado nos braços. Será que eles tinham sido levados para a delegacia por causa de algo no diário de Emily?

Ainda estava caminhando quando o cheiro de tinta em spray invadiu suas narinas. No gramado do vizinho havia uma lona estendida com um manequim de loja de departamentos em cima. O manequim estava pintado com spray cor-de-rosa intenso. Oliver Burns tirou a máscara protetora e ajeitou o piercing do nariz.

Jodi costumava cumprimentá-lo, mas, quando ele parou de responder no primeiro ano, ela parou de falar com ele. Desde então, ele ficou meio conhecido por "drogas e drag", como dizia sua bio no Instagram e seu perfil no TikTok. Ele usava o aplicativo de vídeos para espalhar fofocas da Escola New Helvetia para seguidores de toda a região de Sacramento. Tinha marcado Jodi em uma postagem na sexta à noite: um *mockup* de uma foto 3x4, editada para parecer aquelas de fichamento da polícia, uma para cada um deles.

Ele afastou o cabelo azul da testa e puxou a barra da camiseta para limpar o rosto suado. Era tão magro que os ossos do quadril eram saltados e as costelas pareciam degraus de uma escada. Não estava tão magro assim no ano anterior. Quando eram mais novos, Oliver tinha até um pouquinho de carne nos ossos. Ela ainda se lembrava daquele adorável menino asmático que costumava brincar de teatrinho com ela no quintal da casa dele.

Ele soltou a camiseta, e seu olhar cruzou com o dela. Quando Jodi passou por ele na calçada, podia jurar tê-lo ouvido assobiar o início de "Jailhouse Rock".

Empurrando a porta da frente com o sapato, Jodi largou depressa as sacolas na cozinha.

– Jo? – chamou o pai.

– É, cheguei.

Ela tirou as compras e jogou a sacola na grande bolsa plástica onde guardava todas as outras sacolas da casa. Passos se aproximaram da cozinha.

– Ah, merda. Desculpa, eu cheguei tarde e não consegui ir no mercado.

Jodi atirou as refeições congeladas na gaveta do congelador e se endireitou.

– Tudo bem. Eu fui. Como foi em Houston?

O pai ainda estava de pijama, esfregando o rosto enquanto fazia uma careta.

– San Antonio.

– Acertei a parte de ser no Texas.

– Foi bom. Rápido. Que horas você chegou ontem à noite?

A lembrança da delegacia veio à tona. Jodi respirou fundo, se preparando para responder.

– Mais ou menos às duas.

– Isso é bem tarde, Jo – disse ele, nivelando o olhar com o dela.

– Bom, vamos fingir que eu disse onze, então.

Ela deu um sorriso radiante para ele, que suspirou.

– Olha, eu sei que falei que a gente ia no campo de golfe hoje…

A garganta de Jodi se fechou.

– Ah. Não, tudo bem.

– É que vou passar a noite em Reno.

Ela assentiu.

– Que ótimo.

Ela enfiou o cereal no armário.

– Tem certeza? Tem alguma novidade pra me contar?

Jodi abriu um sorriso fraco. Pensou no turno do pai naquela noite e que ele cancelaria tudo se ela contasse alguma coisa sobre a polícia. Pensou em como ele aceitava esses turnos quando ficava estressado com dinheiro. Em como ele bebia quando estava estressado com dinheiro.

– Nada de novo – respondeu.

Terminou de guardar as compras e deixou a cabeça vagar para a conversa com Maureen e para as informações que a detetive Harding tinha naquele diário.



No domingo, Paige se ofereceu para ajudar Jodi a achar novas cores para pintar o cabelo. O comentário "Tintura de Caixinha" a corroía desde sexta-feira, e Paige tinha percebido isso. Elas pararam para comer alguma coisa antes no Burr's, a sorveteria e lanchonete local.

– Gostei daquela que você me mandou ontem à noite – comentou Paige, limpando as mãos no guardanapo. – É bem Lana Del Rey.

Jodi desviou o olhar de um panfleto em cima da mesa, que anunciava um concurso de arte para jovens de 12 a 18 anos. Quem vencesse teria sua obra exposta no Burr's, mas ela ainda achava que aquilo era dar um passo maior do que as pernas.

– Pois é, eu só quero que pareça mais natural.

– Total. – Paige pegou o celular para tirar a foto do "depois" em seu desafio de "antes e depois de comer" no Instagram. – Argh, o que é que tá pegando com esse troço?

– Que foi?

– Toda vez que tiro uma foto de comida, ela fica boa, mas quando tiro foto de gente… – reclamou ela, virando o aparelho para tirar uma foto rápida de Jodi no meio de uma mordida – … fica com essa droga de sombra.

Paige virou o celular de novo para mostrar. Atrás da foto de Jodi havia um clarão de luz, como um reflexo num vidro. Jodi se virou para trás, mas não havia nada lá.

– Hum. Sabe, as fotos da Lucy também estavam assim no outro dia.

– Sério? – Os olhos de Paige se voltaram depressa para ela. – Quais fotos?

– Lá da festa. Todas têm esse clarão…

Ela procurou as fotos e estendeu o celular para Paige.

Jodi apertou o polegar na palma da mão. Não devia ter mencionado aquilo. Paige costumava ficar presa aos pequenos detalhes, como aquelas pessoas que espalham teorias da conspiração. A tia dela às vezes se consultava com uma médium, então ela achava que era especialista em coisas "sobrenaturais".

Ela observou Paige rolar a galeria enquanto a cor sumia de seu rosto.

– Isso é bem bizarro – sussurrou Paige. Ela devolveu o aparelho, olhando para trás de Jodi. Depois de um tempo, sussurrou: – Você acha que a Emily ainda tá aqui?

Jodi piscou para a amiga, aturdida, pensando se tinha entendido bem.

– Aqui? Como assim?

Paige não falou nada por um segundo. Jodi a observou passar a ponta dos dedos nos lábios enquanto pensava em alguma coisa.

– Zack chamou a gente pra ir na casa dele mais tarde – comentou Jodi, tentando distrair a amiga. – Quer ir?

– Quero – respondeu Paige, sem prestar atenção. Ela se virou para encarar Jodi. – Você recebeu alguma mensagem esquisita?

Jodi sentiu a pulsação na ponta dos dedos.

– Recebi. Na sexta, um pouquinho antes de a polícia chegar.

Paige esfregou um pouco acima do peito com a palma da mão.

– Posso ver o número?

Jodi pegou o celular. Paige digitou o número no próprio celular quando Jodi o leu e, quando chegou no final, Jodi viu a amiga respirar de maneira trêmula.

– O que foi?

Paige roeu a unha, encarando o celular.

– Recebi uma mensagem no mês passado desse mesmo número.

Jodi engoliu em seco.

– E o que dizia? – perguntou ela, mantendo a voz calma.

– *O verão está sendo bom para você?* Achei que fosse engano, lógico.

– Talvez seja alguém que mudou de número e esqueceu de avisar a gente – sugeriu Jodi.

Paige assentiu devagar, olhando pela janela lateral, na direção do boulevard movimentado.

– É. Pode ser.

O celular de Jodi emitiu o som de uma notificação. Ali, sob a última mensagem, apareceram as palavras: Essa aqui vai ficar ótima em você.

Junto com a mensagem, um link para uma tintura de cabelo castanho-avermelhada. O coração de Jodi disparou.

Paige leu a mensagem de cabeça para baixo e ofegou. De repente, ela se levantou da mesa, os olhos vasculhando o local. Jodi também olhou ao redor. Só havia mais três pessoas ali dentro, e nenhuma era conhecida.

Jodi olhou para a mensagem.

– Como…?

– A gente tem que ir embora – disse Paige, interrompendo-a com a voz fininha. – Ela… Vamos.

Antes que Jodi conseguisse perguntar o que Paige queria dizer, ela já tinha saído da mesa e disparado em direção à porta. Jodi pegou suas coisas e tentou alcançá-la. Em vez de ir para o carro, Paige seguiu depressa pela calçada, com os olhos desvairados.

– Pra onde você tá indo? – perguntou Jodi, as pernas curtas se esforçando para acompanhar o ritmo.

– Embora daqui. Alguém tava observando a gente. Ela tava observando a gente…

– Paige, para! – Jodi agarrou o braço dela e a puxou para baixo do toldo de um consultório médico. – Para! Respira!

– Eu não consigo! – Os olhos dela estavam alucinados. – Eu não consigo

respirar, Jodi. Todo dia eu acordo e é como se tivesse alguma coisa apertando o meu peito. Fui ao médico. Não tenho asma. Eu tentei usar a bombinha da Lucy, mas não adianta!

Lágrimas escorriam pelo rosto dela, e os membros de Jodi ficaram paralisados enquanto ela observava a forte e brilhante Paige Montgomery soluçar como criança.

– Dá a impressão… a impressão de que ela tá *ali*, Jodi. Como se eu acordasse e *ela estivesse bem ali*. Comigo. Encostada em mim ou sentada em cima de mim… – prosseguiu ela, dando um suspiro rouco – …me *vigiando*.

As pontas dos dedos de Jodi pressionavam os braços de Paige, firmando-a.

– Tá bom. Tá, já entendi. Você tá apavorada. Mas as mensagens não são *dela*, Paige. Alguém tá mexendo com a gente.

Jodi pegou o celular para olhar a mensagem de novo. À medida que o rímel de Paige ficava borrado e ela ofegava, a raiva começou a ferver nas entranhas de Jodi. Ela abriu o contato e apertou o botão de chamada.

Chamou uma, duas vezes. Depois de dez toques, Jodi desistiu, franzindo a testa.

Paige estava inspirando e expirando lentamente para se acalmar, encostada na parede de tijolos suja.

– Vamos pra casa. Ou vamos tomar um café ou alguma coisa assim.

– Não – rebateu Paige, choramingando. – A sua tintura de cabelo.

– Eu não tô nem aí pra isso. E não acho que a gente deva chegar perto daquela loja de cosméticos hoje. Não se tiver alguém vigiando a gente.

Paige assentiu e, num piscar de olhos, puxou Jodi para um abraço apertado.

– Mas não conta isso pra ninguém, tá? Do peso no meu peito – sussurrou ela.

Jodi sentiu o calor envolvê-la. Ela era confiável; tinha esse momento para se apegar, só das duas.

– Pode deixar.

Mais tarde, Paige levou as duas de carro até a casa de Zack e, quando digitaram o código do portão e entraram, Jodi percebeu que a amiga tinha escondido por completo seu desespero.

Os Thrashers viviam em uma daquelas casas que realmente não dá para acreditar que existam fora da televisão. Havia um chafariz na frente, uma piscina nos fundos e seis quartos no meio disso tudo. Paige estacionou no acesso

circular, e as duas deram a volta até a porta lateral.

Zack estava na ilha da cozinha com seu professor particular, um aluno da Universidade da Califórnia em Davis que não gostava de ser interrompido, muito menos quando quem fazia isso era Jodi. Elas bateram no vidro, e Zack ficou muito contente em pular do balcão para deixar as duas entrarem. O professor particular olhou feio para elas.

– Oi, Peter Kim! – exclamou Paige, com um aceno alegre.

Peter contraiu a mandíbula.

– Eu não sabia que você tinha aula particular hoje – comentou Jodi, deslizando a porta para fechá-la.

– Nem eu. Meu pai quer que eu faça três vezes por semana se eu não conseguir passar em química depois do verão.

– O que é bem provável – afirmou Peter categoricamente, virando as páginas do livro.

Zack revirou os olhos.

– Vou terminar daqui a meia hora. Vão aproveitar a piscina. O Julian tá lá fora.

– Ah, maravilha – respondeu Jodi, seca.

– Posso pegar um dos maiôs da Katherine? – perguntou Paige, indo em direção à escada que conduzia ao quarto da irmã mais velha de Zack.

– Aham.

Jodi ficou de pé, meio sem jeito, querendo esperar que Paige voltasse para não ter que sair e ficar sozinha com Julian. Peter olhou para ela de um jeito incisivo, e ela suspirou. Jodi largou a bolsa perto da porta e saiu para os fundos da casa.

A piscina dos Thrashers reluzia sob o sol da tarde. Espreguiçadeiras se alinhavam nas laterais, e havia uma cachoeira de pedra perto do trampolim. Na água, em cima de um pato amarelo inflável de óculos escuros, estava Julian Hollister, também de óculos escuros, com uma expressão entediada e um chá gelado na mão.

– Você não tem sua própria piscina pra ficar boiando? – perguntou ela, ríspida.

Ele baixou os óculos escuros.

– Como é a vida na piscina comunitária?

Ela se largou na espreguiçadeira, prestes a retrucar, dizendo que não usava piscina *nenhuma* se pudesse evitar, mas Julian já estava se deslocando na água, virando o pato e se afastando de Jodi. Ela estava abrindo o Instagram quando

alguém chamou seu nome. A madrasta de Zack descia os degraus de chinelo, sorrindo para ela.

Charity tinha se casado com o Sr. Thrasher quando Zack tinha 10 anos, mas eles namoravam desde o divórcio; até antes, provavelmente. Ela até que era legal, mas às vezes parecia que estava se esforçando demais.

– Jodi, meu bem! A Paige falou que você estava aqui. – Ela puxou Jodi para um abraço apertado. – Eu trouxe uma das roupas de banho da Katherine pra você também.

Jodi olhou para baixo e se deparou com o biquíni da irmã mais velha de Zack na mão de Charity, e sua garganta ficou seca de pânico.

– Não, ah… obrigada, não, mas eu não posso mesmo…

– Jodi, meu bem – rebateu Charity, se inclinando na direção dela, e Jodi sentiu o bafo das mimosas que ela estava tomando. – Você só vai ter esse corpinho uma vez na vida. Tem que mostrar! – Ela apertou o ombro de Jodi e ergueu a voz. – Além disso, o Julian não vai ligar se ficar um pouquinho apertado, né?

Jodi estava quente de vergonha quando Julian deslocou o pato inflável de volta para perto com uma expressão curiosa.

– De jeito nenhum – disse ele lentamente.

Charity apontou para o anexo ao lado da piscina e deu um empurrão em Jodi. Ela entrou no banheiro e colocou o biquíni ao lado da pia, olhando para as peças verde-neon que chegavam a ofuscar os olhos. Katherine Thrasher não era tão magra quanto Lucy e Paige, mas definitivamente podia usar biquíni. Jodi não. *Não deveria*, para ser mais exata.

Ela fechou bem os olhos e vestiu o biquíni. A parte de baixo mal cobria a bunda, e a parte de cima tinha um babado esvoaçante na frente, do qual ela teria tirado sarro no corredor da loja de departamentos. Ela saiu pela porta batendo os pés, sem se olhar no espelho de corpo inteiro, e borrifou o corpo com o protetor solar pegajoso. Voltou para a piscina e viu Julian nadando e Paige no pato inflável. Jodi se largou em uma das cadeiras da piscina e tentou achar uma posição que não mostrasse muito a coxa, se ajeitando para ficar mexendo no celular enquanto Julian dava voltas na piscina na frente dela.

– Jodi de biquíni?

Ela virou a cabeça bruscamente para a porta dos fundos enquanto Lucy a abria. A amiga estava com a parte de cima do biquíni e um short jeans. Jodi sentiu como se estivesse exposta numa vitrine.

– A Charity me forçou – explicou Jodi.

Lucy já estava com uma garrafa de Coca-Cola na mão – sua bebida preferida no mundo. Não podia ser a de lata. Nem a da garrafinha de plástico. Não, tinha que ser a garrafa de Coca-Cola de vidro do México, e só essa. Os Thrashers mantinham a geladeira abastecida para quando Lucy aparecesse.

– Você tá gostosa – disse Lucy, colocando a bebida na mesinha ao lado da cadeira de Jodi.

– Valeu.

Jodi se conteve para não cobrir a barriga, e Lucy tirou o short jeans, revelando o biquíni de bolinhas por baixo.

– Ei, preciso te mostrar uma coisa. – Lucy rolou os aplicativos antes de virar o celular para Jodi. – Alguém do bando da Reagan tava lá na sexta à noite. Gravou tudo e enviou pra ela.

Reagan Matthews era a inimiga mortal de Lucy. Elas eram amigas na oitava série, mas agora tentavam acabar uma com a outra sempre que podiam.

Jodi viu a si mesma na tela, logo atrás de Zack e do policial. O vídeo os flagrou sendo colocados na traseira da viatura. A legenda dizia: *Ah, como caíram os poderosos!* Já tinha 20 mil visualizações. Jodi suspirou e massageou a testa.

– De boas – disse Lucy, de mansinho. – Logo, logo vai virar notícia velha.

Ela apoiou a mão quente na panturrilha de Jodi, que abriu um sorriso fraco para ela.

– Você recebeu alguma mensagem esquisita na sexta? – perguntou Jodi a Lucy, depois de lançar um olhar para Paige. – Chegou pra mim uma de um número desconhecido. Dizia só: *O verão está sendo bom para você?*

Paige encarou Jodi por trás dos óculos escuros. Julian apareceu na frente delas na beira da piscina.

– Uau. Muito ameaçador.

Jodi o ignorou.

– Não deve ser nada, mas foi um pouquinho antes de a polícia chegar.

Lucy se levantou.

– Eu apago as mensagens de spam logo que elas chegam, mas vou ficar de olho nas que forem bizarras. – Ela ergueu o celular. – Vou mostrar o vídeo pro Greg, caso seja útil.

Jodi a observou voltar para dentro da casa e ficou imaginando se deveria contar para eles que tinha esbarrado em Maureen Mills. Normalmente, ela teria enviado uma mensagem para o grupo na mesma hora, mas o que eles podiam e não podiam enviar por escrito ainda era incerto. Será que Greg Thrasher precisava saber que a detetive Harding estava com o diário da Emily? Ou Jodi

estava tirando conclusões precipitadas?

Os pensamentos dela foram interrompidos de repente quando Julian saiu da piscina, se impulsionando para cima na borda de cimento à frente dela, mesmo que houvesse uma escadinha a 3 metros de distância. Jodi franziu a testa para os músculos flexionados no torso dele. Julian ficou diante da cadeira em que ela estava e sacudiu os cabelos, garantindo que a água caísse nela.

– Quer ficar molhadinha, Dillon?

Ela estreitou os olhos diante da insinuação idiota.

Ele levou a mão aos olhos e estremeceu de um jeito dramático.

– Nunca vi tanta pele sua. É de ofuscar.

Jodi levantou os braços para cobrir a barriga e tensionou o maxilar.

– O que você quer?

Ele se sentou na beirada da espreguiçadeira dela.

– Quer nadar?

– Não.

– Acho que eu nunca te vi na piscina. – Ele abriu um sorrisinho para ela. – Anda.

O celular foi arrancado da mão dela e atirado na grama. E então, num piscar de olhos, dois braços molhados envolveram sua cintura e a ergueram da espreguiçadeira.

– Julian! – gritou ela em um tom agudo, mas foi colocada de cabeça para baixo no ombro dele.

Jodi viu a água. Os músculos travaram de medo, e em seguida ela estava em pleno ar, em queda livre em direção ao fundo. Ela gritou o tempo todo até que o som desapareceu e ela escutou apenas o *splash*.

Os membros de Jodi ficaram paralisados. O cabelo ondulou para a frente em torno do rosto enquanto o corpo afundava mais e mais. O sol brilhava a milhões de quilômetros de distância, com seus raios rompendo a água como cristais, e ela sabia que ali era a superfície – ela sabia. Sabia que poderia alcançá-la batendo as pernas.

Mas como ia fazer para chegar lá com os ossos pesando feito chumbo e os pulmões cheios de água?

O sol piscava para ela. Os raios giravam ao redor dele como se fossem o cabelo louro-dourado na cabeça de uma garota. O céu estava azul-claro, como um par de olhos.

Capítulo 5

– Como foi que a sua mãe morreu?

Os dedos de Jodi ficaram paralisados no microscópio. Os olhos dela se voltaram para Emily. Ela estava enrolando o cabelo louro-dourado no dedo, observando-a. Jodi se virou para a mesa ao lado, pensando se Emily tinha falado alto o bastante para que os outros ouvissem.

Oliver Burns desviou o olhar, dando as costas para as duas. O pescoço e as bochechas de Jodi estavam pegando fogo.

– Emily, isso é muito pessoal. Acho que não somos tão chegadas assim pra… – Jodi engoliu em seco. – Eu prefiro não falar disso.

Ela trocou a lâmina sob o microscópio e pegou as anotações. A mão pequena e fria tocou no seu pulso. Ela encarou os olhos azul-claros de Emily.

– Você pode me contar.

Uma lufada forte de ar perfurou seus pulmões. A luz brilhante do sol era refratada pelos cílios molhados dela.

– Você não sabe nadar? Meu Deus! – exclamou uma voz ofegante a centímetros de distância.

Ondas bateram no pescoço dela, ameaçando sufocá-la. Ela piscou depressa, voltando ao corpo, lembrando-se de que estava na água.

Julian a segurava em um dos lados da piscina, na parte funda. Jodi se esforçava para agarrar a borda atrás de si. Ele tirou o cabelo dos olhos e a encarou como se ela fosse uma mutante.

– Jodi, você tá bem? – Paige estava saindo de cima do pato, espirrando água na direção deles.

– Eu não gosto de nadar. Eu te falei pra não me jogar…

– Você *sabe* nadar?

Jodi fechou os olhos para não ver o julgamento nos olhos castanhos de Julian. Ela se virou para a borda, se segurou e foi avançando devagar como uma criança de 3 anos usando boias de braço.

– O que tá acontecendo? – perguntou Zack, saindo da casa com Lucy.

– O Julian jogou ela na piscina.

Paige estendeu a mão para Jodi do outro lado da escada. A garota foi se aproximando aos poucos, respirando com dificuldade.

– Que merda foi essa, Julian? – perguntou Zack. – Você sabe que ela não nada.

– Eu não sabia! Ela é sempre tão chata, aí…

– Ei!

Jodi ignorou os dois enquanto seus pés encontravam apoio nos degraus da escada. Lucy estava ali perto com uma toalha felpuda quando ela saiu, levando-a para longe da beira d'água.

A respiração estava trêmula, e ela ainda podia sentir a água engolindo-a. Jodi se enrolou na toalha e se afastou do grupo, voltando para a casa anexa à piscina.

Ela se sentia tão inútil. Tudo que queria fazer era tirar o biquíni que não cabia nela e se enfiar debaixo dos lençóis da própria cama.

Estava vestindo a camiseta quando ouviu a porta da casa se abrir. Colocou a cabeça para fora do banheiro e viu Zack sentado no encosto do sofá, com um sorriso tenso no rosto.

– Eu tô bem – disse ela depressa.

– É. – Zack assentiu. – Eu mandei o Julian pra casa.

Ela parou no vão da porta.

– Sério?

– Falei que ele tem que te deixar em paz. Ele disse que não fazia ideia de que você não sabia nadar, mas eu respondi que ele tava de sacanagem. Todo mundo sabe que você não nada.

Jodi abraçou a barriga, ainda sentindo o frio da água no corpo todo.

– Tá. Valeu.

Ela não queria falar da piscina nem de Julian. Não queria lembrar que todo mundo tinha acabado de vê-la à beira das lágrimas enquanto usava um *biquíni*.

Zack pegou o controle remoto no braço do sofá.

– Quer ver *Stranger Things*?

Os olhos bem azuis dele a encaravam por baixo das sobrancelhas arqueadas.

Um quentinho borbulhou na barriga de Jodi, e algo parecido com alívio se espalhou por suas veias. Aquilo era *tão* a cara do Zack. Ler os pensamentos dela,

saber quando mudar de assunto. Ela sorriu.

– Você não quer ir nadar com as meninas?

– Que nada, tô bem aqui – disse ele, deslizando pelo sofá e se aconchegando nas almofadas macias.

Jodi se sentou ao lado dele, e Zack a cobriu com a manta quando viu que ela ainda estava tremendo. Ele sorriu para ela, e o peito de Jodi ficou apertado de tanto que o desejava. De tanto que queria que ele a abraçasse e a puxasse para perto de si.

Algumas horas depois, Paige e Lucy apareceram, fizeram pipoca e assistiram ao final da quarta temporada com eles.

Foi um dia perfeito.



Durante a semana, Zack estava na escola de verão, logo o grupo não tinha a estrutura necessária para manter uma agenda social em conjunto. Para Jodi, estava tudo bem. Quanto mais tempo pudesse ficar sem ver Julian Hollister, melhor.

Ela foi com Lucy e Paige à inauguração de uma loja de *Real Housewives* no centro, mas não pôde fazer nada além de dar uma olhadinha quando viu os preços.

– Então, no meu aniversário – disse Paige, enquanto caminhavam pela J Street tomando frozen yogurt –, tô pensando em fazer um negócio tipo anos 1920. Melindrosas e chefes da máfia. Cai numa sexta, e isso é *perfeito*.

Jodi sentiu o coração pesar.

– Mas… a homenagem é nesse dia.

Paige se virou para ela, com a colher no ar.

– Você tá me zoando? – perguntou ela, com um suspiro exasperado. – Será que a gente pode fazer no sábado?

– Acho que a gente não devia fazer nada grande – comentou Lucy de repente. – Desculpa, eu sei que é seu aniversário de 18 anos, mas qualquer festa que você fizer perto dessa data vai pegar mal.

Paige fervia de raiva. Jodi a observou refletir, depois sugeriu:

– Talvez a gente pudesse fazer um negócio mais íntimo, só nós cinco?

– Mas sem fotos. – Lucy parou na faixa de pedestres e se virou para Paige. – Ninguém pode ver a gente comemorando na noite em que a família da Emily tá fazendo uma homenagem.

– Dã, claro. – Paige jogou o resto do sorvete na lixeira. – Eu só… Que saco.

– Por que a gente não faz um negócio pequeno no dia e depois dá uma festa quando as aulas começarem? – sugeriu Jodi. – Que tal um jantarzinho depois da homenagem?

– Depois? – Lucy se virou para ela. – Você vai na homenagem?

– Vou – respondeu Jodi, franzindo a testa. – Vocês não vão?

Lucy franziu os lábios. O olhar de Paige estava distante.

– Vocês não acham que a gente deveria ir? – insistiu Jodi, tentando de novo.

– Eu só não acho… que vão querer a gente lá. – Lucy deu de ombros. – Você deveria ir. Os Mills te adoram. Mas a gente…

O sinal de pedestre mudou, e ela botou o pé na rua.

– Acho que os Thrashers não devem ir – finalizou ela.

– Discordo – retrucou Jodi, dando um gás nas pernas para acompanhar as duas garotas altas. – Acho que vai dar uma impressão ruim se a gente *não* for.

A verdade era que os Thrashers tinham a reputação de não estarem nem aí para nada. Zack era legal com todo mundo. Mas era legal *demais*. Isso queria dizer que pessoas como Emily Mills, como o par de Zack no baile de boas-vindas do ano anterior, como a parceira dele de biologia do segundo ano, todas achavam que tinham alguma importância para ele quando a atenção de Zack estava voltada para elas. Depois de ir ao cinema ou estudar junto com a pessoa algumas vezes, Zack a deixava de lado. Normalmente, era tarefa de Julian ou Paige lidar com as consequências se ela não entendesse o recado. Paige era gentil, e Julian era mais direto.

Havia uma expressão para isso. O restante da escola a inventara no primeiro ano, quando Zack deu um gelo em uma das "novas amizades" e a pessoa ficou fazendo drama no TikTok.

Chamavam de *Tratamento Thrasher*. Era o que os Thrashers faziam. Se alguém se aproximava demais, acabava passando por ele. Jodi tinha ouvido falar muito disso durante a semana das provas finais, quando o suicídio de Emily Mills pairava sobre a escola como uma nuvem carregada.



No dia da homenagem a Emily, Jodi colocou o único vestido preto que tinha e tirou a bicicleta da garagem. O pai estava fora da cidade, e ninguém mais tinha a intenção de ir, então teria que ser de bicicleta. Tinha mandado uma mensagem para Zack no privado mais cedo e dito que estava pensando em sair às 18h45, se

ele quisesse ir com ela.

Ela não tinha recebido nenhuma resposta. Era o último dia da escola de verão dele, mas mesmo assim... Jodi sabia que não deveria pedir a Paige para ir junto; afinal, era aniversário dela. Todo mundo tinha mais ou menos combinado de ver uns filmes na casa dela mais tarde.

Depois de apertar o botão para fechar a porta da garagem, Jodi empurrou a bicicleta para fora e se deparou com a noite úmida de Sacramento. Ela ajeitou o cabelo em um coque alto e pegou o capacete ao mesmo tempo que a porta da frente da casa dos Burns se fechava.

Oliver escapuliu pela garagem e foi até sua lata velha estacionada em frente à casa dos Dillons. Ele tinha pintado o cabelo de preto naquela semana, mas o azul parecia cintilar ao sol. Ele ergueu os olhos para Jodi quando a fivela do capacete dela se encaixou.

– Oi – disse ela.

Ele não respondeu. Enquanto ele contornava o carro para ir para o lado do motorista, ela notou que ele também estava todo de preto. Sem nenhum logo. Nada de calça jeans rasgada. Ele deu a partida, abrindo todas as janelas e ajeitando a música.

Ela passou a perna por cima da bicicleta, se preparando para uma pedalada suada, quando a porta do passageiro do carro de Oliver foi aberta por dentro. Ela piscou para ele, surpresa, imaginando se ele estaria mesmo oferecendo uma carona a ela depois de todos aqueles anos de silêncio, e encontrou o olhar dele no espelho retrovisor.

Jodi desmontou da bicicleta, encostou-a na lateral da casa e voltou para a rua na mesma hora em que um Mustang preto parou na frente da casa. Zack abriu a janela com um sorriso.

– Desculpa. Eu bombei em química. De novo. Por isso confiscaram meu celular. De novo.

Ela revirou os olhos, prestes a brincar com ele por ter bombado em química três vezes no mesmo ano, quando o som da porta de um carro se fechando a sobressaltou. Ela viu Oliver Burns cantando pneu, e o carro sumiu de vista.

– Você vai a pé? – perguntou Zack, atraindo a atenção dela outra vez.

Ela balançou a cabeça e entrou no Mustang com ar-condicionado.

– Fico feliz de você querer ir – disse ela enquanto prendia o cinto de segurança.

– É, acho que eu só… eu não queria me esconder, mas também não queria ser o centro das atenções.

– A gente não precisa subir nas arquibancadas. A gente pode ficar lá embaixo.

Ele abriu um sorrisinho para ela.

– Ótimo. Isso seria bom.

Ele passou a mão pelo cabelo. Ao contrário de Julian, Zack não usava nenhum produto, então não havia nada para ajeitar.

– Tem tanta gente que eu não vejo desde o ano passado, sabe? Então, tipo, chegar e dizer . *aí, como foi o verão?* parece errado.

– Tudo bem. Eu devo tentar falar com os Mills, mas você não precisa ir.

Ele assentiu, mordendo o lábio inferior enquanto entrava na avenida principal.

– E aí, como foi que você conseguiu bombar em química três vezes?

Ele soltou um gemido e deu de ombros.

– Não faço ideia. Como é que alguém passa nessa matéria?

– Bem, o que eu sei é que você tem "o Peter Kim" – disse ela. – Um professor particular de primeira…

– *O* Peter Kim. Primeiro e único – comentou ele, entrando na brincadeira.

– O homem, o mito, a lenda. – Jodi conteve um sorriso. – Mas, se você quiser mais ajuda, me fala. Eu não tirei 10, mas fui bem.

– O que será que o Peter diria sobre interferir nas aulas dele?

Zack deu a seta e balançou a cabeça, fingindo descrença.

– Se ele te desse um Kinder Bueno pra cada questão que você acertasse, você iria bem.

– É desse jeito que você me ensinaria? – Zack sorriu. – Ia me treinar igual a um cachorro?

– É, eu te daria aula como se você fosse um cachorro – respondeu Jodi. – Você ia ganhar um passeio e carinho na barriga por tirar boas notas.

– Carinho na barriga? – Ele olhou para ela e arqueou as sobrancelhas. – Tô dentro.

Ela riu e deixou o ar-condicionado dissipar o calor da noite.

Quando pararam no estacionamento dos alunos, já estava meio cheio. Zack estacionou atrás de uma caminhonete grande, escondendo bem o carro, que era fácil de reconhecer.

Enquanto caminhavam até as arquibancadas, cabeças se viraram e mãos se ergueram para disfarçar os cochichos.

Zack era capaz de se lembrar de pequenos detalhes a respeito de cada conhecido, trazer à tona fatos aleatórios que tinham lhe contado anos antes e

lançar o sorriso Thrasher para eles sem perder o gás. Mas, embora tivesse cumprimentado alguns caras do time de basquete com soquinhos, acenado para algumas garotas da turma e dito olá para a professora de matemática, tudo parecia estranho.

Uma equipe de reportagem foi montada na entrada do campo, e o cinegrafista filmava a entrada dos alunos. Jodi sentiu um calafrio. Não esperava que a imprensa de Sacramento ainda estivesse cobrindo a história de Emily.

Os dois se abaixaram e foram para a esquerda, contornando a arquibancada, passando pelas vigas cruzadas até o lugar favorito deles: embaixo da área dos assentos acessíveis, que sempre ficava vazia. Era onde Julian gostava de fumar maconha durante as corridas de Lucy. O lugar oferecia uma visão desobstruída do campo e, ao mesmo tempo, ficava totalmente escondido por um alambrado.

Zack deu um pulo, segurando a parte inferior do banco mais alto que conseguiu alcançar, e se pendurou, balançando as pernas. Jodi desviou o olhar dos músculos salientes nos braços dele e da camisa que tinha subido, deixando a barriga à mostra, e se concentrou no pequeno palco montado no campo.

Um projetor iluminava uma tela branca com os olhos azuis e os dentes afastados de Emily. O Sr. e a Sra. Mills estavam sentados ao lado da diretora Robbins. Os olhos de Jodi foram parar na pessoa ao lado dos pais de Emily, e ela perdeu o fôlego.

Hannah Mills era baixinha e bem branca, uma cópia perfeita da irmã, dos pés à cabeça. Daquela distância, Jodi não tinha certeza, mas aquele All-Star laranja poderia até ter sido de Emily. Ela usava o cabelo preso numa trança sobre o ombro, a única diferença entre as duas. Emily nunca tinha feito nada com o cabelo ondulado e costumava deixá-lo solto.

– O jornal disse que foi a Hannah quem encontrou ela.

Ela se virou de repente para Zack e o viu olhando através das ripas da arquibancada para onde os Mills estavam sentados.

– Eu sei. É muito triste – comentou ela. *Muito triste*. Não brinca.

Jodi começou a se virar, mas seu olhar captou a luz perto do caminho vazio ao redor do campo. Estava piscando, quase com dificuldade para permanecer ligada.

Emily tinha um lance com os postes de luz. Quem sabe não fosse bem um *lance*, mas uma peculiaridade. Tinha contado isso para eles em uma noite em que Lucy estava levando todo mundo para casa depois do cinema. Nenhum deles sabia como Emily tinha sido convidada; apenas presumiram que Zack tinha falado para ela ir. Mas Paige descobriu mais tarde que Zack tinha comentado na

frente da Emily, só isso. Não tinha sido nem na frente dela, só perto. Emily tinha aparecido por conta própria, agindo como se tivesse sido incluída.

Na volta para casa, estavam apenas Jodi, Paige, Lucy e Emily no carro, mas, para Jodi, parecia que uma equipe inteira de jornalistas investigativos tinha entrado no Jeep com elas. Emily queria saber tudo. As cores prediletas, as aulas favoritas, quem estava namorando quem, há quanto tempo se conheciam, para quais faculdades queriam ir.

Durante um raro momento de silêncio em um sinal de trânsito, o poste de luz em cima da faixa de pedestres tinha acendido e apagado.

– Ah! Fui eu! – dissera Emily. – Eu desligo postes de luz!

Lucy tinha se virado no banco do motorista.

– Você o quê? – perguntara ela, seca.

– É tipo um lance de energia cinética que eu ouvi falar num programa de auditório. Quando chego perto de um poste de luz, ele pisca.

Jodi e Paige tinham se entreolhado. Mas isso acontecia sempre que Emily estava com elas. No campo de futebol, em um estacionamento ou quando paravam no sinal vermelho perto da rua de Emily. Jodi ficou pensando se teria notado a situação se Emily não estivesse obcecada com aquilo. Talvez certas lâmpadas simplesmente piscassem por causa da corrente elétrica ou algo do tipo.

Como aquela, perto do caminho ao redor das arquibancadas.

A diretora Robbins se levantou às sete em ponto e deu um tapinha no microfone. Jodi respirou fundo.

– Estamos aqui para lamentar a perda de uma de nossas alunas. Emily Mills era uma garota meiga. Ia começar o terceiro ano na próxima semana. A mãe dela me contou que Emily tinha a intenção de se candidatar à Universidade de Azusa e à Universidade Vanguard e queria estudar Teologia.

Jodi bufou.

– Hum, não? Ela queria estudar Ciências Políticas, igual à Paige.

Zack não respondeu, então ela olhou para ele. Os olhos dele estavam grudados na diretora Robbins. Jodi voltou a prestar atenção.

– Ela se destacava em ciências e matemática e estava sempre disposta a ajudar um amigo com o dever de casa. Mas, antes de falarmos mais sobre nossa amiga Emily – disse a diretora Robbins –, a irmã de Emily, Hannah, preparou uma apresentação de slides para esta noite.

Ela fez um gesto com a cabeça para o cara que estava cuidando do som e da iluminação e voltou a se acomodar no assento.

– Ai, meu Deus, não! – exclamou uma voz atrás deles.

Jodi se virou. Lucy tinha se esgueirado até eles, com Paige logo atrás.

– Me fala que não tem uma apresentação de slides – reclamou Lucy.

– Vocês vieram.

– O Zack falou que você tava determinada a vir – disse Lucy, dando de ombros.

Jodi se aproximou de Paige enquanto as luzes ao redor do campo diminuíam.

– Feliz aniversário. Tô feliz que você tá aqui.

Paige retribuiu o sorriso, que mais parecia uma careta. Atrás dela, Jodi viu Julian não muito longe, fumando o vape e enviando mensagens de texto.

Ela revirou os olhos e se virou para ver as fotos de bebê de Emily no telão. Emily e Hannah brincando de boneca. Emily na igreja. O primeiro dia de Emily no ensino médio na Escola de Sacramento, antes de ser transferida para a New Helvetia. O olhar de Zack estava fixo no telão o tempo todo.

Jodi observou as pessoas nas arquibancadas que conseguia distinguir daquele ângulo e viu alguns rostos entediados olhando para o celular. Reagan Matthews estava sentada na frente, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Ela sabia que Reagan não fazia a menor ideia de quem era Emily Mills até a segunda-feira após a morte dela. Jodi foi quem respondeu quando a garota perguntou:

– Emma Miller? Eu fazia aula com ela?

A música da apresentação foi ficando mais lenta até terminar, e mais uma imagem apareceu no telão.

Emily e Jodi, sorrindo para a câmera.

Estreitando os olhos, Jodi deu um passo até as vigas da arquibancada, como se chegar mais perto fosse ajudar. Quando aquela foto tinha sido tirada? Parecia uma selfie, com o flash da câmera ofuscando os olhos de Jodi. A cabeça de Emily estava apoiada no ombro de Jodi.

– Isso não foi no chalé da Lucy no ano passado? – Paige se aproximou dela. – Eu arrumei seu cabelo desse jeito.

Jodi olhou bem. Os brincos. Tinha perdido um deles durante aquela viagem e nunca mais os tinha usado.

Emily não estava *lá*.

Os olhos de Jodi se viraram para Hannah, imaginando por que ela editaria uma foto que não existia.

– Acho que talvez… – Jodi fez uma pausa. – Se não existisse nenhuma foto da Emily com amigos para a apresentação de slides. Faria sentido editar uma. Pros pais dela.

– Não. É assustador, Jodi – retrucou Lucy. – Aquela garotinha é tão assustadora quanto a irmã.

O Sr. Mills pegou o microfone, agradeceu a todos pelas palavras gentis e fez uma oração. Jodi sabia que ele era muito ativo na igreja.

– Eu não sabia que a nossa escola era católica – murmurou Julian de longe.

Jodi apertou os lábios.

A cabeça de Zack estava apoiada em um poste de metal, ainda de olho no palco.

Assim que o Sr. Mills se sentou novamente, Jodi viu uma figura conhecida parada ao lado das arquibancadas, perto do corpo docente. O rabo de cavalo austero e o terninho impecável a teriam entregado, mas foi o batom vermelho que fez Jodi se endireitar.

A detetive Harding estava ali.

Ela examinava a multidão com os olhos ligeiros e felinos. Com um café grande na mão, dava a impressão de alguém que tinha acabado de entrar, que não fazia parte da cerimônia.

Antes que Jodi pudesse falar da detetive Harding para os outros, a diretora Robbins pegou o microfone outra vez.

– Eu e o corpo docente da New Helvetia estamos sem palavras. A Emily era muito amada entre os professores, e sabemos que também era amada pelos nossos alunos.

Lucy bufou.

– Eu quero fazer uma promessa solene hoje à noite – prosseguiu a diretora Robbins. – O comportamento tóxico nesta escola precisa acabar.

Zack inclinou a cabeça, se apoiando em um poste da arquibancada e se projetando para a frente.

– Eu e a minha equipe vamos monitorar a situação do bullying na New Helvetia com muito mais atenção à luz da morte da Emily. Sempre tivemos tolerância zero aqui, mas claramente o que estamos fazendo não é bom o bastante.

A pele de Jodi estava coçando, tensa.

– Ah, meu Deus… – sussurrou Paige atrás dela.

– Qualquer pessoa que for pega colaborando com o bullying de outro aluno, seja ao vivo ou pela internet, estará sujeita a punições da administração, passível de expulsão.

Jodi queria perguntar: *Quem estava fazendo bullying com a Emily?* Mas também não queria saber a resposta.

Na tela atrás da diretora Robbins, o rosto de Jodi brilhava acima do corpo estudantil ali reunido, enorme, pairando como uma ameaça. Incriminador. Uma foto que nem existia, porque Jodi não teria tirado uma foto com Emily daquele jeito.

Elas não eram amigas de verdade.

Quando a diretora Robbins apresentou a orquestra do ensino médio, que ia tocar um dos hinos favoritos de Emily, Jodi ouviu murmúrios atrás de si. Ela se virou e viu Julian falando no celular, com os olhos piscando desvairados na direção dos outros.

– A gente já vai chegar aí. – Ele desligou e olhou para Zack. – Era o seu pai. A polícia tá na sua casa.

Ela sentiu o ar rarefeito entre todos eles. Paige levou a mão à boca, arregalando os olhos azuis.

– A gente tem que ir. – Julian gesticulou para que o seguissem. – Antes que vejam a gente.

As pernas de Jodi estavam se mexendo, e o ombro batia no braço de Zack de vez em quando.

Antes que vejam a gente.

Eles saíram de baixo das arquibancadas, e o olhar de Jodi foi parar no próprio rosto, exibido para todo o campo enquanto os acordes iniciais de "Comigo Habita" soavam na orquestra. Ela procurou a detetive Harding, mas a mulher tinha sumido.

O celular de Paige tocou, e ela o silenciou depressa antes de atender.

– Mãe? – sussurrou ela.

Eles contornaram rapidamente as barraquinhas vazias.

– O que tem na TV? Como assim?

Paige parou, mordendo o lábio e encarando a grama sob os pés. Jodi parou junto. A voz da Sra. Montgomery era baixa, mas clara através do aparelho:

– Estão falando que aquela garota se matou por causa de vocês. Vocês cinco. Estão chamando o caso de assédio criminoso.

As palavras se embaralharam na cabeça de Jodi enquanto ela tentava juntá-las. Os olhos estavam desfocados e a pele fria. Não ouvia nada além do vento e de uma melodia sussurrada.

A morte e a tumba não aterrarão onde meu Deus fizer habitação.

Lucy passou as mãos pelo cabelo. Zack encarou Paige, inexpressivo, enquanto ela prometia à mãe que logo estaria em casa e desligava.

Julian se virou para Jodi, segurando o braço dela.

– O que foi que você falou para aquela detetive?

O tom dele era acusatório, como se de alguma forma aquilo fosse culpa *dela*. Jodi se desvencilhou dele.

– Tá de zoeira comigo? O que é que eu poderia ter falado?

– A gente não pode discutir isso aqui – resmungou Lucy.

Ela puxou o outro braço de Jodi em direção ao estacionamento, mas Julian a puxou de volta.

– O que foi que você falou do Zack, especificamente?

– Eu não falei nada – insistiu ela, mas de repente se lembrou das palavras da Sra. Mills. – Mas a mãe da Emily falou que não queria ver o Zack.

Julian olhou para Zack por cima da cabeça dela. A expressão dele tinha algo indecifrável: irritação? Medo?

Jodi se virou e viu Zack puxar os próprios cabelos, fechando bem os olhos.

– Vamos sair daqui – disse Paige.

Ela foi na frente, batendo o pé e assumindo a liderança, conduzindo-os até o estacionamento.

Jodi ainda estava tentando decifrar a expressão de Julian quando eles contornaram a última arquibancada e deram de cara com uma equipe de reportagem.

Os cinco pararam com tudo, como se tivessem se deparado com um urso na floresta. Julian foi o primeiro a se mexer, pegando o cotovelo de Zack e puxando-o para o outro lado.

– Não olha pra eles – sussurrou, e Zack baixou a cabeça.

Eles se aproximaram dos carros, mas uma voz os chamou.

– É ele! Aquele é Zack Thrasher.

A luz a ofuscou quando Jodi tentou olhar. Era mais do que só uma equipe de reportagem. Pelo menos três câmeras se viraram na direção deles, as lâmpadas ofuscantes como a luz do sol.

Julian e Zack continuaram andando. Lucy segurou o braço de Jodi.

– Zack! Como é que você gostaria de responder às alegações…

– Você falou pra Emily se matar?

– Aqui!

– Zack, você lamenta que ela esteja morta?

Lucy a puxou para a direita enquanto Zack e Julian continuavam indo até o carro de Zack. Ela olhou para trás enquanto Julian ia para o lado do motorista, mas ainda havia uma câmera seguindo Lucy, Paige e Jodi.

– Há quanto tempo conhecem Zack Thrasher, garotas? Qual de vocês está

namorando ele?

Arrancando as chaves do bolso, Lucy fez Jodi e Paige se virarem bruscamente para um lado, a fim de passarem por entre dois carros estacionados bem colados para despistar a equipe de cinegrafistas.

Paige começou a correr, e Lucy e Jodi se apressaram para alcançá-la. Lucy apertou o botão da chave para abrir o Jeep, que apitou, e Paige já estava lá dentro com o cinto de segurança preso antes mesmo que Jodi abrisse a porta. Lucy saiu do estacionamento cantando pneu na mesma hora em que a câmera as alcançava. A luz iluminou o banco de trás, atrapalhando a visão de Jodi. Paige ofegava no banco da frente, hiperventilando.

Apenas cinco minutos depois, o carro entrou no acesso de veículos da casa dos Thrashers, diminuindo a velocidade em direção às luzes vermelhas e azuis que rodopiavam.

Julian e Zack estavam se juntando a Greg Thrasher e dois policiais na varanda. Lucy desligou o motor, e Jodi saiu bem a tempo de ver Zack se virar, baixando a cabeça enquanto um dos policiais tirava as algemas do bolso. O clique foi abafado pela frase:

– Zackary Thrasher, você está preso por assédio e estupro de Emily Mills.

Processo nº 4512420
Trecho do diário de Emily Mills
Inscrito como prova em 06/08/2024 pela detetive Chelsea Harding

21 de agosto de 2023

Acho que nunca existiu um garoto tão perfeito quanto Zack Thrasher. Quero escrever poesias sobre ele. Poesias muito ruins que eu nunca vou mostrar para ninguém (muito menos para ele), mas quero escrever mesmo assim. Quero usar metáforas para captar com perfeição o tom de azul dos olhos e a textura do cabelo dele. Acho que ele não penteia o cabelo. Ele é simplesmente... perfeito.

Na segunda-feira, escrevi que meu primeiro dia na nova escola começou difícil, mas agora eu sei que meu armário fica bem em frente ao armário do Zack. Todo mundo conhece ele. As pessoas param para pedir a opinião dele sobre coisas ridículas, como os novos jogadores do Kings ou as fofocas sobre Shawn Mendes. Hoje, alguém estava contando para ele uma história sobre uma festa no lago Tahoe no verão, e o Zack ficou lá ouvindo toda aquela chatice, mesmo depois que o sinal tocou.

Quero que ele me escute desse jeito. Que me olhe desse jeito. Como se eu fosse importante. Como se o que eu tenho a dizer fosse importante.

Mas tem garotas perto dele o tempo todo. Garotas lindas. Três delas. Acho que o grupo se chama os Thrashers. Alguém falou que é porque tem um revezamento para dormir com ele, mas eu perguntei se o Zack estava transando com o outro Thrasher, que é um cara, e desbanquei a teoria desse povo em

TEMPO REAL. NÃO ACHO QUE ZACK SEJA DE TRANSAR COM MUITA GENTE. ELE NÃO É ESSE TIPO DE CARA. E ALGUMAS DAS GAROTAS NÃO PARECEM DO TIPO QUE GOSTA DE DIVIDIR.

TENTEI PERGUNTAR COMO É QUE ALGUÉM VIRA UM THRASHER. VOCÊ NÃO VIRA, FOI O QUE DISSERAM.

Capítulo 6

Zack tinha 18 anos.

Jodi só conseguia pensar nisso quando Charity Thrasher lhe deu uma xícara de café feito na prensa francesa e garantiu aos quatro que Zack não passaria a noite na cadeia.

– Se o Greg conseguir um juiz para estabelecer a fiança hoje à noite, ele vai voltar pra casa num piscar de olhos. Não se preocupem.

Ela apertou o ombro de Paige e lhe entregou uma xícara de chocolate quente com bastante chantilly em cima. Havia uma vela de aniversário apagada enfiada no meio.

De onde estava, ao lado de Paige na ilha da cozinha, Jodi olhou para Lucy na sala de estar, parada ao lado do sofá, zapeando os canais de cima a baixo, tentando encontrar as notícias sobre as quais a Sra. Montgomery tinha falado na ligação.

– Novas informações sobre o suicídio de Emily Mills. Vários de seus colegas de turma foram acusados de "cometer bullying até ela se matar". Os cinco amigos supostamente aceitaram Emily no grupo e depois a expulsaram de forma hostil…

Lucy mudou de canal.

– … chamados de "os Thrashers", esse grupo de cinco jovens está sob suspeita à medida que surgem mais relatos a respeito de eles terem cometido bullying e assédio contra Emily Mills, e um deles está enfrentando acusações judiciais de estupro de vulnerável…

A filmagem dos cinco fugindo da homenagem apareceu no canal seguinte. Jodi viu a si mesma correndo atrás de Paige e Lucy.

Ela precisava ligar para o pai.

– O Zack transou com a Emily? – perguntou uma voz branda.

Jodi virou a cabeça rapidamente na direção de Paige; a amiga a observava com os olhos marejados, esperando uma resposta.

– Você tá perguntando isso pra *mim*?! – exclamou Jodi.

– Acho que ele não contaria pra todos nós, sabe? Teria sido uma coisa bem

ruim de fazer com alguém como a Emily. – Paige fez uma pausa e ergueu os olhos para Jodi. – A menos que ele gostasse dela de verdade.

Jodi piscou, forçando a mente a pensar naquilo.

Os cinco não falavam de sexo quando estavam em grupo. Talvez tivesse a ver com a mistura de garotas e garotos, ou talvez porque três pessoas no grupo tinham uma queda por Zack. Ou, quem sabe, o que Jodi temia: todo mundo achava que ela era careta, então falavam do assunto sem ela. Talvez pensassem que ela os julgaria. Quando Zack perdeu a virgindade com Lucy no meio do segundo ano, Jodi não aceitou bem. Ela sabia que Paige também tinha ficado chateada e com ciúmes, mas tinha escondido melhor. Jodi não sabia como se sentar com Zack e Lucy no almoço e fingir que nada tinha acontecido, então não fez isso. Não viu nenhum deles por uma semana. Estava em pânico, magoada porque o garoto por quem estava apaixonada tinha transado com outra pessoa, e com medo de que o grupo mudasse por causa disso. Alguns meses depois, Lucy disse que "tinha superado" e "seguido em frente", mas Jodi percebia o jeito como ela ainda olhava para ele. Ela deu um tiro no pé ao levar o assunto tão na boa. Zack também seguiu em frente.

Jodi era a única virgem entre eles, e Julian não a deixava se esquecer disso.

– Se tem alguém que sabe, é o Julian – disse ela a Paige, lançando um olhar para onde ele estava sentado no escuro lá fora, na borda da piscina com os pés dentro da água. – O Zack não me conta esse tipo de coisa.

– Não acho que ele tenha feito uma coisa dessas – Paige se apressou em dizer –, mas eu queria saber se ele te contou alguma coisa… ou se você viu alguma coisa.

– Eu não consigo imaginar o Zack transando com ela. – Ela afastou as mãos da xícara de café. – Hum, não que ela não fosse bonita…

– É. Total. Pode crer.

Jodi fez que sim com a cabeça, depois pegou o café novamente. Ela pensou no quanto Zack ficava feliz quando recebia respeito e atenção e em como Emily entregava essas coisas a ele em doses bem altas.

Ela balançou a cabeça e se levantou da cadeira.

– Tenho que ligar pro meu pai.

Saindo da cozinha, Jodi virou em direção ao banheiro de hóspedes. O pai era o segundo contato na sua lista de favoritos, depois de Zack.

Ele devia estar passando a noite em Nevada, em um bate e volta rápido. Ela ouviu a ligação chamar.

– Alô?

– Pai. Você pode falar?

– Você tá bem?

– Tô – respondeu ela depressa, sentindo que estava o oposto de bem. – Eu tô segura, mas aconteceu um problema aqui.

– Estou a duas horas de Spring Valley, mas posso dar meia-volta… – sugeriu ele, a voz ficando tensa de preocupação.

– Não, não faz isso. Não é uma emergência tão grande assim. – Ela respirou fundo e ficou de costas para o espelho em cima da pia. – Você se lembra da garota da escola que morreu?

– A sua amiga Emily?

Ela piscou ao olhar para as toalhas de mão bordadas com a inicial ..

– É. Então, tá rolando uma investigação sobre por que ela se matou. E a polícia acha que a gente fez bullying com ela.

Ele ficou em silêncio por um instante.

– Bullying? Mas vocês eram os únicos amigos dela.

Jodi fechou os olhos com força.

– Pois é – respondeu ela baixinho. – Mas estão achando que foi isso. E… a polícia também acha que o Zack fez sexo com ela. E, como ele tem 18 anos, estão falando que foi estupro de vulnerável.

– Onde você tá?

Pelo som, parecia que ele tinha desligado o motor.

– Não se preocupa. Eu tô na casa dos Thrashers com os outros. A polícia… eles prenderam o Zack, então o Greg tá tentando conseguir a fiança.

– Meu Deus do céu…

– Pois é. Mas eu tô bem. Eu só queria que você soubesse de tudo por mim. A gente tá aparecendo no noticiário.

– A Rosa ligou, mas eu não atendi.

De alguma forma, a irmã da mãe dela era sempre a primeira a saber.

– Tá, eu vou mandar uma mensagem pra ela.

– Tenta ficar com alguém hoje à noite, tá? Eu vou voltar logo pra casa, mas não devo chegar antes de amanhecer.

– Tudo bem. Toma cuidado na estrada.

Assim que desligou, Jodi mandou uma mensagem para tia Rosa e avisou que estava segura e não tinha se metido em confusão. Ela saiu do banheiro e voltou para a cozinha ao mesmo tempo que Julian voltava do quintal. Ele estava olhando para o celular.

– Tá, parece que não tem muita coisa que eles possam ter contra a gente,

apesar dessa cobertura toda. Se eles partirem pra acusação de crime de assédio, vai ser difícil colar.

Lucy se levantou do sofá e foi até Julian na ilha da cozinha. Paige tomou um gole do chocolate quente, com o olhar distante.

– Como assim? – perguntou Jodi. – O que poderia deixar isso "fácil"?

– Bem, se a gente tivesse feito algo físico contra a Emily, como estão acusando o Zack. – Ele olhou para Lucy. – Provavelmente iam precisar de testemunhas oculares.

Paige balançou a cabeça.

– Mas a gente não fez. A gente não fez *nada*. – Ela olhou para Julian e depois para Lucy, esperando que concordassem.

Faróis de carros iluminaram as paredes da sala de jantar, e todos os quatro olharam. Jodi prendeu a respiração. Será que era a polícia? Será que estavam ali para levar todos eles?

Uma chave girou na fechadura.

– Ei, pessoal – disse Greg Thrasher da porta da frente, com a voz cansada e rouca.

Jodi foi às pressas até o hall de entrada, com Paige e Lucy logo atrás. Zack estava fechando a porta da frente, com os olhos avermelhados e a bela camisa preta para fora da calça, amarrotada. Greg colocou a mão no ombro do filho.

– Vamos conversar – anunciou ele para todos.

Ele gesticulou para que todos seguissem para o enorme salão onde Jodi tinha se juntado aos Thrashers para jantar em vários feriados de Ação de Graças. Greg abraçou a esposa antes de segui-los, se sentando ao lado de Zack. Jodi e Lucy ficaram de frente para os dois, e Charity e Paige se sentaram às cabeceiras da mesa. Julian se encostou na parede, de braços cruzados.

– Eu fiz contato com a Cheryl – disse Greg, dando um aceno de cabeça para Paige –, mas vocês todos já ligaram pros seus pais?

Jodi e Lucy assentiram. Greg olhou para Julian. Ele suspirou e massageou a nuca.

– Eles estão em Paris.

– Posso ligar pra Nina – sugeriu Charity, após um instante de hesitação de Julian. – Eles vão acordar daqui a algumas horas.

Parecia que Julian estava prestes a recusar, mas ele apenas assentiu, tenso, encarando o chão.

Se tivesse um prêmio para "Pai Menos Presente", o de Jodi ganharia o primeiro lugar e o de Julian ficaria em segundo, mas, no caso de Ray Hollister,

tinha mais a ver com indiferença, pensou Jodi.

Greg olhou para o grupo todo.

– A promotoria acha que tem provas suficientes para acusar o Zack por crime de assédio e estupro de vulnerável – disse ele, com a voz de advogado.

Lucy se remexeu ao lado de Jodi, levando as mãos para o colo e depois colocando-as de novo em cima da mesa.

– Que provas? – perguntou Charity, com a voz fina.

– O Zack me disse que não tem a menor ideia do que a polícia tem contra ele – declarou Greg. – Ele não teve relações sexuais com a Emily. Não a assediou física nem verbalmente.

Jodi desviou o olhar para Zack. Ele estava encarando o caminho de mesa. Seu lábio inferior tremia, e ele o mordeu.

Antes que Greg pudesse continuar, Jodi o interrompeu:

– Tem um diário.

Seis pares de olhos se voltaram para ela. Jodi lançou um olhar para Zack antes de continuar:

– Eu encontrei a Maureen Mills no supermercado, e ela mencionou umas coisas que eu não lembrava… coisas que ela descobriu lendo um diário.

– Então é a palavra do Zack contra a de um diário? Sério? – Lucy se recostou, passando a mão pelo cabelo.

– O que havia no diário que ela mencionou? – perguntou Greg.

Jodi se sentou mais à frente.

– Tudo que ela me contou foi que a Emily tentou se matar em abril e que eu a convenci a não fazer isso.

– E você fez isso? – Os olhos de Greg se fixaram nela.

Jodi teve a sensação de estar sendo avaliada sob a lente de um microscópio, como se estivesse de volta à delegacia com a detetive Harding.

– Com certeza não.

Greg batucou os dedos na mesa.

– Por que não contou isso pra gente? – perguntou Paige, baixinho.

Jodi se virou para ela.

– Eu não… quer dizer, não é verdade, então eu pensei que não…

Ela olhou para Zack em busca de ajuda, mas ele estava encarando as próprias mãos em cima da mesa.

– Eles podem prestar queixa com base num diário? – indagou Julian.

– Não. Não se pode interrogar um diário. Eles precisariam ter mais provas. Então a polícia acha que eles têm. – Greg pigarreou. – A polícia talvez acredite

que tenha provas contra todos vocês.

Um silêncio gelado caiu sobre a mesa. A mente de Jodi funcionava depressa. Isso significava que Harding já estava com o diário antes que a polícia os levasse para serem interrogados, mas eles não tinham prendido Zack naquela noite, ou seja, eles tinham conseguido mais provas desde então.

A voz de Paige rompeu o silêncio tenso.

– Como vamos saber se a polícia tem provas? Vão prender a gente?

– Não necessariamente. Acho que a prisão do Zack hoje à noite foi para dar um espetáculo. Eles queriam que fosse anunciada antes da homenagem. Queriam filmar todos vocês e conseguiram.

Jodi se lembrou de ver a detetive Harding examinando a multidão naquela noite. As equipes de imprensa cobrindo uma homenagem a uma garota morta havia mais de três meses. Havia algo no sorrisinho de Harding quando Greg foi buscar Zack naquela noite na delegacia. O caso era algo pessoal para ela. Uma espécie de jogo.

– Não há nada na ficha pública de vocês quatro agora – prosseguiu Greg –, mas, se algo aparecer, vocês podem receber uma notificação para comparecer a uma audiência. – Ele mexeu os ombros e baixou a voz. – Existe *alguma coisa* em que consigam pensar que a promotoria possa estar usando contra vocês? Relatos de testemunhas oculares, mensagens de texto, e-mails… Eu sei que vocês não usam *e-mail*, mas…

Jodi tentou pensar. Eles nunca tinham sido cruéis com Emily. Eles a queriam por perto? Não. Deixaram isso claro? Talvez? Lucy tinha o hábito de revirar os olhos sempre que Emily se juntava a eles no almoço sem ser convidada, e Julian tinha começado a se afastar sempre que ela vinha com uns assuntos irrelevantes. Mas Zack nunca tinha feito isso. Ele assentia, conversava e a encorajava a continuar falando.

Era algo sobre o qual Paige o tinha avisado com frequência. *Não enche a bola dela. Não faz ela achar que sempre vai ter você por perto.*

Jodi olhou ao redor da mesa. Paige estava balançando o joelho e mordendo a bochecha. Os cotovelos de Zack estavam em cima da mesa, a cabeça apoiada na palma das mãos. Lucy olhava diretamente para Greg.

– A gente não gostava dela – disse Julian por fim. – A gente comentava isso. Talvez alguém tenha ouvido, visto uma mensagem ou *entendido uma droga de pista,* já que a gente tava dando deixas por toda parte, e *mesmo assim* aquela garota não se tocava.

– Alguém fez algo físico com ela de *alguma* forma? – indagou Greg. – Jogou

coisas nela, a fez tropeçar, roubou os livros…

– A gente não tá nos anos 1980, pai – respondeu Zack, e foram as primeiras palavras que ele disse a noite toda. – Ninguém mais tira os livros das mãos das pessoas.

– E na internet? – insistiu Greg. – Vocês têm salas de bate-papo ou… Sei lá, *fóruns* onde teriam usado um discurso violento contra ela ou a respeito dela?

Levando em conta o Discord, o TikTok, o Snapchat, o Instagram e até o X, havia muitos lugares onde isso poderia ter acontecido, mas Jodi não conseguia pensar em nada.

– Como é que a gente pode descobrir o que eles têm contra a gente? – perguntou Lucy.

– Não tem como. A menos que a polícia queira que vocês saibam. – Greg respirou fundo. – Muito bem, a minha sugestão é a seguinte. E digo isso como advogado e como pai do Zack. Envolvam os pais de vocês. Vão atrás de um advogado. Se forem chamados para uma audiência de acusação, vocês vão precisar de um advogado a postos.

Jodi viu cifrões. Ela massageou a palma da mão.

– Meu outro conselho… e sei que vocês não vão gostar. É hora de desfazer a panelinha. O Zack me contou o que a diretora Robbins falou esta noite. Expulsão. Reprimir o bullying. – Greg pigarreou. – Estou ciente de que todos vocês têm muito poder naquela escola, mas não é hora de se exibir. Os noticiários já estão chamando vocês de os Thrashers. Isso vai se espalhar bem rápido por toda Sacramento. A última coisa que vocês querem fazer é voltar para a escola na segunda-feira como um grupo.

– Como assim? – perguntou Paige, as sobrancelhas franzidas de preocupação.

– Quer dizer que é hora de fazer novos amigos. Claro, todos vocês podem sair, mas não como um grupo. Fiquem separados durante as aulas. Convidem mais pessoas para ficarem com vocês quando forem fazer coisas. – Ele encarou bem cada um antes de dizer: – Mas não continuem a ser os Thrashers enquanto o escritório da promotoria estiver investigando vocês como valentões e criminosos.

– Pai. É o nosso último ano. – Zack ergueu a cabeça das mãos e olhou para ele.

– Não, ele tem razão – opinou Julian, com a expressão indecifrável. – A gente precisa se separar. Não mais do que dois de nós vistos saindo ao mesmo tempo.

Jodi sentiu nuvens escuras assomando no horizonte. No caso dos cinco, separação significava Paige e Lucy de um lado e Zack e Julian do outro, e Jodi sobrando. Se formassem "duplas", Jodi não sabia se seria escolhida.

– Isso entra na ficha dele? A prisão? – perguntou Julian.

A atenção de Jodi se voltou rapidamente para Greg quando ele assentiu.

– Isso vai afetar a faculdade? – perguntou ela.

– Vai, sim, se sair do controle. Vai afetar todos vocês.

Lucy estalou o pescoço, e Paige enxugou uma lágrima da bochecha com o máximo de discrição.

– Tá bom. – disse Zack, fungando. – Não importa.

O peito de Jodi doía por ele. Dava a impressão de que ele só queria ir para a cama.

– Vou ligar amanhã e mudar os meus horários – falou Lucy. – Tenho umas aulas com a Reagan que eu já queria largar mesmo.

– Não vamos mais nos encontrar debaixo das arquibancadas nas quintas – declarou Julian. – E a gente devia cancelar a viagem pro lago Tahoe no feriado do Dia do Trabalho.

– Por quê? – perguntou Paige. – Será que a gente não pode só… se divertir sem ficar tirando foto? – Ela parecia tão assustada quanto Jodi. – Por que nós cinco não podemos só… ser discretos?

Jodi observou o queixo da amiga tremer e ficou pensando em como Paige Montgomery, que tinha amigos em todas as turmas, cinco projetos extracurriculares por semestre, uma equipe de dança em outra cidade que ela via nos fins de semana… Como Paige poderia ter tanto medo de ficar sozinha? Então, Jodi se lembrou de que os olhos dela buscavam ajuda, desesperados, na rua em frente ao Burr's, que ela contou que não conseguia respirar, que sentia que estava sendo observada. Talvez não fosse da solidão que ela tivesse medo. Talvez fosse de ficar *sozinha*.

Lucy se levantou.

– Não, tá certo. A gente tem que fazer mudanças. – A voz dela era firme, e Paige assentiu, parecendo concordar. – Tenho que ir pra casa falar com o meu pai. O meu tio é advogado de defesa.

Julian e Paige a seguiram até a cozinha para pegar as coisas dela.

– Jodi, você precisa de carona? – perguntou Greg.

Ela pensou na casa vazia e nas inúmeras notificações no celular sobre a homenagem daquela noite.

– Ela pode ficar, né? – perguntou Zack, com os olhos vermelhos. – A gente pode levar ela pra casa de manhã?

Greg concordou e saiu da sala de jantar para arrumar um quarto de hóspedes para ela. Jodi sorriu de leve para ele do outro lado da mesa e depois foi para a

cozinha.

Zack se despediu de todos os outros na porta, e Jodi levou pratos e copos para o lava-louças, engolindo o nó na garganta. Ela ouviu passos atrás de si e se virou. Zack estava encostado na ilha da cozinha. Jodi enxugou as mãos e o encarou.

A boca dele estava aberta, como se tivesse algo para dizer se a garganta resolvesse se mexer. Ele soltou um suspiro pesado.

– Desculpa – disse ele, fungando. Ele levou as palmas das mãos aos olhos e deu um tapa no rosto para acordar. – Desculpa pela situação. Eu devia ter ouvido quando vocês disseram pra eu não ser legal com ela.

Jodi estava com a respiração presa no peito, mas perguntou mesmo assim:

– Você dormiu com a Emily?

Ele balançou a cabeça, franzindo os olhos de dor.

– Não – respondeu Zack, com a voz embargada.

Em seguida, ele se aproximou e escondeu o rosto no pescoço de Jodi. A respiração de Zack estava quente na pele dela e ele a abraçava bem forte, apertando as costelas.

Ela o abraçou enquanto ele chorava, torcendo para que aquele momento valesse por todas as coisas que com certeza ia perder quando a vida dela se despedaçasse.

Capítulo 7

Às sete da manhã, Hank Dillon apareceu com o Corolla no acesso de veículos da casa dos Thrashers. Jodi se levantou de onde estava sentada, perto da janela, e enviou uma mensagem de texto para se despedir de Zack e avisar para ele ligar se precisasse de alguma coisa. Ela se sentou no banco do passageiro, afivelou o cinto e deixou o pai arrancar cada resposta dela.

Naquela manhã, o pai ligou para um amigo do ensino médio que era advogado, mas não criminal. Ele acalmou os dois em relação ao que poderiam esperar nos dias seguintes.

– Só a imprensa, se muito – assegurou ele no viva-voz. – Se a polícia aparecer na porta de vocês, chamem um advogado na mesma hora, mas, se eles não tinham nada contra a Jodi ontem à noite, é porque não têm nada mesmo. Ela é menor de idade. A polícia não vai querer complicar as coisas.

Jodi preparou ovos para os dois enquanto Hank fazia anotações.

Ela não teve notícia dos outros durante o dia todo. Paige enviou uma foto do gato dela para o grupo do Snapchat à tarde, mas Zack não respondeu. Provavelmente ainda estava de castigo porque bombou em química e, por isso mesmo, Greg devia estar de olho nele.

No domingo à noite, ela pegou no armário as roupas que ia usar na segunda. Uma jaqueta jeans que Lucy tinha comprado para ela, tênis Skechers de Zack, um colar de Paige. Era como se os amigos estivessem com ela nas pequenas coisas.

Hank preparou tacos para o jantar, e era quase bom ver o quanto ele estava abalado com aquilo tudo; ele tinha parado de beber até apagar, tomando uma latinha de Bud e nada mais.

Na hora de dormir, Jodi olhou para sua falta de notificações antes de perguntar a Lucy no grupo do Snapchat se ela tinha mudado os horários.

ei, eu ainda tenho aula de inglês com o julian, mas mudei todo o resto
cancelei o teatro com você, jo. Foi mal

Jodi ficou encarando o celular. Ela nem *queria* fazer aula de teatro. Era Paige quem queria. Então Paige teve que ir fazer aula de simulação da ONU, e sobraram só Jodi e Lucy. Agora, só tinha sobrado Jodi.

Ela teria que desistir do curso no dia seguinte. De jeito nenhum ia ser deixada para trás e acabar fazendo o papel de uma árvore.



Assim que Jodi pôs os pés no ônibus, na segunda de manhã, resolveu que iria de bicicleta no resto do ano.

Havia fileiras e fileiras de colegas olhando para ela, alguns erguendo as sobrancelhas, avaliando-a com frieza. Jodi se deu conta de que a maioria tinha visto o rosto dela no noticiário três noites antes.

Ela foi até o fundo, passando por assentos ocupados e finalmente chegando a um assento vazio no corredor ao lado de um garoto com piercing no lábio e fones de ouvido enormes.

Já tinha passado pela situação de ter gente a encarando, principalmente por causa de inveja ou (pelo menos Jodi achava que fosse) confusão. *Como foi que* ela *conseguiu entrar para a panelinha dos Thrashers?*

Mas aquilo ali parecia diferente.

O ônibus parou na escola fazendo barulho, e ela desceu no meio da muvuca em direção à manhã quente. Passou pela multidão até chegar ao armário que era seu havia três anos. O armário de Paige ficava bem ao lado do dela desde o segundo ano, mas, quando Jodi inseriu a combinação e o destrancou, um papelzinho cor-de-rosa caiu.

Troquei de armário ☹ te vejo na aula de inglês

Jodi ficou encarando o bilhete. As letras precisas e floreadas de Paige pareciam fora de lugar. Ela amassou o bilhete e o enfiou no bolso.

Tudo parecia fora de lugar. Era como uma versão de pesadelo do último ano na escola. Ela nunca tivera a intenção de ser "popular". Não era seu objetivo, como era para os adolescentes nos filmes. Talvez fosse mais correto dizer que ela pretendia *continuar* popular, mas, na verdade, só pretendia mesmo ficar com Zack, ser necessária ou querida. Ela só viu o problema nisso tudo quando entrou na aula da Señora Barnett.

Jodi não tinha precisado fazer novos amigos. Nunca. Claro, ela conhecera

Lucy e Paige no primeiro ano e tinha precisado fazer amizade com elas, mas o motivo principal era Zack.

A última pessoa com quem Jodi fizera amizade tinha se suicidado na noite do baile.

Quando se sentou perto da janela, percebeu que conhecia todas as pessoas na sala, mas não sabia se de fato *conhecia* alguém. Se Zack estivesse ali, ele poderia sussurrar para ela informações que tinha guardado ao longo dos anos, como talvez por que Michaela e Tom V. pareciam ter terminado, ou perguntar a Naomi quando ela tinha tirado o aparelho. Mas, se Jodi perguntasse a Naomi sobre o aparelho, ela provavelmente diria que tinha tirado fazia dois anos, *valeu por notar*.

Quando Jodi entrou na sala de inglês, Paige já estava sentada na frente, batendo papo com as pessoas nas carteiras ao redor. Ela deu a Jodi um sorriso caloroso, mas não interrompeu a conversa.

Depois da aula, Paige estava esperando por ela do lado de fora, e Jodi quase pulou de surpresa.

– Oi, gata! O primeiro dia tá de boas? – Paige lhe ofereceu um chiclete. Jodi fez que não com a cabeça. – Vou encontrar um lugarzinho legal e afastado pra almoçar com o Zack. Ele teve um dia muito difícil até agora. Muitos olhares e cochichos, você sabe. Por isso, vou lá ficar com ele, mas amanhã a gente pode se sentar debaixo da árvore lá fora, se você quiser!

Paige foi embora antes que Jodi pudesse responder, levada pela multidão que ia em direção ao refeitório.

Tirando uma barrinha de cereal da mochila, Jodi seguiu no contrafluxo até a secretaria para mudar o horário das aulas.

A Srta. Tamblen, a recepcionista, estava ao telefone, então Jodi deu uma mordida na barrinha enquanto esperava. Seus olhos percorreram as caixas de entrada, os pacotes de boas-vindas aos calouros e o quadro de cortiça que dizia alegremente: *Bom retorno às aulas!*

– Jodi, o que foi?

Ela desviou o olhar para a Srta. Tamblen e viu que ela estava desligando, sorrindo para ela.

– Oi, eu queria sair da minha turma do quinto período. É uma disciplina optativa, e eu só queria ver o que mais eu poderia fazer.

– Tuuuuudo bem – disse a Srta. Tamblen, digitando o nome de Jodi no sistema e empurrando os óculos de perto para cima no nariz.

Oliver Burns saiu da sala ao lado, carregando uma pilha de pacotes recém-

grampeados que colocou junto aos outros materiais dos calouros. O cabelo dele estava amarelo.

– Ah, teatro? Tem certeza? A New Helvetia é excelente nessa área – disse a Srta. Tamblen, enrolando.

Oliver bufou, e ela o silenciou com um estalar de dedos.

– Deixa só eu falar aqui com a Sra. Yaris. – A Srta. Tamblen ficou de pé e foi para os fundos da secretaria.

Jodi observou Oliver encher os fichários com um floreio, enfiar panfletos nas repartições da frente e furar as folhas com graça.

– Você vai ficar de assistente da secretaria nesse semestre? – perguntou ela.

Ele apenas fez que sim com a cabeça para o fichário em que estava trabalhando.

Ela se remexeu no lugar e pegou um panfleto da Reunião de Volta às Aulas. Não que o pai dela fosse comparecer…

– Por que você se inscreveu na aula, pra começo de conversa?

Ele continuava olhando para os fichários, apertando e soltando os anéis. Ela nem tinha certeza de que ele estava falando com ela.

– A Paige e a Lucy queriam fazer. E agora as duas tiveram que largar o curso.

Oliver não fez menção de ter ouvido. Jodi estava prestes a se desculpar por responder a uma pergunta que nem tinha sido feita para ela quando ele comentou:

– Não é tão ruim assim.

Ela piscou para ele, surpresa.

– Quê?

– O teatro. O programa é tão pequeno que a equipe dos bastidores tem que se inscrever pro mesmo período. A Sra. Calloway pergunta no primeiro dia se você quer atuar no palco ou ficar nos bastidores, e quem é dos bastidores só precisa ter uma fala e montar as coisas.

– Então eu não teria que fazer o papel de um garoto? – perguntou ela, com um sorrisinho.

– Talvez. Mas você também pode trabalhar na oficina o semestre todo.

Ele tirou o celular do bolso e, a princípio, ela pensou que ele tinha perdido o interesse nela enquanto rolava as fotos. Mas, em seguida, ele estendeu o aparelho para ela e ergueu os olhos pela primeira vez.

– Você viu *O milagre de Anne Sullivan* no ano passado?

Ela fez que não com a cabeça.

– Esse era o cenário.

Ela pegou o celular dele e olhou para a pintura de uma casa branca borrada com persianas verdes. Um galho de árvore se curvava por cima, como uma moldura.

– Você que fez isso?

Ele assentiu.

– É obra minha. Eu faço o cenário e as perucas de todas as apresentações. – Ele pegou o celular de volta e deu de ombros. – Sempre precisamos de artistas.

Oliver pegou os fichários e sumiu na sala ao lado.

Jodi ficou olhando para ele. Eles não conversavam direito desde a oitava série. Costumavam ser bons amigos, e ela não tinha certeza do que tinha mudado naquela época, mas ele tinha feito um esforço dessa vez. Ela pensou nos horários do semestre seguinte. Nunca tinha visto Oliver em nenhum dos cartazes das apresentações, nem sendo obrigado a usar meia-calça para atuar em *Romeu e Julieta*. Será que ela poderia ficar só pintando?

Em comparação com o resto de seus dias cheios de aulas solitárias e sem poder mais sair com as amigas depois da escola, aquilo parecia bem legal.

– Tá – disse ela, assim que a Srta. Tamblen voltou para a recepção. – Acho que eu vou continuar nas aulas de teatro.

– Que maravilha! – Ela deu um pulinho, batendo palmas. – Sabe, a Sra. Calloway é uma *baita* profissional. Ela atuou no West End!

Jodi assentiu e foi até a máquina de venda automática perto do refeitório para pegar um refrigerante e um pacote de batatinhas chips, pensando em almoçar no banheiro antes de ir para a aula de artes.

A Sra. Calloway era aterrorizante, com saias esvoaçantes e colares compridos de miçanga. As bijuterias faziam barulho quando ela andava, e os olhos azul-celeste se iluminaram quando ela viu Jodi.

– Jodi Dillon. Por onde você andou esse tempo todo?

Os lábios dela eram roxos e, como sempre, estavam inclinados para cima.

Jodi deu de ombros e aceitou o conteúdo programático que recebeu, mas Oliver tinha razão. Ela permitiu que o pessoal dos bastidores se afastasse e fosse encontrar Doug no laboratório de criação antes de começarem os aquecimentos vocais e os exercícios de concentração.

Doug era um homem atarracado na casa dos 50 que precisava sair para fumar um cigarro a cada quinze minutos. Ele lhes mostrou o palco e alguns cuidados

básicos de segurança e depois os dividiu em assistentes de palco, figurinistas e cenógrafos. Não perguntou o nome de ninguém.

Jodi tentou não ficar no pé de Oliver o tempo todo. Só porque ele tinha falado com ela uma vez não significava que tinham voltado a ser amigos. Mas, quando Doug os mandou para suas estações de trabalho, Oliver assumiu o comando da equipe de cenografia e disse a todos que Jodi trabalharia no cenário com ele.

Depois da aula de teatro, Jodi seguiu pelo corredor em direção à aula de artes avançada sem ficar surpresa ao ver Oliver alguns passos à frente, caminhando com uma garota asiática de bota Doc Martens, macacão curto e cabelo com mechas roxas.

– Eu falei pra ela que preferia ir pros bastidores se fosse só pra ficar no coro grego de novo. Ela que se dane, se acha que vou perder mais um ano cantando "Não, Antígona, não!".

A garota jogou o cabelo roxo e preto por cima do ombro e entrou na sala de aula quando Oliver abriu a porta para ela. Jodi entrou quando ele gesticulou para que ela entrasse em seguida.

– Essa é a Nikita – explicou ele, como se fosse toda a apresentação necessária. Como se *NIKITA* fosse estar escrito em um letreiro um dia.

No final do dia, enquanto ia para o ponto de ônibus, Jodi percebeu que tinha tido aula de inglês com Paige e de anatomia com Julian (ele nem olhou para ela), e era isso. Não estava em nenhuma aula com Zack nem com Lucy. Se não podiam almoçar juntos… quando Jodi veria todos eles?

Uma equipe de repórteres estava montada perto do muro de tijolos, na saída do portão principal. Reagan estava ao lado de um repórter, prestes a ser entrevistada. Jodi parou. Olhou furiosa para Reagan, imaginando o que ela poderia dizer sobre a garota que nem conhecia.

– A Emily era tão *preciosa*. Eu tô simplesmente *arrasada* que ela se foi.

– Tem se falado muito de bullying nesta escola – questionou o repórter. – Você viu Emily sofrer bullying?

– Com certeza. Eles se chamam "os Thrashers". – Os olhos de Reagan se voltaram para Jodi com um sorriso satisfeito.

Jodi deu meia-volta e resolveu ir pelo estacionamento. Jodi sabia que Reagan odiava Lucy, mas não diria que a garota odiava todos os cinco. Ela era distante, mas não cruel.

Quando Jodi chegou ao ponto de ônibus, ele já estava lá. Ela se largou no primeiro assento disponível, colocou os AirPods e percorreu as músicas. Os

olhos dela se ergueram, e ela perdeu o fôlego.

Emily Mills estava parada na frente do ônibus, procurando um lugar. Ela deu um passo à frente, e Jodi sentiu o coração dar um pulo. Os olhos dela estavam embaçados, como se estivesse olhando para Emily debaixo d'água.

Mas o cabelo dela… estava diferente. Os olhos estavam um pouco mais juntos. Mais nova. O espectro olhou para Jodi e seguiu pelo corredor como se estivesse em uma pista. Não era Emily. Era Hannah.

Quando ela passou, Jodi só conseguiu pensar em uma coisa enquanto olhava para a frente, engolindo a bile que subia pela garganta: Hannah Mills estava com o tênis laranja, a mochila laranja e a blusa azul favorita da irmã, mas, mesmo morta, Emily Mills era mais alegre e cheia de vida do que ela. Hannah é que era o fantasma.

Jodi ficou no ônibus até chegar ao seu ponto, depois deixou o assento, desceu os degraus aos tropeços e, assim que o ônibus sumiu de vista, vomitou na primeira moita que encontrou.

Capítulo 8

Era quinta-feira quando a professora titular da sala lhe entregou um bilhete da nova orientadora psicológica, a Sra. George.

Jodi, adoraria me encontrar com você durante seu período livre esta semana. Venha a qualquer hora.

Jodi ficou encarando as letras soltas, sentindo o pulso acelerado. Só havia uma coisa sobre a qual uma orientadora psicológica ia querer conversar.

Ela não teve pressa para ir lá. Oliver estava atrás da mesa, olhando para o nada enquanto alguém falava sem parar no ouvido dele pelo telefone da secretaria. Jodi bateu no balcão para chamar a atenção dele e apontou para o corredor onde ficavam os escritórios de orientação.

Os lábios de Oliver se contraíram quando ela começou a seguir pelo corredor.

– Então, o senhor quer uma entrevista com um dos supostos Thrashers, é isso?

Jodi parou, se virando para encará-lo.

– Ah, se *eu* conheço eles? Claro, conheço, sim. – Oliver sorriu, e ela fez cara feia para ele. – Eles são *muito* populares. Infelizmente, temos novas diretrizes a respeito da imprensa por causa de eventos recentes. Tenho certeza de que o senhor compreende.

Ele a espantou como uma mosca enquanto ouvia o repórter argumentar. Jodi seguiu pelo corredor, olhando para as placas de identificação até encontrar *Roseanne George*. A porta estava fechada, e vozes vinham lá de dentro. Jodi se sentou em uma cadeira perto da parede e ficou distraída no celular até a maçaneta girar.

– … com certeza vai dar tudo certo. Fico feliz que você tenha dado uma passada aqui.

Jodi ergueu o olhar e ficou paralisada quando se deparou com os olhos azuis de Hannah Mills. Hannah pareceu surpresa de vê-la, mas logo se recompôs.

– Oi – disse ela, e Jodi foi envolvida em um abraço frouxo.

Ela nem respirou, temendo que qualquer movimento pudesse quebrar os braços frágeis de Hannah. Com a mesma rapidez, Hannah disparou pelo corredor, de cabeça baixa. Jodi ficou olhando para ela, sem palavras. Ela *nunca* tinha abraçado Hannah Mills na vida.

– Oi, você está me esperando?

Jodi deu um pulo e se virou para a mulher que só podia ser a Sra. George. Ela estava na casa dos trinta anos, com cabelos castanhos cacheados e óculos grandes de armadura grossa.

Jodi enfim conseguiu falar.

– Tô, sim. Sou a Jodi Dillon.

– Ah, Jodi! – O sorriso satisfeito da Sra. George se iluminou quando ela lançou um olhar para o corredor, onde a porta da frente se fechava depois que a garota com tênis laranja acabou de passar. – A Hannah estava falando de você agora mesmo.

– Como é? – perguntou Jodi, com o coração batendo forte.

– Ela falou que você é a única amiga dela na escola até agora. – A Sra. George deu uma piscadela. – É muito gentil da sua parte ficar de olho nela.

Jodi simplesmente assentiu e esperou que a Sra. George desse um passo para o lado para ela entrar.

– Fico tão feliz que tenha decidido dar uma passada aqui – disse ela.

– Eu não sabia que era opcional.

Jodi arregalou os olhos quando viu o estado da sala da orientadora. Caixas nos cantos, armários lotados, com papelada saindo pelo ladrão.

– Ah, bem, eu mandei um bilhete para cada um de vocês, mas você foi a única que apareceu até agora.

– Cada um de quem?

– Seus amigos. Os Thra… é, suponho que vocês não gostem de ser chamados desse jeito. É interessante vocês serem chamados pelo nome de uma pessoa.

– Não foi a gente que escolheu, na verdade. O resto da escola que decidiu.

– Que interessante! – Os olhos castanhos dela se iluminaram como se fosse, de fato, interessante. – E há quanto tempo estão chamando o grupo de vocês por esse nome?

Ela juntou algumas páginas soltas na mesa, enfiou-as em uma pasta aberta e a fechou. Jodi viu as palavras *Hannah Mills – Turma de 2028* na lateral.

– Tem algum motivo pra senhora ter me chamado aqui? – perguntou Jodi, tentando mudar de assunto.

O estômago dela revirou enquanto ela pensava no motivo para Hannah ter falado dela.

– Eu só queria ver se está tudo bem. É muita coisa para lidar: a imprensa, a prisão do seu amigo. Me conta: como está essa situação?

Jodi sentiu os olhos da Sra. George a examinando, como se conseguisse ver dentro dela. Durante todo o tempo na Escola New Helvetia, jamais um orientador tinha perguntado como ela estava, e Jodi ficou tentando entender qual era a dela.

– Tem sido difícil – disse Jodi, com cuidado. – Todo mundo meio que ficou contra a gente.

A Sra. George começou o que claramente achava ser um discurso reconfortante. Os olhos de Jodi ficaram vidrados e foram parar bem atrás dela. No chão, a um canto, havia uma caixa fechada com fita adesiva. Estava escrito *Emily Mills* na lateral.

– O que é aquilo ali?

A Sra. George parou no meio da frase e virou a cabeça.

– Os arquivos da Emily. Os investigadores vão vir hoje para buscar.

Um calafrio percorreu as costas de Jodi.

– E a senhora vai dar a *minha* ficha pra polícia também, imagino? – retrucou Jodi, com a voz ríspida.

A Sra. George uniu as sobrancelhas, alarmada.

– Calma, calma. De jeito nenhum. Jodi, qualquer coisa que você disser nesta sala é confidencial, a não ser que você tenha a intenção de se machucar ou de fazer mal a outras pessoas.

A respiração de Jodi acelerou.

– Então é coincidência a senhora chamar os acusados pelo assassinato da Emily Mills na sua sala pra bater papo no mesmo dia em que a polícia vai dar uma passada aqui?

A Sra. George se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos na mesa e baixando a voz.

– Jodi, a menos que eu não esteja sabendo de alguma coisa, ninguém está acusando *ninguém* de assassinato. Eu não sabia que você estava envolvida de alguma forma. Eu achava que só o seu amigo Zack tinha sido acusado.

Jodi olhou para ela, aturdida, desejando que o coração se acalmasse.

– Você tem a sensação de que está sendo acusada de assassinato? – perguntou

a Sra. George, inclinando a cabeça. – Alguém na escola está fazendo você se sentir assim?

Jodi pressionou o polegar na palma da mão. Talvez estivesse exagerando. Mas talvez a Sra. George não soubesse de porcaria nenhuma sobre a escola e Emily Mills. Os olhos dela foram parar outra vez na caixa no canto, a caixa que poderia conter provas concretas contra Zack. Contra todos eles.

Ela precisava ler aquele arquivo antes de sair da sala.

Reunindo tudo que Paige tinha lhe ensinado sobre como evitar multas por excesso de velocidade, Jodi forçou o rosto a se contorcer e ergueu a mão para cobrir os olhos.

– Ah, Jodi…

Ela ouviu a Sra. George se mexer pela sala para procurar uma caixa de lenços de papel. Quando ela ficou de costas, Jodi tirou o celular do bolso e, com dedos ágeis, abriu uma conversa com um contato que não usava havia anos.

consegue tirar a george da sala dela? preciso de 5 min

Ela apertou enviar e, pouco antes de a Sra. George se virar, acrescentou: é a jodi

– Aqui, meu bem.

Um lenço de papel apareceu debaixo de seu queixo, e Jodi enfiou o celular entre a coxa e o assento.

– É uma droga – disse ela, olhando para as mãos. – Os jornais dizem que a gente fez bullying até ela morrer, e a escola também acredita nisso.

– Ouvi dizer que você era amiga da Emily. Teve bullying envolvido?

Jodi ergueu os olhos. A Sra. George inclinou a cabeça com simpatia.

– Nós não fizemos bullying com ela – afirmou Jodi, sincera. – A gente não gostava *muito* de ter ela por perto o tempo todo, mas não chegamos ao ponto de dizer pra ela se matar.

A Sra. George assentiu, encorajando-a a continuar. Jodi ficou surpresa ao se sentir… quase melhor ao dizer tudo aquilo em voz alta. Como um balão muito perto de estourar, ela enfim soltou o ar com um assovio. Imaginou como seria fácil simplesmente abrir a boca e despejar tudo: todas as frustrações porque os amigos não a priorizavam, todos os arrependimentos que tinha em relação a Emily, todo o amor que sentia por Zack. Mas, em vez disso, fungou no lenço e se concentrou outra vez em sua tarefa.

Jodi não sentiu o celular vibrar, então ela mesma precisava fazer algo a respeito daquela caixa. Poderia voltar mais tarde, quem sabe faltar à aula do

próximo período. Poderia mandar uma mensagem para Julian a respeito da caixa. Ele com certeza invadiria a sala se soubesse do arquivo…

Houve uma batida na porta e ela se abriu. Jodi se virou.

– Sra. George? – Oliver Burns enfiou a cabeça na sala. – Desculpa! Esqueci que a senhora tava atendendo.

O coração de Jodi disparou.

– Sim, termino daqui a pouco…

– Desculpa, é só que… a senhora tem um Kia, né? Cor bronze?

A Sra. George fez uma pausa, surpresa.

– É, tenho, sim.

– Recebi um aviso dizendo que tem uns cacos de vidro ao redor de um Kia bronze no estacionamento e eu ia dar uma olhada antes de chamar a polícia.

– Ah, meu Deus. – A Sra. George deu um pulo, derrubando uma pilha de papéis. – É… desculpa. Jodi, você pode esperar aqui? Você é muito importante – acrescentou ela sem se virar enquanto saía correndo do escritório.

Oliver ergueu uma sobrancelha antes de sair e deixar Jodi sozinha, fechando a porta.

O coração de Jodi batia forte quando ela saltou da cadeira. Os dedos puxaram a tampa da caixa, mas estava presa com fita adesiva. Depois de um segundo de hesitação, ela pegou uma tesoura por perto e cortou a fita em uma linha uniforme, logo abaixo da borda da tampa. Contanto que conseguisse colocar tudo de volta, ninguém suspeitaria que tinha sido aberta.

Lá dentro, viu um monte de papelada solta. Folheando relatórios de progresso e boletins de fim de semestre, Jodi encontrou anotações com o cabeçalho da orientadora psicológica anterior, a Sra. Needlemeyer.

Florence Needlemeyer, Orientadora Psicológica

19 de janeiro de 2024
Emily Mills – Segundo Ano

OBSERVAÇÕES:
A Sra. Huberman encontrou Emily chorando no intervalo entre as aulas e a trouxe para cá. Ela não quis falar por que estava chorando. Concordou em vir me ver na próxima sexta-feira para fazer o acompanhamento.

O dia 19 de janeiro não significava nada para Jodi. Mas, por outro lado,

muito daquilo não teria nenhum significado para ela. Ficou tentada a procurar as anotações da sessão que Needlemeyer tinha mencionado, mas talvez fosse mais importante procurar diretamente o nome de Zack.

Seus dedos percorriam as páginas, puxando orelhas e passando os olhos depressa pelas palavras. Ela logo descobriu que Emily fazia acompanhamento toda sexta-feira com Needlemeyer.

Emily fez novos amigos. Zackary Thrasher, Lucy Reed, etc. Estava animada ao falar deles. Ao ser questionada sobre a briga da semana passada com o pai, ela logo mudou de assunto.

Jodi resistiu ao impulso de voltar algumas páginas para saber mais da briga de Emily com o pai. Ela precisava descobrir o que a polícia logo saberia. As palavras de Maureen Mills a respeito do que tinha acontecido em abril soaram em seus ouvidos, e ela folheou até a primeira sexta-feira daquele mês.

Falou sobre os planos de Paige Montgomery para o recesso de primavera. Perguntei se ela iria com Paige para o Havaí. Emily disse que não tinha sido convidada — ainda.

Jodi ergueu as sobrancelhas. Por que diabos Emily acharia que Paige a convidaria para ir ao Havaí? Nem Jodi tinha sido convidada. Era uma viagem em família que só incluía Lucy.

Na parte inferior da página, a Sra. Needlemeyer rabiscou no canto:

Acompanhamento sobre Jodi Dillon

Os olhos dela tremeram ao ver o próprio nome. Ela pulou para a sexta-feira seguinte. Nenhuma menção a ela. O que será que Needlemeyer queria acompanhar?

Havia suor nas suas axilas. Ela sabia que não tinha muito tempo. Jodi pulou para a última sexta-feira de abril, depois do recesso de primavera.

Conversa focada nos deveres da escola. Nenhuma menção a Zack Thrasher hoje — estranho. Jodi Dillon é a melhor amiga dela. Falei para ela tentar interpretar a linguagem corporal da Jodi, procurar sinais visuais, ver se Jodi

sente o mesmo. Disse que Jodi era a única pessoa que se importava com ela no mundo inteiro. Não quis dar mais detalhes.

Sem parar para pensar em nada, Jodi pulou para a última página de anotações de maio.

Emily vai ao baile com o grupo dos Thrashers. Paige M. a convidou para a limusine, e Zack disse que vai dançar colado com ela. Jodi vai com um vestido verde-água estilo sereia. Muito empolgada. Julian H. disse que vai comprar um arranjo de flores para ela combinar com as garotas.

Disse que é "uma Thrasher agora". Perguntei se isso era uma coisa boa.

Obsessiva. Irritada quando confrontada a respeito do assunto.

As sobrancelhas de Jodi saltaram. Nada daquilo era verdade, a não ser a cor do vestido de Jodi. Isso era condenatório. Se a polícia acreditasse naquele relato, pareceria que Jodi e os amigos tinham armado para Emily. Os dedos dela tremiam e o sangue pulsava forte nos ouvidos enquanto escutava com atenção à procura de passos.

Jodi arrancou a página da caixa. Passou os olhos por ela. Será que aquele era o único lugar em que a Sra. Needlemeyer chamava Emily de obsessiva e irritada? Será que ela estaria atirando no próprio pé se a polícia não visse aquela avaliação?

Jodi não ligava. Dobrou a página quatro vezes e a enfiou no bolso de trás. A tampa da caixa deslizou facilmente por cima, e Jodi se recostou na cadeira, pegando o celular para parecer à vontade.

Uma mensagem de Oliver dizia: voltando do estacionamento agora.

Os olhos dela se fixaram na caixa. O que mais ela poderia descobrir nos poucos segundos que tinha? A briga de Emily com o pai em fevereiro? Mais sobre o baile? O que quer que Emily tivesse dito sobre ela que precisava de "acompanhamento"? Será que haveria uma explicação de como Jodi supostamente convencera Emily a não se matar em abril?

O joelho de Jodi não parava. Abrir a caixa de novo seria demorado e complicado. De repente, ela se lembrou de Hannah naquele mesmo lugar, apenas dez minutos antes. O abraço que deu em Jodi ao sair.

A ficha de Hannah Mills ainda estava em cima da mesa. Jodi se levantou com

um salto. Ela folheou o arquivo e encontrou o histórico escolar de Hannah no ensino fundamental, um pedido para um teste de ciência da computação para calouros e uma anotação sobre Hannah não ter terminado a leitura de verão. Jodi parou de repente quando encontrou uma página xerocada.

Delegacia de Polícia de Sacramento
Boletim de Ocorrência
Data: 11 de maio de 2024
Processo nº 4512420

> Resposta à chamada de emergência na 35th Street, número 633. Autoria da chamada relatou assassinato, o local mostra suicídio. Chamada identificada como de Maureen Mills, mãe da falecida Emily Mills, 16 anos.

Por que a ficha de Hannah Mills incluía uma cópia do boletim de ocorrência? Os olhos de Jodi passaram voando pelo texto digitado até encontrar uma parte destacada em amarelo na página dois.

> Corpo descoberto pela irmã da falecida. Hannah Mills, 13 anos. Interrogada na presença do pai. Hannah tentou bater na porta do banheiro compartilhado, sem resposta de Emily. Por volta das 21h35. Abriu a porta aprox. dez minutos depois. Encontrou Emily Mills na banheira, inconsciente. Chamou os pais imediatamente.
>
> Examinei Emily Mills e a encontrei sem pulso, com o corpo quente. Tentei medidas de salvamento...

Calafrios percorreram os braços de Jodi. Ela imaginou mentalmente a cena, construindo o boletim de ocorrência a seu redor enquanto lia. Viu Emily na banheira. Os socorristas. Sentiu que estava fora do próprio corpo. Jodi balançou a cabeça, voltando ao presente.

> Informações adicionais: encontrada em vestido de festa cor-de-rosa. Vestido e corpo estavam úmidos. Não foram verificados vazamentos nas torneiras da banheira no momento da inspeção. Nenhuma explicação para a água.

Jodi ouviu passos. Fechou a pasta, colocou-a com cuidado outra vez em cima da mesa e ficou olhando para o nada com uma expressão de tédio quando a porta se abriu.

– Mil desculpas, Jodi! Acabou que era um alarme falso, graças a Deus.

A Sra. George parecia sem fôlego, e Jodi esperava que o tom de pele irlandês herdado do pai não estivesse puxando o sangue para o rosto enquanto ela

retribuía o sorriso.

– Tudo bem. É, na verdade, preciso almoçar, mas foi muito legal, Sra. George. Posso vir vê-la de novo um dia desses?

O rosto da mulher mais velha se abriu em um sorriso surpreso.

– Claro que pode! Eu adoraria passar mais tempo com você.

– Obrigada. Bem, foi um prazer te conhecer.

A Sra. George deu um passo para o lado e a deixou sair da sala. Jodi puxou a parte de trás da camiseta para baixo, torcendo para que o contorno do papel dobrado com as anotações não estivesse evidente.

Oliver lançou um olhar tranquilo para ela enquanto atendia a uma ligação. Ela se despediu dele com um aceno de cabeça e seguiu até o prédio de artes.

O coração de Jodi estava disparado. Ela estava tentando entender algumas coisas. Supôs que o fato de o departamento de orientação ter uma cópia do boletim de ocorrência fazia algum sentido, já que Hannah tinha encontrado um cadáver havia três meses.

Vestido e corpo estavam úmidos. O que aquilo queria dizer? E será que algo do que estava nas anotações da Sra. Needlemeyer era verdade? Será que Paige tinha chamado Emily só para humilhá-la? Não era a cara da Paige fazer isso.

E Julian se oferecendo para comprar um arranjo de flores para ela, sabendo que Emily não tinha sido convidada? Isso *realmente* era a cara do Julian.

Será que Zack tinha prometido dançar coladinho com Emily? Era possível, mas não para maltratar a garota.

O ar-condicionado jogou ar frio no rosto de Jodi quando ela entrou no prédio para a aula seguinte. Precisaria falar com Paige para ter certeza.

Mas uma dúvida rondava sua cabeça.

Será que tinha acabado de atrapalhar uma investigação policial?

Capítulo 9

Na sexta-feira depois da escola, Jodi foi consultar com o pai uma advogada criminal de defesa com honorários acessíveis. Miranda Perez era uma mulher magra, de olhos intensos e cachos pretos salpicados de fios grisalhos. Jodi contou tudo que sabia – tirando a página roubada das anotações de Needlemeyer, que estava escondida na gaveta mais baixa da cômoda –, e o pai concordou em pagar o sinal de 3 mil dólares.

A volta de carro para casa foi silenciosa. Jodi sabia que o dinheiro não ia aparecer do nada. Ia ser tirado de outro lugar, e esse lugar era sua poupança mirrada da faculdade.

Ela enviou um vídeo no Snapchat para Paige, que seria automaticamente excluído depois de assistido, perguntando se a amiga achava que tinha convidado Emily sem querer para a limusine. Paige enviou a resposta.

– Não, claro que não – afirmou ela, se filmando no carro, de óculos escuros e concentrada na estrada. – Pensando bem, eu devia ter dito: *Emily. Garota. Você não vai com a gente*. Mas eu me esforcei muito pra não falar da limusine quando ela tava por perto. E, quanto ao Zack dizer que ia dançar coladinho com ela? – Paige ligou o pisca-alerta e respirou fundo. – Pra ser sincera, pode ser que sim. Ele não tem jeito. Eu amo o Zack, mas ele é desligado.

Jodi concordava. Não havia nada que Zack tivesse feito na maldade. Ele não gostava de humilhar as pessoas. Com Emily e os outros colegas de turma que tinham passado pelo Tratamento Thrasher, Zack nunca tinha rido na cara deles. Ele achava a esquisitice de Emily engraçada, mas não *tirava sarro* disso. Zack estava sempre pronto para uma brincadeira, mas nunca às custas de alguém.

Ela mandou uma mensagem para ele perguntando como tinha sido a primeira semana de aula, e Zack respondeu após as oito da noite, o que significava que Greg estava mantendo o celular do filho confiscado até depois do jantar.

Estranha. Não sei quem tá sendo legal e quem só quer saber da fofoca.

Ela tentou perguntar sobre os horários de aula dele, na esperança de arranjar um tempinho para vê-lo, mas Zack não respondeu. Jodi até tentou enviar mensagens para o grupo, para saber como tinha sido a semana deles, mas recebeu poucas respostas. Parecia que era Jodi quem tinha começado cada conversa no Snapchat, no privado, cada tópico do Discord. Teve a sensação de estar sendo chata demais, grudenta. Ela se sentia… quase como Emily. Como se ninguém a quisesse por perto, mas eles a tolerassem.

Na segunda sexta-feira do semestre, com a cabeça na primeira prova de anatomia que teria mais tarde, ela se sentou debaixo do carvalho, comendo biscoitos e anotando as respostas sobre o caminho que o sangue percorre pelo corpo. Uma sombra encobriu a luz do sol.

– Oi.

Zack parecia um anjo, com um halo de luz ao redor da cabeça, enviado para salvá-la da solidão. Jodi sorriu para ele quando ele deu um chutinho no sapato dela.

– Como vão as coisas?

Ele deu de ombros e enfiou as mãos nos bolsos.

– Tá bem ruim.

– Comigo também. – Ela fechou o livro e tirou a mochila do lugar para que ele pudesse se sentar. – Como tá indo Química: Parte 4, a Missão?

Ele xingou baixinho, se inclinando para se sentar ao lado dela.

– As três primeiras semanas são sempre boas. Mas, quando a palavra "covalente" aparece, eu me perco todo, então dessa vez o Peter me fez estudar o conteúdo algumas semanas antes.

Ela deu um tranco de leve no ombro dele.

– Sabe, se o seu pai simplesmente doasse pra escola o dinheiro que gasta com professores particulares, ele poderia pagar pra você se formar.

– Eu disse isso pra ele. *Posso arranjar alguém pra prestar o vestibular no meu lugar se você for gostar tanto assim.* – Ele passou a mão pelo rosto. – Mas você sabe como é o Greg. Ele não achou nenhuma graça.

Jodi cantarolou e ofereceu um biscoito para Zack. Ele o girou nos dedos em vez de comer.

– Eu não tenho te visto – comentou Zack, arrancando os grãozinhos de sal do biscoito com as unhas.

– Acho que essa é a ideia. A gente não deveria se ver.

– Ele quis dizer nós cinco de uma vez. – Zack partiu o biscoito ao meio. – Não que a gente precisa se espalhar pela escola toda.

– É, bom, ninguém correu pra me escolher pra jogar queimada essa semana.

– Nem eu.

Jodi olhou para ele como quem diz *.ério?*.

– Sério – respondeu Zack. – A Paige almoçou comigo nos dois primeiros dias. O Julian me deu carona pra escola duas vezes nesta semana. Mas eu tive que almoçar com gente nova todos os dias, e isso é meio estranho, sabe? – Ele olhou para ela, que assentiu. – Como se quisessem falar comigo, mas por um motivo diferente de antes. Não ouço falar da Lucy desde domingo passado. A Paige diz que tem pisado em ovos perto da Reagan, mas não sei, não.

Jodi ficou desanimada.

– Desculpa. Eu achei… Achei que todo mundo tinha feito duplinha e me deixado de lado.

– Eu também. – Ele apertou os lábios e olhou para o campo. – Achei que você estivesse se afastando.

– Eu ando péssima. Tenho almoçado com Oliver Burns e Nikita.

Ele soltou uma risada.

– Quem é Nikita?

– Ah, você vai saber. Ela vai ser famosa um dia, é só perguntar pra ela.

Eles sorriram ao mesmo tempo e ficaram sentados em silêncio. Depois, Jodi pegou o celular e abriu a conversa do grupo.

– Você tem aula particular hoje à noite?

– Tenho, mas vai acabar às seis. Meu pai tá em Modesto por causa de um caso.

– Perfeito.

Ela digitou para os cinco: Que tal um drive-in hoje à noite? ninguém vai ver a gente se ficarmos dentro do carro

Zack cantarolou ao lado dela e mandou o emoji de rolo de filme. Lucy mais que depressa respondeu com emojis de olhos arregalados. Depois, Jodi viu Zack abrir o aplicativo de filmes em cartaz. Ele deu uma risadinha.

– O que tá passando? – perguntou ela.

– Ah, cara. Você vai odiar. Mal posso esperar.

Ela tentou se inclinar para ver a tela do celular dele, mas ele puxou o braço. Abriu um sorrisinho para ela, e Jodi estava perto o bastante para contar quantos fios tinham os cílios dele. Sentiu um frio na barriga enquanto lutava contra o instinto de olhar para os lábios dele. Os olhos de Zack pareceram ficar mais suaves; a alegria ainda estava ali, mas dirigida a ela, não à escolha do filme.

O sinal tocou do outro lado do campo, e Jodi se afastou, acalmando o

coração.

Zack ficou de pé num pulo e estendeu a mão para ela, e Jodi adorou o toque. Fazia duas semanas desde que ele a tinha abraçado na cozinha, chorando. Ela não tinha certeza se mais alguém tinha conseguido ver esse lado vulnerável dele, mas *ela* conseguira. Jodi queria que ele precisasse dela daquele jeito de novo.

– Eu tenho que ir pegar o meu livro no armário, mas te vejo hoje à noite! – exclamou Zack sem se virar enquanto ia embora.

Jodi acenou e o observou correr pelo campo, imaginando se poderia passar aqueles cinco minutinhos com ele todos os dias.

Quando acabou a aula de anatomia, Julian era o único que não tinha respondido sobre os planos de ir ao drive-in. Ela se aproximou enquanto Julian fechava o zíper da mochila.

– Você vai hoje à noite? – perguntou ela.

Ele curvou os lábios como se ela o desagradasse.

– É uma burrice, Dillon. Você acha mesmo que ninguém mais vai estar no cinema numa sexta à noite?

– No *drive-in* – corrigiu ela. – A gente vai ficar no carro…

– Então não vou poder sair pra pegar comida? Nem pra mijar?

Ela o encarou com raiva.

– Eu levo uma garrafa de água vazia pra você.

– Você quer tanto assim ver o meu pau? – retrucou ele, erguendo uma sobrancelha.

Jodi tinha se esquecido de como a vida era boa sem Julian Hollister dando cacetada nela como se ela fosse uma mosca o tempo todo. Dando uma corridinha atrás dele, ela segurou o cotovelo do garoto perto da porta.

– Qual é, Julian. Você tá tão sozinho quanto a gente nessas duas semanas. Ninguém além de nós te aguenta.

Ele se inclinou na direção dela.

– Você me viu almoçando sozinho, Dillon?

Ela sentiu o rosto ficar quente. Julian se virou e foi embora.

Mas, quando Paige e Lucy foram buscar Jodi, às sete da noite, Julian já estava a caminho com Zack.

Eles usavam um sistema havia anos. Eles se encontravam na lanchonete Denny's, a duas quadras do drive-in, escondiam três pessoas do grupo na caçamba da caminhonete e só pagavam duas entradas no caixa. Jodi não sabia por que quatro dos adolescentes mais ricos que ela conhecia faziam isso. Talvez fosse apenas pela adrenalina da coisa toda, mas, de qualquer forma, eram só 3

dólares cada para os cinco passarem uma noite ficando chapados ou bêbados ou simplesmente comendo balinhas Red Vines até Lucy vomitar.

Eles pararam no estacionamento do Denny's e estacionaram ao lado da caminhonete preta de Julian. A fumaça do bong de maconha dele já espiralava para fora da janela.

Jodi ficou olhando enquanto Zack saía do carro e abraçava Lucy.

– Faz tanto tempo que eu não te vejo! – exclamou ele com o rosto enfiado nos cachos dela.

Jodi desviou o olhar, ajeitando a blusa e tentando não pensar no simples chutinho no sapato que *ela* tinha ganhado ao ver Zack pela primeira vez após duas semanas.

Paige fez os quatro esperarem enquanto entrava e pedia um milk-shake para ela e um monte de batatas fritas para o grupo. Enquanto Paige estava lá dentro, Lucy subiu na caçamba da caminhonete e respondeu a perguntas sobre Reagan.

– Toda vez que eu chego na aula de francês, ela tá cochichando no ouvido de alguém, e aí cala a boca. Tá na cara que ela tá espalhando merda. E eu a vi conversando com a equipe do noticiário na segunda passada, mas não consegui achar nenhuma emissora que estivesse passando a entrevista dela. – Lucy suspirou e passou a mão pelo cabelo. – Não sei o que ela quer de mim. Ela não dava a mínima pra Emily Mills, então que tipo de vantagem ela tá tentando conseguir?

– Ela viu uma chance e agarrou – comentou Julian, se inclinando para a lateral da caminhonete e esticando as panturrilhas. – Com você fora do caminho, ela tem a chance de virar titular no vôlei, de ir competir no campeonato nacional na primavera, de ser a rainha do baile…

Jodi bufou.

– Você acha que a Reagan Matthews quer tanto ser a rainha do baile a ponto de mentir em frente às câmeras dos noticiários?

Julian inclinou a cabeça para ela com um sorriso traiçoeiro.

– Falou a única de nós que nunca vai ser indicada.

Ela se retraiu.

– Ei. – Zack interveio.

– Você quer ser rainha do baile, Julian? – falou Lucy de mansinho. – Vou te dar uma forcinha.

Julian deu de ombros e foi até a frente da caminhonete, sem querer mais nada com eles.

– Qual é a dele? – perguntou Lucy, estendendo a mão, e Jodi deu um passo na

direção dela.

– Ele teve uma semana difícil – respondeu Zack de um jeito fraco. – Não é desculpa pra ser babaca, mas…

– Eu recebi a intimação ontem. – A voz de Julian chegou até eles, vinda do outro lado da caminhonete.

Jodi e Lucy viraram a cabeça instantaneamente na direção dele.

– É isso aí. O amigo de vocês vai pra cadeia.

Lucy deu um pulo e olhou para ele.

– O quê? Não fala assim. É… Isso só quer dizer que…

– Quer dizer – disse Julian, reaparecendo do outro lado, andando na linha demarcada da vaga como se fosse uma corda bamba – que o meu caso foi mais fácil de investigar do que o de três garotas. Mais fácil de chegar a uma conclusão. – O sorrisinho não chegava aos olhos dele. – Quer dizer que Emily Mills tinha algumas coisas *fascinantes* pra dizer a meu respeito no diário dela.

Jodi olhou para ele, com o coração batendo forte de medo.

– Não – rebateu Lucy com naturalidade –, quer dizer que o correio de Sacramento é uma merda e que vamos receber a nossa intimação amanhã. Caramba, eu nem tava em casa. Talvez já tenha até chegado.

A cabeça de Jodi girava. O pai tinha passado a semana toda na estrada, a caminho de Denver. A correspondência devia estar no chão da entrada da casa.

Talvez ir ao drive-in fosse má ideia, afinal. Julian tinha razão: eles não deveriam ser vistos saindo juntos.

Bem naquela hora, Paige saiu do Denny's dando uma corridinha, com um milk-shake em uma das mãos e uma caixa de comida para viagem na outra.

– Bora! É sexta à noite e eu tô com o meu milk-shaaaake!

Ela requebrou o quadril e disse as palavras num rugido, e foi o suficiente para eles esquecerem por um tempo o que Julian tinha acabado de contar.

– Na caminhonete ou no carro da Paige?

– Caminhonete – entoaram em coro.

Jodi suspirou. Ir de caminhonete no drive-in significava que ela ia se sentar na frente com Julian. Jodi tinha pirado *uma vez* e caído no choro quando Julian saiu em alta velocidade do estacionamento enquanto ela estava na caçamba da caminhonete, e agora o combinado era que Jodi não seria mais uma das três pessoas lá atrás. Isso queria dizer que Zack, Paige e Lucy iriam para a traseira, rolando e se agarrando uns nos outros.

Lucy pegou um fardo de seis das suas garrafinhas de Coca-Cola do México no carro de Paige e as colocou na caminhonete de Julian. Em seguida, os três

subiram na parte de trás e fecharam a porta da caçamba. Puxaram uma lona para se cobrirem, rindo e tentando roubar as batatas fritas de Paige, e Jodi se virou para Julian.

– Quer que eu dirija?

Ele parou com as chaves na mão e ergueu as sobrancelhas para ela.

– Você tá chapado? – esclareceu ela.

– Ainda não.

Ele abriu a porta do motorista, e Jodi seguiu com relutância para o banco do passageiro. Julian só a deixava dirigir a caminhonete quando estava completamente bêbado. Os dois tiveram uma discussão aos gritos do lado de fora de uma festa no ano anterior, quando ela não quis entrar na caminhonete depois que ele já tinha tomado três cervejas, e ele não quis deixar Jodi dirigir. Zack precisou intervir e pedir um Uber para ele e Jodi, deixando Julian fazer o que bem entendesse.

Jodi conseguiu prender o cinto de segurança um pouco antes de Julian dar ré na caminhonete com tudo. Eles só tinham alguns minutos a sós. Talvez Jodi pudesse se aproveitar disso.

– A sua audiência de acusação foi marcada pra quando? – perguntou.

Julian estendeu a mão para o botão de volume e colocou a música no talo enquanto eles saíam cantando pneu do estacionamento do Denny's, encerrando a conversa.

Dois minutos depois, entraram na longa fila de carros da bilheteria e, quando o carro da frente não andou, Julian sentou a mão na buzina.

– Precisa mesmo disso? – comentou ela, pondo o cotovelo para fora da janela aberta.

Ele ficou olhando para a frente e em seguida apertou o botão para fechar a janela dela. Ela puxou o braço para dentro.

Quando chegaram à bilheteria, um cara cheio de espinhas alguns anos mais velho que eles passou os olhos pela janela e perguntou:

– Duas?

– Aham – respondeu Julian, alongando a vogal. – Sessão dupla do Stephen King.

Jodi soltou um gemido. Zack tinha falado que ela ia odiar, e ele tinha razão.

– Começa daqui a uns minutos. Lote 3. – Ele lançou um olhar para Jodi enquanto imprimia a nota fiscal. – É um encontro?

O lábio dela se curvou.

– Pode crer – respondeu Julian.

– Divirtam-se – disse ele, entregando a notinha.

– Duvido. Ela é virgem.

O sorrisinho de Julian se espalhou pelo rosto, e a caminhonete foi para a frente com o motor roncando em direção ao Lote 3.

Jodi cruzou os braços, e um rubor subiu por seu pescoço.

– Você não sabe disso – reclamou ela, mordida.

– Eu *sei* disso, sim.

– Não sabe, não. Eu não falo com ninguém há duas semanas. Eu poderia estar transando pra caramba. Matando aula, transando no estacionamento, na sala de suprimentos de arte…

– Você não tá.

Ele diminuiu a velocidade no terreno não pavimentado do lote, cheio de pedrinhas, e ela arriscou dar uma olhada nele. O canto da boca dele estava curvado para cima. Julian dirigiu até a primeira fileira e manobrou a caminhonete, jogando os faróis em todos os carros que tinham chegado ali mais cedo, estacionando de modo que a caçamba ficasse de frente para a tela.

– Você é um babaca. *Isso* é ser discreto?

Ele a ignorou, finalmente apagou os faróis depois de muito buzinaço e sintonizou o rádio no áudio do filme. Jodi saiu da caminhonete, olhando para os carros ao redor como quem pede desculpas. Julian estava chamando muita atenção. Paige, Zack e Lucy estavam tirando a lona e rindo da viagem. Jodi foi tomada pelo ciúme, mas ela o enfiou bem lá no fundo enquanto pegava o saco de dormir e os cobertores escondidos atrás do banco do passageiro.

– Sobrou alguma batata frita?

– Sobrou, mas estão murchas – disse Paige.

Ela entregou a caixa e pegou um copo Stanley que provavelmente continha mais de um litro de vodca. Lucy foi buscar seu fardo de garrafinhas de Coca-Cola de vidro lá na frente e começou a misturar a vodca nelas para ela e Paige.

Jodi pegou um punhado de batatas fritas murchas e subiu na caçamba da caminhonete. Ela odiava filmes de terror, mas odiava mais ainda ficar vulnerável enquanto os assistia. Aconchegando-se no meio da caminhonete, ela se recostou na janela traseira e puxou um cobertor para si enquanto a música de *It: A coisa* começava. Paige ficou ao lado dela, enquanto Lucy foi ao banheiro e Julian à barraquinha de comida. Zack acendeu o bong de Julian.

– Qual é o segundo? – perguntou ela a Paige.

– *It: Capítulo dois*.

– Cacete.

Paige riu e passou um braço em volta dela. Quando Lucy voltou, a tela exibia uma criança conversando com um bueiro. Ela pulou na caminhonete com um giro gracioso e se recostou nas coxas de Paige.

– Você acabou mudando pra qual matéria no quarto período, Jo? – perguntou Lucy.

– Continuei no teatro.

– Sério? – Paige se virou para ela bruscamente. – É divertido?

– Bem, eu escolhi ficar nos bastidores. Então não vou interpretar Julieta nem nada do tipo.

– Pois deveria! Droga, eu queria fazer aquela aula – reclamou Paige. – Maldita Tunísia.

Jodi riu.

– Esse é o seu país na simulação da ONU?

Paige assentiu e comeu o restinho das batatas fritas. Zack estava totalmente envolvido no filme, assistindo de queixo caído enquanto as três conversavam. Julian voltou só com uma Coca Diet para despejar o conteúdo de seu frasco.

– Muito gentil da sua parte se oferecer pra trazer alguma coisa pra gente, Julian – alfinetou Paige. – Eu teria *adorado* alguns nachos, obrigada.

– De nada, Paige – retrucou Julian, subindo na caçamba da caminhonete.

Ele se esparramou na caçamba, esticando as pernas sobre as das meninas e se recostando na lateral da caminhonete.

Jodi começou um joguinho no celular para evitar que os olhos desviassem para a tela. Lucy e Paige passavam a vodca para lá e para cá, enquanto Zack fumava e Julian bebia. Era bom estarem todos no mesmo lugar de novo. Ela podia não conseguir assistir ao filme, mas preferia muito mais ouvir Paige reclamar da prova de cálculo e ver Julian fazendo imitações dos professores. Sentia saudade disso.

Paige se inclinou na direção dela depois de vinte minutos de uma trilha sonora aterrorizante e sussurrou:

– Posso parar de beber depois do primeiro filme se você não quiser levar o meu carro pra casa.

– Não, eu tô de boa. Mas será que a gente pode voltar a pé pro Denny's se o Julian começar a agir feito um babaca por causa disso?

Paige assentiu, mas Julian retrucou, sem tirar os olhos da tela:

– Eu te deixo dirigir a caminhonete até o Denny's se for pra você calar a boca e me deixar assistir ao filme.

– E vamos esperar mais um tempo e pedir alguma coisa pra te deixar sóbrio?

– rebateu Jodi, erguendo uma sobrancelha para ele.

– Claro. – Ele colocou os lábios ao redor do canudo.

– Eu não posso esperar tanto assim – disse Zack, se virando para eles com os olhos enevoados. – Alguém quer um lanchinho?

– Red Vines – respondeu Lucy na mesma hora.

Paige devia ter brigado com a mãe de novo, porque pediu nachos com queijo extra. Julian estava de boa com sua Coca Diet batizada, mas, depois de ver seu olhar vidrado, Jodi pediu um balde de pipoca para todos dividirem.

Zack a dispensou quando ela se ofereceu para ir com ele, então Jodi se espreguiçou, ficando de bruços de frente para a tela, mas sem vê-la de verdade. O ângulo era melhor desse jeito para ela ignorar aquela droga de palhaço e só se concentrar na partida de bozó que estava jogando contra sua tia Rosa. A trilha sonora lhe dava arrepios.

Eles tinham ido ao drive-in com Emily uma vez. Em março, assim que o tempo melhorou. Julian dirigiu a caminhonete com Paige e Zack na caçamba, e Jodi foi no banco do passageiro com Lucy, que ameaçou colocar Emily no "porta-malas" se ela não ficasse parada debaixo do cobertor no banco de trás.

Jodi não se lembrava do filme, porque Emily não parou de falar, fazendo perguntas pessoais, cavucando cada vez mais. Ela queria saber qual corretivo Paige usava, qual música da Olivia Rodrigo era a favorita de Lucy e se Jodi preferia M&M's de amendoim ou o confeito de amendoim do Reese's. Na semana seguinte, Emily apareceu na escola usando um corretivo dois tons mais escuro. O armário dela estava lotado de trechos da letra de "Vampire", da Olivia Rodrigo. Sempre que Emily se sentava ao lado de Jodi, ela pegava um pacote de M&M's de amendoim, rasgava e perguntava:

– Quer um pouco?

Se Emily ignorava Julian porque ele também a ignorava, Jodi não fazia ideia. Ele não era exatamente cruel com ela, mas chegava perto, interrompendo-a nas conversas, contando errado de propósito para excluí-la. Ele sempre tinha feito isso com Jodi, lógico, mas a coisa era mais intensa e direcionada quando Emily estava por perto. Jodi diria que Julian estava fazendo bullying com Emily? Provavelmente. Mas Emily também não se tocava.

Algo devia ter acontecido no telão, porque as pessoas nos carros começaram a gritar e rir. Jodi se forçou a não olhar, com medo de ter pesadelos durante meses e, em vez disso, seus olhos foram atraídos para o poste do outro lado da tela, na direção da rodovia. A lâmpada piscou e acendeu, depois apagou. De novo e de novo.

Um rangido alto veio de cima. O som não era do alto-falante da caminhonete. Ela se ajoelhou, procurando a fonte do som de madeira rangendo, estalando, estridente. O filme tremeluziu, saindo da tela e subindo cada vez mais. Alguém gritou ao longe.

Não tinha a ver com o filme. Era o telão. Tombando para a frente.

– Jodi! – O grito de Paige perfurou os ouvidos dela.

O telão estava tombando para a frente, indo bem na direção deles. Jodi ficou paralisada, mas algo quente bateu em suas costas, fazendo-a cair de queixo. Por um instante, só se ouviam os gritos e a trilha sonora do filme, além de uma respiração no pescoço dela enquanto alguém a pressionava na caçamba da caminhonete.

Então a terra retumbou. Vidros se estilhaçaram. Paige estava gritando e *onde Lucy foi parar,* e os alarmes dos carros tinham disparado.

Ela sentiu gosto de ferro na língua e ouviu o gemido pesado de dor de Julian. Estava escuro. Só conseguia ver a caminhonete preta embaixo de si. Houve um estalo tardio, e algo se estilhaçou atrás deles. Paige ainda estava gritando.

Cem pessoas estavam gritando.

Jodi não conseguia respirar. A dor latejava nas costelas, no queixo. Ela virou a cabeça, com os olhos arregalados, procurando alguma coisa. O telão estava em cima deles. O sapato de Lucy estava meio metro à esquerda de Jodi.

– Lucy!

– A gente tá aqui. A gente tá bem! – gritou Paige.

– Julian?

Ele respirou fundo com dificuldade nas costas dela. Fora ele quem a protegera. Será que estava machucado?

– Julian! – gritou ela, mais forte.

Ele se mexeu em cima dela e gritou:

– Porra!

Houve um estalo tal qual um tiro à direita dela, e Jodi levou um susto quando a caçamba da caminhonete se inclinou. O pneu tinha estourado.

– Vocês conseguem sair? – A voz de Lucy tremia.

Ela ouvia Paige choramingando. Os corpos se mexendo. Lucy sussurrando para Jodi ir com ela.

Jodi ainda estava com o celular na mão. Ela ligou a lanterna com os dedos trêmulos e a virou para cima, iluminando tudo. Só conseguiu virar um pouco a cabeça, mas o telão estava bem em cima, branco e enorme, inclinado sobre o que tinha restado da cabine da caminhonete, que rangia como se fosse ceder e

desabar a qualquer instante.

– Julian, vamos nos mexer, tá? Vamos sair daqui?

Ela o sentiu fazer que sim com a cabeça no pescoço dela. Lucy estava saindo da caçamba da caminhonete de bruços ao lado deles, falando baixinho com Paige.

Jodi saiu de baixo dos ombros de Julian e conseguiu se virar de lado para ele. Atrás dela, Lucy caiu na terra com um baque. Os lábios de Jodi estavam molhados. Ela passou o braço no rosto, e ele saiu cheio de sangue.

– O que tá doendo? – perguntou ela a Julian. – Você consegue se mexer?

Como ele não respondeu, ela virou a luz da lanterna para ele. Os olhos dele estavam bem fechados. O ombro esquerdo estava curvado de um jeito estranho, como se uma bola de tênis estivesse alojada embaixo dele.

Estava deslocado.

Paige se arrastou para fora da caçamba da caminhonete, caindo com um baque e um soluço. Jodi se virou para elas, prestes a elaborar um plano para tirar Julian de lá. Ela ficou tonta quando viu as amigas.

O sangue estava espalhado pelo cabelo de Lucy, escorrendo pelo pescoço e manchando a blusa. Ela estava ajudando Paige a se levantar, agachada debaixo do telão. Paige pulava num pé só, com o tornozelo erguido com cuidado no ar.

Lucy e Paige foram em direção a uma abertura; a luz brilhava vinda da rodovia ao longe, entre a borda inferior do telão e o chão de terra. Estava a cerca de 6 metros de distância.

– Julian, você tá com ela?

Jodi demorou um instante para perceber que esse "ela" se referia a ela mesma.

– Vai – disse Jodi.

Ela pegou o celular e ergueu a lanterna enquanto saía da caçamba da caminhonete, escorregando em algo molhado.

– Anda. Você consegue fazer isso sem um ombro.

– Não dá… eu não consigo respirar – disse ele entre os dentes. – Talvez sejam as minhas costelas.

Jodi se ajoelhou na frente dele, falando baixinho enquanto a terra cheia de pedrinhas pressionava seus joelhos. Ela largou o celular no chão com a lanterna virada para cima e enfiou a mão debaixo dos braços dele. Assim que começou a puxar, ele gritou na orelha dela – e era bem diferente de qualquer coisa que ela já tivesse ouvido.

– Julian…

– Para – disse ele, ofegante. – Me deixa. O resgate vai chegar.

Ele estava escondendo o rosto no ombro bom, se recusando a olhar para ela.

Por um instante, ela cogitou engatinhar e sair sozinha, depois implorar a qualquer um por perto que voltasse para pegá-lo.

O outro pneu estourou. Jodi estremeceu e caiu de costas. Julian gemeu quando a caminhonete se inclinou, o telão estalando em cima deles.

Ela ouviu sirenes ao longe. Só mais um pouquinho.

Jodi virou a lanterna na direção da caminhonete. Estava encharcada de sangue. Será que era de Lucy? Ou Julian estava mais ferido do que ele achava? Havia espaço suficiente acima da cintura dele para que ela colocasse os braços ao redor dele.

– Dillon, vai embora.

– Não banque o mártir, Julian. Não combina com você. – Ela subiu na caçamba da caminhonete. – Você consegue sentir as pernas e tudo mais, né?

– Consigo. – Ele dobrou um joelho. – Não consigo mexer meu… meu tronco.

– Para de falar do seu tanquinho, seu besta – ela tentou brincar e pensou ter ouvido uma bufada fraca em resposta.

Jodi passou o braço em volta da cintura dele e o puxou para o lado, deslizando para que as pernas ficassem voltadas para a beirada da caçamba. Ele gritou, e ela continuou puxando, à procura de ferimentos.

– Jodi!

Os dois ficaram paralisados. Era Zack.

– Julian!

A voz dele veio da frente, perto da abertura por onde Lucy e Paige tinham escapado. As sirenes soavam à direita.

– Vai – repetiu Julian.

– O resgate não vai chegar aqui em menos de uma hora.

Ela o puxou de novo, e as pernas dele caíram da caminhonete. Ele gritou, mas colocou os pés no chão, saindo da caçamba sem usar as costelas nem o ombro.

Jodi pegou o celular e apontou a luz para a abertura. Estava escuro, como se o projetor tivesse parado de funcionar. Ela mal conseguia ver o caminho para sair dali, mas Julian pegou a lanterna e segurou o braço dela. As pernas de Jodi seguiram, molengas feito geleia.

Zack os encontrou assim que eles se arrastaram para fora, Julian com a respiração rasa e difícil.

– Eles estão aqui! – gritou Zack para trás.

Ele foi na direção de Jodi primeiro, mas ela balançou a cabeça.

– O Julian tá pior.

Zack estendeu a mão para ele e o segurou no lugar errado, mas conseguiu puxá-lo para fora.

Jodi piscava, confusa, questionando por que estava tão escuro. Ela oscilou. Arrastou-se por cima de algo molhado. O joelho estava encharcado.

Um desconhecido de camisa branca apareceu em seguida, estendendo a mão para ela.

– Moça?

Ele a ajudou a sair e, assim que ela se levantou, olhou para trás. A parte traseira do telão, perfurada e rachada, estava pendurada por algumas vigas de madeira às quais ainda estava conectada.

O socorrista a levou para longe.

– Eu consigo andar – insistiu ela, mas ele continuou conduzindo Jodi mesmo assim. As palavras se enrolavam na boca.

Julian estava sentado em uma maca à esquerda dela, com os olhos arregalados e perplexos, fixos nela. Dava a impressão de que ele tinha um milhão de perguntas para fazer, mas nenhum fôlego para falar.

Alguém estava gritando. Zack ficou ao lado dela enquanto ela era erguida em uma maca. Ela apontou para Julian.

– Ombro deslocado. As costelas também. Ele falou que não tá conseguindo respirar.

Ninguém deu ouvidos a ela. Havia cinco pessoas em cima dela, forçando-a a se deitar. Alguém enrolou algo em volta da coxa de Jodi. Ela olhou para baixo.

A perna direita da calça jeans estava preta. Não, não estava preta. Vermelha.

Alguns centímetros acima do joelho, um caco de vidro do tamanho da mão dela se destacava como um iceberg em águas escuras.

Ah.

Jodi recostou a cabeça na maca enquanto a levavam para a ambulância. A cabeça dela balançou e virou para a esquerda.

O filme ainda estava passando, projetado nas árvores atrás de onde o telão costumava ficar. Um poste de luz piscou para ela. E depois se apagou.

Capítulo 10

Ela abriu os olhos e viu um quarto branco. Cortinas de linho branco ondulavam nas janelas abertas, e um pássaro cantava na árvore do lado de fora. Lençóis frios deslizaram sobre suas coxas quando ela se sentou.

Emily estava sentada na beirada da cama, sorrindo para ela. Com os dentes muito espaçados e olhos azul-claros.

Ela estendeu uma das mãos, brilhante, esticando as pontas dos dedos na direção do braço de Jodi.

– Eu vou te proteger.

As pontas dos dedos de Emily tocaram na pele de Jodi tal qual um beijo.

E a atravessaram.

Jodi acordou em um quarto branco. Havia uma cortina à direita, azul-clara e imóvel.

O monitor de frequência cardíaca chiava à esquerda, e Zack estava sentado na cadeira.

– Oi. – Ele foi para a ponta da cadeira, abrindo um sorriso. – Você tá bem. Só desmaiou.

Ela franziu a testa e se sentou para olhar a própria coxa, mas sentiu uma pontada na cabeça. Sibilou entre os dentes.

– Tiveram que esperar chegar no hospital pra remover. Falaram que atingiu a artéria femoral, então eles precisavam de sangue antes que pudessem tirar aquilo daí.

Ela assentiu e se deitou, sem fôlego.

– E o Julian?

– Duas costelas quebradas. Ombro deslocado.

Jodi respirou fundo e fechou os olhos.

– E o polo aquático?

– Vai levar seis semanas até ele voltar – disse Zack.

Ela apertou os lábios. Não sabia o motivo daquela droga de choro por Julian Hollister não poder jogar polo aquático.

– E a Lucy e a Paige? – perguntou, abrindo os olhos e piscando para conter as lágrimas.

– O tornozelo da Paige tá sendo examinado agora. Provavelmente foi só uma torção, mas eles querem ter certeza. A Lucy teve uma concussão. Ela disse que a cabeça bateu na caçamba da caminhonete durante o acidente. Cortou a têmpora.

A mão de Zack ainda estava no braço de Jodi, logo acima do acesso intravenoso. Ela se concentrou no calor dele.

– Você viu?

O polegar dele massageava o pulso dela, e a pele de Jodi irrompeu em arrepios. Ela torceu para ele não notar.

– Eu ouvi a gritaria quando estava na barraquinha e me virei bem a tempo de ver o acidente.

– Mais alguém se machucou? As outras pessoas nos carros?

Zack balançou a cabeça, e Jodi olhou para ele, incrédula.

– Lembra como o Julian estacionou? – perguntou Zack.

Ela estremeceu.

– Como um babaca?

– Alguns dos outros carros sofreram danos por causa dos destroços e arranhões nos para-choques, mas, como ele parou mais no alto, a caminhonete foi a única atingida.

Jodi o encarou.

– Isso é doideira!

Ele assentiu.

– Estão falando que foi um acidente bizarro. Meu pai já tá atrás de um processo que possa ser aberto contra o drive-in.

Jodi se remexeu na cama, franzindo a testa. Ela não gostava da ideia de o drive-in ser processado, porque eles eram muito pobres para pagar por reformas. A própria Jodi tinha contribuído para o lugar ter menos lucro ao se esconder no porta-malas de vez em quando. Mas ela supunha que, se fosse uma questão de negligência, talvez o drive-in devesse cobrir as contas do hospital ou algo do tipo.

Só de pensar na conta do hospital e em quem a pagaria, Jodi de repente se sentou.

– Meu pai.

– Ele tá sabendo. Está em Utah. A melhor coisa que ele podia fazer era continuar na estrada, porque não teria nenhum voo saindo de Salt Lake até amanhã de manhã.

Ela estremeceu com a dor na coxa e de pensar em ter outra conversa sobre dinheiro com o pai. Ele já estava tão frustrado com o adiantamento da advogada que mal falava com Jodi quando estava em casa e, quando falava, comentava que eles não podiam sair para comer nem para jogar golfe juntos. Jodi fechou os olhos e esfregou o rosto com a mão livre.

– Mas ele ligou pra sua tia. Ela tá vindo.

– Ah.

Rosa e Jodi se davam bem, mas Rosa achava que a irmã, a mãe de Jodi, tinha cometido um grande erro ao se casar com o pai de Jodi, e deixava isso bem claro sempre que podia.

– Aliás, o Julian tá meio que em choque.

Ela desviou o olhar para ele bem depressa.

– Em choque?

– É. Ouvi ele perguntar pras enfermeiras como você podia não ter sentido o vidro e por que você conseguia se mexer sem problemas. – Zack riu. – Acho que ele tá muito impressionado. Pode ser que ele fique em dívida com você pro resto da vida ou algo do tipo.

Jodi torceu o nariz.

– Nada a ver. Dava pra ele ter ficado lá por umas horas até o resgate chegar.

Zack engoliu em seco e olhou para baixo.

– É… Bom, a Paige foi a última a ser colocada numa ambulância. Ela falou que, logo depois que a ambulância de Julian foi embora, mais algumas vigas se romperam. A tela desabou, tipo, *mais ainda*. – Ele ergueu os olhos para ela. – Se ele ainda estivesse lá embaixo, poderia ter morrido.

Jodi encarou o teto.

– Fala pra ele me comprar um vale-presente e pronto.

Zack riu. Ele se recostou na cadeira, afastando a mão, e o braço dela ficou mais frio.

– Não é estranho? – indagou ele. – A gente devia ficar longe uns dos outros, e aí, na única vez que a gente se junta, quase morre?

Jodi deu uma risadinha.

– Quer dizer, errado você não tá.

Ela sorriu e virou a cabeça para ele. Zack estava olhando para o nada, sério e contemplativo.

– Foi um acidente bizarro – repetiu ela.

Ele meneou a cabeça e passou a mão pelo cabelo.

– Ou carma.

Ela piscou, surpresa. Antes que pudesse perguntar quando ele tinha começado a acreditar naquilo, o ruído de saltos no piso de linóleo anunciou a presença de tia Rosa. Ela abriu as cortinas, ficou surpresa ao ver a palidez de Jodi e começou o processo de alta enquanto Zack acenava em despedida.



Rosa Rodriguez era intimidadora. Estava sempre de salto alto, fizesse chuva ou sol. Aos 39 anos, com os cachos negros e as sobrancelhas perfeitas, muitas vezes atraía todos os olhares onde estivesse. Todo ano, no aniversário, Jodi ganhava maquiagem e frascos de perfume que faziam Paige gritar de inveja.

– Aquele drive-in é muito perigoso. Lembro como aqueles telões eram frágeis quando *eu* ia lá.

Jodi estava sentada no banco da frente do carro de Rosa, com as roupas ensanguentadas dentro de uma sacola no chão, vestindo a calça de moletom da loja de lembrancinhas do hospital. Os pontos na coxa deixariam uma cicatriz feia e torta, de 15 centímetros de comprimento.

Rosa estava reclamando; Jodi só ouviu quando a tia falou em "seu pai" – foi quando ela se recostou no assento e perguntou:

– Teve notícias dele?

– Mandou mensagem de Reno – foi a resposta curta de Rosa. Curta como a paciência dela quando se tratava do pai de Jodi.

Ela viu Howe e Fair Oaks passarem pela janela e percebeu que Rosa a estava levando para a casa da avó. Lógico. Por que ela iria para casa sozinha? Jodi respirou fundo enquanto contornavam a construção na ponte J Street.

– Não acredito que ele te deixa sair com o namorado quando não está na cidade – resmungou Rosa.

– Eu não tenho namorado.

– Você estava numa caminhonete com dois garotos numa sexta à noite – retrucou ela, direta e reta.

– Eles são meus amigos.

– Por enquanto – rebateu ela, estalando a língua.

Jodi revirou os olhos. Rosa nunca teve dificuldade para transformar amigos em namorados. Quando Jodi tinha 12 anos, ela se sentava toda ansiosa no joelho

da tia e a ouvia contar histórias sobre ela e a mãe de Jodi, sobre quando frequentavam boates aos 15 anos e eram convidadas para os camarins em shows de rock. Jodi estava ansiosa por isso. Mas, em vez dos seios da tia, ela herdou as coxas. Em vez dos quadris da mãe, herdou a barriga do pai.

A avó morava em uma casinha simpática de dois quartos em River Park, um bairro pequeno e isolado do outro lado do campus da faculdade. Rosa estacionou na entrada da garagem e levou Jodi até a casa.

– A vovó tá dormindo – disse ela, abrindo a porta da frente sem fazer barulho.

– Não estou, não.

A avó estava sentada na cadeira em frente à televisão, assistindo a comerciais.

– Oi, vovó – falou Jodi.

Ela foi dar um beijo na testa da avó, mas a senhora a impediu com a mão.

– Deixa eu ver isso aí – disse ela, apontando para a perna.

Jodi baixou as calças de moletom até os joelhos, sem ligar para o pudor, mas estremeceu ao ver os pontos. A avó assoviou e sussurrou algo em espanhol que poderia ter sido uma oração. Jodi levantou as calças e estendeu a mão para ajudar a avó a sair da cadeira, mas ela a dispensou. Tinha apenas 65 anos e se recusava a ser tratada como uma velha.

Vovó Anna Maria era a única avó que Jodi conhecia, mas bastava por todos os avós que ela poderia ter. Era do tipo que dava biscoitos para a neta na surdina, fazia piadinhas sujas e enfiava notas de 20 na mão de Jodi com uma piscadela. O marido tinha morrido um ano depois de a mãe de Jodi falecer, e Jodi já tinha idade suficiente para entender por que Rosa tinha ido morar de bom grado com a mãe durante seus 20 e 30 anos. Quando era mais nova, não entendia por que Rosa não se casava e se mudava; ela tinha muitos namorados. Jodi não tinha irmãos, mas chegou à conclusão de que perder uma irmã e o pai no mesmo ano provavelmente também a deixaria com medo.

Elas deixaram Jodi passar a noite na cama de Rosa, mas ela não conseguiu relaxar. Não parava de ver Pennywise se esticar para fora da tela em direção ao céu enquanto o telão desabava. O grito de Julian no ouvido dela. A luz do poste tremeluzindo.

Será que Zack tinha razão? Será que eles estavam sendo punidos por saírem juntos de novo? Jodi deixou essa ideia ridícula de lado e se encolheu no travesseiro de Rosa. Zack não tinha comentado a respeito de nenhuma equipe de reportagem, mas ela já imaginava que o acidente bizarro no drive-in de Sacramento daria um furo interessante.

Ela torcia para que "os Thrashers" não voltassem às manchetes tão cedo. Porém, no dia seguinte, acordou com a notícia: *Adolescentes que fizeram bullying com Emily Mills acabam feridos no drive-in.* Um perfil completo de Julian ocupava meia página, com as estatísticas dele no polo aquático, o envolvimento no caso Emily Mills e sua condição atual de saúde.



Julian não apareceu na escola na segunda-feira, e foi melhor assim. Ele era o que mais tinha se machucado entre todos. O fato de Jodi e Paige estarem mancando já atraía uma atenção danada, e os pontos na testa de Lucy eram ainda mais dignos de fofoca.

Durante a aula de artes, Oliver implorou a Jodi para lhe contar a história, prometendo não postar nada que ela não quisesse no Tumblr nem no TikTok. Nikita ficou fascinada.

– O Julian Hollister se machucou tanto assim? – perguntou Oliver, moldando a argila.

– Isso fica só aqui entre nós, né? – confirmou Jodi, e ele fez beicinho, mas assentiu. – Acho que ele não vai jogar polo aquático nessa temporada.

Oliver deu de ombros.

– Os olheiros vieram atrás dele ano passado. Ele vai ficar bem.

No entanto, naquela tarde, quando Jodi olhou para a carteira de Julian na aula de anatomia, ficou pensando se ele também achava isso.

Ela copiou a matéria da aula para ele durante o resto da semana. Segundo Paige, ele tinha tentado ir à escola na quarta-feira, mas alguém esbarrou nele sem querer na hora do almoço. Isso causou tanto estrago nas costelas dele que Julian precisou ir para casa, engolindo comprimidos de opioide como se fossem balinhas.

Jodi não podia andar de bicicleta, caso contrário os pontos abririam, então pegou o ônibus depois da escola na sexta-feira e foi para a casa dele em Fab Forties, nos quarteirões do bairro arborizado onde dava para conseguir Snickers tamanho família no Halloween. Quando caminhava em direção à entrada de carros, ela viu uma caminhonete preta novinha em folha na frente da casa de Julian e deu uma risadinha zombeteira.

A residência dos Hollisters era famosa em Sacramento: uma mansão em estilo Tudor inglês com piscina e jardins bem-cuidados que se estendiam até o quarteirão seguinte. Era a casa onde Ronald Reagan tinha morado quando era

governador da Califórnia. Apesar de ser a maior casa e a mais agradável entre os integrantes do grupo, eles nunca davam festas nem combinavam de ficar na casa de Julian. Era raro ele chamar alguém para ir lá além de Zack. Jodi achava que talvez os pais tivessem pedido para ele "preservar a história da casa".

Ray Hollister era empreendedor do ramo imobiliário; ele conheceu uma atriz celebridade de novela em Hollywood, deixou a primeira esposa, se casou com a atriz e teve Julian.

– Josie! – exclamou Ray ao abrir a porta da frente. – Que prazer ver você!

Como Jodi não via muito Ray nem a esposa, Nina, não se deu ao trabalho de corrigi-lo. Ray Hollister não estava acostumado a ser corrigido.

Ele gesticulou para que ela fosse ver Julian no quarto dele, no andar de cima, e Jodi seguiu pelo caminho que tinha feito apenas uma ou duas vezes na vida. Ela subiu a escada e se dirigiu para o quarto no fim do corredor, passando por fotos da família amorosa e propagandas de catálogo emolduradas que Julian tinha feito para marcas de roupas infantis e varejistas de roupas e acessórios. Ela deu uma batida na porta dele.

– O que é? – Foi o que ouviu em resposta.

O som de armas de videogame e explosivos reverberava por baixo da porta.

– É a Jodi – disse ela, se sentindo estranha por entrar no quarto quando Julian estava esperando a mãe ou alguém assim.

Houve uma pausa, e o barulho do videogame parou.

– Jodi quem?

Ela revirou os olhos e abriu a porta. Julian estava sentado na cama, sem camisa (de calça, felizmente), passando a mão no cabelo e erguendo as sobrancelhas para ela. O quarto estava mais limpo do que ela esperava: sem roupas no chão, a cama feita, sem pratos vazios ou copos largados.

Jodi estreitou o olhar para ele.

– Você é… organizado?

– O que você tá fazendo aqui? – questionou ele, ignorando a pergunta dela.

Ela enfiou a mão na mochila e pegou a pilha de xerox que tinha tirado.

– É a matéria de anatomia dessa semana. A Lucy me deu o que ela copiou da aula de inglês nos últimos dias, e eu pedi pra Becca Gardner as anotações dela de cálculo. Você perdeu uma prova hoje.

Ela estendeu a pilha para ele. Como ele só ficou encarando Jodi, ela acabou largando tudo na cama.

– Quer um troféu? – perguntou ele, seco.

Ela abriu a boca para retrucar, mas, apesar de estar tendo muito cuidado para

não olhar para a pele dele, Jodi acabou batendo os olhos no peito de Julian pela primeira vez. Todo o lado esquerdo do corpo dele, da axila até a cintura, estava roxo. O ombro também estava escuro.

Jodi engoliu o comentário.

– Você vai voltar na segunda?

Ele desviou o olhar dela e tirou o jogo da pausa.

– Isso é o que estão falando.

O peito de Jodi parecia vazio. Ela achava que talvez os dois tivessem algo a dizer um ao outro. O grito de Julian no pescoço dela ou o jeito que ele disse para ela simplesmente ir embora. O queixo dela batendo na caçamba da caminhonete enquanto o corpo dele a cobria.

Mas ela percebeu que estava enganada.

– Tá. Te vejo na segunda.

Ela pegou a mochila, estremecendo ao se apoiar na perna direita sem querer. Estava pensando em chamar um Uber para ir para casa e não ter que caminhar até o ponto de ônibus.

– Onde foi o corte?

Ela deu meia-volta e viu que ele a observava. Jodi deu um tapinha na coxa direita.

– Onde?

– É… – Ela apoiou o polegar na calça jeans bem onde o ponto começava e esticou o mindinho até lá embaixo, descendo 15 centímetros. – Mais ou menos aqui.

Ele encarou tanto a perna dela que Jodi sentiu o calor esquentar o rosto.

– Vai ficar cicatriz?

Ela fez que sim com a cabeça.

– É, falaram que vai, sim.

Julian tirou os olhos da perna dela e voltou para o jogo, com a mandíbula tensa.

Jodi ficou parada à porta, se sentindo desamparada. Talvez ele a culpasse. Ela tinha ficado paralisada quando o telão desabou. Ele poderia ter salvado o ombro, as costelas e a carreira no polo aquático se ela tivesse se abaixado como os outros.

Ela saiu do quarto, fechou a porta e desceu a escada mancando. Só percebeu que tinha começado a sangrar na calça jeans durante a caminhada até o ponto quando já estava no ônibus.

Capítulo 11

SETEMBRO

Uma noite, Paige ligou chorando, e o coração de Jodi quase parou quando ela disse:

– Recebi a intimação. Eu e a Lucy. Assédio criminoso contra Emily Mills.

Paige fungou, e Jodi recuperou o fôlego.

– O que isso quer dizer? Que tipo de assédio?

– Não sei. A gente tem que ficar na frente de um juiz e dizer que é inocente – respondeu Paige, com a voz embargada. – Acho que eu não consigo fazer isso, Jodi. E a faculdade? O que é que eu vou fazer?

Jodi ficou ouvindo o choro da amiga, repetindo para ela que ia ficar tudo bem, e foi olhar a caixa de correio pela terceira vez naquele dia. Nada ainda. Toda tarde, ela ia olhar se tinha chegado algo pelo correio, temendo o dia em que veria a intimação oficial do gabinete da promotoria pública.

A escola tinha acabado de esquecer as fofocas a respeito do drive-in, uma vez que Paige tinha parado de mancar, os pontos de Lucy e de Jodi tinham sido tirados e Julian tinha voltado a andar normalmente. A intimação daria início a todo um novo drama assim que fosse divulgada.

– E tem um troço estranho na intimação da Lucy – contou Paige. – Alguma coisa sobre agressão.

– O que eles querem dizer com agressão? – perguntou Jodi, com a voz vazia.

– Não sei. A Lucy disse que não pode mais falar nesse assunto. O pai e o advogado mandaram ela ficar quieta.

Jodi deixou Paige desabafar, imaginando o que Lucy tinha feito. O que será que Emily tinha escrito no diário?

Na última semana de setembro, o pai de Jodi ligou para ela a caminho do Oregon.

– Acabei de falar com o gabinete da promotoria. Eles querem te interrogar.

Liguei pra Miranda Perez, e ela falou que você não precisa falar nada. Ela vai ficar lá na sala com você e falar aquele negócio de "sem comentários" até acabar tudo.

– E isso não dá problema? Já que eu sou menor de idade? – perguntou ela, com a voz muito alta. A cabeça estava a mil.

– A Miranda vai ficar lá como sua tutora. A menos que… – Ele fez uma pausa. – … quer dizer, eu poderia cancelar a minha viagem pra Flórida na semana que vem…

– Não. Tudo bem – rebateu Jodi depressa.

O dinheiro estava curto. Jodi guardava cada centavo, e o pai andava fazendo turnos mais longos, tudo para se preparar para quando o adiantamento de Miranda acabasse.

– É verdade que existem advogados designados pelo tribunal ou isso é só coisa da TV? – perguntou ela. – Tipo, se for só pra ficar falando "sem comentários", talvez a gente nem precise da Miranda, no fim das contas…

– Não vou deixar você entrar naquela merda de tribunal com um taquígrafo muito bem pago enquanto os seus amigos ricos saem impunes graças aos 15 mil dólares de honorários que eles pagaram – retrucou ele.

Jodi engoliu em seco, ouvindo o ronco do motor do caminhão do outro lado da linha.

– É, claro. – Ela respirou fundo, relaxando a voz, mudando o rumo da conversa de volta para o que ele queria. – Tudo bem eu ir com a Miranda. Vou ficar quieta e deixar ela falar.



Jodi encontrou Miranda em uma cafeteria depois da aula na segunda-feira seguinte. O compromisso com a promotoria era às quatro, e ela não tinha conseguido se concentrar em nada naquele dia. Tinha falado com os outros pelo Snapchat, perguntando se tinham sido interrogados sobre alguma coisa. Não tinham. Julian, Paige e Lucy tinham recebido as intimações pelo correio, e Zack tinha sido formalmente acusado quando foi preso, mas nenhum deles tinha ficado cara a cara com a equipe de investigação.

– Por que iam querer me interrogar se eu tenho uma advogada presente? O que eles acham que vão arrancar de mim? – perguntou Jodi a Miranda.

– Bem, eles podem estar só fazendo pressão, torcendo pra que você saiba de algo. Eu sei que é assustador, mas lembre-se: você não fez nada de errado.

Jodi assentiu, torcendo para que fosse verdade.

– Você não é esquentadinha, é? – perguntou Miranda, abrindo um sorriso quando estava prestes a dar um gole na xícara de café com leite.

– Na verdade, não.

– Então vai ser tranquilo. Pra falar a verdade, eu também não sei o que querem de você, mas, se não conseguirem te irritar, não vão conseguir nada.

Miranda levou Jodi de carro até o fórum, cheio de corredores bege e ambientes de amianto. Havia um pequeno saguão com quatro cadeiras desconfortáveis, e Jodi se sentou na pontinha de uma delas enquanto Miranda ficou de pé, dando uma olhada no celular.

– Jodi Dillon.

A cabeça dela se ergueu no susto, e lá estava a detetive Harding, de batom vermelho, rabo de cavalo e sapatos falsificados. Estava sorrindo para Jodi, mas era diferente do sorriso felino de três meses antes. Era a imitação de um sorriso sincero, encorajador.

Ela se levantou e apresentou Miranda. Jodi observou as duas mulheres apertarem as mãos. Depois, seguiu a detetive Harding até uma sala com uma mesa grande e duas outras pessoas sentadas em cadeiras de frente para a porta.

– Este é o promotor público assistente Buechler e seu colega Henry Yang.

Buechler se levantou e apertou a mão de Jodi. Era um homem bonito, com cabelos grisalhos e óculos de armação grossa. Poderia ter sido modelo de óculos em outra vida. Yang apenas assentiu para ela antes de continuar a fazer suas anotações, as luzes fluorescentes lançando sombras estranhas em seu queixo anguloso. Miranda puxou uma cadeira para Jodi, depois para si mesma, e logo Jodi estava encarando o fundo dos olhos azul-escuros de Buechler.

– Agradecemos por ter comparecido, Srta. Dillon. Gostaríamos apenas de fazer algumas perguntas para dar continuidade ao interrogatório que a detetive Harding fez com a senhorita em julho.

– Posso perguntar, para efeitos de registro, se a Srta. Dillon está sendo acusada de alguma coisa neste momento? – indagou Miranda, interrompendo-o.

Jodi quase estremeceu com o tom firme e ácido da voz da mulher. Buechler inclinou a cabeça para a advogada.

– Neste momento, não.

Ela lançou um olhar rápido para Miranda, que estava pegando um bloco de anotações e uma caneta.

– Muito bem – disse Buechler, se sentando mais à frente na cadeira. – Srta. Dillon… ou será que posso chamá-la de Jodi?

– Por favor, refira-se à minha cliente como Srta. Dillon.

Jodi tentou não erguer muito as sobrancelhas quando a "voz de advogada" de Miranda reapareceu. Ela não tirava os olhos das anotações.

– Srta. Dillon – disse Buechler, recomeçando. – Quantos anos a senhorita tem?

Jodi fez uma pausa. Quando Miranda não falou nada, ela respondeu:

– Tenho 17.

– E quando foi que conheceu Emily Mills?

– Quando ela se transferiu para a New Helvetia. Era o meu terceiro ano, o segundo dela.

– No começo do ano? No meio?

– A gente teve uma aula no primeiro semestre, mas acho que não falei com ela até outubro.

Yang pigarreou.

– E isso seria outubro de 2023?

– Isso.

Jodi observou Yang rabiscar alguma coisa. Buechler batucou a mesa com a ponta dos dedos.

– Então a senhorita teve aula com Emily durante um mês e meio antes de falar com ela – prosseguiu ele. – Isso é comum para a senhorita?

– Sem comentários – respondeu Miranda.

Jodi mordeu a parte interna da bochecha. *Era* comum para ela, sim. Tinha notado aquilo durante aquele semestre, quando estava tentando fazer novos amigos. Mas não era intencional, como Buechler estava tentando fazer parecer.

– Sobre o que a senhorita e Emily Mills conversavam quando estavam juntas?

– Sem comentários.

Buechler estava imperturbável, como se esperasse a interrupção dela.

– Emily chegou a comentar de suicídio com a senhorita?

– Sem comentários.

Os olhos de Jodi dispararam para a detetive Harding, que estava recostada com uma expressão entediada.

– Como já falei para a detetive Harding, a Emily nunca mencionou suicídio, nem que estava deprimida.

Miranda se remexeu ao lado dela, e Jodi percebeu que devia ter ficado quieta. Mas era a verdade, não importava o que estava escrito em um diário.

– Há mais alguma coisa que gostaria de comentar sobre isso, Srta. Dillon? – perguntou Buechler.

Jodi fez que não com a cabeça. Ele virou uma página.

– Quando foi que a senhorita conheceu Zackary Thrasher?

– Na segunda série.

– A senhorita diria que são próximos?

Buechler ergueu os olhos das anotações para observar a resposta dela. Miranda hesitou.

– Sim, somos muito chegados.

– A senhorita tem ou já teve um relacionamento sexual com Zackary Thr…?

– Sem comentários.

Buechler a encarou, ignorando Miranda e esperando a reação de Jodi. Ela apertou o polegar no ponto de pressão e contou até cinco.

– Sem comentários – disse Jodi, com a expressão mais equilibrada que conseguiu fazer.

Buechler prosseguiu:

– A senhorita diz que são muito chegados. Diria que Zackary Thrasher divide tudo com a senhorita?

– Sem comentários – respondeu Miranda.

Ele virou uma página, e Yang fez o mesmo.

– Quando foi que a senhorita conheceu Julian Hollister?

Jodi ficou surpresa.

– Hum, primeiro ano.

– A senhorita diria que são próximos…?

– Não – respondeu Jodi imediatamente. – Não somos.

Buechler olhou para ela por cima dos óculos de grife antes de empurrá-los pela ponte do nariz. Ele emitiu um som baixinho.

– A senhorita estava no drive-in de Sacramento com Julian Hollister na sexta-feira, 23 de agosto, correto?

Jodi sentia como se a língua não estivesse funcionando.

– Todos nós estávamos no drive-in. Nós cinco.

– A senhorita estava em um carro com Julian Hollister – declarou ele.

Miranda hesitou.

– Estava – respondeu Jodi.

– Ele disse ao funcionário na bilheteria que vocês estavam em um encontro.

Jodi abriu e fechou a boca. A polícia tinha interrogado o cara do drive-in a respeito deles. Por quê? O que aquilo queria dizer?

– Isso é uma pergunta? – indagou Miranda, sondando.

– A senhorita e Julian Hollister estavam em um encontro…?

– Foi uma brincadeira. Não estávamos em um encontro.

A voz de Jodi estava ficando muito aguda. Miranda pôs a mão sutilmente no joelho de Jodi, e ela respirou fundo, voltando a si.

Buechler colocou a caneta de lado e uniu os dedos em cima da mesa.

– Temos registros telefônicos indicando que Julian Hollister enviou uma mensagem de texto para Emily Mills no dia em que ela morreu. A senhorita sabe o que dizia a mensagem?

Um calafrio percorreu as costas dela. Mal conseguiu ouvir a resposta de Miranda:

– Sem comentários.

Por que Julian tinha mandado uma mensagem para Emily? Ela pensou nas anotações na sala da orientadora, na página que tinha roubado.

Julian H. disse que vai comprar um arranjo de flores para ela combinar com as garotas.

Será que essa parte era verdade? Será que Julian tinha enganado Emily de propósito para ela achar que ia com eles, só para enviar uma mensagem para ela antes do baile dizendo que era tudo zoeira?

Jodi se deu conta de que três pares de olhos estavam fixos nela. Buechler, Yang e Harding a observavam com atenção, como se esperassem que ela revelasse magicamente seus pensamentos.

Buechler apertou os lábios.

– A senhorita sabia que Julian tinha enviado uma mensagem para Emily naquele dia?

– Sem comentários.

Jodi quase quis responder àquela, só para garantir que eles soubessem que ela era inocente. Mas Miranda foi esperta em falar por cima dela.

– A senhorita não sabe o que diziam as mensagens de texto? – questionou Yang.

Jodi estreitou os olhos enquanto Miranda fazia a parte dela. Era por causa *daquilo* que ela estava ali. Três perguntas sobre *aquilo*.

– Como assim *vocês* não sabem o que diziam as mensagens de texto? – perguntou Jodi, olhando para os três. – O que tem no celular da Emily?

Harding e Buechler não mexeram um único músculo, encarando-a de volta. Mas Yang baixou os olhos e rabiscou uma anotação.

Jodi ignorou o aperto de Miranda no joelho.

– Vocês não estão com o celular dela, né? – perguntou ela, prendendo a respiração enquanto esperava uma resposta.

Por algum motivo, Buechler assentiu.

– Não, o aparelho não foi encontrado.

As pontas dos dedos de Jodi estavam formigando enquanto a cabeça rodopiava. O que será que Emily tinha feito com o celular dela?

Houve uma conversa… quase seis meses antes… alguma coisa sobre esconderijos.

Emily tinha dito que escondia um baseado em casa. Ela estava tentando se conectar com Lucy enquanto Lucy dava uma tragada no bong de Julian.

Eu ainda não fumei. Se eu fizer isso em casa, meu pai vai me matar. Mas ele nunca vai achar o lugar onde eu escondi.

Ela tinha sorrido para Jodi, que retribuíra com um sorriso fraco.

O Sr. Mills era do tipo que pegava muito no pé. Provavelmente era rigoroso demais com uma adolescente que nunca fazia nada de errado. Emily tinha comentado que ele costumava revistar o quarto dela e o da irmã, revirando colchões, abrindo saídas de ar, arrancando tábuas soltas do chão.

Emily tinha que esconder até a maquiagem. Não era permitida. Tinha contado a Jodi que encontrara o lugar perfeito para esconder tudo…

No banheiro que Emily e Hannah dividiam. Havia um lugarzinho secreto.

Buechler pigarreou, e Jodi se sobressaltou.

– A senhorita sabe onde pode estar o celular de Emily? – Ele parecia quase esperançoso.

Jodi precisava descobrir o que estava naquelas mensagens antes de cooperar. Ela ergueu o queixo.

– A polícia não consegue recuperar esse tipo de coisa?

– Uma mensagem de texto foi recuperada. A outra era um link para alguma coisa – respondeu Buechler. – A senhorita faz ideia do tipo de link que Julian Hollister teria enviado para ela?

– Sem comentários – respondeu Jodi. Ela não fazia ideia.

Buechler suspirou e se recostou. Ele inclinou o queixo para a detetive Harding, e Jodi a observou se inclinar para a frente e se apoiar nos cotovelos.

– Srta. Dillon, de onde vem o nome "Os Thrashers"? – indagou Harding.

Miranda esperou.

– É uma coisa que a escola inventou – respondeu Jodi.

– A escola? A direção?

– Não, os alunos. No primeiro ano.

Harding assentiu em um gesto quase imperceptível.

– E há quanto tempo a senhorita é uma Thrasher? Desde o primeiro ano?

– Eu não me chamo assim. Não é… – Ela tentou organizar os pensamentos

antes que escapassem dos lábios. – A gente não concordava com esse nome. Nós cinco preferimos não ser chamados desse jeito.

– Mas esse nome vem com algumas vantagens, não é?

Jodi manteve a boca bem fechada, esperando que a detetive Harding prosseguisse.

Harding inclinou a cabeça, e Jodi percebeu que Buechler estava permitindo que ela liderasse aquela parte do interrogatório. Ele e Yang estavam arrebatados, prestando atenção.

– Qual é a pergunta? – indagou Miranda, sondando.

– A senhorita acha que há vantagens em ser uma Thrasher? – repetiu Harding.

– Sem comentários – respondeu Miranda, com os olhos nas próprias anotações.

– Da última vez que conversamos, eu perguntei se a senhorita tinha ajudado algum de seus amigos com as notas. – Harding encarou Jodi, como se estivesse esperando um peixe fisgar a isca. – A senhorita respondeu que não. Existem outras razões pelas quais Zackary Thrasher, Julian Hollister, Lucy Reed e Paige Montgomery gostariam de tê-la por perto?

Miranda ergueu os olhos. Jodi encarou de volta, sentindo o pulso disparar.

– Nós somos amigos – respondeu ela, fraca.

Harding fez uma pausa, como se Jodi fosse continuar. Ela decidiu não fazer isso.

– Por que a senhorita acha que são amigos? O que acha que acrescenta à dinâmica deles?

A respiração de Jodi ficou presa na garganta. Era a pergunta pungente pela qual tinha passado os últimos três anos obcecada. Quem sabe até mais tempo. Desde que Zack tirou o aparelho na sétima série e Kacey Andrews o convidou para um baile. Desde a primeira festa do pijama de Julian e Zack no primeiro ano. Desde a primeira festa na piscina com Lucy e Paige. Desde a primeira vez em que Julian tentou excluir Jodi de uma conversa em grupo.

– Sou amiga do Zack desde…

– A segunda série, sim – confirmou Harding, baixando os olhos para as anotações, embora Jodi soubesse que a mulher não precisava fazer isso. – Por que acha que seu vínculo com ele é tão forte, uma vez que as classes sociais e econômicas são diferentes, os hobbies são outros e seu relacionamento com ele nunca se tornou sexual?

Jodi engoliu em seco, e Harding baixou o olhar, percebendo isso. Ela sentiu

pressão em todos os lados do corpo, como se estivesse nas profundezas do oceano. Ao ver que Jodi não conseguia responder, Harding prosseguiu:

– A senhorita diria que é "a engraçada" ou "a inteligente"? Algo nesse sentido?

A insinuação era evidente. *Você não é "a bonita", "a gostosa".*

Jodi olhou para Buechler. Ele a observava com o olhar de um predador, à espera de uma fraqueza. Yang girava a caneta.

– Jodi – disse a detetive Harding em um tom brando, amigável –, você já teve medo de passar pelo "Tratamento Thrasher"?

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

Todos os dias da minha vida.

Ela estava dando a eles exatamente o que queriam. Era por isso que Harding tinha assumido a liderança. Ela já sabia. Com seus Louboutins falsificados e seus apelidos sagazes, como "Tintura de Caixinha".

Jodi respirou fundo para se acalmar.

– Sem comentários.

Processo nº 4512420
Trecho do diário de Emily Mills
Inscrito como prova em 06/08/2024 pela detetive Chelsea Harding

24 de setembro de 2023

Tenho pensado muito na Jodi Dillon. Ela não é tão bonita assim. Pode ser mais bonita do que eu, mas isso é porque ela sabe passar lápis de olho. Ela não é rica como os outros. Eu sou muito mais rica. Sou mais magra do que ela, mais inteligente. Vai ver ela tem peitos maiores, sei lá.

Mas tenho pensado nela porque ela é importante pro Zack por algum motivo. Descobri que os dois eram da mesma escola no ensino fundamental e são melhores amigos desde sempre. Dei uma olhada nas fotos dos anuários da escola de ensino fundamental Phoebe Hearst. Ela era bonitinha, mas o Zack era bem mais – com o cabelinho desleixado dele. Ai, eu quero morreeeer.

Eu simplesmente não entendo qual é a dela. Parece que, tipo... se ela pode ser uma Thrasher, talvez eu também possa. Não precisa ser uma pessoa bonita ou rica, ter pernas perfeitas tipo a Paige Montgomery nem sair sem sutiã tipo a Lucy Reed. Acho que só precisa ser alguém importante pro Zack.

Eu poderia ser importante pra ele. Eu sei que poderia.

Eu tirei 6,5 em biologia porque passo a aula toda prestando atenção na Jodi Dillon. Meu pai confiscou meu celular, meu iPad, meu notebook. Ele não faz ideia de que não são essas coisas que estão me distraindo (sem contar quando fico olhando o Instagram do Zack até cair no sono). Não consigo ouvir o que a srta.

HUBERMAN ESTÁ FALANDO SOBRE MITOSE, NÃO QUANDO A JODI ESTÁ SENTADA PERTO DE MIM. ELA É FASCINANTE.

ACHO QUE EU PODERIA SER ELA SE TENTASSE.

Capítulo 12

OUTUBRO

Duas semanas antes do baile de boas-vindas, Zack se sentou ao lado de Jodi debaixo do carvalho.

– Acabei de ir lá na secretaria recusar a candidatura pra rei do baile, *se* é que vai ter isso.

Jodi parou de mastigar o sanduíche de manteiga de amendoim e engoliu em seco.

– Como assim?

– O pessoal do terceiro ano tá indicando a Emily pra princesa do baile. – Ele passou a mão pelos cabelos de um jeito brusco. – Pelo menos vinte pessoas fizeram isso, então ela com certeza vai estar na cédula.

Jodi respirou fundo, olhando para o campo.

A New Helvetia fazia cerimônias pequenas para cada turma, coroando príncipes e princesas, mas garantindo que uma veterana fosse coroada rainha. Desde que a conhecia, Paige falava sobre ser rainha do baile de boas-vindas no último ano. Zack já era dado como certo. Todo ano. Julian teve uma chance contra ele no ano anterior, quando levou a equipe de polo aquático às regionais, mas nem se abalou ao perder para Zack.

Jodi tinha escrito os nomes de Zack e Paige na cédula de votação na semana anterior.

– Não vale a pena – comentou Zack. – Meu pai também acha. Acha pra valer. Só que… eu acho que a Paige também deveria retirar a candidatura dela.

Jodi massageou a testa, aliviando a tensão. Ela sabia que era o certo a fazer. Se a escola quisesse homenagear Emily naquela noite, ter o nome de Paige na cédula – ou pior, ela *ganhar* a maldita votação – seria horrível.

– A gente pode falar com ela juntos – sugeriu Jodi a Zack. – Acho que ela precisa recusar. Vai ser melhor assim.

Eles encontraram Paige depois da escola, se preparando para uma reunião da simulação da ONU. Jodi detestava confundir a cabeça da amiga antes de uma competição, mas Paige assentiu e disse que ia pensar no assunto.

Quando Jodi estava pegando no sono naquela noite, chegou uma mensagem no grupo: vou desistir. por favor, digam que a gente pode ir embora mais cedo ou nem ir ao baile. não vou conseguir ficar assistindo.

Nenhum deles tinha par. Lucy os tinha obrigado de novo a irem sozinhos no começo do ano letivo.

– Eu me recuso a passar pelo mesmo drama duas vezes seguidas – reclamou ela.

Mais tarde, ela tinha confessado para Jodi que Zack tinha começado a dar em cima de uma garota chamada Kiera na aula de química durante o verão. Lucy estava com medo de surgirem mais acusações de Tratamento Thrasher com outra garota enquanto tinha tanta gente de olho neles. Jodi tinha ficado distraída o dia todo por causa dessa tal de Kiera; ela também devia ser o motivo para Zack ter bombado em química pela terceira vez. Além disso… era mais uma garota, mais uma pessoa dividindo o tempo e a atenção de Zack.

Jodi não estava mais pensando em Kiera quando mandou uma resposta para Paige, sugerindo que talvez eles pudessem dar uma passadinha e sair rápido. Ela ficou chocada com a resposta de Zack: debaixo das arquibancadas?

Ela sorriu, pensando em como seria bom simplesmente ficar numa boa em vez de se preocupar com a aparência enquanto dançava ou ter que fingir que estava com sede toda vez que uma música lenta tocasse, para não ter que ficar parada sozinha no meio do salão.

Para surpresa de Jodi, Julian foi o primeiro a responder: leu meu pensamento

Depois, Lucy: até que enfim a porra de uma ideia boa vindo de vc

Jodi respondeu concordando e enviou uma mensagem para Paige no privado, dizendo que ficaria tudo bem.

Ela mandou de volta os corações cor-de-rosa dançantes que sempre usava.

O nome de Emily Mills estava na cédula de votação do terceiro ano na segunda-feira de manhã, e nem um único Thrasher estava na do último ano. Oliver comentou com ela que ficou chocado ao ver isso, mas Jodi notou que ele estava doido para contar tudo a seus seguidores, então respondeu com poucas palavras.

Quando tia Rosa se ofereceu para levá-la para comprar o vestido do baile de boas-vindas, Jodi não recusou. Caso contrário, acabaria usando o mesmo do ano anterior. Não tinha nenhum dinheiro sobrando dessa vez, pois ia tudo direto para os honorários da advogada. Jodi tinha vendido seu iPad – novinho, que

tinha ganhado no Natal do ano anterior – e encontrado um site para vender suas roupas. Ela tomava cuidado para manter a lista de compras dentro do orçamento, mas não podia deixar de notar que era comum o pai chegar em casa com um fardo de seis cervejas.

Rosa escolheu um vestido bordô curto sem mangas com uma saia de tule bufante que Jodi nunca teria experimentado, mas, assim que Rosa a viu na peça, já era. Jodi não tinha como discutir com uma pessoa que estava disposta a gastar 200 dólares em um vestido para ela. Rosa tentou conduzi-la em direção aos sapatos, mas Jodi a impediu.

– A gente vai de tênis no baile de boas-vindas e de salto no baile de encerramento. Posso usar meu All-Star preto.

Rosa acabou comprando para ela um par daquele modelo de All-Star de salto que só combinaria com alguém como Lucy. Jodi murmurou um obrigada.

Mas agora, de pé em frente ao espelho do quarto de Paige no dia do baile de boas-vindas, Jodi não conseguia crer no quanto a cicatriz na coxa se destacava. Como não tinha notado isso no provador do shopping? Talvez fosse o sapato? Será que ele estava deixando a bunda dela mais alta? Não era isso que um salto alto fazia?

Ela ficou meio tentada a vestir de novo a calça legging que estava usando no ônibus.

– Amiga, que *lindo*! – elogiou Paige, com um gritinho. – E olha só esse *sapato*!

A própria Paige estava usando um All-Star cor-de-rosa com lantejoulas e um vestido rosa e branco. Com o pincel do rímel em uma das mãos, Lucy saiu do banheiro para ver o vestido de Jodi, e o queixo de Jodi caiu.

All-Star preto de couro. Um vestido preto com um corpete, marcando a cinturinha fina, e uma saia de tule bufante como a de Jodi.

– Você tá maravilhosa, Jo – comentou Lucy, abrindo um sorriso radiante para ela.

– Lucy, você tá um pedaço de mau caminho.

Lucy deu uma piscadela para ela, e Paige fez Jodi se sentar numa cadeira para que ela pudesse começar a cachear seu cabelo. Tia Rosa tinha comprado uma bolsa de mão para combinar, e Jodi tinha devolvido no dia seguinte, usando o dinheiro para comprar a tintura de cabelo que queria.

Zack e Julian iam buscá-las às sete, e todos se espremeriam no carro de Zack para seguirem o trajeto curto. Eles dariam uma volta no ginásio, só para serem vistos, e depois seguiriam em separado para as arquibancadas para curtir o resto

da noite. Os vencedores da corte do baile eram anunciados por volta das nove. Eles teriam tempo de sobra para sair antes por causa de Paige.

Enquanto esperavam pelos garotos, as três tiraram as fotos anuais na escada de Paige. Desde o primeiro ano, em todo baile de boas-vindas, quando Jodi ainda ficava pensando por que tinha concordado em "se arrumar" com as novas amigas gatas de Zack, as três garotas tiravam uma foto fazendo a pose dos três macacos sábios na escadaria dos Montgomerys. Mesmo quando Paige estava saindo com Charlie Shaw no segundo ano, ela falou para ele se afastar para que ela, Jodi e Lucy pudessem tirar a foto. Jodi ficava no degrau mais baixo, com as mãos cobrindo a boca e os olhos arregalados; Paige se posicionava logo atrás, com as mãos tapando as orelhas; e Lucy ficava acima delas, espiando pelos dedos que cobriam os olhos.

Cheryl Montgomery reuniu as três às 18h45 e deixou as garotas em posição.

– Sorria com os dentes, por favor, meu amor – pedia ela toda vez para Paige, enquanto fotografava outras poses.

Paige pediu o celular de volta para a mãe, a fim de dar uma olhada nas fotos, e Jodi viu a expressão dela se fechar.

– O que foi? – perguntou Cheryl. – Eu botei o dedo em cima do flash de novo?

Por baixo da maquiagem, Paige estava pálida.

– Não, tá perfeito.

Ela sorriu para a mãe e se virou para mostrar a Jodi. O sorriso tinha sumido.

Ali, logo acima da cabeça de Lucy, na escada, um clarão branco. Como uma mancha ou um reflexo. Como se houvesse uma quarta pessoa ali.

Jodi ergueu os olhos depressa para Paige.

– Tá tudo bem. É só… só o seu celular. Vou cortar na edição. Manda pra mim.

Cheryl anunciou que Zack tinha chegado na mesma hora em que Lucy pegou o celular de Paige e deu uma olhada.

– Paige, você tem que parar com isso – sussurrou ela com firmeza.

Assentindo, Paige ajeitou os cílios e balançou o rosto, respirando fundo para se acalmar.

– Isso me assusta de verdade.

– É só o seu celular…

– O aparelho é novo – sibilou Paige. – Troquei na semana passada.

Lucy olhou para ela, aturdida, tentando encontrar o que dizer. A porta da frente se abriu.

– Eeeeei, alguém pediu um par pro baile? – falou Zack.

Ele entrou dançando, indo até Cheryl para dar um abraço forte nela.

Paige sorriu com animação um pouco excessiva e pareceu deixar todas as preocupações de lado. Os cinco tiraram fotos que nunca seriam postadas no Instagram, aceitaram o cooler de vinho que a mãe de Paige ofereceu (menos Jodi e Zack, que iam dirigir) e concordaram em pedir uma carona na volta se precisassem. Antes de saírem da casa, Zack parou todos na entrada. Ele pulou até o último degrau e pigarreou, dramático.

– Sei que esse baile vai ser um pouco diferente do que a gente queria. Mas achei que seria legal reconhecer a verdadeira rainha da Escola New Helvetia. – Ele sorriu e apontou para Paige. – Julian pegou isso ontem e teve a ideia de fazer nossa própria coroação.

Zack enfiou a mão no bolso interno do blazer e tirou uma coroa do Burger King, daquelas que davam para as crianças. Paige bufou e caiu na gargalhada enquanto deixava Zack coroá-la. Cheryl tirou fotos como se fosse a cerimônia de verdade enquanto Lucy e Jodi riam.

Jodi olhou para Julian e viu que ele estava sorrindo para Paige com sua coroa boba de papelão. Ele estava usando uma camisa social azul e uma calça cinza-escura – sem gravata nem paletó. Só Julian Hollister era capaz de fazer um visual despojado parecer elegante. A camisa parecia ter sido feita sob medida para ele, pelo jeito como marcava as costas e a cintura. O olhar de Jodi se voltou para o rosto dele bem a tempo de ele olhar para ela. Jodi desviou os olhos depressa.

Eles finalmente se apertaram no Mustang de Zack às 19h10 e foram até a entrada dos fundos do estacionamento da escola. Jodi ficou um tempinho ao lado de Paige no ginásio, cumprimentando as pessoas que conversavam com a amiga, mas sem ver sentido em se misturar com gente que não conhecia. Viu Oliver, Nikita e alguns outros dançando, balançando o esqueleto e gritando a letra das músicas a plenos pulmões. Oliver acenou quando a viu, e Jodi sentiu o peito inflar ao acenar de volta, tímida.

Paige começou a dançar com algumas amigas da equipe de torcida, e Jodi pediu licença, apesar de Paige implorar para que ela dançasse. Os saltos do All-Star a incomodavam, embora fosse bom estar mais perto da altura de Paige e Lucy com os quase 8 centímetros a mais. Ela saiu de fininho pela porta lateral, se esgueirando com pressa pelo vestiário, onde conseguia ouvir as pessoas se pegando, e cruzou a porta externa em direção ao campo.

Ninguém estava por perto, apesar dos seguranças que costumavam patrulhar por ali. Ela foi em direção às arquibancadas, caminhando por baixo das vigas

cruzadas até chegar ao lugar de costume deles, embaixo da área dos assentos acessíveis. Tinha sido a primeira a chegar, ou era o que achava.

– Spencer Gordon não te tirou pra dançar dessa vez? – perguntou uma voz vinda de cima.

Jodi olhou pela fresta das arquibancadas e viu um All-Star preto de cano baixo bem acima dela, o cheiro de maconha pairando no ar. Saindo de baixo da arquibancada, ela entrou no campo e viu Julian sentado na quinta fileira, olhando para o campo.

– Spencer Gordon? Ele não falou comigo o semestre todo.

Spencer tinha chamado Jodi para dançar no baile de encerramento do ano anterior. Era bom não estar sozinha enquanto tocava uma música lenta, mas ela não conseguira deixar de suspeitar que Paige tinha armado aquilo de algum jeito. Não deu muita trela para o assunto depois disso, porque fora na noite da morte de Emily.

Jodi subiu e se sentou na quarta fileira, montada no banco de um jeito que faria tia Rosa estalar a língua.

– Isso é porque você se esconde na hora do almoço. – Ele deu uma puxada e soltou a fumaça. Jodi revirou os olhos e se virou para o estacionamento. – Ele fica falando de você. É irritante.

Erguendo os olhos para ele, Jodi o encarou.

– Ele fica falando de mim? O que isso quer dizer?

Julian respirou fundo para pegar ar puro e falou com uma voz monótona, de quem tira sarro:

– "Acho que a Jodi não pegou a aula de cálculo esse ano, né?" "A Jodi se machucou no drive-in?" "Então, vocês todos vão ficar sem par no baile? A Jodi também vai sozinha?"

Ela estreitou os olhos para ele.

– Você tá exagerando. O Spencer não fala comigo desde o baile de encerramento.

Ela deu uma mordida no lábio, abanando a fumaça que ele estava soltando. Spencer era muito bonitinho, e eles tinham várias séries de TV favoritas em comum. Ela balançou a cabeça para desanuviá-la.

– Ele tem meu número – comentou. – Se ele gostasse de mim, poderia ter mandado uma mensagem ou algo do tipo.

– Não é assim que a banda toca. – Julian se espreguiçou, estufando o peito e esticando os braços para trás com um estalo. – Olha só pra você. Você tem o número do Zack há dez anos.

O olhar dela se desviou dos botões que forçavam a camisa na altura do esterno dele. Ela sentiu o ar se esvair dos pulmões e o sangue ser drenado do rosto.

Os lábios dele se abriram num sorriso ao ver a expressão dela. Que ardiloso. Ele passou a língua pelos dentes, e Jodi voltou a olhar para o estacionamento, observando os faróis iluminarem uma fileira de carros.

– Fala a verdade, Dillon. Você acha mesmo que o Zack vai acordar um dia e se tocar que ele também te ama, ou…

– Cala a boca. – O rosto de Jodi estava queimando, e ela sentiu lágrimas de vergonha brotarem nos olhos. – Só… meu Deus…

– Porque é melhor você se apressar. Ele tava doido pra dançar com a tal da Kiera a semana toda.

Ela se levantou; precisava ficar sozinha. Andou pela fileira de arquibancadas até o final.

– Eu só tô falando pra você não dormir no ponto com o Spencer! – gritou ele atrás dela.

Ela o ignorou. Ele já tinha comentado antes. Jodi sabia que não era sutil, mas também não andava por aí mostrando seu diário de sonhos nem nada que desse tanto na cara. Mas, se Julian contasse a Zack que ela estava a fim dele, ele ia estragar uma coisa boa.

Ela sentiu as arquibancadas rangerem, o barulho de sapatos nas ripas. Um corpo aterrissou ao lado dela. Ela cruzou os braços; queria muito ter levado um casaco, pois se sentia tão vulnerável com os ombros à mostra.

– Acho que você vai contar pra ele antes da formatura – disse Julian, soprando fumaça. Ela a abanou com um aceno da mão. – Acho que você vai estar lá, de vestido e capelo na mão, esperando pra atravessar o palco, daí vai agarrar o braço dele e dizer: *Zack. Eu gosto de você. Desculpa eu nunca ter te contado. Fui covarde*. – A voz estava melodramática, e ele usou o tom perfeito de agudo para imitá-la.

– Por que eu contaria pra ele? – retrucou ela. – Por que eu arriscaria mudar tudo, já que não faria diferença?

– Não faria diferença? Você não tem nenhuma esperança…?

– Eu sei que ele não sente a mesma coisa, tá? Eu não sei o que você tá tentando fazer, talvez me fazer parecer ridícula ou deixar o Zack tão sem graça que ele não vai mais querer ficar perto de mim, mas, se a sua intenção é me humilhar, vai ter que fazer isso sozinho.

Ela olhou para o outro lado do campo, com os olhos focados nas

arquibancadas opostas como se houvesse algo interessante para ver lá. Conseguia sentir que ele a observava. Quando ele levou o baseado quase no fim à boca de novo, ela esticou a mão e o pegou, colocando-o entre os lábios e dando uma puxada leve. Talvez fosse a pressão dos colegas. Talvez fosse mais uma noite em que os amigos iam ficar chapados e bêbados, e ela ia só ficar olhando. Jodi já tinha fumado. Não curtia, mas às vezes era bom não parecer careta e simplesmente dar uma puxadinha e sorrir um pouco mais nas horas seguintes.

Ela devolveu o baseado para Julian e, quando ele não o pegou, ela olhou no fundo dos olhos dele. Julian estava dando um sorrisinho travesso para ela. Finalmente, ele pegou o baseado e o apagou. Quando o garoto se inclinou, ela viu os olhos dele grudarem na sua coxa, onde a cicatriz do drive-in estava totalmente exposta. Ela ficou com vontade de puxar a saia para baixo, mas se conteve. Os dedos dele se contraíram, como se ele fosse passar a ponta dos dedos na pele dela, mas isso não era do seu feitio.

Os olhos se desviaram da cicatriz e foram parar no tule e no corpete.

– É um belo vestido – elogiou ele.

Ela tentou achar aquele tom de quem estava tirando sarro de novo, esperando que depois disso Julian fosse comentar que Zack ia gostar ou alguma outra provocação.

– Cala essa boca.

Ela se levantou, ansiosa para se afastar dele, e nem parou para pensar por que a mão tinha ido alisar o vestido na mesma hora, garantindo que ainda parecesse "belo" enquanto se afastava, descendo as arquibancadas com os tênis muito altos para se sentar duas fileiras abaixo.

– Oi! – Paige estava saindo correndo do lugar de costume. – Somos os únicos que vão se mandar hoje à noite?

– É o que parece – comentou Julian.

Ele tirou uma garrafa de vodca do meio dos bancos. Devia ter saído direto do carro para as arquibancadas, sem nem parar para socializar no baile.

– Framboesa pra rainha do baile – disse ele, passando a garrafa para Paige.

Ela tomou um bom gole da vodca saborizada enquanto Zack e Lucy se juntavam a eles. Julian acendeu outro baseado, puxou uma vez e estendeu o braço, oferecendo-o a Jodi. Quando ela o pegou, Lucy ergueu uma sobrancelha.

– Opa, opa, opa. A gente vai fazer a festa hoje à noite.

Ela subiu gingando os degraus da arquibancada para se juntar a Jodi na terceira fileira, fazendo um biquinho até que Jodi entendesse a deixa. Ela deu uma puxada – mais do que queria – e soprou o ar na boca aberta de Lucy, que

puxou e depois soltou a fumaça.

– É isso aí, garota! – exclamou ela.

Jodi riu. Zack e Paige estavam passando a vodca para lá e para cá, conversando baixinho. O peito de Jodi ficou apertado ao ver os dois aos cochichos, mas a conversa com Julian estava fresca na cabeça dela, então desviou o olhar. Lucy colocou a bolsa de mão no banco ao lado dela e se virou para Julian.

– Quando é que você vai voltar pra piscina?

Ela pegou o baseado de Jodi, deu uma puxada e o devolveu para Julian.

– Eu já tô nadando em casa.

Jodi olhou para trás.

– Você não ia levar de seis a dez semanas pra se recuperar?

Ele ergueu uma sobrancelha e deu de ombros.

– É. E daí?

Jodi revirou os olhos e se virou quando Zack subiu nas arquibancadas, indo na direção deles. Paige estava procurando uma playlist no celular. Zack se jogou ao lado de Jodi e afofou a saia dela.

– Esse vestido é lindo. Você tá incrível.

Ela deu um sorriso radiante para ele, sentindo as bochechas corarem.

– Valeu. Foi a Rosa que escolheu.

De repente, Julian deu um pulo, assustando-a.

– Aposto que ainda consigo ganhar da Lucy em uma volta no campo.

– Pois é, o que são algumas costelas quebradas? – comentou Paige, bufando.

– Eu tô falando sério. – Ele desceu a arquibancada correndo até chegar à grama. – Você vai descer?

Lucy abriu um sorriso para ele, lento e travesso.

– Você tá preparado pra ser destruído e também humilhado?

– Pode ser a sua única chance de me vencer – provocou Julian, alongando os quadríceps.

Lucy desceu da arquibancada e deu uma corridinha em direção à grama num piscar de olhos.

– Jo, olha aí pra mim se eu trouxe a minha bombinha – pediu ela.

Balançando a cabeça diante da encenação besta deles, Jodi abriu o zíper da bolsa de Lucy e confirmou que a bombinha estava ali. Paige aceitou cronometrar o tempo, e Lucy e Julian dispararam, os dois pares de All-Star mantendo um ritmo constante antes de começarem a frear.

– Quem será que vai vencer a votação do baile? – perguntou Jodi, enquanto

Paige se sentava no banco em frente a ela e Zack. – Ou vocês preferem não falar disso?

– Não – respondeu Paige, abanando a mão. – Tudo bem. A Reagan tá forte na campanha. Ela deve estar muito animada pra tirar tudo que puder da gente. E Jake Flynn tá empatado com Hugo Vargas, aquele garoto que fez um filme no verão.

– Ah, ele. A Sra. Calloway fala dele o tempo todo. Ela se trancou na sala quando descobriu que ele não ia participar do teste de elenco.

– Qual é a peça deste ano? – perguntou Zack, pegando o baseado largado e abrindo a bolsa de Lucy à procura do isqueiro.

– *Nossa cidade*.

– Hum. É boa?

– Sei lá. No momento eu tô pintando "uma cidade" no cenário com Oliver Burns.

A maconha fazia a cabeça de Jodi parecer mais leve, como se tivesse muito ar entrando.

Lucy e Julian estavam na metade do caminho, empatados, mas Jodi tinha certeza de que Lucy estava guardando as energias para a curva final.

– É tão estranho ele estar falando com você de novo – comentou Paige. – Ele não mudou nada desde o ensino fundamental, né? Tipo, ainda é um drogadinho?

Ela riu. Jodi se forçou a fazer o mesmo, embora não soubesse o que era tão engraçado, já que Zack estava dando uma puxada num baseado já fumado e Paige estava segurando a vodca como se fosse um recém-nascido.

– Ele ainda é engraçado. A gente não tem muito em comum a não ser a arte agora, mas ele tá em duas das minhas aulas. É bom ter alguém que eu conheço, já que a gente não tá mais fazendo muita coisa junto.

– A gente faz coisa junto. A gente tá aqui – rebateu Paige, erguendo os olhos para ela como um cachorrinho pidão.

Jodi simplesmente sorriu de volta. Não adiantava lembrar à amiga que eles não saíam juntos desde o drive-in. Que a conversa no grupo só rolou quando Jodi deu corda. Que, tirando a aula de inglês, ela não via mais Paige.

Julian e Lucy fizeram a curva final. Paige ficou de pé num salto para torcer por Lucy, que estava avançando. Era difícil dizer de longe, mas Jodi pensou ter visto Julian fazer uma careta.

Lucy bateu na mão de Paige primeiro, quase um metro e meio na frente de Julian. Eles voltaram para a arquibancada, ofegantes, enquanto Julian a desafiava para uma revanche dali a duas semanas, com calçados adequados.

Jodi já estava com a boca aberta para tirar sarro dele por botar a culpa no sapato, mas houve um lampejo no ombro dela. Ela se virou depressa. Não havia ninguém lá.

Mas, acima deles, a luz de segurança que permanecia acesa dia e noite tremeluzia. Até que se apagou.

Jodi ficou encarando a lâmpada, esperando que piscasse de novo. Um chiado atraiu a atenção dela outra vez.

Lucy estava tossindo, ainda tentando recuperar o fôlego.

– Jo. Minha bolsa – pediu ela, ofegante.

Jodi pegou a bolsa de mão que guardava a bombinha e desceu os degraus. Quando chegou lá embaixo, viu Paige encarando a lâmpada apagada, parecendo pálida ao luar.

Paige recuperou o foco e pegou a bolsa das mãos de Jodi com um sorriso, abrindo-a e procurando a bombinha para Lucy.

Julian estava deitado de barriga para cima na grama, recuperando o fôlego. Jodi observou as costelas dele se mexendo depressa. A respiração superficial. Que grande babaca.

– Onde…

Jodi se virou para Paige. Lucy estava sentada na fileira da frente, ofegante. Paige estava revirando a bolsinha.

– Você não falou que tava aqui? – perguntou ela para Jodi, com os olhos arregalados.

– Falei. – Jodi chegou mais perto. – Tava bem em cima.

Lucy tossiu, com a garganta seca e sem ar.

– Zack! – Jodi olhou para a quinta fileira de assentos onde ele estava deitado, observando as estrelas. – Você pegou a bombinha dela quando tirou o isqueiro?

Ele se sentou.

– Não. Tava bem em cima.

– Tem certeza? – A voz de Paige estava estridente.

Ela se jogou na grama, virando o conteúdo da bolsa de Lucy. Dela caiu o vape de Lucy, a identidade, o protetor labial, duas notas de vinte. Nada.

Lucy colocou as mãos nos joelhos, se apoiando e baixando a cabeça. Parecia que várias pedras estavam raspando dentro da garganta dela.

A arquibancada balançou quando Zack desceu correndo.

– Tava bem ali. Eu vi. Eu juro que vi.

Paige e Jodi, que estavam no chão, ergueram os olhos para ele e, atrás da cabeça de Zack, a luz de emergência piscou e acendeu. E apagou outra vez. Paige

ficou de pé como se tivesse acabado de ver um fantasma.

– Emily…

– O quê?

– É… – Jodi apoiou a mão no ombro de Lucy. – A gente só precisa achar essa bombinha. Paige, fica com ela.

Jodi disparou por baixo das arquibancadas enquanto Julian finalmente se aproximava para entender o que estava acontecendo. Talvez tivesse caído entre as ripas. Ela escalou as vigas, passando pelo lugar favorito deles, e olhou para cima. Zack se juntou a ela.

– Será que alguém pegou? – sussurrou ele.

– Não, olha. – Ela apontou para a quinta fileira, onde a bolsa tinha estado. – É muito alto pra escalar por ali.

A tosse de Lucy estava piorando. Zack correu de volta, se juntando a Julian na arquibancada, procurando a bombinha que Jodi sabia, em uma parte sombria de si mesma, que não estava lá. Ela usou a lanterna do celular para vasculhar a terra sob os pés e não encontrou nada.

Correu de volta contornando a arquibancada. Paige estava sentada no primeiro banco ao lado de Lucy, cuja respiração estava chiando, ofegante e rasa dentro do corpete do vestido.

– O que a gente faz? – A voz de Paige estava aguda.

Jodi se abaixou e começou a desamarrar os laços na parte da frente do vestido de Lucy.

– Tá tudo bem, Lucy. Tá tudo bem.

Mas os nós estavam muito apertados.

– Julian! – chamou Jodi. – Traz o canivete?

Ele o pegou e o jogou para ela. Jodi o pegou e cortou os laços de cetim.

– Tá tudo bem, Lucy – repetiu ela. – Só respira.

– A gente… a gente precisa chamar a ambulância, né? Ela precisa de um médico? – perguntou Paige, depois começou a guardar tudo de volta na bolsa da amiga.

– Lucy – chamou Jodi.

Ela começou a rasgar o vestido, afrouxando o corpete até que o sutiã adesivo de Lucy fosse a única peça que a cobria. Jodi colocou a mão na barriga dela e falou para ela respirar.

– Lucy, o que a gente faz? – perguntou ela com calma. – Você tem uma bombinha no seu armário?

Ela balançou a cabeça, e o som de cada respiração parecia o de junco

deslizando um contra o outro.

– Ambulância? A gente liga pra emergência e fala da asma, e eles vão trazer uma bombinha?

Julian desceu num pulo.

– A gente vai ter que se livrar das garrafas e da maconha…

– Isso não importa, cacete! – retrucou Jodi.

– A gente não pode aparecer no noticiário de novo, Jo – disse Zack baixinho, quase implorando.

– Ela não tá conseguindo respirar! – gritou Paige para ele.

Lucy segurou o pulso de Jodi e tentou falar. Os lábios escuros pareciam azulados.

– Os socorristas vão demorar – comentou Zack. – Tem alguém no ginásio…

– Vou correr até lá – disse Julian. – Vou chamar um professor e dizer que essa merda toda era minha.

Jodi se sentou, tendo uma ideia.

– Zack, senta aqui com ela. Tenta deixar ela calma.

Ela rolou a tela dos contatos no celular até achar o número que chamou com mais frequência nos últimos dois meses do que em todo o ensino médio. Ele atendeu, o som do baile ainda ao fundo.

– Alô?

– Oliver? Você tá com a sua bombinha? O seu… o seu remédio pra asma? Você ainda toma?

– Como assim?

Ela se afastou dos outros, indo para debaixo da arquibancada.

– Preciso de uma bombinha aqui no campo de futebol.

Houve uma pausa, em seguida o barulho de fundo desapareceu como se ele tivesse entrado em um corredor.

– Eu tô com ela aqui, sim.

– Pode trazer pra mim? Do outro lado, perto da barraquinha desativada? Perto dos assentos acessíveis…

– Eu sei onde vocês costumam ficar.

– Dá pra… dá pra vir correndo?

Lágrimas escorriam pelo rosto dela. Lucy não estava mais tossindo, e ela não sabia o que isso queria dizer.

Ela ouviu sapatos rangendo no piso do outro lado da linha. Depois de alguns instantes, os passos vinham da esquerda dela. Jodi apontou a tela do celular para Oliver a fim de mostrar a localização deles.

Ele estava correndo – aquele mesmo jeito de andar que fazia com que tirassem sarro dele na sétima série. A bombinha estava na mão, e ele a balançava quando a alcançou. Jodi correu com Oliver por entre as vigas em direção ao campo. Oliver não perguntou nada; foi direto até Lucy e a ajudou a se sentar ereta e a segurar a bombinha.

O chiado do remédio era como música para os ouvidos de Jodi. Lucy prendeu a respiração, as bochechas se enchendo de ar. Ela o soltou com aquele som frágil e puxou de novo, segurando o ar por mais tempo dessa vez.

Jodi sentiu o corpo começar a relaxar. Sentia como se *ela* tivesse corrido pelo campo de futebol, pronta para desmaiar.

Todos ficaram em silêncio enquanto Lucy prendia a respiração. Jodi só sentiu que as coisas iam ficar bem quando Lucy começou a puxar a frente do vestido de volta. Ainda estava ofegante, mas a bombinha estava fazendo efeito.

Lucy se virou para Oliver com os olhos marejados e murmurou um *obrigada*.

– Obrigada, Oliver – repetiu Jodi. – Eu não sabia o que fazer por ela. A bombinha dela estava aqui há um segundo…

Ela parou de falar quando notou a expressão de Paige.

Os olhos azuis estavam grudados no poste que tinha tremeluzido, a pele tensa ao redor da boca. Jodi olhou para cima. A luz de emergência piscou uma vez e depois permaneceu acesa.

Paige se aproximou dela, pegando a bolsa de Lucy. Ela a abriu com os dedos trêmulos e espiou lá dentro. Uma risada escapou de seus lábios, e ela deixou a bolsa cair.

Todos ficaram assistindo enquanto a risada de Paige se transformava aos poucos em choro. Ela se virou, deu cinco passos e vomitou a vodca de framboesa na grama.

Jodi pegou a bolsa e olhou lá dentro. A bombinha da Lucy estava bem em cima.

Capítulo 13

Jake Flynn e Reagan Matthews foram coroados rei e rainha do baile de boas-vindas. Emily Mills recebeu o título póstumo de princesa do terceiro ano.

Mas eles não precisaram pisar em ovos perto de Paige por causa disso. Ela não estava mais preocupada com o baile. Estava ligando para a tia para perguntar sobre a médium que ela costumava consultar. Comprando cristais na internet a fim de espantar espíritos vingativos. Paige não queria mais reunir os cinco, pois acreditava que era por isso que Emily estava brava.

Jodi se ofereceu para ir até a casa dela e conversar com a amiga, tentar mostrar as notícias que tinha encontrado de outros telões de drive-in que caíram, mas Zack insistiu em ir.

Jodi estava deitada de bruços na cama, no FaceTime com Zack, Paige, Julian e Lucy.

– Jodi! – exclamou Paige de repente, e Jodi a viu pular e sair da tela. – Eu me esqueci totalmente. Eu vi isso e peguei pra você!

Zack deu uma olhada no próprio reflexo na tela do FaceTime enquanto eles esperavam que Paige voltasse para a cama. Ela ergueu um panfleto cor-de-rosa bem vivo.

– É um concurso de arte! Zack e eu vimos no Burr's!

– Ah, tá – gaguejou Jodi em resposta ao descobrir que Zack e Paige tinham ido comer um lanche sem convidar os outros. – Eu vi isso no Burr's também.

– Você vai se inscrever? – perguntou Zack.

Jodi balançou a cabeça, evasiva.

– Talvez! É pra crianças de 12 anos também. Acho que eu não conseguiria lidar com uma derrota pra alguém da sétima série.

– Ou – disse Lucy – você destrói todos os alunos da sétima série, põe eles pra chorar e a gente faz o Sr. Burr pendurar a sua foto ao lado da nossa mesa favorita com uma plaquinha dizendo "Somente para vencedores de concursos".

Jodi riu enquanto eles foram escalando a piada, falando sobre o irmão caçula babaquinha de Reagan Matthews e como fazer o menino entrar no concurso só

para que Jodi pudesse vencê-lo.

No final da chamada, Paige estava rindo e pegando o celular de Zack para tirar um print da tela mostrando o rosto de todos. Jodi observou a expressão da amiga se desfazer por apenas um segundo antes de rir de algo que Julian tinha dito. Mais tarde, Jodi mandou uma mensagem para ela: e o clarão?

Os três pontinhos apareceram e sumiram várias vezes durante cinco minutos. Então, por fim: acho que era só o seu espelho

A pele de Jodi irrompeu em calafrios. Ela se virou, olhando para o quarto, ignorando as outras mensagens de Paige que tentavam tranquilizá-la, afirmando que era só a imagem granulada do FaceTime. Ela caiu em um sono agitado e cheio de lembranças.



Jodi estava sentada debaixo de uma árvore, lendo os capítulos pedidos em aula de A Separate Peace*, erguendo os olhos toda vez que Lucy gritava. Eles estavam em um estacionamento abandonado em um fim de tarde, sob o pretexto de ensinar Jodi a dirigir, mas ela não estava ao volante havia mais de uma hora.*

Porque Emily também queria aprender a dirigir.

Então, Zack e Paige quiseram jogar Ou Vai ou Racha, a brincadeira que eles tinham inventado durante o verão.

Lucy deu um grito, e Jodi ergueu o olhar e viu os membros longos e escuros dela espalhados em cima do capô do carro de Paige em movimento, percorrendo o trecho esburacado do estacionamento a cerca de 25 quilômetros por hora. O objetivo era ficar em cima do capô do carro, completamente à mercê da pessoa que estava dirigindo.

Jodi achava que aquele era o jeito mais burro de se divertir que já tinha visto desde que tinha tentado ficar chapada pela primeira vez e… tinha a impressão de que não teria equilíbrio para ficar no capô sem sair voando. Eles costumavam brincar disso em um gramado, com a vantagem de poder cair na grama em vez de no asfalto, mas o percurso também era mais acidentado.

Paige parou o carro, Lucy pulou do capô e Paige saiu do carro com Zack, Emily e Julian.

A outra razão pela qual Jodi não queria participar?

Paige ficou dentro de um círculo formado pelos outros quatro, fechou os olhos com força, estendeu o braço com o dedo apontado e rodopiou até ficar tonta. Quando parou, estava apontando para Julian. Paige soltou um gemido.

A outra razão era que Jodi não gostava de ter uma em quatro chances de Julian estar ao volante. Não conseguia ter confiança de que ele ia mesmo parar quando a pessoa no capô gritasse "ou vai ou racha!" – tipo uma palavra de segurança. Ele não tinha parado quando Zack pedira, no mês anterior, e Jodi tinha gritado com ele do banco do passageiro do Mustang de Zack.

Paige pulou no capô do carro dela, e Julian foi para trás do volante.

Jodi meio que queria que a tivessem deixado em casa, mas, mesmo que não estivesse participando – mesmo que estivesse vendo Emily Mills tomar seu lugar no círculo –, não queria ficar de fora. Se Paige quebrasse o braço naquele dia ou Emily batesse o carro de Paige numa árvore, Jodi teria que ouvir outra pessoa falar do assunto pelo resto do ano letivo.

Ela viu Paige se segurar com toda a força enquanto Julian acelerava. Ele virou o carro em direção a uma parte com grama e, assim que Paige começou a falar "Vai…", Julian pisou no freio, e Paige saiu voando.

Jodi arfou, ficando de pé num salto. Paige caiu na grama, rolando várias vezes. Jodi estava correndo na direção dela antes de ouvir Paige começar a rir. Lucy tinha saído do carro e estava ao lado dela, e as duas garotas estavam rindo.

– Julian! – gritou Jodi, correndo o resto do caminho até o carro. – Que merda foi essa?

Julian saiu do banco do motorista e, quando Jodi o alcançou, ela o empurrou contra a porta.

– Ei! Ela tá bem! – argumentou ele, gesticulando para Paige, que ainda estava às gargalhadas. – Eu sabia o que tava fazendo, mãe.

– Tá bom, tá bom – disse Zack, se colocando entre os dois antes que Jodi pudesse retrucar. – A Paige tá bem. Todos nós sabemos no que estamos nos metendo quando vamos para o capô.

Jodi deu meia-volta e foi até Paige, batendo o pé. Ela não tinha sofrido nenhum arranhão. Paige e Lucy garantiram que estava tudo bem.

Quando Jodi se virou de novo para o carro, Zack estava ajudando Emily a subir no capô.

– Não. Nada disso. – Jodi balançou a cabeça. – Nem pensar.

Ela foi batendo o pé até o carro e segurou o braço de Emily, que sorriu e segurou a mão de Jodi, se deixando ser puxada dali.

– Só porque você não gosta de correr risco, não quer dizer que a Emily também não goste – disse Julian, inclinando a cabeça para ela.

– Não. A gente não vai fazer isso.

Jodi olhou para Paige e Lucy em busca de ajuda. Paige parecia dividida.

– Emily, acho que é melhor você não ir hoje, tá? – disse ela por fim.

Lucy revirou os olhos. Zack parecia perdido.

– A Emily é a única que ainda não foi – comentou Zack.

Jodi hesitou. Ela sabia… sabia *que, se Emily subisse naquele capô, ia se machucar. Era uma intuição. Ou um deles faria uma burrice ou Emily tentaria ser mais corajosa do que deveria.*

Emily continuou segurando a mão de Jodi mesmo quando Jodi relaxou o aperto. Jodi se virou para ela.

– Você não queria ver aquele filme da Marvel hoje à noite?

Os olhos azul-celeste da garota se iluminaram.

Ninguém foi com elas. Emily chamou um Uber, e as duas assistiram a um filme de super-heróis do qual Jodi não sabia nada. Emily se sentou à esquerda e entrelaçou o braço com o da amiga, puxando o cotovelo de Jodi com força para o lado dela.



Faltava empolgação para o Halloween daquele ano. Paige estava convencida de que fazer alguma coisa juntos no feriado seria provocar o destino, então não quis ficar assistindo a filmes de terror com os quatro na sexta-feira anterior à data. Jodi não pôde deixar de notar que o filme que Lucy tinha escolhido para assistir na casa de Zack não tinha fantasmas nem assombrações.

Zack ficou no celular a noite toda, enviando mensagens de texto. Lucy reclamou várias vezes pedindo que ele parasse, e foi aí que Jodi se deu conta de que provavelmente era com a tal da Kiera que ele estava conversando. O humor dela azedou. Ainda estava se recuperando do fato de Zack ter tido a audácia de dar em cima de uma garota nova enquanto estava sendo acusado de estupro de vulnerável, mas ela não sabia dizer se era esse o motivo de sua irritação. Talvez ela só estivesse com ciúme.

No dia seguinte, Oliver conseguiu ingressos baratos para uma peça profissional. Jodi, Nikita e Oliver foram até o centro da cidade de carro para ir ao teatro. Quando convidaram Jodi para ir a uma festa depois, ela recusou, já exausta. E eles a deixaram em casa antes de ir.

Jodi enfiou a chave na fechadura e, antes mesmo do clique, ouviu o som de um jogo de futebol na TV. Respirando fundo, abriu a porta e viu o pai olhando fixamente para a televisão. Havia cinco garrafas a seus pés e uma sexta na mão.

Depois de deixar a bolsa perto da entrada, ela fechou a porta fazendo muito

barulho para anunciar sua chegada. Ele se virou por cima do braço da poltrona.

– Por que você chegou tão tarde?

Jodi ergueu as sobrancelhas.

– Como assim? É tipo… meia-noite.

A expressão do pai ficou mais severa.

– Como é que é? É dia de semana, Jodi.

– Hoje é sábado, pai.

Ela foi até a cozinha para começar a lavar a louça. Era tudo dela, porque ele nunca estava em casa para comerem juntos, mas mesmo assim Jodi ficou furiosa por ele estar em casa provavelmente havia quatro horas sem ter feito nada a não ser largar garrafas vazias no chão e a sacola do McDonald's no balcão.

– O cheque da sua advogada foi descontado hoje – comentou ele, e mal deu para ouvir por causa do som alto da televisão.

Jodi esfregou a panela na qual tinha feito macarrão na noite anterior, esperando a pedrada.

– Lá se foram 3 mil dólares. Ela cobrou *3 mil* só pra ficar sentada do seu lado falando "sem comentários".

– É o sinal dela, pai. Isso cobre as primeiras dez horas de trabalho. E eu te *falei* que a gente poderia ter ficado com um advogado designado pelo tribunal…

– A gente não vai contratar um advogado de merda. Não pra isso.

– Bem, então eu não sei o que te falar! – Ela atirou a esponja de volta na pia, desistindo. – É *você* quem tá gastando 3 mil dólares pra alguém ficar falando "sem comentários".

Garrafas tilintaram umas nas outras, e ela se virou e viu que ele estava se levantando.

– Você só precisava fazer *uma coisa*, Jodi: ficar longe de encrenca. Uma coisa, e você estragou tudo.

– Uma coisa? Sério mesmo? Não vem me falar que eu só precisava fazer "uma coisa". – Ela já estava cheia. Jodi foi em direção ao quarto, deixando a louça para o dia seguinte. – E não fica aí fingindo que esse não era todo o meu dinheiro da *faculdade* que *você* decidiu investir nessa advogada…

– *Seu* dinheiro da faculdade? *Seu dinheiro?* – Ele deu um passo à frente, cambaleando. – Você não ganhou nem um centavo desse dinheiro… Ei! Não me dá as costas, não!

Ela se abaixou para pegar a bolsa bem na hora que uma corrente de ar passou ao lado da orelha; em seguida, ouviu o som de algo quebrando ao bater na parede do corredor. Jodi se encolheu toda. Uma garrafa de cerveja estava espatifada aos

pés dela, com o líquido dourado escorrendo para o carpete.

Ele tinha jogado a garrafa na cabeça dela.

Jodi não se virou; não queria ter a esperança de ver uma expressão de quem se desculpa, pois sabia que não era isso que ia acontecer. Ela correu até o quarto, bateu a porta com força e a trancou. Pegou a cadeira da escrivaninha e a enfiou debaixo da maçaneta também, uma precaução a mais que tinha começado a tomar no ano anterior.

Ofegante, ficou encarando a porta, ouvindo os passos pesados do pai se aproximando. A maçaneta sacudiu, e ela deu um pulo.

– Você não pode falar desse jeito comigo dentro da minha casa!

– Você não pode jogar coisas em mim! – Ela recuou até o outro lado da cama. – Você prometeu que não ia mais fazer isso.

Ficou torcendo para que essa fala refrescasse a memória dele. Para que ele ficasse quieto e se lembrasse do hematoma no ombro dela, do som do choro dela do outro lado da porta do quarto.

Mas não foi o que aconteceu.

– Você tá agindo como uma pirralha arrogante. Tá passando tempo demais com esses riquinhos e agora acha que é um deles.

Jodi tirou o celular do bolso. Quando ele ficava desse jeito, não parava mais. Ele não ia simplesmente voltar a assistir ao jogo. Ele ia voltar para a porta dela de hora em hora e ia bater várias vezes até que talvez a arrebentasse. Ela achou o primeiro número na lista de favoritos e ficou ouvindo o telefone chamar enquanto o pai esbravejava frases fragmentadas.

Zack sabia. Sabia que, se ela ligasse de madrugada, ele precisava ir até lá depressa. Sabia que tinha que estacionar a duas casas de distância, correr até a janela do quarto dela e destravar a tela. Sabia como ajudá-la a descer pelo lado de fora quando as pernas curtas de Jodi não conseguiam alcançar o chão atrás dos arbustos. Sabia como fazer Jodi sorrir e esquecer tudo assim que os dois estavam com o cinto de segurança afivelado e com o carro descendo a rua. Sabia que não devia fazer perguntas.

– *Oi, aqui é o Zack. Deixe uma mensagem.*

A ligação caiu, e ela tentou de novo, com os olhos fixos na porta do quarto. Houve um baque e um grunhido. O pai tinha tentado arrombar a porta com o ombro.

– Alô? – Ela ouviu uma voz abafada do outro lado da linha.

O coração de Jodi ficou apertado de alívio.

– Desculpa, eu preciso que você venha aqui – sussurrou ela.

Ela contou cinco batimentos do coração durante a pausa que se fez.

– Dillon?

Jodi piscou olhando para a parede, aturdida.

– Julian? Cadê o Zack?

– Ele apagou, Dillon. – Ela ouviu Julian se sentar, com a voz grogue. – Tipo, são três da manhã.

– Não é nem uma da manhã. Você pode acordar ele?

– Com quem você tá falando? – A voz do pai foi ouvida do outro lado da porta.

Jodi ficou torcendo para que não desse para ouvir pelo celular.

– Acordar ele? Você tá falando sério?

– Acorda ele! Ele precisa… ele devia vir me buscar.

A maçaneta sacudiu.

– Jo, eu vou arrombar essa porta se você não me responder.

– Ele esqueceu de ir te buscar? – perguntou a voz confusa de Julian.

– Não, eu só… Acorda ele e fala que eu liguei.

Ela desligou.

Zack sabia. Sabia que não devia fazer perguntas.

– JO!

– Eu não tô falando com ninguém! Vai lá ver o seu jogo. Eu vou pra cama.

Ela desligou a lâmpada da escrivaninha e ficou na escuridão silenciosa.

– A gente não terminou, Jo!

– Boa noite!

Ela ouviu a maçaneta sacudir de novo. Um ombro empurrou a porta com força.

Jodi podia esperar. Podia ficar deitada na cama, olhando para a porta, torcendo para que não cedesse. Podia rezar para que ele tomasse mais cerveja e ficasse ainda mais embriagado. Ou rezar para que ele não bebesse nenhuma e ficasse sóbrio dali a algumas horas.

Jodi podia ligar para a Sra. Burns. Mas ela chamaria a polícia.

Jodi podia chamar a polícia. Mas eles intimariam o pai dela. Ou a levariam embora até que ela completasse 18 anos. Faltavam só mais três meses daquilo.

Jodi podia se mandar. Podia dar um soco na tela da janela para sair dali, cair nos arbustos e ir embora. A bolsa ainda estava na sala de estar com a carteira. Ela podia andar. Podia chamar um Uber. Podia aparecer na porta da casa de Lucy, que era quem morava mais perto. Era sábado à noite. Tarifa dinâmica. Será que ela conseguiria chegar lá com os 10 dólares que lhe restavam na conta? Se o

cartão fosse recusado pelo aplicativo da Uber, ela podia encontrar o telefone de uma empresa de táxi e ir para a casa do Zack. Pedir dinheiro a ele.

Estava quieto do outro lado da porta, a não ser pelos ecos da televisão na sala de estar.

Jodi podia esperar. Esperou dez minutos, parada de pé, no escuro, atrás da cama, como se a cama fosse um dragão capaz de protegê-la caso a porta fosse arrombada.

Talvez Zack aparecesse. Levava no máximo cinco minutos da casa dele até a de Jodi. Talvez ela só tivesse que esperar por um tapinha na janela e dois olhos azuis compreensivos.

O pai bateu o punho na porta do quarto, sacudindo as dobradiças. Jodi segurou o celular perto do peito e ficou paralisada.

– Eu não sei quando foi que você decidiu que era boa demais pra mim, mas isso *acaba hoje*! Tá me ouvindo? Ou você abre essa porta ou eu vou derrubar ela e te arrastar pra cá…

Jodi se virou para a janela do quarto. Aos poucos, desparafusou a trava de segurança. O pai estava sibilando ameaças do outro lado da parede, rondando feito um urso enjaulado. Ela enfiou o celular com firmeza na calça jeans e abriu a janela sem fazer barulho. Puxou a escrivaninha alguns centímetros e subiu nela.

Houve um baque, o som de metal contra concreto ou madeira. Várias vezes. Algo batendo na maçaneta, tentando arrombar a porta.

A tela da janela não ia ceder com um empurrão. Ela tentou se lembrar de como Zack fazia aquilo. Pressionando os dois cantos superiores, empurrou com toda a força. A tela se soltou com um estalo, caindo nos arbustos com um estrondo. Jodi ficou de pé na mesa, passou uma perna pela janela e deixou o tronco acompanhar o movimento. As mãos estavam suadas quando ela agarrou o topo do peitoril, se inclinando o suficiente para fora. Apoiando-se no parapeito, ela passou a perna e fechou os olhos enquanto se soltava.

Folhas, galhos pontiagudos, teias de aranha. As pernas estavam emaranhadas, mas ela ficou de pé. Jodi se esgueirou pelo mato e ouviu a maçaneta sendo quebrada.

Não parou para fechar a janela. As pernas começaram a correr, e Jodi virou a cabeça, esperando o rosto vermelho do pai aparecer na janela aberta…

Ela bateu em alguma coisa. Braços subiram até os cotovelos dela, e Jodi recuou no susto.

– Opa. – Julian a firmou. – Você acabou de… cair da janela?

Jodi o encarou, de queixo caído. O pulso ainda estava acelerado, incitando-a

a ir para outro lugar.

– O que você tá fazendo aqui?

– Você não precisava de alguém pra te buscar? – Ele ergueu uma sobrancelha para ela, como se *ela* fosse a maluca.

– Onde tá o *Zack*?

Julian balançou a cabeça.

– Dillon, ele bebeu até cair. Tá totalmente apagado.

O som da porta da frente se abrindo a fez se virar, e ela não conseguiu deixar de cambalear até ficar atrás de Julian enquanto o pai saía batendo o pé e parava no meio do caminho.

– Quem é você? Fica longe da minha filha.

A voz dele estava áspera, os olhos estavam desfocados. Ele usava uma calça de moletom e uma camiseta manchada. Qualquer esperança que Jodi tivesse de Julian Hollister jamais descobrir o segredo da família dela foi pelos ares.

Ela abriu a boca, pronta para botar panos quentes na situação até o pai permitir que ela entrasse na caminhonete estacionada em frente à casa. A voz dela saiu rouca.

– Sr. Dillon! – Julian saiu de repente de trás dela, chegando mais perto do pai de Jodi. – Que bom ver o senhor de novo. – Ele apontou para si mesmo. – Sou o Julian… A Jodi e eu estudamos na mesma escola. Sou amigo do Zack.

Jodi observou com espanto enquanto Julian encarnava com facilidade um personagem que ela não reconhecia. Cheio de sorrisos e com uma abordagem cuidadosa. De um jeito quase igual ao de Zack.

O pai dela estreitou os olhos para ele, olhando uma vez para Jodi antes de perguntar:

– Você tá transando com a minha filha?

Ele soltou uma risada.

– Bem que ela queria – murmurou. – Não, eu tava vindo pra… Ei, qual é o jogo de hoje? Universidade do Oregon contra a da Califórnia?

Julian apontou o polegar em direção ao interior da casa. Jodi observou o pai assentir, dando uma chacoalhada nos pensamentos dispersos.

– É, sim. Terceiro tempo, 0 a 34.

– O treinador do Oregon acordou pra vida a tempo de tirar o *tackle* esquerdo de campo?

Julian riu, enfiando as mãos nos bolsos. O pai dela abriu um sorriso.

– Quer entrar e terminar de assistir?

– Pode ficar pra outro dia? Na verdade, eu ia levar a Jodi pra comprar cerveja.

Posso trazer alguma coisa pro senhor?

As pernas de Jodi estavam dormentes quando o pai deu uma olhada nela, completamente imóvel ali no gramado, com galhos e teias de aranha por toda parte.

– Corona. A minha acabou.

Ela esperou que ele se desse conta do motivo pelo qual a cerveja tinha acabado. Não sabia se queria ou não que ele lembrasse que tinha atirado uma garrafa cheia de cerveja na cabeça dela.

– Pode deixar. A gente volta em dez minutos.

Julian girou as chaves ao redor do dedo. O *bipe* que indicava que a caminhonete estava destrancada soou muito alto na rua silenciosa. Como se estivesse provocando o destino.

Jodi cambaleou até a porta do passageiro. Ela entrou e ficou encarando o colo enquanto Julian se afastava do meio-fio. Os joelhos da calça jeans dela estavam rasgados. A garota só se permitiu respirar quando eles viraram a esquina.

Eles passaram direto pela loja de bebidas mais próxima, a que não olhava muito a identidade, e Jodi ficou aliviada porque Julian não tinha a intenção de cumprir a promessa. Ficou olhando pela janela enquanto os dois se ignoravam, com os olhos ardendo de vergonha.

Ela só tinha contado a duas pessoas sobre o estado em que o pai ficava, e uma delas estava morta. Emily a pressionara, cavoucando mais e mais com perguntas sobre a mãe de Jodi, por que ela passava tantas noites com os Thrashers, por que ela parecia tão cansada às segundas-feiras.

A primeira e única vez que ele tinha jogado uma garrafa nela fora no ano anterior. Ela não sabia se ele se lembrava disso na manhã seguinte, mas os dois pisaram em ovos um com o outro por meses.

Emily não parava de perguntar do hematoma. Ninguém mais tinha visto, só Emily.

– É a tequila, no caso do meu pai.

Jodi foi arrancada de seus pensamentos pela voz de Julian. Ela lutou contra o desejo de olhar para ele.

– Ele acha que é um *connaisseur* de tequila ou algo do tipo.

Ela fechou bem os olhos. A última coisa que queria era a simpatia de Julian Hollister. Já era bem ruim que ele tivesse ficado sabendo de tudo. Será que eles não podiam simplesmente nunca mais comentar o assunto?

– Mas ele só me bateu algumas vezes – disse ele baixinho, e Jodi congelou. – Quando eu roubei do armário de bebidas dele. Quando bombei em cálculo. Na

verdade, eu fiquei bem contente de ter ido parar no hospital depois do que aconteceu no drive-in. Se eu tivesse dado perda total na minha caminhonete sem ter deslocado o ombro e quebrado duas costelas…

Ele riu. O olhar de Jodi se voltou para Julian. Os dedos dele estavam brancos no volante.

– Ele não me bate – sussurrou ela em meio ao silêncio, e, embora não fosse toda a verdade, chegava bem perto.

– Ele só te assusta – disse Julian.

Jodi apertou os lábios e se virou para encarar a janela de novo. Tinham voltado para a casa do Zack. Ele estacionou a caminhonete, e Jodi saiu.

Eles passaram pela lateral da casa em silêncio, em direção ao anexo da piscina. Quando ela viu Zack apagado no sofá, um choque de decepção e raiva a atingiu. Ela tinha ligado, e ele não tinha ido buscá-la.

Ela nem tinha notado a garrafa de destilado e as latas de cerveja na mesa até Julian começar a juntar tudo.

– Deixa isso. Tá tudo bem – disse ela. – Eu fico na cama lá de trás, se não tiver problema.

Ele assentiu e se acomodou no sofá enquanto ela seguia pelo corredor. Jodi cerrou os punhos e ficou encarando a janela que dava para a piscina até o céu ficar laranja.



De manhã, Zack sorriu para ela, sonolento, e perguntou quando ela tinha chegado. Jodi se sentou no canto do sofá, olhando os dois jogarem videogame até que por fim Zack se ofereceu para levá-la de carona para casa.

Ela não contou nada para ele.

Quando chegou em casa, a louça estava lavada, as garrafas na reciclagem, e o pai sorriu apesar da dor de cabeça e perguntou se ela queria panquecas.

Capítulo 14

NOVEMBRO

Ignorar Julian Hollister era como um esporte para Jodi. Felizmente, *ele* tinha medalha de ouro em ignorar Jodi Dillon. Os dois ainda tinham aula de anatomia juntos, mas, fora isso, não se viam. Porém, isso não queria dizer que ele não ocupava os pensamentos dela.

Ela não gostava do fato de que ele conhecia um pedaço da história dela que só Zack deveria saber. Não gostava de ele ter se transformado no cara alegre e carismático na hora certa e depois ter deixado de ser desse jeito. Não gostava de saber algo sobre o pai dele e que ele soubesse algo sobre o dela. Não queria que ele pensasse nela como ela estava pensando nele.

Mas ele só me bateu algumas vezes.

Jodi se forçou a sair do transe e se concentrou no balanço do ônibus escolar, de olho no ponto onde ia descer. Do lado direito do corredor, quatro fileiras à frente, Hannah Mills estava sentada toda dura no assento, olhando para a frente.

Outra coisa que Jodi vinha ignorando.

Esfregando o polegar na mão esquerda, que formigava, Jodi olhou pela janela, observando as árvores ficarem borradas com o movimento.

Quando o ônibus parou no ponto dela, Jodi seguiu pelo corredor, esperando que os outros dois alunos que moravam no mesmo bairro saíssem primeiro. Quando Jodi passou por Hannah, ela se levantou, e Jodi quase pulou duas fileiras para trás de susto.

Os olhos de Hannah estavam muito azuis, com olheiras. Ela encarou Jodi com um rosto inexpressivo enquanto estendia um envelope.

– Minha mãe queria que eu te desse isso.

Jodi ficou encarando, com o coração batendo forte. Ela alternou a atenção para as portas da frente do ônibus. Sentiu que todos os olhares estavam nas duas.

– Obrigada.

Jodi enfiou o envelope no bolso de trás da calça jeans e desceu os degraus aos tropeços. Na calçada, virou-se para olhar para as janelas. Olhos azuis a seguiram enquanto o ônibus dobrava a esquina.

As pernas de Jodi pareciam gelatina enquanto ela seguia a pé pelo resto do caminho. Deu de cara com a correspondência espalhada no chão ao abrir a porta, e os olhos recaíram numa carta do tribunal.

O coração dela ficou apertado. Era isso. Estava sendo acusada. Indiciada ou fosse lá como se chamava. A polícia tinha levado bem mais tempo para enviar a intimação para ela, e Jodi não sabia o significado disso.

Ela largou a mochila e olhou para o envelope hostil, deixando a carta dos Mills evaporar da cabeça. O pai estava no Oregon. Ia voltar mais tarde naquela noite. Mas ela não ia conseguir só ficar olhando para a correspondência marcada como *IMPORTANTE* pelo resto da tarde.

Jodi procurou o número de Miranda nos contatos. Ela atendeu no segundo toque.

– Acho que recebi a intimação.

Miranda suspirou e disse a Jodi para dar uma passada no escritório. Jodi pegou a mochila, enfiou o envelope no bolso da frente e foi para o ponto de ônibus outra vez.

Já tinha ido ao escritório de Miranda, quando ela e o pai foram vê-la pela primeira vez e combinaram o adiantamento. Jodi se sentou na beirada da poltrona enorme que Miranda reservava para as visitas e abriu o envelope. Passou o papel por cima da mesa, enfiou as mãos embaixo das coxas e esperou.

Miranda franziu as sobrancelhas enquanto lia, e o coração de Jodi ficou apertado. Será que ela estava sendo acusada de mais alguma coisa? Será que iam chamá-la para ser interrogada outra vez? A cabeça dela vagou por cenários ridículos, como se, por exemplo, alguém tivesse descoberto que a página de anotações da orientadora da escola tinha sumido.

– Então… Boas notícias primeiro, acho – disse Miranda, e Jodi se endireitou. – Isso aqui não dá a impressão de que você está sendo acusada.

Jodi sentiu como se estivesse debaixo d'água.

– Como assim? Eles retiraram as acusações contra os outros também? Zack e Paige…?

– Isso aqui diz respeito somente a você. – A advogada passou a carta por cima da mesa para Jodi enquanto explicava: – Você está sendo intimada como testemunha da promotoria contra Zackary Thrasher, Lucy Reed, Paige Montgomery e Julian Hollister.

Jodi a encarou, sem se atrever a desviar os olhos para a carta, querendo que ela não existisse.

– E o que isso quer dizer?

– Quer dizer que a polícia acredita que os seus amigos são culpados e que talvez você seja a única a ceder.

Ela não estava simplesmente debaixo d'água. Estava afundando.

Jodi, você já teve medo de passar pelo "Tratamento Thrasher"? A detetive Harding estava preparando Jodi para aquele momento, cutucando, tirando a casquinha e enfiando o dedo na ferida.

– Eu sou obrigada a fazer isso? – perguntou Jodi com a voz baixinha.

Miranda assentiu.

– Se eles forem a julgamento, você pode ser convocada como testemunha. Mesmo que isso não aconteça, você vai ser chamada para outro interrogatório. É possível que seja chamada para vários.

Jodi tentou imaginar aquilo: um tribunal com os colegas de turma e amigos, e um advogado fazendo perguntas a ela.

– É bem provável que o seu amigo Zack seja o peixe grande. Ele tem 18 anos, e o grupo tem o nome dele. É possível que, se a investigação não tiver provas suficientes contra os outros, eles possam aceitar acordos de delação premiada. Não sei.

Jodi fechou a mão num punho. Ela não deixaria isso acontecer. Podia lutar para provar a inocência dos amigos.

– Agora – prosseguiu Miranda, devagar –, já que você não é mais suspeita, pode decidir que não precisa mais de advogado. Por mim, tudo bem. Vou precisar falar com seu responsável legal, mas podemos encerrar o nosso contrato e reembolsar o seu pai com o que sobrou do adiantamento. Se você achar que ainda precisa de advogado, posso continuar no caso.

– Eu acho… Acho que o meu pai vai querer o dinheiro de volta. Desculpa, eu gosto muito de você e tudo mais – finalizou Jodi, sem jeito, como se estivesse terminando com Miranda.

– Certamente. – Miranda ergueu as mãos numa rendição amigável. – Eu sei que o dinheiro está apertado. Vou avisar ao seu pai. – Ela fez uma anotação no arquivo. – Se precisar conversar sobre alguma coisa, posso oferecer uma ligação de dez minutos, de graça. Se precisar de um advogado nos depoimentos, aí teríamos que começar tudo de novo.

Depois de sair do escritório de Miranda (e de um abraço constrangido que ela mesma tinha iniciado), Jodi só se lembrou do bilhete dos Mills no bolso de trás da calça quando estava no ônibus relendo a carta.

Rasgou o envelope dobrado com o nome dela escrito na frente com a caligrafia de Maureen. Um girassol decorava a frente do cartão, e o interior

estava preenchido com uma caligrafia bonita e organizada.

Querida Jodi,

Estou arrasada por você, por como essa parte do caso está se arrastando. Fomos aconselhados a não entrar em contato com ninguém. Agora que temos certeza de que o promotor público não vai prestar queixa contra você, posso chamá-la para vir aqui quando quiser. Eu adoraria falar mais da Emily com você e me desculpar por qualquer estresse que essa investigação tenha lhe causado. Para nós, você não tem culpa de nada.

Quando quiser passar aqui, a qualquer hora, por favor venha.

Maureen, Robert e Hannah

Jodi apertou a carta entre as pontas dos dedos suados. A única coisa que podia fazer – que ninguém mais podia – era achar o celular de Emily. Se estivesse no local que ela chamava de "esconderijo especial", Jodi conseguiria encontrar.

Ela desceu no ponto seguinte e pegou outro ônibus em direção à 35th Street.

Jodi caminhou até a casinha de dois andares espremida entre outras casinhas de dois andares. Um Subaru ocupava a entrada estreita, e o capacho na frente dizia *Aqui vive uma família feliz*. A última vez que Jodi estivera ali, havia ambulâncias paradas no gramado.

Ela engoliu em seco e tocou a campainha. Nos instantes que se seguiram, Jodi imaginou Emily recebendo-a com olhos azuis arregalados e ansiosos.

– Jodi, que bom te ver – disse a Sra. Mills, gentil, ao abrir a porta.

Só então Jodi percebeu que não tinha planejado nada para dizer.

– Oi, Sra. Mills. A Hannah me entregou seu cartão.

Maureen sorriu com gentileza, convidando-a para entrar com um aceno. Jodi se sentou no sofá. A sala de estar era uma explosão de flores. O estofado do sofá era floral, havia um bordado de flores emoldurado na parede. Onde não havia flores, havia cruzes e frases cristãs enquadradas.

– O Sr. Mills também está em casa? Eu gostaria de agradecer a ele – disse ela.

– Robert está voltando pra casa, ele foi no estudo da Bíblia.

Ela não conhecia muito bem Robert Mills. Sabia que ele trabalhava para uma

empresa de software.

– Então diz pra ele que eu disse oi, por favor. – Jodi estava fazendo de tudo para imitar Zack. – A Hannah tá gostando da New Helvetia? A gente não se vê tanto quanto eu gostaria.

– Ah, você é um amor. A Hannah tá sempre falando de você, como você se esforça pra ser gentil com ela.

Os braços de Jodi pareciam pesados como chumbo. Hannah tinha dito a mesma coisa para a Sra. George, a orientadora psicológica. Ela tentou sorrir.

– Ela é uma garota legal – comentou Jodi, rouca. – Ela tá fazendo o dever de casa?

Jodi olhou para o andar de cima, onde ficava o quarto de Hannah.

– Ah, ela ainda está na escola. No grupo de estudos – respondeu Maureen, fazendo um gesto com a mão como se dispensasse o assunto.

Jodi ficou paralisada. Hannah estava no ônibus com ela, a caminho de casa, uma hora e meia antes. Ela forçou um sorriso.

– Espero que não seja muito incômodo, mas… Eu estava pensando se o quarto da Emily continua igual ao que era. Eu gostaria muito de ter um momento para fazer uma homenagem no espaço que era dela.

Aquilo era burrice. Era muita presunção. Não ia funcionar.

A respiração de Jodi ficou entalada na garganta enquanto Maureen a encarava. Será que ela sabia o que Jodi estava aprontando?

– Isso é muito atencioso da sua parte, Jodi – disse Maureen. A voz era suave, mas os olhos ainda pareciam indecifráveis. – Claro, deixa eu te acompanhar.

Maureen Mills se levantou do sofá. Jodi a seguiu escada acima, ainda sem saber se aquilo ia dar certo. No patamar, Jodi viu a porta do banheiro ligeiramente entreaberta – o cômodo onde Emily tinha morrido. O cômodo onde o celular dela estava escondido. Maureen virou à direita, e Jodi a seguiu.

O quarto de Emily ficava na parte da frente da casa. Um carvalho se estendia em direção à janela, com um galho da altura perfeita para alguém usá-lo para sair de fininho da casa. A única razão pela qual Jodi sabia disso era porque uma noite Zack tinha chamado Emily para beber e ficar chapada com eles no parque, e Emily teve que fugir depois da meia-noite. Jodi, Julian, Lucy e Paige observaram a contragosto enquanto Emily Mills saía pela janela seguindo a orientação cuidadosa de Zack. Ela não era uma garota muito atlética, mas, se Zack Thrasher lhe pedisse para fazer alguma coisa, de repente ela virava uma atleta olímpica.

Uma placa na porta com *EMILY* escrito em letras fofas recebeu as duas. Maureen empurrou a porta para abri-la, e Jodi viu que o quarto de Emily estava

igualzinho à primeira vez em que ela o vira. Tinha sido arrastada para duas ou três tardes de estudo na casa dos Mills que logo se transformaram em Emily fazendo perguntas a respeito de Zack.

Maureen ficou parada no vão da porta, e a cabeça de Jodi tinha acabado de começar a pensar em maneiras de pedir para ficar sozinha quando Maureen disse:

– Vou deixar você à vontade por um tempo.

Foi tomada pelo alívio.

– Obrigada, Sra. Mills. Prometo que não vou mexer em nada.

Ela deu um aceno com a mão e fungou.

– Tudo bem. Vou preparar carne de porco assada pro jantar, se você quiser ficar. Adoraríamos poder contar com a sua presença.

Jodi preferiria se atirar pela janela.

– É muita gentileza. Vou falar com o meu pai.

Com um sorriso, Maureen se virou, seguiu pelo corredor e desceu a escada. Jodi ficou no quarto de Emily, dando um tempo até achar que era o bastante. Ela fingiria ficar arrasada e diria que tinha precisado ir ao banheiro para se acalmar.

Enquanto esperava, ficou pensando se haveria algo naquele cômodo que valeria a pena dar uma olhada. A polícia tinha revistado tudo, levando todos os aparelhos eletrônicos, todos os cadernos. Os olhos de Jodi percorreram a escrivaninha. Logo atrás do pequeno abajur, havia uma foto colada na parede. Ela chegou mais perto.

Era a mesma foto que tinha aparecido no telão durante a homenagem: a foto de Jodi no lago Tahoe editada junto a uma Emily sorridente. Talvez Emily tivesse editado a imagem no Photoshop.

Após pressionar os polegares sob os olhos para deixá-los vermelhos, Jodi saiu do quarto de Emily e foi em direção ao banheiro. Como ninguém a impediu, ela entrou e fechou a porta, passando o trinco.

Uma sensação estranha percorreu o corpo dela, afundando, penetrando em seu sangue. Jodi olhou para a banheira encostada na parede do outro lado. Tinha um chuveiro instalado nos azulejos à direita e, acima da banheira, uma janelinha que dava para a rua.

Ela agiu, desesperada para localizar o celular e parar de imaginar um corpo na banheira, com o vestido de baile cor-de-rosa derramado nas laterais. Abriu os armários debaixo da pia e pressionou a madeira, torcendo para que cedesse e revelasse um espaço. Mas não teve sorte. Fechou o assento da privada e se equilibrou em cima dele, esticando o corpo para dar uma olhada num duto de ar

no teto. Não conseguiu girar os parafusos com as unhas, mas a lanterna do celular não mostrou nada escondido lá dentro.

De pé no assento do vaso sanitário, ela parou para observar o banheiro. Levou as mãos à cintura e pensou: *onde eu esconderia algo?*

Não havia outros armários, nem outros dutos, nem tábuas para levantar. Inclinando a cabeça para baixo e massageando a testa, sentiu o tempo se esgotar.

Foi aí que ela viu. Atrás da privada: um dos azulejos estava sem argamassa.

Jodi desceu e se ajoelhou. Ficava atrás do tanque acoplado, completamente escondido, mas, se pressionasse só um pouquinho no canto…

O azulejo saiu com um estalo.

Ela o segurou antes que caísse e se espatifasse. Depois de colocar o azulejo solto no chão com os dedos trêmulos, Jodi voltou a atenção para o pequeno buraco na parede. Estendeu a mão e a enfiou lá dentro, e os dedos se fecharam em algo com formato de celular. Quando o puxou, viu a capinha cor-de-rosa cintilante de Emily. Deixou escapar um suspiro tenso.

Emily tinha escondido o celular ali antes de morrer. Tinha contado a Jodi que ninguém mais sabia daquele espaço. Por algum motivo, ela não queria que ninguém encontrasse o celular.

Jodi tentou o botão liga/desliga, esperando uma explosão de luz na tela, e ofegou quando isso aconteceu. Olhou para a porta do banheiro, torcendo para que ainda tivesse tempo. Esperar o celular de Emily iniciar era uma tortura.

Será que ela deveria levar o aparelho? Jodi vacilou. Já tinha roubado um arquivo da caixa da orientadora. Se descobrissem que ela estava com o celular de Emily…

Não, o que ela queria era descobrir o que Julian tinha mandado para Emily naquele dia, talvez dar uma olhada em algumas outras coisas e desligá-lo de novo. *Se* houvesse algo que pudesse ajudar Zack, ela poderia "se lembrar" de que Emily escondia coisas no banheiro e contar à polícia. Mas isso cutucaria um vespeiro gigante a respeito de todas as outras coisas que ela não conseguiria vasculhar nos cinco minutos seguintes.

Espiando a abertura escura na parede, os olhos de Jodi viram outra coisa. Talvez fosse um livro. Ela deixou o celular inicializando, ficou de joelhos de novo e o pegou.

Era um caderno de couro gasto. Jodi abriu a primeira página e se deparou com a caligrafia de Emily:

17 DE AGOSTO DE 2023

UM NOVO DIÁRIO PARA UMA NOVA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO. ESTOU FELIZ POR DEIXAR A ESCOLA DE SACRAMENTO, MAS ODEIO TER QUE COMEÇAR TUDO DE NOVO.

Jodi ofegou. Ela virou algumas páginas mais para a frente e encontrou registros de todo o ano letivo.

21 DE AGOSTO DE 2023

ACHO QUE NUNCA EXISTIU UM GAROTO TÃO PERFEITO QUANTO ZACK THRASHER. QUERO ESCREVER POESIAS SOBRE ELE. POESIAS MUITO RUINS QUE EU NUNCA VOU MOSTRAR PARA NINGUÉM (MUITO MENOS PARA ELE), MAS QUERO ESCREVER MESMO ASSIM. QUERO USAR METÁFORAS PARA CAPTAR COM PERFEIÇÃO O TOM DE AZUL DOS OLHOS E A TEXTURA DO CABELO DELE. ACHO QUE ELE NÃO PENTEIA O CABELO. ELE É SIMPLESMENTE... PERFEITO.

Outro diário?

Jodi se virou para a porta, prestando atenção. Será que ela poderia levar o diário? O que faria com ele?

Tomando uma decisão em uma fração de segundo, Jodi pegou o próprio celular e abriu o aplicativo da câmera. Começou a tirar fotos com uma das mãos, virando as páginas com a outra, parando apenas quando via o próprio nome.

9 DE OUTUBRO DE 2023

CONSEGUI FALAR COM A JODI HOJE! EU ME SENTEI AO LADO DELA NA BIBLIOTECA, E ELA

Jodi acelerou o ritmo, mudando para vídeo e torcendo para que a qualidade da imagem ficasse boa. Tinha passado por dezembro quando o celular de Emily ligou na bancada do banheiro. Ela continuou virando as páginas.

Foi até o final do diário, procurando o último mês da vida de Emily, torcendo para encontrar algo que ajudasse os amigos.

Mas o diário acabava em abril. Jodi franziu as sobrancelhas. Ela folheou todas as páginas e não conseguiu encontrar um único registro em maio. Por quê?

Jodi passou pelas páginas de abril, tentando encontrar algo sobre Emily querer se matar naquele mês. Uma batida na porta do banheiro a abalou. Ela largou o celular.

– Jodi? – exclamou Maureen. – Você tá bem?

Ela pegou o celular, parou o vídeo e disse com firmeza:

– Tô, eu só… fiquei emocionada.

– Ah, meu bem, não tem problema.

Lançando um olhar para o celular de Emily, Jodi fez uma escolha. Tinha ido ali para descobrir o que havia no celular. Enfiou o diário de novo no buraco na parede e ficou de pé.

– Só me dá um segundinho pra terminar.

Ela abriu o celular de Emily (o Sr. Mills não permitia que as filhas tivessem senhas) e foi até as mensagens. O celular zumbiu com novas notificações, e Jodi se apressou para desligar o som. Seis mensagens de voz. Todas de Hannah nos últimos meses. Jodi as ignorou e percorreu as mensagens de texto.

Ela encontrou a conversa de Emily com Zack, dando uma olhada só nas últimas mensagens. Todas de Emily. Enviando memes ou "vi isso e me lembrei de você".

Os dedos de Jodi tremiam enquanto ela procurava por Julian. Nada. Ela digitou o nome dele na busca…

Maureen bateu de novo.

– Desculpa. Tô só lavando a mão.

Nada apareceu para Julian. Jodi lembrava os três primeiros dígitos do celular dele e digitou.

Nada.

Ela ligou as torneiras, fechou as mensagens no celular de Emily e desligou o aparelho. Não esperou que desligasse antes de enfiá-lo na parede e colocar o

azulejo de volta no lugar.

Enfiou os dedos debaixo d'água, deu uma passada no rosto e abriu a porta.

– Desculpa – disse ela, fraca, e a voz ficou travada.

Robert Mills estava parado à porta, encarando-a por cima do aro dos óculos. Os olhos dele foram parar atrás dela, dentro do banheiro.

– Minha esposa foi preparar um chá pra você.

– Ah – disse Jodi, com a voz aguda. – Eu só fiquei emocionada pensando na Emily…

Jodi deixou a respiração ofegante e o tremor contarem a mentira por ela.

O Sr. Mills não respondeu, não se mexeu. Ele a examinou como se ela fosse um problema a ser resolvido. O coração de Jodi disparou quando ele deu um passo para o lado e a deixou sair do banheiro.

– Você vai ficar pra jantar? – perguntou ele.

Não havia gentileza no convite. Era quase como se não quisesse que ela aceitasse.

– Não, obrigada. Eu tenho que ir pra casa.

Ela foi cambaleando em direção à escada. Maureen estava chamando Jodi da cozinha.

Ela se desvencilhou e agradeceu, olhando para Robert Mills, ainda no topo da escada. Maureen deu um abraço nela para se despedir, e Jodi foi embora o mais rápido que conseguiu sem sair correndo.

Caminhando depressa até o ponto de ônibus, não conseguia parar de pensar na expressão de Robert Mills quando ela abriu a porta. Como se não a quisesse ali. Só se permitiu pensar no que tinha encontrado quando estava no ônibus.

Se o diário de Emily estava escondido na parede do banheiro… o que estava com a polícia?

Processo nº 4512420
Trecho do diário de Emily Mills
Inscrito como prova em 06/08/2024 pela detetive Chelsea Harding

11 DE NOVEMBRO DE 2023

ZACK THRASHER ME CHAMOU PRA SAIR COM ELES!!! AI, MEU DEUS, EU NÃO CONSIGO PARAR DE SORRIR!!!

EU SABIA QUE ISSO IA ACABAR ACONTECENDO!! SÓ PRECISAVA SER PACIENTE, E FUI. AI, MEU DEUS. VAMOS NO JARDIM DE ROSAS NO PARQUE PERTO DA MINHA CASA – DEPOIS DA MEIA-NOITE. TENHO A IMPRESSÃO DE QUE ELES GOSTAM DE IR LÁ PRA FUMAR E BEBER. ACHO QUE É MUITO PERIGOSO, PORQUE PODE TER MORADORES DE RUA E VICIADOS, E TEM MUITAS CASAS AO REDOR DO PARQUE, ENTÃO QUALQUER UM PODE CHAMAR A POLÍCIA. SERÁ QUE ELES FAZEM ISSO O TEMPO TODO? SEI LÁ. NÃO É BIZARRO QUE EU MORE NESTA CASA DESDE QUE NASCI E QUE ZACK THRASHER ESTEJA PRATICAMENTE DO OUTRO LADO DA RUA HÁ ANOS? PARECE QUE É O DESTINO OU ALGO DO TIPO.

ELE ME PERGUNTOU HOJE SE EU CONSEGUIRIA SAIR DE FININHO DE CASA E IR ME ENCONTRAR COM ELES. EU NUNCA FIZ ISSO, E MEU PAI IA ME MATAR SE ME PEGASSE, MAS FALEI PRO ZACK QUE TEM UMA ÁRVORE PERTO DA MINHA JANELA. E AÍ

E AÍ

E AÍ ELE FALOU: "AH, EU NÃO QUERO QUE VOCÊ SE MACHUQUE. MELHOR EU TE AJUDAR A DESCER, NÉ?"

MEU ROSTO COMEÇOU A PEGAR FOGO. TIPO, ZACK THRASHER IA SABER ONDE FICA O MEU QUARTO, SÉRIO????? AI, MEU DEUS! ENTÃO FIQUEI TIPO: "AHAM, LEGAL." DAÍ AGORA

EU ESTOU AQUI NO MEU QUARTO, ÀS 23H30, SÓ ESPERANDO O ROSTO DE ZACK THRASHER APARECER NA MINHA JANELA TIPO O PETER PAN. AI, MEU DEUS, EU ESTOU TÃO ANIMADA!

VOU FAZER LUCY REED GOSTAR DE MIM HOJE À NOITE. ESSE É O MEU OBJETIVO NÚMERO 1. (ALÉM DE FAZER ZACK "ME LEVAR PRA UM LUGAR ONDE A GENTE POSSA FICAR SOZINHO", É CLARO HEHE). SE ME OFERECEREM MACONHA, VOU ACEITAR. NÃO QUERO PARECER UMA TONTA. AI, MEU DEUS, EU MAL POSSO ESPERAR PRA ESCREVER TUDO QUE ACONTECEU AMANHÃ.

Capítulo 15

Naquela noite, Jodi se sentou na cama para dar uma olhada nas fotos e no vídeo que tinha feito do diário de Emily.

O diário verdadeiro de Emily? Será que poderia ter certeza disso?

Mesmo enquanto olhava para o que claramente era a letra de Emily, Jodi ainda não conseguia ter certeza de que a polícia estava com um diário falso. Talvez aquele ali fosse o falso.

Saltando da cama, Jodi enviou as fotos e o vídeo para o computador para poder vasculhar melhor. Tinha folheado as páginas tão rápido que muitos dos registros estavam borrados demais para entender.

Mas, como Jodi tinha imaginado, o nome de Zack estava em todo lugar.

Zack Thrasher me chamou pra sair com eles!

O Zack disse que gostou do meu All-Star laranja!

Perguntei pro Zack que tipo de música ele ouve, e vou baixar todas do Frank Ocean.

Mas nada lhe saltava aos olhos como algo que pudesse ajudar Zack e os amigos. Ela gostaria de saber a data em que Emily afirmara ter transado com Zack. Poderia ter virado as páginas até esse ponto. Jodi deu uma olhada no relógio. Era quase meia-noite. Ainda tinha um trabalho da escola para escrever. Esfregando a testa, foi preparar café na cozinha.

O pai estava dormindo na poltrona, roncando com a TV ligada em um canal de receitas. Quando chegou da casa dos Mills, ela mostrou a ele a papelada da promotoria, explicando que não tinha sido indiciada. Ele deu um suspiro de alívio e se ofereceu para ir comprar tacos para comemorarem. Voltou com um fardo de seis Coronas também. Jodi ficou assistindo TV com ele por uma hora antes de ir para o quarto a fim de dar uma olhada no diário de Emily.

Poderia ao menos ter esperança de que não ter mais que pagar um advogado significaria que as coisas entre os dois poderiam voltar ao normal. Enquanto observava o café pingar, tentou decidir o que fazer com seu *outro* problema.

Havia cinco "Thrashers", e apenas quatro deles estavam encrencados naquele

momento. Jodi não podia fingir que não estava contente por ainda ter uma chance na faculdade, mas como poderia ficar feliz com isso quando o futuro dos amigos estava em jogo? Como ia dar essa notícia a eles?

E o mais importante, como ia esconder a intimação?

Naquela noite, Jodi sonhou que estava em um banheiro desconhecido, tentando tomar banho, mas, toda vez que abria as torneiras, saía água enferrujada. A porta estava trancada. Ela gritou para que alguém a encontrasse, mas estava rolando uma festa do outro lado da porta. Quando entrou na banheira, toda vestida, o braço esquerdo latejava. Olhou para baixo e viu a mão de alguém segurando a dela.

Despertou no susto, na própria cama. Não sentia o braço esquerdo. Estava preso debaixo do ombro num ângulo estranho.

Tentou fazer a circulação voltar, mas levou horas para normalizar.



– Vou dividir o meu aniversário com a Paige – comentou Lucy certa manhã, depois de se juntar a Jodi perto do armário dela. – Ela não teve festa de aniversário de 18 anos, então vamos fazer uma juntas.

– Tá bom – respondeu Jodi. – E ela não acha mais que o chão vai se abrir e nos engolir até o inferno se nós cinco estivermos no mesmo lugar ao mesmo tempo de novo?

– Ah, ela acha, sim – confirmou Lucy, com um sorrisinho. – Mas não vai ter só nós cinco. Vai ser um negócio pequeno, mas eu vou chamar mais gente. Quer que eu chame o Spencer Gordon?

Jodi fechou o armário e piscou para Lucy, aturdida.

– Ah. Hum, aham, tá bom.

Além de alguns acenos no corredor, ela não tinha falado com ele naquele semestre. Também não tinha *pensado* nele até Julian mencioná-lo no baile de boas-vindas.

– Legal – disse Lucy, dando uma piscadela para ela antes de ir para a sala de aula.

Quando soube que uma festa exclusiva dos Thrashers estava sendo organizada, Reagan Matthews logo anunciou uma festança no lago Folsom na mesma noite. Lucy disse que não estava nem aí, mas Jodi viu como o queixo dela travava e os olhos se estreitavam toda vez que alguém dizia que estaria "ocupado".

Jodi só soube que Zack tinha chamado Kiera quando chegou à casa de Lucy. Uma garota baixinha de cinturinha fina e lindos olhos verdes estava na cozinha com Zack e Paige, ouvindo com bastante interesse Zack contar uma história. Estava com aqueles cachos que mais pareciam ondas enormes no cabelo castanho-claro, do tipo que Jodi nunca conseguia acertar. Ela viu Zack cutucar Kiera nas costas, e a garota deu uma risadinha.

– Então – disse uma voz atrás de Jodi –, o que é que nós vamos *fazer*?

Julian tomou um gole do copo vermelho, de olho em Kiera e Zack.

– Nada. – Jodi engoliu em seco e desgrudou os olhos deles. – Não é da nossa conta. Foi isso que meteu a gente nessa confusão.

Jodi se lembrou de como Emily costumava ficar perto de Zack, ouvindo-o falar como se ele estivesse proferindo o Sermão da Montanha. Na época, parecia claro para eles que Zack estava sendo simpático e que Emily entendia as coisas fora de contexto, mas, ali, naquele momento…

Zack ofereceu outra bebida a Kiera, e ela fez que não com a cabeça, tímida. Ele apontou para fora, e ela concordou, seguindo-o de perto pela porta dos fundos.

– Ele não pode dormir com ela – deixou escapar Jodi. Estremecendo, ela se virou para Julian. – Quer dizer, por causa do processo, não por… qualquer outro motivo.

– Claro – respondeu ele, cheio de malícia.

– Mas é sério. Quantos anos ela tem?

Ele assentiu, concordando com ela.

– Ela tá no terceiro ano.

Jodi balançou a cabeça, passando as mãos no cabelo.

– Ele é tão burro assim? Será que precisa mesmo alguém dizer pra ele que sair com essa garota é uma péssima ideia?

– Eu tô cuidando disso.

Julian tomou um longo gole do que quer que estivesse no copo, de olho no quintal, onde Zack, Kiera e algumas outras pessoas estavam na banheira de hidromassagem.

– Cuidando disso? – perguntou ela, com desdém. – O que você vai fazer, seduzir ela?

Ele ergueu uma sobrancelha e olhou para Jodi. Os dois tinham uma diferença de quase 30 centímetros de altura. A sobrancelha de Jodi estava tão erguida quanto a dele.

– Seduzir *ele*? – provocou ela.

– Você pensa cada coisa, Dillon, vou te contar…

Julian se afastou, e Jodi deu um sorrisinho sarcástico.

Paige estava uma pilha de nervos quando Jodi a encontrou na cozinha. Ela conseguia conversar, mas, no meio do assunto, se virava e verificava se as bocas do fogão estavam desligadas. Jodi a pegou contando o número de facas no suporte.

Na sala de estar, algumas pessoas conversavam enquanto a música tocava no som dos pais de Lucy. A mãe e o pai tinham prometido dar um pouco de privacidade no aniversário dela; tinham ido passar a noite em um hotel.

Quando Jodi foi em direção aos sofás, viu que Spencer já estava lá, batendo papo com alguns caras da escola. Spencer era legal e bem bonitinho. Tinha o cabelo castanho e cacheado e olhos castanhos profundos que o faziam parecer exausto o tempo todo, mas que se iluminavam ao ver Jodi. Ele se levantou e acenou de leve para ela.

– Oi – disse ela, tentando parecer indiferente. – Acho que a gente não tá junto em nenhuma aula neste semestre.

– Nem umazinha. – As bochechas de Spencer formavam covinhas quando ele sorria. – Ouvi dizer que você tá na peça da escola.

– Não, pelo amor de Deus. – Jodi riu. – Estou pintando o cenário.

Ela contou tudo a respeito da Sra. Calloway e como ela vivia dando chilique e fazendo drama. Toda a atenção de Spencer estava voltada para ela, e Jodi se sentiu quase sufocada por isso. Ela tentou se divertir, mas não conseguia evitar que o olhar desviasse lá para fora, onde só conseguia enxergar o cantinho da banheira de hidromassagem.

Quando chamaram Julian para a sala de estar, o olhar dele percorreu Jodi e Spencer no sofá, e o sorrisinho que deu como quem diz "te peguei" fez Jodi ter vontade de se trancar na garagem pelo resto da noite.

– Oi! – gritou Julian, chamando a atenção da festa toda, mas mantendo os olhos fixos em Jodi. – Hora de verdade ou desafio!

Jodi grunhiu, observando Julian atravessar a sala como um tubarão caçando um peixinho até se jogar alegremente no sofá de frente para ela e Spencer. Ela tentou pensar em um jeito de sair dali para fazer outra coisa durante a hora seguinte, mas todo mundo estava entrando e se amontoando nos assentos do sofá.

A partida começou fácil. Depois de algumas verdades, Jodi descobriu que um dos caras do polo aquático tinha dormido com a treinadora de softball feminino, que Paige tinha colado na prova final de matemática do ano anterior e que uma

das garotas ali estava com cocaína suficiente na bolsa para ficar na cadeia por um bom tempo. Os desafios foram aos poucos ficando menos inofensivos. Lucy teve que trocar de camisa com um dos caras, alguém foi obrigado a comer um ovo cru da geladeira e Julian aceitou tirar a roupa, correr pelado na rua de Lucy e depois pular na piscina. (Algumas garotas correram até a janela para assistir.)

Quando Julian saiu da piscina, vestiu de novo o short e se largou no sofá ao lado de Paige, Jodi estava torcendo para que aquele fosse o *gran finale*. Só que…

– Minha vez! – gritou Julian, batendo palmas e chamando de novo a atenção de todo mundo.

Os olhos dele estavam fixos em Jodi, travessos e reluzentes. Ele passou a mão pelo cabelo molhado, e Jodi tomou um gole da garrafa de água.

– Dillon. Verdade ou desafio?

Ela engoliu em seco. Julian já sabia muitos de seus segredos, e tinha certeza de que ele a faria falar alguns deles na frente de todo mundo só para humilhá-la.

– Desafio.

As sobrancelhas dele se ergueram, e um sorriso se insinuou em seus lábios. Os cochichos ao redor indicavam que ninguém achava que ela escolheria desafio. Nem ela achava. Mas, se o desafio fosse muito ridículo, sabia que Paige e Lucy estariam ali para defendê-la, talvez até mesmo para tomar a bebida por ela.

Julian abriu a boca… e a fechou. Em seguida, sorriu como o Gato Risonho da Alice.

– Eu te desafio a dar uns amassos na pessoa que você achar mais gostosa daqui.

Jodi o observou se recostar, jogando um braço atrás da nuca de Paige no encosto do sofá. O grupo riu, e a tensão aumentou.

A pele de Jodi parecia feita de um elástico apertado. Ele queria ver se ela diria a verdade e beijaria Zack, passando vergonha. Ou se mentiria e daria falsas esperanças a Spencer, beijando-o. Ela não olhou para nenhum dos dois, com medo do que encontraria.

Como ela passou muito tempo encarando Julian, alguém começou a entoar:

– Jodi. Jodi. Jodi.

E foi assim até que todo mundo tivesse se juntado ao coro, a não ser Paige, que sorria de leve e dava um pulinho a cada ruído que a casa fazia, e Julian, que apenas dava um sorriso sarcástico para ela, esperando.

Ela teve uma ideia: um jeito de matar dois coelhos com uma cajadada só. Jodi se ajoelhou e engatinhou até o sofá, passando por Spencer, por Zack. Quando chegou mais perto, ela se levantou e se inclinou sobre Julian. O povo na sala

começou a gritar de animação, observando Jodi Dillon prestes a escolher Julian Hollister como o mais gostoso do lugar.

O sorriso de Julian desapareceu. Os cílios estavam trêmulos de choque, e o peito nu estava imóvel.

Ela deu um sorrisinho para ele, desviou para a direita e segurou o rosto distraído de Paige. A amiga riu na boca de Jodi quando ela colou os lábios das duas, e a sala vibrou de alegria. Jodi se jogou no sofá, se ajoelhando por cima de Paige.

Ela abriu os olhos para encarar Julian com um olhar que torcia para que ele entendesse como *você é a piada aqui*.

Ele não estava rindo. Nem vibrando. Os olhos dele estavam grudados nos lábios das duas. O rosto estava corado por causa da bebida ou talvez por ter corrido na rua. Ele parecia quase bravo.

Sorrindo, Jodi finalmente se afastou e viu que Paige estava quase chorando de tanto rir. Jodi tinha distraído a amiga das preocupações *e* mostrado para todo mundo que Paige era a mais gostosa ali.

– Eu falei "cara" – disse uma voz, interrompendo as palmas.

Jodi e Paige olharam para Julian. Ele estava definitivamente bravo com alguma coisa.

– Não falou, não. – Paige balançou a cabeça. – Você disse "pessoa mais gostosa". Rá, rá, eu ganhei! – exclamou ela, petulante.

– Gênero é uma construção! – gritou Lucy, e a sala aplaudiu.

Talvez Jodi estivesse eufórica por ser o centro das atenções ou, quem sabe, simplesmente muito feliz por ter ganhado de Julian Hollister no joguinho dele, mas ela se inclinou na direção dele e gritou para todo mundo na sala:

– Ficou bravo, foi? Queria ser "o mais gostoso"?

A sala uivou, e Jodi se apoiou nos ombros de Julian, se inclinando em direção à boca dele. Antes que ela pudesse ir muito longe naquele joguinho de quem ia arregar primeiro, ele pulou do sofá, e ela caiu onde ele estava sentado. A sala toda riu enquanto Julian saía batendo o pé, indo para a cozinha atrás de outra bebida.

Paige fingiu se abanar, e Jodi deu uma olhada em Zack enquanto se endireitava. Ele estava rindo com o copo na boca, bêbado. Kiera estava sentada ao lado dele – e isso foi o suficiente para que a centelha de alegria de Jodi se extinguisse.

Lucy assumiu o controle do caos na sala.

– Tá bom! Tá bom! Já que eu me ofereci pra dividir essa festa com a Paige, eu aceito que outra pessoa ganhe o prêmio de "mais gostosa do recinto" no *meu*

aniversário. – Eles riram. – Jodi, é a sua vez, gata.

Uma campainha estridente nos alto-falantes sacudiu a sala toda, e a música parou por um instante antes de voltar.

– Meu Deus do céu! – gritou alguém.

Lucy levou a mão ao peito, dramática.

– Desculpa, desculpa! – exclamou Paige, ficando de pé num pulo. – Meu celular tá conectado. Todo mundo que eu conheço tá aqui. Quem tá me mandando mensagem…?

Paige passou por cima das pessoas sentadas no chão e foi em direção ao aparelho de som do outro lado da sala.

– Tá – disse Jodi, voltando ao jogo de verdade ou desafio.

Os olhos dela percorreram o círculo, procurando alguém que ainda não tinha sido escolhido. Spencer deu um sorriso tímido, e ela passou direto por ele até a garota à direita.

– Naomi. Verdade ou desafio?

Houve um chiado elétrico. Um som abafado do outro lado da sala. Jodi ergueu os olhos a tempo de ver faíscas saírem voando do aparelho de som, e o corpo de Paige foi arremessado como se tivesse sido puxado por uma corda. Os alto-falantes chiaram ao entrar em curto-circuito.

Paige aterrissou com um baque no encosto do sofá, depois sumiu, desabando no chão de madeira com um estrondo.

Jodi ficou de pé, passando por todo mundo. Lucy gritou, subindo no sofá, mas Julian já estava derrapando de joelhos, puxando com cuidado o corpo mole de Paige para deitá-lo. Jodi correu até ficar ao lado dele.

– Cuidado! – exclamou Julian, e empurrou Jodi para o outro lado.

Ela ergueu os olhos e viu faíscas saírem voando do aparelho de som.

As pessoas estavam gritando e se aglomerando, mas Jodi não ligou para isso. Ao mesmo tempo, Julian colocava o treinamento de primeiros socorros em prática. Os dedos estavam no pulso de Paige, esperando. Esperando. Então, sem hesitar, ele abriu a boca dela, segurou o nariz e começou a ressuscitação cardiopulmonar.

O peito de Paige se encheu de ar. Jodi observava através de uma névoa.

Era estranho que alguém sem fôlego conseguisse respirar.

Os olhos dela se ergueram de repente – um som irrompeu em seus ouvidos. A sala rodava. Um grupo de pessoas estava encostado na parede do outro lado, cobrindo a boca, horrorizadas. Zack estava inclinado sobre o sofá, com o celular na orelha.

– Minha amiga foi eletrocutada. Mandem… mandem ajuda. Estamos na… Oak Lane…

O olhar dele vagou na direção de Lucy em busca de ajuda. Ela pegou o celular da mão dele e falou o endereço.

– Sim, estamos começando a ressuscitação cardiopulmonar. Eles querem saber se ela tá respirando. Julian?

Ele não respondeu. Só continuou apertando o peito dela com as duas mãos.

Atrás de Jodi, Spencer e outros dois garotos estavam tentando desconectar os alto-falantes sem tomar um choque. Faíscas voavam como num show de pirotecnia.

O celular de Paige estava do outro lado da sala, largado, inútil, depois de ter sido arremessado.

Julian cobriu a boca de Paige de novo – já era a quarta vez? – e depois aplicou pressão no peito.

– Eles vão chegar em cinco minutos – sussurrou Lucy.

Ele balançou a cabeça e se conteve para não falar alguma coisa. Será que não era rápido o suficiente?

Jodi sentiu o corpo murchar como um balão todo furado.

Na cozinha, alguns dos outros começaram a se livrar do álcool. Controle de danos.

Os olhos de Jodi estavam embaçados de lágrimas. Ouviu uma arfada e piscou para clarear a vista. Paige respirou fundo, e Lucy se atirou em cima dela, aos soluços. Julian caiu para trás, ofegante. Zack surgiu ao lado dela, correndo para segurar a mão de Paige.

Jodi enxugou as lágrimas e viu Paige piscar duas vezes na direção do teto, respirando fundo em espasmos.

A mão de Paige disparou, segurando o pulso de Jodi.

Jodi estendeu a mão para retribuir o toque, mas os olhos de Paige estavam fixos nela, intensos e determinados.

Em uma voz que parecia fogo crepitando, Paige sussurrou para Jodi:

– Ela quer falar com a gente.

Capítulo 16

Os dedos pareciam uma garra no pulso de Jodi. Mesmo quando outras pessoas começaram a cuidar de Paige, dando água e colocando um travesseiro debaixo de sua cabeça, ela continuou segurando Jodi bem firme.

Os socorristas chegaram alguns minutos depois. Paige estava com uma queimadura causada pela descarga elétrica no braço e tinha sofrido uma pancada na cabeça. Metade do grupo tinha desaparecido pela porta dos fundos assim que Paige acordou, fugindo antes que a ambulância chegasse.

Os pais de Paige foram chamados. Em seguida, os de Lucy. Em pouco tempo, tinham restado apenas os cinco e os socorristas. Eles ficaram ao redor de Paige enquanto a deitavam em uma maca, explicando que ela teria que ir para o hospital tratar a queimadura. Julian perguntou se alguém poderia ir junto na ambulância, e a socorrista o olhou de cima a baixo, vestido só com a cueca boxer, ainda molhado da piscina.

– Vocês deviam ficar sóbrios antes de fazer alguma coisa.

Jodi deu um passo à frente.

– Eu estou sóbria. Posso ir junto?

A mulher assentiu. Eles colocaram Paige lá dentro, e Jodi entrou, prendendo o cinto de segurança na parede, desajeitada.

Paige estava escorada, os fios brotando dela como trepadeiras. Ela olhava pela janelinha da traseira no veículo quando a ambulância partiu, com a pele acinzentada e os olhos vazios.

Cheryl Montgomery ligou para o celular de Jodi, que garantiu que estava com Paige e que ia esperar no hospital até que Cheryl chegasse. Eles chegaram ao hospital e levaram Paige para um leito no setor de traumatologia. Era muito parecido e, ao mesmo tempo, totalmente diferente de *Grey's Anatomy*. Ela se sentou na cadeira ao lado da cama de Paige e esperou enquanto os socorristas repassavam a situação aos médicos. Paige teve que responder a um zilhão de perguntas a respeito de drogas ilícitas, afirmando todas as vezes que só tinha dado uma puxada num baseado junto com a bebida.

Quando os médicos finalmente deixaram as duas em paz, Paige virou o pescoço para Jodi, e havia algo sinistro no jeito como a cabeça dela girou.

– Eu vi Emily. Ela tá tentando falar com a gente – disse Paige, abrindo um sorriso largo como se tivesse acabado de resolver um problema de matemática. – Jodi, as fotos. As mensagens. A *bombinha*. A gente tinha razão.

Ela abriu a boca para negar que fazia parte desse "a gente", mas pensou melhor.

– Me conta o que você viu.

– Eu estava no campo de futebol ou algo do tipo. Tava muito, muito iluminado, e eu tava deitada de costas, olhando pro céu… – Ela piscou duas vezes e se virou para Jodi. – Talvez tenha sido aquele lance de "ir na direção da luz" que o povo tanto fala.

Jodi assentiu. Seus dedos estavam gelados enquanto refletia sobre Paige ter chegado tão perto daquilo. Sobre ela estar tão calma a respeito do assunto naquele momento.

– E eu olhei pra direita, e a Emily tava lá, deitada na grama comigo. O lugar estava tão claro que eu mal conseguia ver ela. Ela me falou pra não olhar pro sol. Pra olhar pra ela. *Ainda não é a hora*, foi o que ela disse.

Arrepios percorreram os braços de Jodi enquanto ela se lembrava do sonho que tivera com Emily no hospital depois do que acontecera no drive-in.

– Ela me contou que tá tentando falar, mas a gente não tá ouvindo. – Os olhos de Paige estavam brilhando. – Ela falou alguma coisa sobre segurança, tipo, como se a gente não estivesse seguro? E aí parecia que eu tava… afundando no chão, cada vez mais pra baixo, e ela se inclinou por cima de mim e disse alguma coisa, tipo um adendo. Como se nem fosse pra mim…

– O que foi que ela falou? – perguntou Jodi, inclinada para a frente, com os cotovelos nos joelhos.

– Eu vou te proteger.

Jodi se endireitou, com o coração batendo forte.

– Não é esquisito? – prosseguiu Paige. – Mas aí eu acordei.

A cortina ao redor da cama de Paige se abriu com um chacoalhar de anéis de plástico. Cheryl Montgomery entrou, afastando o cabelo de Paige da testa, fazendo perguntas a Jodi sem esperar as respostas, chamando a "droga de um médico" aos berros, ignorando os protestos de Paige.

Na segunda-feira, Paige foi ao encontro de Jodi no prédio de artes na hora do almoço.

– Eu quero falar com uma médium – disse ela com os olhos brilhantes.

Jodi mastigou o sanduíche devagar antes de engolir.

– Aquela que a sua tia consulta?

Paige assentiu.

– Preciso saber o que a Emily quer. Como fazer pra ela parar.

Os Reeds ficaram muito chateados ao saber que a fiação defeituosa do aparelho de som deles quase tinha matado Paige. Pediram muitas desculpas e mandaram o aparelho para o conserto. O eletricista não conseguiu encontrar nenhuma razão para Paige ter tomado o choque.

– De quem era a mensagem? – perguntou Jodi. – Aquela que fez você ir pegar o celular?

– Não faço ideia. Era um número diferente de antes, mas acho que é a mesma pessoa.

Paige mostrou a Jodi as mensagens. *189.* Sem contexto. Só os números.

– Sabe o que é…?

– Faz 189 dias que ela morreu – explicou Paige, enfiando o aparelho no bolso com uma expressão sombria. – Eu fiz as contas. Liguei, mas só ficou chamando e chamando.

O peito de Jodi parecia gelado. Ela respirou fundo.

– Você contou pro Greg? Ou pro seu advogado?

Paige deu de ombros.

– E falar o quê? Que alguém anda perguntando do nosso verão, sugerindo cores de tintura de cabelo e enviando números aleatórios? Não é tão ameaçador quando a gente tira de contexto.

Jodi assentiu. Quando trocou olhares com Paige, viu determinação ali.

– Você vai comigo na médium? – perguntou Paige.

Jodi queria lembrar a ela que as mensagens podiam ser de qualquer pessoa, que acidentes estranhos acontecem. Mas pensou nas palavras da visão de Paige:

Eu vou te proteger.

Jodi engoliu em seco, voltando à conhecida sensação de estar afundando.

– Vou, sim.



A tia de Paige, Bette, consultava uma médium desde os 22 anos, quando a mãe

tinha falecido. Por sua vez, a mãe de Paige tinha se jogado no trabalho e na aula de spinning, sem compreender a necessidade da irmã caçula de falar com a mãe a cada duas semanas.

Bette deu um abraço apertado em Jodi. Tinha o cabelo comprido, louro e ondulado, igualzinho ao de Paige.

– A Paige fala de você o tempo todo, Jodi.

As três almoçaram no Burr's, onde Jodi ouviu *muitas* histórias sobre a médium de Bette, Nan, e ficou sabendo que a mulher tinha acertado direitinho a previsão que tinha feito do 11 de Setembro.

– Meu tio Rich… ele morreu quando eu tinha 12 anos – contou Bette, sacudindo um pacotinho de açúcar antes de rasgá-lo e despejá-lo no chá gelado. – Ele aparece *toda vez* que eu vou consultar a Nan. É como se ele estivesse em uma sala de espera, só por ali mesmo, à procura de uma brecha pra dar uma espiada.

Bette revirou os olhos e sugou o canudo.

Jodi comeu as batatas fritas. Tinha acordado com um braço dormente de novo. Os dedos da mão esquerda ainda pareciam mais frios do que os da direita, não importava o quanto ela os aquecesse. Ouvir Bette falar sobre entrar em contato com pessoas mortas não estava ajudando.

Não que Jodi não acreditasse em médiuns. Bem, talvez não acreditasse. Mas ainda não tinha *razão* para acreditar. Se fosse sincera, era muito mais fácil esperar que o espírito de Emily não fosse até elas naquele dia do que esperar que fosse.

– Agora, essa sessão é por minha conta – declarou Bette, colocando as mãos sobre as delas do outro lado da mesa e dando uma apertada. – Eu sei que vocês duas estão preocupadas com sua amiga, então fico contente de apresentá-las pra Nan. Ela me tranquilizou muito ao longo dos anos. Não consigo nem imaginar como deve ser uma amiga se suicidar e deixar tantas perguntas pra quem ficou pra trás.

Paige abriu um sorriso de leve para ela. Nenhum dos outros tinha aceitado ir com elas. Julian tinha uma partida de polo aquático, e Zack e Lucy foram lá torcer por ele.

Jodi pigarreou.

– Como é? O que a gente deve fazer?

– Nan me disse pra preparar vocês duas só com o básico pra não embaralhar as suas energias – respondeu Bette. – A primeira coisa de tudo é: não dê informações a ela a menos que ela peça. Incluindo o nome da Emily, tá? Ela quer

ter certeza de que está falando com a pessoa certa, não só com quem *vocês* querem que seja essa pessoa. Acreditem em mim, o tio Rich apareceu em mais sessões minhas do que consigo contar.

– Mas como é que a Nan vai transmitir o que a gente quer perguntar pra Emily?

– Essa é a melhor parte do mundo espiritual, meu bem – respondeu Bette, com um sorriso sonhador. – A Emily tá com vocês. A Emily já sabe.



A sala onde Nan atendia não se parecia em nada com o que Jodi esperava. Tinha bem menos o clima de terapia holística e mais o de uma psicóloga de família: luz solar acolhedora, móveis modernos e elegantes e aquarelas ao redor de um diploma emoldurado de literatura em Stanford. A própria Nan também era totalmente diferente do esperado: uma mulher na casa dos 50 anos, com o cabelo castanho curto e um aperto de mão firme.

– Deixem eu falar um pouquinho sobre o que eu faço. – Nan se sentou na cadeira do outro lado da mesa, na frente de Paige. – Eu recebo imagens, letras de nomes, sensações… esse tipo de coisa. Muitas vezes eu me engano, tá? É por isso que faço muitas perguntas pra confirmar que estamos na mesma sintonia. Não consigo ver o passado, não consigo prever o futuro. Mas consigo receber mensagens de seus entes queridos.

Paige assentiu depressa, e Jodi observou os dedos dela se remexendo debaixo da mesa.

– E se eles não quiserem falar? – indagou Jodi.

Paige olhou bem rápido para ela.

– Ela quer. Ela me falou.

– E se ela não aparecer? É só isso que eu tô querendo saber.

Nan assentiu.

– Isso acontece muito. Pode ser que a pessoa com quem você queira se comunicar não esteja pronta. Não tem problema. Tem muita coisa que podemos discutir hoje e que ainda pode surgir.

Jodi estava se coçando para dizer a Nan que aquele não era um hábito que ela pretendia cultivar.

– Tá – disse Paige. – Como é que a gente começa?

– Bom, do lado de cá, começou uns dez minutos antes de vocês chegarem. Por isso, não tem necessidade de uma "oração" nem nada do tipo.

Paige ficou na ponta da cadeira, se inclinando para a frente.

– Estou sentindo uma moça jovem. Um nome com *E*.

– Emily – disse Paige, quase sussurrando.

– Tem outras energias aqui também, mas a da Emily parece estar bem perto. – Nan se virou para Bette, que estava à esquerda dela. – Você não conheceu a Emily quando ela estava viva?

– Não, nunca a conheci.

– Tá, isso faz sentido – disse Nan, voltando a olhar para Paige, depois para Jodi. – Eu só quero verificar algumas coisas, tá? A Emily era loura?

– Era.

– E novinha, da idade de vocês?

Paige assentiu.

– Por que é que estou vendo turquesa? Tem alguma coisa a ver com turquesa?

Nan olhou para uma e depois para a outra. Jodi uniu as sobrancelhas.

– A cor favorita dela era rosa – contou.

Paige lançou um olhar duro para ela, e Jodi corou.

– Não, estou vendo um turquesa bem vivo. Talvez um carro? Ou um fichário da escola? Uma jaqueta favorita? Turquesa ou verde-água.

– A única… a única coisa verde-água era o meu vestido do baile – respondeu Jodi.

Nan soltou um som baixinho.

– Vocês compraram o vestido juntas? Ela te emprestou? Qual é o significado desse vestido?

Luzes vermelhas e azuis piscando. Seus pés descalços pisando nas pedrinhas da calçada.

– Não. Ela morreu enquanto eu estava usando ele.

Arrepios percorreram os braços de Jodi. Nan inclinou a cabeça para o lado, e Jodi quase conseguiu ver Emily sussurrando no ouvido dela.

– Ela quer que você saiba que ela estava com você – disse Nan. – Ela estava com você… do lado de fora? Numa área residencial?

Jodi assentiu em silêncio.

– Ela estava lá. – Nan sorriu, como se esse fosse o consolo que Jodi tinha ido buscar. – Ela…

Nan parou de falar, inclinando a cabeça de novo e escutando. Ela inclinou os ombros para trás e apoiou os cotovelos na mesa.

– Hum. Tem mais alguém aqui. A Emily e essa pessoa falam muito alto, então estou tentando interpretar o que estou captando.

– É o tio Rich? – Bette revirou os olhos. – Rich! Hoje não! – gritou ela para o teto. – Hoje é pra Paige, tá?

– Não, é uma mulher.

Paige encarou Jodi com uma pergunta no olhar.

– E não é a Emily? – perguntou Paige.

– Não, é outra pessoa. A Emily ainda tá aqui, mas essa outra pessoa… Mulher. A letra *H*.

Bette e Paige estreitaram os olhos uma para a outra, pensando, antes de se virarem para Jodi.

– É a sua mãe, Jodi?

Um choque gelado a atravessou antes que ela balançasse a cabeça.

– O nome da minha mãe era Josephine.

– Mais alguém da sua família que faleceu? – continuou Nan.

– Da *minha* família, em específico?

– Sim, a energia tá vindo de você, Jodi.

Jodi piscou para ela, aturdida.

– Hum… dois avós. A mãe… a mãe do meu pai se chamava Helene.

Paige e Bette voltaram a olhar para Nan com expectativa.

– Hum. Estou recebendo uma pessoa mais nova do que uma avó.

– Ela morreu jovem. Por volta dos 30 anos.

Nan franziu os lábios.

– A morte dela foi violenta de alguma forma?

Jodi ficou paralisada na cadeira.

– Violenta?

– Foi assassinato ou um acidente doloroso?

Jodi balançou a cabeça em silêncio.

– Eu… eu não sei.

Nan sacudiu os ombros.

– Tá. Deixa eu ver o que mais… – Nan se interrompeu de novo, inclinando a cabeça como se estivesse ouvindo tempestades ao longe. – Um banheiro?

Paige respirou fundo, trêmula.

– Isso. A Emily morreu num banheiro.

Jodi se sentia enraizada na cadeira. Será que Emily tinha ficado chateada por Jodi ter entrado naquele banheiro?

– Tá… Talvez estejamos de volta à Emily. Estou recebendo… – Os olhos de Nan se voltaram para Jodi. – Estou recebendo uma mensagem semelhante das energias daqui. Mas me deixem interpretar. E as flores? Flores em funerais?

Flores numa casa?

– A casa dos pais da Emily é coberta de estampas florais – comentou Jodi.

Paige assentiu depressa.

– A gente… a gente não foi no funeral dela.

Nan franziu a testa, depois levou a mão aos olhos para esfregá-los.

– Alguém tá segurando uma rosa. Rosas significam alguma coisa pra uma de vocês?

Elas negaram com a cabeça.

– Existe um lugar que tenha alguma relação com rosas? Talvez uma floricultura. Ou um lugar onde vocês ganharam rosas? Estão realmente insistindo nessa ideia de *ir* até as rosas.

Jodi pensou no arranjo de flores que Julian supostamente tinha encomendado para Emily, mas aquilo era estranho. Por que ir à floricultura?

– O jardim de rosas – respondeu Paige, quase saltando da cadeira. – No leste de Sacramento. A gente foi lá com a Emily. Nós… nós nos divertimos naquela noite.

Nan assentiu, dando sequência a partir disso.

– Há uma energia forte aqui que acredita que esse lugar, talvez esse jardim de rosas, seja seguro. É um lugar seguro.

A respiração de Paige estava curta, e Jodi quase conseguia ver como os pés dela queriam correr para lá naquele instante. Mas aquilo não fazia sentido para Jodi. Será que tinha alguma coisa no jardim de rosas? Algo de que precisavam e que tinha ficado para trás?

– Tá, isso é estranho. – Nan massageou as têmporas. – A energia da Emily tá vindo aos trancos e barrancos. É como… é como eletricidade.

– E o que isso quer dizer? – sussurrou Paige.

– É… Eu nunca senti isso. Mas ela tá feliz. A Emily tá muito contente com alguma coisa. É meio como se houvesse uma lâmpada ligando e desligando.

– Isso é… – Jodi se interrompeu, mas Paige assentiu para que ela continuasse. – Ela pode estar tentando falar com a gente. Eu acho que ela controla as luzes.

Nan estreitou os olhos para Jodi, abrindo a boca como se fosse negar aquela possibilidade, quando de repente sua expressão se desfez. O rosto ficou inexpressivo enquanto ela recebia algo do além.

– Tem outra presença se juntando a nós, mas… – Nan engoliu em seco. – Acho que a gente não deve falar com ele ainda.

– Tio Rich! – gritou Bette. – Vai embora!

– Não, não vamos falar com ele ainda – repetiu Nan, e Jodi teve a leve

impressão de que ela não estava falando isso para elas. – A Emily está muito contente com alguma coisa. Ela acha que… as coisas vão melhorar.

A respiração de Paige saiu entrecortada.

– Melhorar?

Nan estava pálida enquanto assentia.

– Nem todo mundo aqui concorda. Mas a Emily acha que vocês estão melhores agora.

O alívio saía de Paige em ondas. Ela se recostou na cadeira e passou a mão no cabelo.

– Você falou que tem uma presença nova? – perguntou Jodi. – O que essa presença quer?

Nan pigarreou e se levantou. Ela pegou dois cartões de visita do suporte de plástico na mesinha lateral.

– Eu acho… acho que a gente precisa parar por hoje. – Ela deu um cartão de visita para Jodi e outro para Paige. – Tem alguma coisa… A gente precisa parar.

– Parar?

– Mas, se quiserem falar comigo mais tarde, ou amanhã, vou ficar feliz em continuar a conversa.

Jodi olhou para o cartão de visita. *Médium Paranormal – Nan Herrington – Leituras a 85 dólares.* Ela não ia conseguir pagar para falar com ela de novo.

– Muito obrigada, Nan – disse Bette, como se fosse normal interromper uma sessão depois de dez minutos.

Ela se levantou e apertou a mão da médium. Paige fez a mesma coisa, falando animada sobre a experiência maravilhosa que tinha sido – exatamente o que ela queria.

Jodi se levantou devagar.

– Eu encontro vocês lá fora – avisou ela. – Só quero fazer mais uma pergunta, se for possível.

Nan sorriu desanimada e assentiu.

Paige e Bette saíram, combinando de tomar um sorvete de iogurte.

Assim que a porta se fechou, Nan segurou o braço de Jodi, as unhas cravadas nela como garras.

– Você não tá segura?

Jodi a encarou, com a respiração presa no peito.

– Como assim?

– Todas as energias que estão nesta sala querem te proteger, Jodi.

– Eu?

– Você tá passando por algum perigo? Todo mundo aqui fala *muito* alto e *ninguém* gosta um do outro, mas todos concordam nesse ponto sobre você. A Emily tá… – Nan fez que não com a cabeça. – Eu não gosto da energia dela. Ela não queria mais falar com a Paige de jeito nenhum. Ela mal queria me usar. Ela só queria estar perto de você, Jodi.

Os dedos de Nan no braço dela – o esquerdo – fizeram a sensação que estava nas pontas dos dedos de Jodi desaparecer.

– Ela transita muito perto do limite entre os nossos mundos, e eu sei que isso não significa nada pra você, mas eu não ficaria surpresa se você sentisse a presença dela com mais intensidade do que a de um espírito comum.

A garganta de Jodi estava seca. Ela fez que sim com a cabeça.

– Ela tem andado… Eu acho que ela quer matar a gente. – Dizer aquilo em voz alta arrancou lágrimas dos olhos de Jodi, lágrimas que ela nem sabia que estava segurando.

– Não. – Nan levou a mão quente até a bochecha de Jodi. – Pelo menos não *você*.

Algo brilhou nos olhos castanhos de Nan, como um céu azul-claro depois da chuva, e depois se foi. Ela tirou as mãos da pele de Jodi. O braço esquerdo pareceu de novo dormente. Nada além de um membro frouxo.

– Me liga – pediu Nan, apontando para o cartão na outra mão de Jodi. – Eu não posso falar o motivo agora. Mas, se você tiver alguma pergunta hoje à noite, quero que me ligue.

Jodi se afastou dela, cambaleando. Ela pegou a bolsa e saiu pela porta. Seu coração batia forte enquanto corria escada abaixo. *Não você.*

E os outros? Emily *queria* matar *os outros?*

Ela foi para a calçada e se deparou com Paige no celular, com a mão sobre a boca e lágrimas escorrendo pelo rosto. Bette estava massageando as costas dela.

Paige ergueu os olhos para Jodi, arregalados e cheios de terror e sofrimento.

A falta de sensibilidade nas pontas dos dedos de Jodi se espalhou até o cotovelo, o ombro e, por fim, chegou ao peito quando Paige sussurrou:

– O Julian se machucou na partida de polo aquático. Ele não tá respirando.

Processo nº 4512420
Trecho do diário de Emily Mills
Inscrito como prova em 06/08/2024 pela detetive Chelsea Harding

5 DE MAIO DE 2024

JULIAN HOLLISTER NÃO GOSTA DE MIM. NÃO IMPORTA O QUE EU FAÇA, AO QUE PARECE.

SEMANA PASSADA FOI NO CINEMA, ESSA SEMANA NA PARTIDA DE FUTEBOL AMERICANO. ELE VOLTOU DA BILHETERIA COM CINCO INGRESSOS, E A PAIGE LEMBROU QUE ÉRAMOS SEIS, DAÍ ELE OLHOU PARA MIM E DISSE: SÓ VEJO CINCO PESSOAS AQUI.

A ÚNICA COISA BOA É QUE O ZACK FOI COMIGO ATÉ A BILHETERIA E PAGOU O MEU INGRESSO, COMO NUM ENCONTRO.

MAS EU NÃO SEI O QUE FAZER EM RELAÇÃO AO JULIAN. PERGUNTEI PRO ZACK POR QUE ELES ERAM AMIGOS, E ELE DEU DE OMBROS. TIPO, NÃO RESPONDEU. EU QUERIA QUE O ZACK SOUBESSE COMO É INCRÍVEL. ELE NÃO PRECISA DE GENTE COMO JULIAN HOLLISTER MANCHANDO A IMAGEM DELE. ELE JÁ É PERFEITO. ÀS VEZES, EU QUERIA QUE FOSSE SÓ EU, O ZACK E A JODI. EU ADORARIA SE FOSSE ASSIM.

DEPOIS DO JOGO, EU PERGUNTEI PRO JULIAN POR QUE ELE NÃO GOSTAVA DE MIM. CORAJOSA, NÉ? ESTOU TENTANDO MELHORAR. ACHEI QUE ELE NÃO FOSSE RESPONDER, MAS AÍ ELE DEU UM SORRISINHO PRA MIM COMO UM TUBARÃO E DISSE: PORQUE VOCÊ SE SENTE À VONTADE PRA FALAR COMIGO. É POR ISSO QUE EU NÃO GOSTO DE VOCÊ.

ELE TAMBÉM É MUITO MAU COM A JODI. DÁ PRA VER. É COMO SE EU E A JODI ESTIVÉSSEMOS DE UM LADO DE UMA LINHA, E O JULIAN, A PAIGE E A LUCY DO OUTRO. E O ZACK NO MEIO. EU QUERO QUE ELE ESCOLHA A GENTE. NÃO POSSO DEIXAR O JULIAN

VENCER.

EU SEI QUE DEUS NÃO VAI ME PERDOAR POR ISSO, MAS... EU NUNCA TIVE TANTA VONTADE DE QUE UMA PESSOA SUMISSE QUANTO JULIAN HOLLISTER. EU QUERO QUE ELE SUMA.

Capítulo 17

Jodi se sentou no banco traseiro do carro de Bette enquanto o veículo acelerava em direção ao hospital. Sentia como se tivesse levado uma chicotada. Tudo tinha acontecido tão depressa.

Paige estava rezando baixinho no banco do passageiro, de olhos bem fechados. Bette tinha desligado a música e estavam em silêncio.

Zack e Lucy suspeitavam que Julian tivesse sofrido uma concussão no começo da partida. Em algum momento do quarto tempo, ele não subiu para respirar. O treinador o tirou da piscina e procedeu com a ressuscitação cardiopulmonar até os socorristas chegarem, mas ele estava sem pulso quando foi levado pela ambulância.

Paige virou depressa a cabeça para Bette depois de cinco minutos de silêncio intenso.

– Quando ela falou que tinha uma nova presença, uma presença *masculina*, ela queria dizer… Será que era o Julian?

Bette balançou a cabeça, mas seus lábios se abriram e se fecharam como um peixe.

– Será que era por isso que ela não podia falar com a gente? – Lágrimas rolavam livremente pelo rosto dela. – Porque ele estava morto e a gente ainda não sabia?

Jodi piscou para a parte de trás do encosto de cabeça de Paige, ouvindo as palavras, mas sem entendê-las.

A Emily está muito contente com alguma coisa.

Paige não esperou o carro parar por completo antes de sair em frente ao pronto-socorro. Bette foi estacionar, e Jodi e Paige correram para dentro. Paige pedia informações na recepção aos berros, enquanto Jodi ficava ao lado dela, atordoada. Ela mal notou a mão de alguém em seu braço. Um braço ao redor de seus ombros.

Zack e Lucy estavam ali.

– Ele voltou a respirar na ambulância… – disse Zack, com a mão entre as

omoplatas de Jodi.

– Eles conseguiram pulso, mas não falaram mais nada – acrescentou Lucy.

Jodi baixou os olhos. Os dedos de Lucy estavam entrelaçados nos dela. A mão esquerda de Jodi pendia frouxa no aperto dela.

– Tá tudo bem – disse Paige, e ela estendeu a mão e acariciou o rosto de Jodi.

Jodi achou estranho até sentir polegares espalhando algo molhado em seu rosto. Ela estava chorando?

– O Ray e a Nina estavam lá no jogo – explicou Zack, embora ninguém tivesse perguntado. – Eles já estão na sala de espera da família.

Eles conduziram Jodi e Paige até as cadeiras no canto da recepção. Lucy estava com um pacote de Red Vines da máquina de venda automática, e Jodi pegou um quando ela lhe ofereceu, passando os dedos pela espiral do doce. Ficaram sentados em silêncio, ouvindo a televisão ligada no canto. Quando Lucy perguntou como tinha sido a consulta com a médium, os olhos de Paige se voltaram depressa para Jodi.

– Muito boa – comentou Paige. – Tô me sentindo bem melhor agora.

– Vocês… conseguiram falar com ela ou sei lá o quê? – perguntou Zack.

– Ela contou pra gente que tá feliz e que não temos com o que nos preocupar – disse Paige com um sorriso que não alcançava os olhos.

Jodi encarou os próprios sapatos. O peito parecia apertado, e a cabeça estava confusa. Paige não estava mais segura naquele momento do que tinha estado de manhã, mas como ela poderia explicar isso? Como poderia contar a Paige o que Nan tinha falado no final?

– Mas ela falou uma coisa estranha sobre o jardim de rosas no Parque McKinley – prosseguiu Paige. – Eu só me lembro de ir lá com ela uma vez. Mas talvez a gente precise ir lá. Quem sabe… quem sabe nós pudéssemos ter um desfecho se todos os cinco fôssemos lá.

Jodi se levantou, porque as palavras "todos os cinco" pareciam perturbadoras, já que eles poderiam virar "todos os quatro" depois daquele dia.

– Vou ligar pro meu pai – anunciou ela, sacudindo a mão dormente.

Lucy se levantou devagar. O olhar dela estava fixo em Jodi, avaliando-a com interesse.

– Quer companhia?

Ela desviou os olhos, torcendo para que Lucy não conseguisse ler todos os seus pensamentos.

– Não, eu tô de boa. Já volto.

Jodi se enfiou no espaço para fumantes do lado de fora, pisando em guimbas

de cigarro e cocô de pombo. Pegou o cartão de Nan e ligou. A médium atendeu no primeiro toque.

– Alô?

– É a Jodi. Dillon. A gente acabou de sair daí.

– Ele tá vivo?

A adrenalina que tinha mantido Jodi em atividade na última meia hora foi abruptamente sugada de seu corpo quando Nan confirmou algumas coisas só com essas três palavras. Jodi precisou apoiar a mão em um pilar próximo coberto de estuque e respirar fundo.

– Me diz você.

Nan suspirou.

– A presença dele desapareceu logo depois que você saiu. Não do jeito normal, que é quando o parente ou amigo sai da minha sala, e a presença segue a pessoa. Nesse caso, a presença foi apagada.

– Você… – disse Jodi, mas a garganta ficou travada. – Você não conseguiria dizer se ele estava em coma ou algo assim, né?

– Não. Só se ele falecer. O que não aconteceu.

– Tá. Foi com isso que a Emily ficou contente?

Nan fez uma pausa.

– Ela indicou que você estava segura. E isso a deixava feliz. Como já falei, o foco principal dela era você e seu bem-estar.

Jodi balançou a cabeça e fechou bem os olhos.

– Isso não faz sentido. Ela era apaixonada pelo Zack. Obcecada por ele.

– Bem, não foi o Zack que veio me consultar. Talvez ela tenha se concentrado em você porque você estava presente, mas você pode ter sido mais especial pra ela do que imagina. – A voz de Nan estava suave, como se estivesse tentando consolar Jodi.

– Mas ela pensou que eu estaria segura com Julian morto – insistiu Jodi.

– Não posso dar certeza disso.

Jodi olhou para uma ambulância entrando na área do hospital.

– Obrigada, Nan. Por tudo. Posso tentar voltar se conseguir o dinheiro, mas…

– Não se preocupe com o dinheiro. Só me liga. E, se você conseguir descobrir quem é "H", acho que essa pessoa gostaria de falar com você.

Jodi engoliu em seco e se despediu. Quando entrou pelas portas de correr automáticas, viu os três amigos olhando para a televisão no canto da sala. Um repórter estava do lado de fora da escola deles, e piscando na tela havia a

chamada: *UM "THRASHER" HOSPITALIZADO*.

Revirando os olhos, Jodi foi em direção à sala de espera, parando apenas quando ouviu o próprio nome soar nos alto-falantes.

– Apenas uma dos chamados "Thrashers", Jodi Dillon, não foi acusada. A promotoria não confirmou se Dillon ofereceu informações em troca de limpar o próprio nome, mas confirmou que Dillon foi intimada a testemunhar contra o grupo de amigos. Teremos mais informações sobre o caso Emily Mills hoje à noite…

Jodi ficou paralisada na beirada do tapete quando três cabeças se viraram para ela em câmera lenta. A boca de Zack estava aberta e, quando o olhar pousou nela, ele a fechou. Ela observou a mandíbula dele se mexer. Lucy estreitou os olhos por um instante antes de desviar o rosto. Paige olhou de um lado para outro, alternando entre Jodi e a tela, e foi a primeira a falar.

– Gata. Você já sabia que as suas acusações tinham sido retiradas?

Jodi assentiu.

– Na verdade, eles não enviaram a papelada. Mas eu… acabei de saber ainda agora da intimação. Eu não queria deixar ninguém bravo, então eu…

– Ah, a gente não pode ficar bravo – disse Paige, abrindo um sorriso fraco para ela. – É uma intimação. Não é uma escolha sua.

Mas Lucy estava olhando pela janela.

– Você vai testemunhar contra a gente? – A voz de Zack estava tensa, confusa.

– Eu não… eu não *quero*, mas a polícia me intimou. Então eu vou ter que fazer isso.

– O que é que você diria, afinal? O que eles acham que você sabe?

– Não tenho a menor ideia – respondeu Jodi, indo se sentar a duas cadeiras de distância de Lucy. – Eu não sei de nada, você tem razão.

– Pois é, provavelmente é só coisa de rotina ou algo assim – acrescentou Paige, animada.

Zack respirou fundo e assentiu, voltando a prestar atenção na tela. Lucy não falou nada, deixando o queixo apoiado na mão e os dedos sobre os lábios.

Algumas horas mais tarde, depois que tia Bette, o treinador de polo aquático de Julian e metade de seus companheiros de time tinham aparecido e ido embora, só restaram os quatro na recepção.

A Sra. Hollister rompeu o silêncio tenso quando saiu para avisar que Julian estava acordado, mas não podia receber visitas. Quando saíram do hospital amontoados no carro de Lucy, Jodi sentiu como se uma linha tivesse sido traçada, separando-os. E se ela contasse para eles sobre o diário na parede? Ou a página que tinha roubado das anotações da orientadora? Talvez pudesse provar que ainda estava do lado deles. Que estava *tentando*.

Lucy tomou o caminho da casa de Jodi, e ela percebeu que ia ser deixada primeiro. Apesar de estarem mais perto da casa de Paige. Presumiu que estavam indo conversar na casa de um deles. Mas Lucy nem olhou para Jodi pelo espelho retrovisor quando parou na frente da casa dela.

Jodi se despediu, sentindo que havia algo que precisava dizer ou talvez *ouvir* deles. Mas tudo que recebeu foi:

– A gente se vê na escola.

Quando se virou para entrar, viu Oliver Burns sentado na varanda da frente, fumando um baseado e observando-a.

– Ele tá vivo? – indagou ele.

Ela assentiu.

– Que pena.

Lançando um olhar zangado, ela foi até ele e apontou para o baseado.

– Pode dividir?

Ele ergueu uma sobrancelha, surpreso, e o ofereceu a ela. Jodi se sentou ao lado dele no sofá do quintal e levou o baseado aos lábios. Imaginou a fumaça indo até os pulmões, se espalhando pela cabeça e dissipando todas as preocupações.

– Tô chocado que você tenha puxado – comentou Oliver, pegando o baseado de volta.

– Só eu não tô sendo acusada de ter cometido um crime.

Ela olhou para o pequeno jardim que a mãe de Oliver costumava cuidar.

– Faz sentido – disse ele.

Ela estreitou os olhos ao se virar para ele.

– Faz?

– A Emily te amava. Os pais dela sabem disso. – Ele puxou uma última vez antes de apagar o baseado. – *E* tenho certeza de que a polícia não tem provas contra você.

– Você acha que eles têm provas contra os outros, então?

Oliver respirou fundo.

– Sem dúvida – respondeu ele, sem hesitar.

– Como é que eu *não* ia saber disso?

Ele olhou para as cutículas da mão direita.

– Tenho certeza de que existe um zilhão de coisas que você não sabe, Jodi. Conversas das quais você não faz parte. Coisas pras quais você não foi convidada.

O estômago de Jodi ficou embrulhado.

– Como assim?

Ele estalou as juntas dos dedos antes de responder.

– Acho que é melhor você não saber, né? Pra quando você for depor?

A surpresa lutava contra a confusão e o ciúme dentro dela.

– Você já viu as notícias?

– Ah, para, né – zombou ele. – Já recebi quinze mensagens falando do assunto. A escola inteira já sabe.

Com os olhos fechados e os cotovelos apoiados nos joelhos, Jodi tentou respirar fundo, desejando não ter puxado o baseado.

– Não é como se eu… como se eu tivesse feito um *acordo* nem nada assim…

– Tô ligado. Mas agora é você contra eles. – Ele esticou as pernas e sorriu, dando uma piscadela para ela. – Vai ser uma carnificina.

Capítulo 18

No dia seguinte, depois da escola, Paige levou Jodi de volta ao hospital para visitar Julian. Pelo visto, Lucy e Zack tinham ido naquela manhã. Jodi se sentia burra por pensar que tinha feito alguma coisa para que os dois a estivessem evitando, mas não conseguia deixar de ter essa impressão.

– Eu não fiz nenhum acordo, como estão dizendo no noticiário – disse Jodi a Paige no caminho até lá.

– Claro! Eu não achei que você tivesse feito isso – respondeu Paige, sorrindo.

Quando elas tiveram permissão para visitar Julian, ele parecia pálido e exausto. Os olhos contornados por olheiras escuras saltaram de uma para a outra quando elas entraram. Paige o abraçou, mas Jodi ficou para trás.

– Ah, meu Deus. Você ficou literalmente morto por, tipo, três minutos ou algo assim, né? – perguntou Paige.

Ele passou a mão pelo cabelo.

– É, acho que sim.

Os olhos dele desviaram para Jodi de novo. Ela se sentou na cadeira ao lado da cama, envergonhada.

– Vou ter alta amanhã – acrescentou Julian.

– Então, eu não sei se você lembra ou sei lá – disse Paige –, mas, quando a gente tava com a médium ontem tentando falar com a Emily, acho que ela sentiu a sua presença. – Os olhos de Paige estavam brilhantes. – Não é estranho?

Houve uma pausa. Julian olhou para Paige, e seus lábios se curvaram.

– Estranho.

– Ela teve que parar e tudo mais. Como se ela não tivesse permissão pra contar pra gente que você tava morto. Eu acho isso tão assustador…

Jodi deixou a voz de Paige tomar conta dela enquanto observava Julian. Ele desviou o olhar de Paige, indo lentamente na direção de Jodi. Os olhos castanhos mal se fixaram nela por um segundo antes de flutuarem por cima do ombro dela e ficarem ali.

– Você, tipo, não sentiu nada, né? – prosseguiu Paige. – Você não se lembra

de ver a gente através da médium?

Houve uma pausa infinitesimal antes de Julian balançar a cabeça.

– Não.

Enquanto elas se preparavam para sair, Jodi não pôde deixar de sentir que deveria dizer algo. Tinha deixado Paige falar o tempo todo, e Julian mal tinha olhado para ela.

Jodi resolveu simplesmente dar um aceno amigável em despedida e seguir Paige porta afora.

– Dillon.

Jodi se virou. O olhar de Julian finalmente estava fixo nela. Ela esperou no vão da porta, observando sua hesitação em continuar.

– Eu?

Ele passou a mão pelo cabelo e fechou os olhos, como se uma enxaqueca estivesse a caminho.

– Posso pegar as suas anotações? Da aula?

Jodi piscou para ele, aturdida.

– Ah, claro. Tá, eu vou… aham.

Ele assentiu, e parecia que tinha voltado a não olhar para ela. Jodi engoliu em seco.

– Fiquei feliz por você não estar morto – disse ela depressa.

Em seguida, ela se virou e correu porta afora, balançando a cabeça, em pânico.

– Fiquei feliz por você não estar morto – sussurrou para si mesma. – Mandou bem, Jodi.

Ela correu para alcançar Paige.

A peça da escola era dali a duas semanas, e a aula de teatro tinha virado um campo minado de atrizes estressadas, provas de figurino e a Sra. Calloway de pavio curto.

Jodi e Oliver só tinham aquela semana para terminar o cenário e montá-lo. Oliver tinha usado um verniz lindo nas tábuas da varanda que combinava perfeitamente com a pintura de Jodi. Naquele sábado, quando levaram as peças do cenário para o teatro, Jodi assistiu enquanto Doug amarrava o cenário a um mastro e o erguia, revelando as nuvens, depois as copas das árvores e, por fim, as telhas dos telhados. Jodi viu falhas e coisas que gostaria de poder refazer, mas a

Sra. Calloway chorou quando entrou no teatro no domingo de manhã.

Jodi passou a semana seguinte estudando o roteiro, se preparando para ser a "assistente de figurino" de Nikita, para ajudá-la nas trocas de roupa. Oliver ficou encarregado de abrir e fechar a cortina, o que o fez ficar com uma expressão presunçosa, e Jodi pensou em requisitar essa tarefa da próxima vez – antes mesmo de se dar conta de que estava planejando uma próxima vez.

A noite de abertura começou com apenas alguns percalços. O garoto que fazia o papel principal esqueceu metade das falas de uma cena e acabou pulando três páginas de diálogo quando colocou a peça de volta nos trilhos, mas, no geral, foi emocionante ouvir trezentas pessoas do outro lado da coxia, prestando atenção, rindo e fungando. Jodi ficou esperando Oliver terminar de limpar o palco, perto da porta dos bastidores, enquanto Nikita e o restante do elenco saíam para cumprimentar as respectivas famílias e amigos.

Jodi tinha deixado ingressos para os amigos na bilheteria. Não esperava que nenhum deles realmente aparecesse, mas, naquele momento, sozinha enquanto todos os outros tinham alguém para apoiá-los, olhando para eles com admiração, Jodi pensou que devia ter comentado com Zack que estava muito orgulhosa do cenário que tinha pintado. Depois que surgiram as notícias sobre a intimação de Jodi, teria sido legal que Paige ou Lucy estivessem ali para mostrar que as duas ainda se importavam com ela.

– Então ela simplesmente morre? Essa é a moral da história?

Jodi se virou para a voz familiar. Julian parecia um peixe fora d'água ali de pé em meio a um mar de maquiagem de palco e alunos de teatro barulhentos.

– Acho que sim…

Jodi inclinou a cabeça, tentando encontrar uma explicação para ele estar ali. Seguiu o olhar de Julian até o que ele estava lendo nas mãos. Um programa para *Nossa cidade*. Ela olhou para ele, surpresa.

– Você… você assistiu à peça toda?

– Assisti. Você podia ter avisado que durava três horas, Dillon. – Ele se recostou na parede perto deles. – É um baita tempo só pra ver umas árvores e telhados que você pintou.

Jodi uniu as sobrancelhas. Ela olhou atrás dele, procurando Zack, Lucy ou Paige.

– Mas ficaram boas – acrescentou ele, virando a página do programa. – As árvores. E foi legal que as casas da sua pintura combinavam com a casa que estava no palco. Eles te fizeram subir numa escada pra pintar lá em cima?

– Eu… Não, eu pintei no chão e depois foi pendurado.

– Ah, tá. Faz mais sentido.

Ele ficou encarando o programa como se aquilo fosse lhe dar novas informações. Ela observou pontinhos de cor surgirem no rosto dele.

Alguém chamou o nome de Jodi no corredor, e ela ergueu o olhar e viu Oliver acenando com a cabeça em direção ao estacionamento.

– Tenho que ir. Eles vão numa lanchonete depois de cada espetáculo. Dizem que é a pior comida do mundo, mas os funcionários não mandam o pessoal embora, a menos que comecem a fazer guerra de comida…

Ela estava tagarelando. Julian assentiu e se desencostou da parede.

– Você quer fazer isso? – perguntou ele.

– Como assim?

– Fazer arte pra teatro. Tipo, dá pra virar uma carreira?

Ela vasculhou os olhos dele para ver se Julian estava sendo sarcástico, tirando sarro, sendo condescendente com ela. Não encontrou nada disso.

– Acho que sim. Não sei se é o que eu *quero* fazer, mas pode ser que eu pegue aulas de teatro de novo no semestre que vem.

– Legal. É, você é boa nisso. Enfim. Te vejo na segunda.

Antes que Jodi pudesse piscar, ele estava escapulindo em meio à multidão. Se ela já tivesse visto Julian Hollister em uma situação de constrangimento social, teria dito que aquela era uma delas. Ela só se deu conta de que não tinha agradecido pela presença dele quando estava comendo palitinhos de muçarela e dividindo um milk-shake de morango com Nikita.



A última sessão de *Nossa cidade* foi na noite do sábado seguinte. Pelo visto, era uma tradição que o elenco e a equipe desmontassem o cenário no domingo de manhã – totalmente de ressaca da noite anterior. Oliver a levou de carro até a casa de um dos atores.

– Eu faço uma *grana boa* nessas festas de elenco – comentou ele enquanto estacionavam em frente à casa.

Ele foi até o porta-malas e pegou a mochila, dando tapinhas carinhosos nos bolsos cheios.

– Quer ganhar cenzinho fácil hoje à noite?

Ela tirou os olhos da mochila dele.

– Ganhar…?

– Eu te deixo ficar com 25 por cento, se quiser ajudar. É só chegar nas

pessoas, puxar papo sobre Zack Thrasher e perguntar se elas querem fumar um baseado com você.

Jodi sentiu o pescoço corar.

– Não, eu não… eu não fico à vontade com essas coisas.

Oliver deu de ombros.

– Tudo bem. Me fala se você mudar de ideia. Você ia ficar surpresa com quantas pessoas gostariam de falar da investigação enquanto Jodi Dillon fuma maconha com elas.

Oliver começou a seguir pelo caminho no gramado, indo em direção à porta lateral da casa. Jodi ficou olhando para ele, com a sensação de que tinha acabado de ser reprovada em algum tipo de teste. Ou talvez tivesse tirado nota máxima.

Nikita foi cambaleando até ela, reclamando dos prêmios do teatro local e do júri que estivera na apresentação daquela noite. Jodi notou uma garota de pele escura no quintal, avaliando-a. Desviou o olhar. Já fora encarada muitas vezes, ainda mais agora que os noticiários cobriam o caso dos Thrashers toda semana. Quando olhou para o quintal de novo, a garota estava falando com Oliver, os olhos escuros se voltando para Jodi.

Ela tentou se concentrar no que Nikita estava falando, mas seu olhar se fixou em outra pessoa no quintal.

– O que a Reagan Matthews tá fazendo aqui? – indagou Jodi.

Nikita se virou para olhar.

– O irmão dela tá no elenco. Ele fez o papel do carteiro.

Jodi estreitou os olhos. Reagan parecia tão deslocada com o cabelo cheio de ondas e a pele perfeita ao lado de todos aqueles adolescentes nerds com espinhas e usando camisetas com estampas engraçadinhas.

Mais tarde, quando Jodi estava saindo do banheiro, viu Reagan encostada na parede, olhando para o celular. Reagan ergueu os olhos, tirando os cabelos da frente, e um sorriso lento se espalhou pelo rosto dela.

– Jodi – cumprimentou ela. – Você finalmente foi descartada?

Jodi olhou feio para ela.

– Quê?

– Eu não tenho te visto com os Thrashers. – Reagan passou por ela em direção ao banheiro, depois se virou. – Você foi esperta em desistir deles e fazer um acordo.

– Não foi isso que aconteceu…

– *Qual é*, Jodi. Os seus amigos vão pra casa de detenção, e você nem foi acusada.

– Pois acredite no que quiser. Eu não entreguei ninguém. – Jodi cruzou os braços. – E *ninguém* vai pra casa de detenção.

Os olhos de Reagan brilharam.

– Que gracinha. Eles ainda estão escondendo coisas de você.

A porta começou a se fechar. Jodi sentiu o corpo tenso. Ela ergueu o braço.

– O que isso quer dizer?

Reagan a olhou de cima a baixo.

– Pergunta pra Lucy quem é a testemunha ocular nas acusações de assédio dela.

Ela ergueu uma sobrancelha perfeitamente delineada e fechou a porta.

Parecia que havia água nos ouvidos de Jodi. Ela ficou encarando a porta fechada.

Lucy não tinha contado que havia uma testemunha ocular. Lucy não contava muita coisa a ela ultimamente. Jodi ainda não sabia a *que* se referia a acusação de assédio, mas Reagan estava alegando que tinha visto tudo?

Jodi sentiu o coração trovejar dentro do peito enquanto voltava para o lado de fora; precisava de um pouco de ar puro. Oliver tentou passar um baseado para ela no quintal, e ela recusou. Precisava pensar, não esquecer.

Sentada em um banco na lateral da casa, Jodi mal tinha conseguido passar dez minutos sozinha antes de ouvir passos indo em sua direção, esmagando as folhas que não tinham sido varridas. Ela ergueu o olhar, e a garota que estava conversando com Oliver apareceu na frente dela.

– Você é Jodi Dillon? – perguntou ela. Jodi assentiu. – Meu nome é Vanessa. Eu estudo na Escola de Sacramento.

– Oi – falou Jodi e esperou que ela se explicasse.

Vanessa respirou fundo e jogou as tranças compridas para trás.

– Eu conhecia a Emily desde o primeiro ano.

Jodi piscou para ela, aturdida.

– Ah.

A garganta se apertou, e ela não conseguiu pensar em mais nada para dizer. Será que Vanessa achava que Jodi "tinha cometido bullying contra Emily até ela se matar", como tantas outras pessoas? Jodi se preparou para uma discussão, olhando para as pessoas no quintal e percebendo que ela e Vanessa estavam isoladas naquele canto.

Vanessa a encarou.

– A Emily nunca falou de mim pra você?

– Desculpa, não… – Jodi se levantou. – O que é que ela poderia me dizer?

– Olha, eu sei que você não deve poder falar de nada disso por causa das acusações dos seus amigos, mas eu só precisava ter certeza de que alguém sabia…

– Sabia o quê? – perguntou Jodi, sentindo os braços formigando.

– Por que ela deixou a Escola de Sacramento – respondeu Vanessa. – O advogado de alguém devia investigar um pouco. Só isso.

O coração de Jodi desacelerou quando percebeu que Vanessa não queria gritar com ela, mas, antes que pudesse perguntar o que ela queria dizer, a garota voltou para a festa. Jodi a chamou, mas Vanessa foi para dentro da casa, quase correndo. Ela se enfiou no meio da multidão e sumiu.



O elenco e a equipe dos bastidores de *Nossa cidade* desmontaram o cenário no domingo. Jodi tirou fotos para anexar nas inscrições para as faculdades. Ela ainda estava pensando no que Julian tinha perguntado: "Dá pra virar uma carreira?"

Mas, no domingo à noite, Jodi estava no quarto olhando um anuário de 2022/2023 da Escola de Sacramento que tinha conseguido com um dos atores da peça, irmão de uma menina que estudava lá. Ela encontrou Emily nos *Ms* do primeiro ano e, depois de dez minutos procurando, achou Vanessa Jones, também no primeiro ano. Não sabia bem o que mais poderia achar naquele anuário, mas folheou todas as páginas mesmo assim.

Chegou à página 23, com as fotos do Baile de Boas-Vindas de 2022 da Escola de Sacramento. Ali, com tinta roxa e branca no rosto, Emily e Vanessa sorriam para a câmera, com as bochechas grudadas enquanto se abraçavam.

Jodi ficou encarando a foto. Elas pareciam felizes. Achou três outras fotos de Emily e Vanessa no anuário; às vezes, só as duas, às vezes em grupo. Por fim, uma foto tirada mais ou menos em maio daquele ano mostrava Emily apoiando a cabeça no ombro de Vanessa na aula de educação física. Vanessa estava inclinada para longe dela, com um olhar distante no rosto.

Capítulo 19

DEZEMBRO

Jodi estava sentada no parapeito de uma janela, estendendo a mão para um galho de árvore.

– Eu te seguro – disse uma voz para ela vinda da direita.

Zack estava sentado na árvore, com os braços estendidos para ela. Jodi sorriu para ele e esticou a perna, deixando que ele a puxasse para fora da janela do segundo andar.

– Viu? Não foi tão ruim assim – sussurrou ele, empolgado.

Estava escuro na rua a não ser pelas lâmpadas que sempre piscavam para ela. Ela deixou Zack ajudá-la a descer pelos galhos, como se o estivesse seguindo até a Terra do Nunca.

Um Mustang preto estava parado na rua com os faróis apagados. Os amigos de Zack esperavam lá dentro, e, embora Jodi percebesse que eles pareciam entediados e até irritados, ela não ligava. Zack a tinha chamado para sair. Zack a queria lá.

Eles foram de carro até o jardim de rosas, e Zack e Julian Hollister queimavam um baseado enquanto Paige Montgomery e Lucy Reed bebiam Sidra. Os garotos desafiaram as meninas para uma corrida, e Jodi ria enquanto Paige e Lucy corriam de calcinha e sutiã pelo parquinho abandonado. Zack e Julian foram atrás delas, e Paige soltou um grito quando Julian a alcançou e a derrubou no chão.

Jodi virou o rosto para as estrelas e agradeceu a Deus por aquela noite. Por aquele garoto. Por aquela vida.

Jodi acordou assustada. O braço esquerdo estava completamente dormente e, enquanto o balançava para acordá-lo, não conseguia deixar de pensar no sonho.

O sonho que não parecia ser dela.

Jodi tinha estado lá naquela noite. Ela se lembrava de Paige e Lucy correndo seminuas, e dela e Emily recusando. Ela se lembrava de ter ficado sentada com Emily no jardim de rosas, esperando em silêncio que os amigos voltassem para

ela não ficar sozinha com aquela garota esquisita.

Mas aquela não era a janela do segundo andar da casa de Jodi. Aquela não era a árvore dela. Era a casa da Emily.

Jodi ficou imaginando se Emily tinha notado que ela estava lá naquela noite.



– Acho que a gente devia ir no jardim de rosas – comentou Paige, enfiando uma batata frita na boca e desviando o olhar para Jodi.

Era o primeiro dia das férias de inverno, e tinha sido ideia de Lucy almoçar no Burr's para comemorar. Zack tinha passado em química com um 7, Lucy recebera uma bolsa de vôlei para estudar em Denver (a terceira opção de faculdade dela) e Jodi tinha se inscrito no Instituto de Artes da Califórnia com uma carta de recomendação da Sra. Calloway – praticamente uma chantagem por ter concordado em fazer aula de teatro de novo na primavera.

Aquele era o primeiro dia em que os cinco se reuniam em três semanas. Jodi tentou não levar para o lado pessoal, mas Lucy tinha perguntado na cara dura na semana anterior se ela fazia alguma ideia do que esperavam que ela declarasse no banco de testemunhas contra eles. Jodi não fazia ideia. Eles nem tinham agendado o depoimento.

Jodi tinha ido de bicicleta até a casa dos Thrashers havia duas semanas para contar a Greg sobre Vanessa Jones. Ele falou que ia investigar, mas advertiu Jodi para que não criasse expectativas: tudo poderia ser circunstancial. Ela saiu sem nem mesmo ver Zack; Greg o vigiava como uma águia antes das provas finais de química. Mas Jodi não pôde deixar de notar que Kiera também estava fazendo aula de química e que Kiera tinha autorização para ver Zack depois da escola, antes que o professor particular chegasse, para os dois tentarem fazer o dever de casa juntos.

Julian teve que comparecer perante o juiz pela primeira vez na semana das provas finais, algo que foi agendado de propósito para sabotá-lo, segundo o que achavam. Jodi não sabia se ele tinha começado a ter dificuldade na aula de anatomia ou se estava de olho nela, mas Julian tinha passado a pedir as anotações dela depois da aula, acompanhando-a até o armário. Então ele perguntava dos desenhos no armário dela ou ficava por ali e tirava sarro das roupas de Jodi, mas era de um jeito mais leve – menos mordaz. Para dar o troco, ela começou a desenhar Julian sendo dilacerado por lobos nas margens das anotações.

Paige tinha desistido de sua obsessão por Emily e o sobrenatural desde a

consulta com Nan. Pelo menos, era isso que Jodi achava.

– Por que agora?

Zack ergueu os olhos do celular, e Julian cruzou o olhar com o de Jodi antes de desviar o rosto.

– É que tô com uma sensação de assunto inacabado. – Paige jogou o cabelo para trás e limpou os dedos no guardanapo. – A Emily queria que a gente fosse lá.

Os olhos dela se voltaram para Lucy.

– Mas não tem acontecido nada bizarro ultimamente. Tem? – perguntou Jodi.

O grupo ficou quieto enquanto Lucy e Paige pareciam ter uma conversa silenciosa em lados opostos da mesa.

– A Lucy tá tendo visões – deixou escapar Paige.

– Não são bem *visões* – retrucou Lucy depressa. Ela suspirou e se dirigiu a todos na mesa. – O nome é paralisia do sono. Tenho tido dificuldade pra respirar de manhã. É tipo uma experiência fora do corpo. Não é um pesadelo. Eu sei que tô acordada, mas não consigo respirar e… dá a impressão de que tem alguém me observando.

Paige se virou e encarou bem Jodi, como se quisesse dizer: *igualzinho ao que acontece comigo*.

– E você acha que é a Emily? – perguntou Zack.

– Não… Eu não acredito *de verdade* que seja ela. Eu só fico com medo e não consigo me mexer, e tem muito estresse rolando por causa dos julgamentos.

A mesa ficou silenciosa, esperando os outros. Jodi se lembrou dos sonhos que andava tendo, de acordar sem sentir o braço. Na noite anterior, ela tinha sonhado que *era* Emily.

– Eu também andei sonhando – comentou Zack. Todo mundo na mesa se virou para ele. – Era tipo no filme *A origem*, como se ela tivesse se enfiando em lembranças do passado. Coisas em que ela não tava presente. Mas eu não tenho esse lance de paralisia do sono…

Lucy assentiu. Jodi olhou em volta. Isso significava que ela, Paige, Zack e agora Lucy estavam sendo assombrados de algum jeito.

Paige se virou para eles.

– Então… jardim de rosas.

Jodi pensou na mensagem de texto que tinha recebido na semana anterior de um número desconhecido: Boa sorte nas provas finais.

Tinha ligado de volta na mesma hora, mas não deu certo. Nem a mensagem

nem os problemas respiratórios de Lucy apontavam especificamente para Emily.

– O que você quer fazer lá? – perguntou Jodi a Paige.

Ela deu de ombros.

– Pra falar a verdade, não faço a menor ideia. Ela falou pra gente ir no jardim de rosas, então eu quero ir. Acho que seria muito bom se nós cinco fôssemos juntos. Hoje à noite.

– Hoje à noite? Por que a pressa? – indagou Julian, cruzando os braços.

– É só que… eu queria fazer isso antes do Natal.

– De novo, por quê?

– Porque sim! Porque hoje é o solstício de inverno, e eu acho que seria mais adequado tentar falar com uma garota morta num dia místico.

– *Paige*.

– Não, escuta! Não é como se eu fosse tentar fazer um feitiço nem nada! – prosseguiu Paige, apesar das expressões incrédulas. – Só tô falando que, se formos visitar o jardim de rosas, teríamos mais sorte num solstício.

– Mais sorte com o quê? – A voz de Zack estava suave.

– Com deixar a Emily guiar a gente.

– Não me convenceu. Foi mal, Paige – disse Jodi. – Além disso, vou passar a noite na casa da minha tia, e *não tem como* fugir daquela casa.

– Por que você tá na casa da sua tia?

Jodi olhou depressa para Julian, surpresa com o interesse dele.

– Eu… O meu pai vai trabalhar durante as festas. Então eu vou passar a semana do Natal com a família da minha mãe.

Ele a observou, tentando descobrir mais alguma coisa. Ela desviou os olhos. Se ele ficasse encarando por muito tempo, talvez descobrisse o barraco regado a gritaria que ela e o pai tinham protagonizado na semana anterior. Ou o abajur que ele tinha derrubado da mesa da sala de estar depois de tropeçar, bêbado. Ela estava contente por estar na casa da tia e porque o pai ia poder ganhar mais dinheiro com as festas de fim de ano. Só isso.

– Eu também tô fora – declarou Lucy. – Vou viajar pro lago Tahoe amanhã, e vamos sair cedo. Então eu não quero mesmo ficar andando pela cidade a noite toda.

Fazendo beicinho, Paige se recostou, aceitando a derrota.

– Ei, tem o equinócio da primavera – comentou Julian com sarcasmo, dando um soquinho no ombro dela.

Jodi se sentiu mal por Paige, mas ficou muito mais aliviada porque eles não iam a um parque à meia-noite para invocar uma garota morta para falar com

eles.

Quando o Sr. Burr se aproximou para perguntar se Paige queria mais batata frita, Jodi viu Zack olhando pela janela, perdido nos próprios pensamentos.



Jodi tinha se resignado a passar o Ano-Novo com a tia e a avó, montando quebra-cabeças e cozinhando *tamales*. Lucy ainda estava no lago Tahoe no Réveillon, e Paige tinha uma reunião com a equipe jurídica marcada para a primeira semana do ano, então disse que estaria na cidade no dia 31, mas sem chamar atenção. Julian convidou Zack para ir a Napa com os Hollisters.

Às dez da manhã do dia 31, Oliver mandou uma mensagem para ela: ninguém em casa?

Ela respondeu: não. pai na estrada e eu na casa da minha vó

Ele enviou de volta um link da Apple Music com um cover do Postmodern Jukebox de "What Are You Doing New Year's Eve?".

– Posso ir ver um amigo hoje à noite? – perguntou ela a Rosa.

– Que amigo? – quis saber Rosa, erguendo a sobrancelha feita.

– Um velho amigo. Lembra dos vizinhos, os Burns? Eu costumava ver desenho animado com o filho deles.

Graças a Deus, Rosa não tinha visto Oliver recentemente. O piercing no nariz e o cabelo teriam disparado todos os sinais de alerta na cabeça dela. Mas a versão de Oliver Burns de que Rosa se lembrava tinha dentes separados e conversava com ela sobre a nova marca de maquiagem da Selena Gomez.

Naquela noite, às dez, ela entrou no carro de Oliver, e os dois foram até o sul de Sacramento, para a casa de um aluno mais novo. Lá dentro, uma televisão grande sediava uma competição de videogame entre quatro caras, e havia álcool, bong e baseados para a galera toda.

Oliver conhecia todo mundo, e ela notou que ele tinha levado a mochila. Nikita estava na cozinha e tocou o braço de Jodi assim que a viu, puxando-a para uma rodinha de conversa. Jodi sentiu olhares cobiçosos, de pessoas que tinham percebido que a melhor amiga de Zack Thrasher estava ali.

Era quase meia-noite, e o videogame foi pausado por causa de Ryan Seacrest, o apresentador de TV. Jodi estava no quintal, perto da piscina elevada, com algumas garotas que conhecia da aula de teatro, consolando uma delas por causa do namorado traidor. Os olhos dela vagaram para a porta telada, e ela quase engasgou.

Emily Mills estava parada ali, com os olhos azul-claros encarando o quintal como se estivesse à procura de alguém.

Jodi respirou fundo, deixando a cena nebulosa clarear e ser reformulada na cabeça dela.

Hannah. Hannah Mills, com o tênis laranja da irmã, o cabelo e os olhos da irmã, estava indo até uma mesa com cumbucas de Cheetos vazias e caixas de pizza engorduradas. Antes que Jodi conseguisse acalmar a respiração, viu Hannah aceitar o bong de maconha de um cara, inclinar o isqueiro com habilidade e tragar. Jodi ficou observando em choque enquanto Hannah se misturava com aquelas pessoas.

A gargalhada bêbada de Oliver perto da área do churrasco chamou sua atenção, e Jodi foi direto até ele. Ela puxou a manga de Oliver, e ele se aproximou.

– A Hannah Mills tá aqui. Ela tem *14 anos*!

Ele torceu os lábios.

– Não finge que você não sabe há quanto tempo seu melhor amigo Zack fuma maconha. Ou quantos anos Lucy Reed tinha na primeira vez que fez lavagem estomacal.

– Mas… é diferente.

– Jodi. Hannah Mills compra comigo há seis meses.

Jodi cambaleou para trás.

– Oliver, ela é muito vulnerável. Isso não está certo.

Ele zombou, roubando o baseado de Jodi.

– Você quer mesmo discutir comigo sobre como tratar pessoas vulneráveis? – Ele levou o baseado aos lábios. – Seus *amigos* fizeram coisa bem pior com outra garota da família Mills, sabia? – murmurou ele.

Jodi franziu a testa. Tinha alguma coisa muito específica ali. Ele ficou encarando o quintal cimentado e apertou os lábios, como se quisesse retirar o que tinha dito.

– O que você quis dizer antes, quando falou que tinha coisas de que eu não sabia?

Ele ergueu os olhos culpados para ela.

– Pega isso – disse ele, devolvendo o baseado. – Assim eu posso fingir que você não vai se lembrar de nada amanhã de manhã.

Jodi piscou para ele, confusa. Levou o baseado à boca e puxou, esperando Oliver fazer ou dizer alguma coisa.

Ele olhou ao redor, para a galera na festa. Os dois estavam enfiados em um

canto, perto da cerca. Ninguém mais conseguiria ouvir.

– Eu tava terminando o cenário de *O milagre de Anne Sullivan* na primavera passada e tava sozinho no laboratório de teatro. Quando saí, era tipo sete ou oito da noite. Só tinha sobrado alguns carros no estacionamento, mas um deles tava andando devagarinho por ali. Eu só me lembro porque foi esquisito. – Ele olhou para ela. – Então o carro acelerou. E eu ouvi gritos. Foi aí que eu vi a Emily Mills no capô.

O coração de Jodi disparou quando ela se deu conta do que ele estava falando.

– Eu já tinha visto vocês brincando disso, então sabia o que tava rolando. – Ele fungou e arrumou o piercing no nariz. – O carro fez uma curva fechada, e eu ouvi a Emily falando pra parar. Ela tava gritando: *Para! Para!* Jodi, ela tava implorando.

– Tem… tem uma frase de segurança, sabe? Você tem que dizer *ou vai ou racha*.

Ele deu de ombros.

– Não importa. Eu só tô falando que ela queria que parasse. – Ele apagou o baseado e deu um suspiro profundo. – Ela escorregou do carro. Eu vi a Emily cair e rolar. Quando todo mundo saiu do carro pra ver como ela tava, ela começou a rir, mas eu não sei se isso era só o que ela achava que eles queriam ouvir.

– Quem eram "eles"? – resmungou Jodi.

Ele fixou os olhos nela antes de responder.

– Lucy Reed. Paige Montgomery. Julian Hollister. E Zack Thrasher.

Parecia que a mão gelada de alguém tinha se enfiado no peito dela e apertado seu coração. Ela assentiu, olhando para os sapatos.

– E você contou isso pra polícia.

Oliver não respondeu a pergunta.

– Quando cheguei em casa, vi você carregando as compras do mercado. Eu também contei isso pra polícia.

Foi aí que ela se deu conta de que aquela tinha sido uma peça-chave no caso e uma das principais razões pelas quais ela nunca recebera uma acusação formal.

– Quem tava dirigindo? – perguntou ela baixinho.

– Na verdade, eu não sei. Eu tava de olho na Emily pra ver se ela tava se mexendo depois de cair do capô. Não vi quem saiu do banco do motorista. – Ele se virou todo para ela e colocou as mãos nos ombros de Jodi. – Escuta. Quando te interrogarem, você diz que não sabe de nada, tá? Não tem motivo pra você

saber disso. Tudo bem se você mentir. Mas achei importante você saber que os seus amigos não ligavam pra Emily Mills. Você era a única que se importava.

Jodi se lembrou da noite em que tinha levado Emily ao cinema em vez de deixá-la jogar Ou Vai ou Racha – porque, no fundo, sabia que acabaria daquele jeito.

Ela quis gritar. Uma parte dela estava furiosa com a ideia de que não tinha sido chamada para sair e que Emily Mills tinha, e eles nunca sequer comentaram sobre isso. Nunca mais tocaram no assunto. Será que tinha sido de propósito? Será que combinaram entre si para não convidar Jodi e não contar para ela depois? Com que frequência isso acontecia?

De repente, ela não tinha mais certeza se Lucy estava no lago Tahoe. Se Paige tinha mesmo ficado em casa naquela noite. Será que estavam todos em Napa com Julian e Zack sem ela?

Ela tentou voltar a si.

– Quando foi isso? Março?

– Abril.

Algo rastejou pelas costas dela. Imaginou a cena com clareza. Emily tinha começado a rir porque era isso que devia fazer quando fosse jogada do capô. Emily foi para casa e se deu conta de que poderia ter morrido. Emily percebeu que ninguém teria parado até que ela morresse. Emily tentou se matar naquela noite.

Jodi respirou fundo.

– Você tem mais maconha? Preciso de alguma coisa.

Oliver passou o braço por cima do ombro dela.

– Vem comigo.

Ele a conduziu para dentro. Nikita estava sentada no sofá, rindo e passando um bong para lá e para cá. Jodi começou a andar na direção dela, mas Oliver a levou para a cozinha.

Hannah Mills pegou o bong de Nikita. Jodi forçou os ombros a relaxarem. Emily dependia muito da opinião dos outros a respeito dela, mas Hannah não era assim. Talvez ela devesse ser mais como Hannah.

Oliver estava servindo shots com alguns caras – alguns ela conhecia, outros não. Um copo de shot com um líquido âmbar escuro apareceu na mão de Jodi, mas ela o devolveu para o cara ao lado.

– Eu não bebo.

– É, é ela quem dirige pros Thrashers – comentou um deles.

Piscando para clarear a vista, ela abriu a boca para responder, mas as palavras

não saíram.

Oliver riu, brindou e despejou a bebida goela abaixo. A temperatura da cozinha aumentou.

– O Zack Thrasher não tá aqui, gata – disse outro cara. – Eu te levo pra casa.

Eles riram. Oliver sorriu e serviu outra rodada.

Jodi se sentia cansada e leve. Como se fosse sair flutuando a qualquer momento. Zack Thrasher não estava ali. Ele tinha deixado Jodi sozinha no Ano-Novo com o fantasma de Emily Mills. Nenhum deles estava ali. Nenhum deles estava ali *havia muito tempo*. Talvez não quisessem estar.

Foi Oliver quem entregou a dose a Jodi. E ele sabia do pai dela. Então, se Oliver dizia que estava tudo bem, que era seguro a filha de Hank Dillon começar a beber, talvez fosse mesmo.

A bebida tinha o gosto que ela esperava. De algo que tinha vindo do laboratório de química. De veneno. Mas os caras bateram palmas e entregaram outra dose, que ela também bebeu, tossindo em seguida.

Jodi não sabia o que era efeito da maconha e o que era do rum, mas o mundo logo ficou enevoado. Ela teve que se apoiar no balcão e contar os revestimentos do chão da cozinha.

Alguém passou outro shot para Jodi, e ela falou para ninguém em específico:

– Meu pai bebe Corona.

– Você vai preferir o rum, gata.

Algum tempo depois, no sofá com Nikita, ela ficou pensando se tinha gostado. Ficou pensando se era algo que oferecia algum alívio.

– Por que você acha que as pessoas bebem? – murmurou para Nikita, mas uma ruiva estava sentada no lugar dela.

Jodi não sabia quando Nikita tinha saído dali. Fumaça saía das narinas da ruiva, como um dragão.

– Acho… acho que é porque a gente não devia fazer isso.

Jodi piscou para ela, aturdida. Não, não era por isso.

Um lampejo de cabelo louro chamou a atenção dela, mas sumiu antes que Jodi conseguisse virar a cabeça. Ela sentia como se o crânio fosse um aquário, com a parte de cima aberta e escorrendo.

Quando chegou a hora de vomitar, Jodi achou o banheiro do andar de cima vazio. Prendeu o cabelo para trás e molhou a toalha de rosto na água fria. Tinha muita experiência ajudando Paige e Lucy.

O respingo na privada ecoou alto nos ladrilhos silenciosos. A violência na garganta arrancou lágrimas dos olhos e ranho do nariz, e como era bom não ter

ninguém ali para ver aquilo. Como era bom eles nunca saberem.

Ela tinha recebido mensagens de *Feliz Ano-Novo!* no grupo, mas nada mais. Talvez aquele fosse o tipo de amizade entre eles agora. Feriados e aniversários, mas, depois da formatura em junho, não haveria nada além de reencontros do ensino médio para uni-los.

Jodi vomitou de novo, cuspindo e passando a toalha no rosto. Ela se sentou no tapete cinza e felpudo ao lado do chuveiro, pensando em simplesmente entrar ali e dormir.

Quem sabe, se tivesse dito a Zack que estava orgulhosa do cenário que tinha pintado, ele teria ido assistir a *Nossa cidade*. Ela gostava de pintar coisas com um propósito. Não apenas uma tigela de frutas numa tela para pendurar na cozinha de alguém, mas algo que contasse uma história.

Jodi tinha ido a todas as corridas de Lucy. Participara de uma reunião da simulação da ONU no ano anterior para ver Paige. Tinha segurado o cabelo das duas garotas e colocado uma toalha fria na nuca delas sempre que Paige ou Lucy bebiam demais. Tinha levado Julian e Zack de carro para casa mesmo sem ter carteira de motorista sempre que os dois estavam muito bêbados ou chapados. E lá estava ela sentada sozinha em um banheiro, sem nem ter certeza se tinha trancado a porta, mas muito longe para se arrastar até lá e verificar.

Ficou encarando a conversa no grupo. Julian tinha mandado uma selfie com a língua para fora, enquanto Zack dormia ao fundo, no deque da casa de Napa.

Julian tinha ido ver *Nossa cidade* por algum motivo. Ele era a única pessoa que marcava presença havia algum tempo. Jodi não tinha agradecido a ele. Como ele ia saber que deveria ir na próxima peça?

Ela abriu a tela para ver os contatos e ficou ouvindo o telefone chamar até alguém atender.

– Oi.

– Obrigada por ter ido ver a peça. – A voz dela parecia rouca e com eco.

– A… a peça? É. Eu te falei que curti seu quadro.

– É cenário que se chama. Quando é pro teatro, o nome é cenário.

Ela apertou a toalha na testa e inclinou a cabeça para trás.

Tudo girava e se inclinava…

Fazendo um barulhinho baixo, ela se sentou de novo, fechando os olhos até que o chão estivesse debaixo dela outra vez.

– Por que você tá me ligando às duas da manhã, Dillon?

Pela voz, parecia que ele estava sorrindo, e ela ficou pensando se era porque o que ela tinha dito era engraçado.

– Eu devia ter te agradecido. Antes. E achei que, se você não soubesse que eu fiquei aga… agre… *agradecida*, você não ia ver a próxima peça.

– Beleza, eu vou estar lá. – Ela ouviu lençóis farfalhando. – Me fala a hora e o lugar.

– Acho que vai ser em maio. Eu posso procurar, pera aí…

– Depois, Dillon. – Ele riu. – Então, você e a sua tia fizeram alguma coisa divertida?

– Eu vim numa festa.

– Ah, é? Festa de quem?

– Eu não conheço as pessoas. Quem me trouxe foi o Oliver Burns.

Uma pausa.

– É por isso que você tá esquisita? Você tá chapada, Dillon?

– Totalmente – cantarolou ela. – Mas tá tudo rodando tipo um… tipo algum troço que gira. Ei, o que você guarda no seu frasco?

– Vodca. É a bebida favorita da minha mãe.

– Você já tomou rum?

– Eu… já tomei rum, sim – respondeu ele.

Jodi o ouviu dar uma risadinha. O som era caloroso.

– É horrível. Vodca é melhor?

O telefone ficou silencioso. Depois de alguns segundos, Jodi afastou a tela para ver se a bateria tinha acabado.

– Você tá… Você bebeu?

– Um pouquinho. Ou muito. Não sei o que é muito. – Ela esfregou o rosto. – Mas não joguei nada em ninguém. Não que eu achasse que fosse fazer isso, mas… é legal saber que eu não machuco as pessoas quando fico bêbada, como o meu pai. Ou o seu.

– Onde você tá?

Ela ouviu os lençóis se mexendo outra vez.

– No banheiro.

– Quem tá aí com você?

Jodi olhou para trás, para dentro da banheira, para ter certeza.

– Ninguém. Mas a Hannah Mills tá lá embaixo em algum lugar. Ela é uma drogadinha. Essa não é a coisa mais idiota que você já ouviu?

– De quem é a casa?

– Sei lá. Não conheci o dono. Ou talvez eu tenha conhecido.

– Você consegue chamar um Uber? Consegue ir pra casa agora mesmo?

– Um Uber às duas da manhã no Ano-Novo? Tá me achando com cara de

milionária?

Ela bufou.

– Vou te transferir 100 dólares agora. O seu Uber tá conectado com o aplicativo de transferência?

– Eu não… – Ela baixou os olhos para a tela. – Talvez esteja, mas eu tô com três por cento de bateria.

– Jodi, você consegue encontrar um carregador?

– Jodi – repetiu ela, cantarolando. – Eu não fazia ideia de que você sabia o meu primeiro nome.

– Tá, só… me manda a sua localização no Google. Vai lá pra fora e fica esperando um carro.

– Que carro?

– Presta atenção, Dillon! Só…

Ela esperou.

– Só o quê?

Nada.

Ela afastou a tela do celular. Sem bateria.

Jodi soltou o ar pela boca e ficou de joelhos para procurar um carregador…

O banheiro estava rodando. Ela se virou e vomitou na privada ao mesmo tempo que houve uma batida na porta.

– Jodi Dillon tá aí?

Tossindo e limpando a boca, ela assentiu. Depois se deu conta de que ninguém conseguia vê-la.

– Aham.

– Jodi, você tá mal? – Era Nikita.

Ela gemeu uma resposta, e a porta se abriu.

– Ah, coitadinha da Thrasher. – Nikita deu uma risadinha e segurou o cabelo de Jodi na nuca. – Vamos te botar na cama.

Ela a puxou do chão e a fez tomar água da torneira. Depois de vasculhar as gavetas, deu a Jodi um tubo de pasta de dente para esfregar na boca.

– Meu celular tá sem bateria – disse ela enquanto Nikita a conduzia pelo corredor.

– Tenho certeza de que a gente consegue achar um carregador. Vou procurar um e também vou te trazer um pouco de água.

– Você é muito legal – murmurou Jodi, se jogando numa cama coberta por um edredom.

– Não conta pra ninguém. Isso ia acabar com a minha reputação – falou

Nikita com uma piscadela, afastando o cabelo de Jodi do rosto.

Jodi apagou antes que Nikita fechasse a porta.



Jodi abriu os olhos e se viu num quarto escuro e desconhecido, o ar pesado. Uma batida grave ecoava lá embaixo, no ritmo da sua dor de cabeça, fazendo o assoalho do andar de cima estremecer. O teto estava rodando. Ia vomitar de novo. Ela engoliu a bile e virou de lado.

Um halo de cabelos louros se espalhava no travesseiro ao lado dela. Dois olhos azul-claros a observavam.

A cama parecia instável, como um colchão de água, mas ela se concentrou na garota que a encarava.

– Emily – disse com a voz rouca. – Emily, o que você tá fazendo aqui?

Ela não se mexeu, não piscou. Será que tinha morrido? De novo?

Então, Emily ergueu a mão e afastou o cabelo grudento de Jodi da testa.

– Sinto muito – disse Jodi. – Sinto muito que você tenha morrido.

Os olhos de Emily encaravam os de Jodi.

– Você tem saudade dela? – sussurrou Emily, com a voz mais leve do que o ar.

Ela sentiu a garganta queimar com a bile e a pulsação na têmpora.

– Às vezes.

Emily passou a ponta dos dedos nos olhos de Jodi, fechando-os.



A porta se abriu com um estrondo, e a cabeça de Jodi se partiu em duas quando a luz do teto acendeu. Ela levou a mão aos olhos.

– Ela tá aqui!

Alguém estava inclinado em cima dela, falando baixinho com ela, mas Jodi só precisava voltar a dormir. Não ia mais doer tanto se ela simplesmente dormisse.

– Anda, Jo – disse a voz, profunda e acolhedora.

Ele a ajudou a virar de lado aos poucos enquanto outra pessoa entrava no cômodo. Os olhos de Jodi estavam úmidos e embaçados. O estômago revirou, e ela se ergueu de repente, se apoiando na mesa de cabeceira e vomitando no carpete.

As duas pessoas não disseram nada, mas a segunda abriu uma garrafa de água. Em seguida, mãos macias estavam no queixo dela, enxugando a boca.

– Tudo bem, gatinha. – Era Paige. Ela passou os dedos pelo cabelo grudado no pescoço de Jodi. – Vamos beber um pouquinho de água, tá?

Jodi piscou para desanuviar a cabeça e pegou a garrafa da mão dela. Paige sorria, mesmo agachada em cima do vômito de Jodi.

– Vou buscar um pano pra passar no carpete, senão…

Zack. Zack estava ali.

– É, e pega um pro carro – disse Paige.

Jodi tomou três goles de água, pensando se estava dormindo. Paige segurou o cotovelo dela e a ajudou a ficar de pé.

– E a Emily? – perguntou Jodi, se virando para trás, na direção da cama.

Vazia. Ela estava sozinha.

– Quê? – retrucou Paige, com pânico na voz.

Jodi balançou a cabeça, depois parou de repente quando percebeu que isso tinha piorado tudo.

– Nada. Eu tava… Eu tava sonhando.

Zack encontrou com as duas na porta, carregando uma toalha de praia roubada de algum lugar.

– Por que você não tá em Napa? – perguntou ela ao mesmo tempo que ele segurava o cotovelo dela, trocando com Paige. – Como foi que você chegou aqui?

Nesse momento, Julian apareceu no topo da escada, depois de subir dois degraus de cada vez.

Ele parou quando a viu. Ela pensou na mesma hora como estaria sua aparência.

– Você tá com o celular? – perguntou Paige, fechando a porta do quarto depois que todos saíram. Jodi assentiu. – Beleza, a gente carrega no carro. Vamos pra casa.

Olhares se voltaram para eles quando passaram por gente fumando na escada, e parecia que a sala inteira estava esperando que eles descessem quando apareceram.

– Ei. Tá tudo bem?

Jodi se virou e viu Oliver apagando um cigarro, saindo da varanda lateral. Ele olhou para Zack e os outros.

– É, eu bebi demais…

Um punho socou a mandíbula de Oliver, fazendo-o tombar de lado. Paige gritou, e Jodi deu um pulo.

Julian estava em cima dele num piscar de olhos, puxando-o pela camisa e socando-o outra vez.

– Julian!

– Você sabe – sibilou ele.

Um corte se abriu no supercílio de Oliver. O nariz dele estava sangrando.

– Você *sabe* e sabe que ela não bebe…

– Ela é dona de si mesma, não seu cachorrinho. Ela faz as suas próprias escolhas…

O punho de Julian se ergueu para trás.

– Me bate de novo e juro por *Deus* que vou prestar queixa – ameaçou Oliver, com os olhos brilhantes e cheios de raiva.

O estalo forte dos nós dos dedos de Julian atingindo o rosto de Oliver ressoou outra vez, e em seguida ele estava de pé, indo em direção à caminhonete e dando a partida no motor.

Jodi ficou encarando, horrorizada, os dentes ensanguentados e o olho inchado de Oliver. Zack se inclinou para ajudá-lo a se levantar, mas ele o afastou.

– Vaza daqui, cacete – falou, rosnando.

Ela pensou que devia ficar para ver se Oliver estava bem, mas Paige levou Jodi para a esquerda, onde o carro dela estava estacionado na entrada da garagem de um vizinho. Depois de jogar as chaves para Zack, Paige foi para o banco de trás com Jodi. Ela arrumou a toalha de praia no chão, para o caso de Jodi precisar vomitar de novo, e a deixou deitar a cabeça no colo dela. Zack desligou o rádio, saiu de ré da garagem e seguiu a caminhonete preta em direção ao sul de Sacramento. Eles não falaram nada até que Jodi finalmente perguntou:

– Quando foi que vocês voltaram de Napa?

Zack pigarreou.

– A gente não voltou. Os pais do Julian ainda estão lá. Eu e ele viemos depois que você ligou pra ele.

Ela se lembrou da própria suspeita. Da ideia de que todos estavam lá sem ela.

– Paige, você tava lá?

– Não, eu tava em casa, lembra? Eu encontrei os dois aqui assim que a gente descobriu onde você tava.

Jodi viu lágrimas quentes escorrerem pelos joelhos de Paige enquanto seu cabelo era puxado para longe do pescoço, os dedos de Paige traçando padrões em seu couro cabeludo como Jodi fazia com ela.

Ela dormiu em um dos quartos de hóspedes dos Thrashers. Duas garrafas de água e duas aspirinas depois, Jodi apagou, sentindo as pontas dos dedos de Paige

ainda trançando e destrançando o cabelo.

Quando acordou com a luz do sol atravessando parte das cortinas, Paige estava dormindo ao lado dela, e Lucy estava apagada na poltrona, curvada, com o celular ainda na mão.

Capítulo 20

JANEIRO

Ao amanhecer, já sóbria, Jodi estava morta de vergonha. Além disso, ela precisava fazer xixi, mas não queria acordar Paige e Lucy.

Mas nada disso importou quando a porta do quarto se abriu com um clique baixinho, e Paige se sentou na cama de repente, limpando a baba e estreitando os olhos para Zack na porta.

– Foi mal, foi mal.

Lucy se mexeu na poltrona, puxando um cobertor por cima da cabeça até sumir. Paige pegou o celular, como se fosse apertar o botão de soneca. Ele chegou mais perto de Jodi e parou quando percebeu que ela estava acordada.

– A Rosa não tá conseguindo falar com você – sussurrou Zack.

– Droga.

Jodi ainda não tinha respondido para a tia, na esperança de conseguir fingir que tinha apagado e pedido para "Oliver" dar uma carona para ela de manhã. Ela desbloqueou o celular.

– Eu falei pra ela que você tava na festa e que agora tá na minha casa.

Ela se sentou e passou os polegares debaixo dos olhos. Jodi ainda estava se recuperando da burrice das últimas seis horas. As bochechas coraram, e as lágrimas arderam nos olhos.

– Beleza, valeu – disse ela, sem conseguir encarar os olhos dele. – Posso tomar banho?

– Aham – respondeu Zack, apontando para o banheiro da suíte. – As toalhas devem estar lá dentro.

Ela saiu da cama, se sentindo grogue e com a boca seca. Evitando encarar o reflexo no banheiro, pegou uma toalha bordada com um *T* da pilha e abriu a torneira. Pela janela, conseguia ver o quintal. Julian já tinha acordado e estava correndo. Ela ficou encarando a piscina; queria não ter ligado para ele. Poderia ter mantido aquilo em segredo, acordado em um quarto estranho com uma ressaca de matar e ido para casa – sem que os amigos soubessem de nada. Ela desviou os olhos e se enfiou embaixo do jato d'água.

Só Lucy estava no quarto quando Jodi saiu do chuveiro, rolando a tela do celular até que a porta do banheiro se abriu.

– Oi.

Jodi fez uma careta.

– Você voltou de carro? Tinha gelo na estrada?

– Nada de mais. – Ela deu de ombros e ficou de pé, enfiando as mãos nos bolsos de trás. – O Zack e a Paige saíram pra pegar alguma coisa no McDonald's.

Era isso que eles comiam quando estavam de ressaca. E Jodi estava de ressaca.

Era estranho. Quase como um rito de passagem.

– Como você tá se sentindo? – perguntou Lucy.

– Morta. Você não precisava ter voltado. A *cavalaria* já tinha chegado.

Ela prendeu o cabelo molhado em um rabo de cavalo, encontrando os olhos de Lucy no espelho.

Lucy apertou os lábios.

– O Julian falou que você tava sozinha num banheiro, sem falar coisa com coisa.

Jodi ficou irritada com a acusação, mas os olhos de Lucy estavam tristes. O significado daquilo tomou conta de Jodi em uma onda de horror. Aconteceu no primeiro ano, antes de Jodi conhecer bem Lucy – a festa errada, a bebida errada.

Lucy olhou para ela.

– Queria que alguém tivesse dirigido duas horas por mim.

Ela saiu depressa pela porta do banheiro, que se fechou com um clique. Jodi sentiu o barulho ecoar pelo que pareceu uma eternidade.

A burrice enorme que cometera a inundou, e ela se sentou na poltrona onde Lucy tinha dormido a fim de organizar os pensamentos. Oliver e Nikita tinham cuidado um pouco dela, mas não de verdade. Não havia ninguém naquela festa cuidando dela. Em nenhum momento ela pensou que precisava servir a própria bebida ou beber apenas de recipientes fechados. Estava cercada por desconhecidos quando bebeu pela primeira vez, sem saber como reagiria. Ela supôs que a maneira como se sentira na noite anterior era por estar "bêbada" e não "drogada", mas como ela poderia saber a diferença?

Jodi pegou o celular e saiu do quarto antes que Lucy aparecesse de novo. Desceu a escada em espiral até a sala de estar e mandou mensagem para Rosa, confirmando a história de Zack. Rosa respondeu na mesma hora com um milhão de perguntas que Jodi tentou responder. Ainda de olho no celular, ela enfiou a mão na geladeira para pegar uma garrafa de água…

– Pega a Pellegrino.

Ela se virou. Julian estava deslizando a porta de vidro para fechá-la, com a toalha jogada por cima do ombro e o calção de banho ainda pingando no tapete.

– É melhor pro estômago – disse ele e entrou no banheiro que ficava perto da cozinha.

Jodi pegou a água Pellegrino, tirou a tampa e se sentou à mesa da cozinha, bebendo a água gelada. A porta da frente de abriu. A ideia de comer McDonald's fazia seu estômago revirar, mas, assim que Paige colocou as sacolas na frente dela, o cheiro por si só teria sido capaz de resolver todos os problemas do mundo.

Ela comeu batatas devagar enquanto Paige cobria algumas panquecas com manteiga e calda.

– Como tá o seu estômago? – perguntou Zack.

Jodi assentiu e recusou quando Paige ofereceu metade de seu prato.

– De boas. Como foi em Napa?

– Bom. – Zack puxou a cadeira de frente para ela. – Os primos do Julian deram uma festa bem legal.

Jodi tomou um gole da Pellegrino, imaginando até que ponto Julian ainda estava bêbado quando dirigiu no dobro do limite de velocidade para levar os dois de volta a Sacramento.

Lucy apareceu e pegou um sanduíche, se sentando em um banquinho na ilha da cozinha. Julian se juntou a eles, totalmente vestido e com o cabelo meio seco, e recusou a comida de fast food, preferindo pegar uma banana. Assim que ele se sentou em cima do balcão da cozinha, Paige se virou para Jodi.

– Então, gata, por que essa mudança de atitude? Quer dizer, você me conhece… eu adoro beber nas festas. Então, não tô julgando nem nada, mas por quê?

Jodi ficou quieta por um instante, puxando o queijo derretido da embalagem do sanduíche. Pensou em Oliver e nos amigos dele, chamando-a de cachorrinho do grupo. No fato de Zack não a ter chamado para passar o Natal com ele, como costumava fazer. Na forma como ninguém falava com ela havia quase uma semana.

E na imagem nítida deles brincando de Ou Vai ou Racha com Emily. Como se ela mesma estivesse lá. Só que… ela não estava. Tinha sido totalmente excluída, de propósito.

Jodi pigarreou.

– Nenhum motivo, na verdade. Mas acho que eu não deveria ter exagerado na primeira vez.

Ela captou o olhar intenso de Julian e desviou o rosto, dando de ombros.

– Ei, eu adoraria ficar bêbada com você um dia desses – comentou Lucy, de um jeito descontraído até demais. – Se você quiser repetir, a gente pode fazer uma coisa discreta. Só nós cinco.

Zack assentiu.

– Com certeza. Sinto muito se você teve a impressão de que precisava ficar sóbria por nossa causa ou algo assim. Se eu soubesse que você queria isso, eu teria…

– Então isso aqui é tipo uma intervenção – retrucou Jodi. – Eu finalmente faço uma coisa que todo adolescente normal faz e vocês resolvem armar uma reunião do AA pra cima de mim.

Ela amassou o papel da embalagem e cruzou os braços.

Os olhos de Zack estavam arregalados, estupefatos.

– Você fez uma coisa que não é a sua cara e nós ficamos preocupados – comentou Paige, estalando os dedos. – Só isso.

– A gente só quer que você saiba que estamos aqui por você – acrescentou Lucy.

– Se eu soubesse que o único jeito de fazer vocês passarem um tempo comigo de novo era metendo o pé na jaca, eu teria feito isso meses atrás – rebateu Jodi.

Ela sentiu a raiva transbordar. Queria ter um carro, para que pudesse simplesmente se mandar como faziam nos filmes. Fazer com que eles pensassem no que tinham feito.

Mas, em vez disso, as sobrancelhas de Lucy se ergueram. Os olhos de Paige se estreitaram na direção dela e Zack ficou boquiaberto.

– Então isso foi só pra chamar atenção? – Julian falou pela primeira vez.

Ele enfiou o último pedaço de banana na boca e mastigou devagar. Jodi sentiu um estalo.

– Quando vocês resolveram chamar a Emily Mills pra brincar de Ou Vai ou Racha, esse era o Tratamento Thrasher que vocês iam dar nela?

Ela olhou para os rostos atordoados deles. Zack foi o primeiro a desviar o olhar. Lucy trocou um olhar com Julian antes de pigarrear.

– Do que você tá falando?

– Eu sei que vocês brincaram de Ou Vai ou Racha com a Emily em abril, e a promotoria também sabe.

Julian se recostou, apoiando a cabeça em um armário e fechando os olhos, derrotado.

– Tá, então… – gaguejou Paige. – Pelo que eu lembro, você tava ocupada.

Acho que você tinha que ir pra casa ou alguma coisa assim. Tipo, a gente não te excluiu de propósito.

A expressão de Paige parecia sincera, mas Jodi sabia que não tinha planos que não girassem em torno de ficar disponível para as quatro pessoas naquela sala.

Zack passou a mão no cabelo.

– É, acho que a gente brincou de Ou Vai ou Racha com ela. Você deixou bem claro que não gosta dessa brincadeira. Então, sim, quando a gente resolveu sair, acho que a gente pensou que seria de boas brincar sem você…

– Olha, eu tenho certeza de que tem muita coisa em que eu não tô sendo incluída. Ainda mais ultimamente. – Ela engoliu em seco. – Eu aceitei que vocês não me querem por perto o tempo todo. Não sou a Emily. Eu tenho noção, porra.

Paige estendeu a mão na direção dela, com as sobrancelhas franzidas de preocupação.

– Peraí, Jodi…

– Eu já entendi, tá? Só não mintam pra mim. – Ela bateu a garrafa de água na mesa com muita força. – Deixa pra lá. Eu só quero que vocês saibam que tem uma testemunha ocular disso, e de fora não pareceu nada legal.

– Quem?

Jodi virou a cabeça na direção da voz. Lucy tinha perguntado bem rápido.

– Não posso contar.

A cozinha ficou muito silenciosa. Jodi ficou pensando se poderia simplesmente ir embora naquele momento. Já tinha cumprido seu dever como amiga. Avisara os quatro. Mas precisava perguntar mais uma coisa.

– Quem tava dirigindo? – perguntou ela baixinho. – Quando a Emily tava no capô?

Os olhos de Zack alternaram entre ela e os outros. Paige se remexeu. Lucy encarou Jodi com olhos frios.

– A gente não pode te contar isso…

– Era eu.

O corpo de Jodi se virou para Julian, sentado no balcão. Ele estava de braços cruzados, com a boca bem fechada.

– Nem precisava perguntar – disse ele. – Você sabe que era eu.

Ela sentiu uma coisa crepitar dentro do peito, como um motor se esforçando para pegar no tranco.

Paige olhou para Jodi e depois para Julian, com olhos rápidos e nervosos, e Jodi examinou outra vez a postura largada de Julian e a cabeça inclinada.

Descontraído. Desafiador.

– Olha – disse Lucy –, me desculpa se você acha que eu, pessoalmente, estive ausente, mas ando preocupada o tempo todo com o que vai acontecer depois da formatura. Foi mal, mas eu não tenho tempo pra ficar te mimando quando o diário de uma garota morta está prestes a me mandar pra casa de detenção por atacar ela com uma garrafa de refrigerante.

Os olhos de Jodi se desviaram de Julian e se concentraram em Lucy.

– Você tem os detalhes da sua acusação de agressão? O que diz?

Zack saiu de repente do estado de estupor constrangido.

– Não…

– Jodi, esse é o problema. – Lucy balançou a cabeça. – Eu *não* posso falar com você sobre a coisa mais importante que tá acontecendo na minha vida. Não quando você vai depor como testemunha.

Mas não era nisso que ela estava focada.

– Que história é essa de garrafa?

Fez-se um silêncio tenso.

– Conta – sussurrou Paige. – Logo, logo ela vai ouvir isso dos advogados.

Lucy passou a mão no rosto e pareceu murchar, toda encolhida.

– De acordo com o diário da Emily, no ano passado eu cheguei perto dela de carro quando ela tava saindo do ponto de ônibus e indo pra casa e joguei uma garrafa de Coca-Cola nela.

– É agressão com uma arma mortal – comentou Zack.

– Isso não faz sentido pra mim. Dá mesmo pra matar uma pessoa com uma garrafa de refrigerante?

– Se for uma garrafa cheia, acho que…

Mas Jodi não estava ouvindo. O sol cintilando na água da piscina atraiu seu olhar, como um fantasma acenando para que ela se aproximasse.

– Você pode me contar qualquer coisa.

Os olhos de Emily não piscavam.

– Não tem nada pra contar. Foi um acidente.

Jodi enfiou os livros na mochila, pronta para sumir dali.

– É um baita de um machucado. Jodi, se você não me falar que tá tudo bem, eu vou ter que contar isso pra um orientador.

Jodi olhou para ela, sentada à mesa da biblioteca, entrelaçando os dedos.

– Você tá doida, caramba? – sibilou ela. – Talvez eu não me sinta à vontade pra comentar isso com você.

Ela caminhou depressa por entre as mesas da biblioteca, passou pelo laboratório de informática e saiu, indo em direção ao ponto de ônibus. Teve que tirar a mochila do ombro esquerdo, pois tinha se esquecido da dor.

Jodi se acomodou no assento de couro pegajoso do ônibus e Emily apareceu segundos depois, se juntando a ela.

– Desculpa. É que eu me importo com você. Acho que pouca gente se importa com você.

Jodi encarou bem o olhar franco e vulnerável dela.

– Eu tô bem, Emily. E gostaria que você respeitasse os meus limites, tá?

Jodi abraçou a mochila na barriga quando o ônibus deu uma engasgada e partiu. Emily a encarou no assento para duas pessoas. Ficaram em silêncio por duas paradas.

– O Zack sabe? – perguntou Emily.

– Sabe. Um pouco.

Talvez o que tivesse feito Jodi falar fosse o jeito como Emily a encurralava no banco do ônibus ou o eco das palavras dela: "*Acho que pouca gente se importa com você.*"

– O meu pai não me bate – sussurrou Jodi. – Ele nunca me bateu nem me agarrou. Mas, quando ele tá bêbado, ele atira coisas. Ele tem uma pontaria tão boa que é chocante.

– Ele atira coisas em você.

. Não, ele… ele atira coisas porque tá com raiva ou frustrado ou porque o time dele tá perdendo. E, na maioria das vezes, o que tá na mão dele é a cerveja.

– Foi uma lata de cerveja que te machucou assim?

– Garrafa.

Os olhos de Emily estavam brilhando. Jodi estava prestes a virar o rosto para a janela e ignorá-la, mas Emily perguntou:

– Como foi que a sua mãe morreu?

Jodi virou a cabeça para ela com tudo, e Emily parecia entendê-la – era como se tudo se encaixasse.

– Ele não matou ela. Que tipo de pessoa pergunta se o seu pai matou a sua mãe? Meu Deus do céu, Emily…

– Eu vou te proteger – disse Emily.

Jodi sentiu como se ela tivesse se aproximado um pouco mais, talvez até entrado na pele dela.

– Como foi que ela morreu? – repetiu ela.

– Ela se afogou. Pegou no sono na banheira. Tá feliz agora?

Jodi ouviu um zumbido nos ouvidos, que se transformou em conversa. A piscina dos Thrashers piscava para ela.

– … não dá nem pra provar. Não sei por que eles estão levando isso em consideração.

– Falaram que tem uma testemunha ocular, então… – disse Lucy, massageando a testa.

– É a Reagan – comentou Jodi.

Quatro pares de olhos se voltaram para ela.

– Quê?

– É a Reagan. Ela me contou que era a testemunha ocular.

Paige cobriu a boca com os dedos cheios de gordura por causa das batatas. Lucy franziu a testa.

– Lucy, que dia foi isso? – perguntou Jodi, pegando o celular.

– Três de maio.

Ela rolou os vídeos que tinha feito do diário na parede, mas o último registro fora em abril. Ainda não sabia por que Emily tinha parado de escrever naquele diário um mês antes de morrer, mas, se a polícia estava investigando um registro em maio do diário em posse *deles*, Jodi ficou ainda mais convencida de que o diário era falso. Nada no diário na parede poderia corroborar a acusação de agressão de Lucy.

Jodi ergueu os olhos para os amigos, as pessoas que tinham aparecido rapidamente quando ela cometeu seu primeiro grande erro. Sentiu as entranhas se contorcerem de raiva pela forma como Emily tinha arrancado aquele segredo dela e depois usado para machucar seus amigos. Precisava conversar sobre aquilo com alguém.

– Julian, você me leva pra casa?

Ela ignorou o silêncio estupefato que percorreu o grupo, encarando Julian com determinação. Apesar da confissão de que ele estava ao volante, por enquanto ela não confiava em mais ninguém a respeito daquele assunto.

Zack abriu a boca… depois a fechou. Julian saiu do balcão e foi pegar as chaves sem falar nada.

– Eu tô bem – garantiu Jodi ao restante do grupo. – Tô muito feliz que vocês tenham ido cuidar de mim. Lucy, sinto muito por isso que tá acontecendo com você. Vou fazer tudo que puder pra te ajudar.

Lucy inclinou a cabeça para ela, confusa, mas Jodi terminou de se despedir e foi encontrar Julian na porta. Ele destrancou a caminhonete, e ela se sentou no banco do passageiro. Pensou que provavelmente deveria agradecer por ele ter

reunido o pessoal na noite anterior, mas, em vez disso, esperou até que saíssem da garagem antes de dizer:

– Meu pai atirou uma garrafa em mim uma vez. Uma garrafa de cerveja de vidro. Deixou um machucado no meu ombro e poderia ter feito um estrago bem maior.

Os dedos dele seguraram o volante com mais força, mas ele não disse nada, mantendo os olhos na estrada.

– E a única pessoa pra quem eu contei isso… antes de agora… foi a Emily.

Os lábios de Julian se contorceram em um sorriso irônico, e uma risada suave escapou pelos seus lábios. Ele passou a mão no pescoço.

– Ah, aquela doidinha sacana.

Ela o observou pensar enquanto ele passava os olhos pela rua e batucava no volante com os dedos.

– Tem mais.

– Sempre tem.

– No banheiro do andar de cima da casa dos Mills, tem um azulejo solto na parede. Tem um segundo diário atrás dele. É da Emily. A polícia está com um diário falso.

A caminhonete parou no sinal. Não havia nenhum indício de que Julian a tinha ouvido, exceto a tensão na mandíbula e a concentração no olhar.

– Quer dizer que a Emily fez um diário falso antes de se matar? – perguntou ele.

– A Emily ou, talvez, a irmã dela. Os pais dela. Sei lá.

O sinal abriu, e ele pareceu não notar até que o carro atrás deles buzinou. Ele pisou no acelerador.

– E como é que você sabe desse segundo diário?

– Eu fui lá e encontrei enquanto estava fuçando – respondeu Jodi.

Ele olhou para ela, examinando seu rosto.

– E por que você não contou pra polícia?

– Porque o celular da Emily também tá escondido lá – respondeu ela. Os dedos dele ficaram brancos. – Eu confirmei. Não consegui encontrar a mensagem que você mandou pra ela. Mas não sei se a polícia vai conseguir.

Ela o observou enquanto ele virava na vizinhança da tia de Jodi, esperando que ele dissesse alguma coisa. Quando pararam na frente da casa de Rosa, ela não fez menção de soltar o cinto.

– Você vai me contar o que mandou pra ela? – perguntou Jodi.

Ele ficou olhando as crianças vizinhas brincando em um balanço de pneu e

ignorou a pergunta.

– Por que você me contou tudo isso?

– Porque eu queria que alguém além de mim soubesse que a gente não pode confiar em nada daquele diário.

Ele assentiu, e seus olhos se voltaram para ela. Jodi o encarou com cuidado.

– Você tava mesmo dirigindo aquele carro?

Um músculo ficou tenso na bochecha de Julian.

– Já te falei que fui eu – respondeu ele.

Julian levou a mão ao botão que destravava a porta. O carro deu um clique.

– Até mais, Dillon.

Processo nº 4512420
Trecho do diário de Emily Mills
Inscrito como prova em 06/08/2024 pela detetive Chelsea Harding

3 DE MAIO DE 2024

EU NEM ACREDITO QUE ESTOU ESCREVENDO ISSO. MAS ALGUÉM JOGOU UMA COISA EM MIM HOJE.

MINHAS MÃOS AINDA ESTÃO TREMENDO. DESCI DO ÔNIBUS UM POUCO ANTES DO PONTO PARA PEGAR UM LANCHE NO MERCADO E, QUANDO ESTAVA ANDANDO SOZINHA PELA 40TH STREET OU UMA DESSAS RUAS, OUVI UM CARRO ATRÁS DE MIM. NÃO FIQUEI COM MEDO NEM NADA. ACHEI QUE FOSSE NORMAL.

MAS AÍ OUVI O CARRO DESACELERAR. E, ANTES QUE EU CONSEGUISSE ME VIRAR, OUVI UM ESTRONDO E SENTI UMA COISA RESPINGAR NA MINHA PERNA. ERA UMA GARRAFA DE REFRIGERANTE. DAQUELAS DE VIDRO. UM DOS CACOS ME CORTOU, E EU ESTAVA SANGRANDO UM POUCO. QUANDO OLHEI PARA CIMA, O CARRO ESTAVA CANTANDO PNEU, E EU MAL CONSEGUI VER A PLACA.

MAS ACHO QUE OUVI PESSOAS RINDO.

POR QUE ALGUÉM FARIA UMA COISA DESSAS? ESTOU CHORANDO E TREMENDO, E COM VONTADE DE GRITAR. POR QUE ALGUÉM JOGARIA VIDRO EM MIM? E SE ME ACERTASSEM?

E A PIOR PARTE É: ACHO QUE EU RECONHECI O CARRO. ACHO QUE ERA A LUCY REED.

NÃO TENHO CERTEZA. NÃO CONSIGO PENSAR EM NADA ALÉM DO SOM DO VIDRO QUEBRANDO NA CALÇADA E COMO EU PULEI DE TANTO SUSTO. MAS COM CERTEZA ERA UM CARRO PRETO. ACHO QUE ERA UM JEEP.

COMO VOU PERGUNTAR PARA LUCY REED SE ELA JOGOU UMA GARRAFA EM MIM? E PIOR, COMO VOU PERGUNTAR SE ELA TINHA A INTENÇÃO DE ME MACHUCAR?

Capítulo 21

FEVEREIRO

Os requisitos para uma reunião mediúnica eram mais simples do que Jodi pensava. Não era necessário um solstício nem mesmo uma lua cheia. Jodi tinha se aproximado de Paige no armário dela no primeiro dia de volta às aulas.

– Você ainda quer tentar falar com a Emily?

– Quero – respondera Paige na mesma hora, com os olhos arregalados e ansiosos. – Você vai comigo?

Jodi suspirou. As mensagens não tinham parado, e o número dos contatos continuava mudando. No dia anterior, Zack recebeu uma desejando boa sorte em uma prova. Jodi ainda estava tendo sonhos perturbadores, e Lucy e Paige continuavam com paralisia do sono. Isso sem falar nas audiências na justiça.

– Quero saber o que a Emily quer – afirmou Jodi. – Quero saber se ela pode esclarecer por que essas coisas estão acontecendo.

Paige assentiu, concordando.

– Eu também.

– E você não quer voltar na Nan? – perguntou Jodi.

– Quero ir no jardim de rosas. Ela falou pra gente ir lá. – Paige acompanhou Jodi até a sala da próxima aula. – Ando pesquisando muito sobre isso tudo. Eu ia sem vocês, mas, se vocês toparem…

– Todos nós vamos – declarou Jodi. – A gente tem que fazer isso juntos.

Infelizmente, Jodi descobriu depois, a razão pela qual Paige sabia tanto sobre isso era porque a irmã mais velha de Kiera era praticante de Wicca. Paige estava conseguindo as informações de sua pesquisa com Kiera, convidando-a para almoçar, perguntando a ela a respeito do mundo espiritual.

Uma semana depois, os cinco foram com Kiera no Burr's. Kiera ia se juntar a eles como "guia" ou qualquer coisa assim. Os olhos de Jodi cruzaram com os de Julian por cima da mesa, com um olhar que ela torcia para que transmitisse a mensagem *Você devia ter cuidado disso*.

Mas ali estava Kiera, sorrindo e tomando milk-shake, deixando Zack roubar as batatas fritas dela.

Julian tomou um gole do chá gelado e ergueu uma sobrancelha inocente para Jodi. Quando voltaram às aulas para o semestre final do último ano deles, Jodi ficou surpresa ao ver Julian em três de suas turmas. Paige ainda estava fazendo aula de inglês com ela, mas Julian estava nas turmas de economia, anatomia e na disciplina optativa de língua de sinais. Quando a aula de língua de sinais terminou, dando a eles um intervalo de cinco minutos antes da aula de anatomia, ele não guardou tudo e saiu correndo. Julian esperou e acompanhou Jodi, mostrando a ela os palavrões que já tinha aprendido em língua de sinais.

Agora, enquanto Kiera lhes dava instruções, Julian respondia com um sinal para Jodi: *Quem, eu?*

Ela fez cara feia enquanto Lucy interrompia a falação de Kiera.

– Então a gente vai até lá, dá as mãos e ela "vem até nós". – Lucy inclinou a cabeça. – Que merda isso quer dizer?

Kiera deu uma tossida.

– Bem, às vezes o espírito pode interagir com o mundo ao nosso redor, então vamos levar um tabuleiro Ouija, caso ela queira usá-lo. Mas a Paige me contou que ela se comunica usando as luzes, não é isso?

Então olhou para Paige para confirmar.

– É, ela consegue controlar os postes – comentou Paige, como se aquilo fosse muito normal.

– Tá, quando a gente estiver no jardim de rosas, é só ficar num lugar que dê pra ver um poste de luz…

– Uma piscada pra sim, duas pra não? – acrescentou Jodi, seca.

Kiera deu de ombros.

– Pode ser! – exclamou ela, abrindo um sorriso radiante e roubando de volta o milk-shake das mãos de Zack.

– Quantas reuniões mediúnicas você já fez, Kiera? – perguntou Julian, se inclinando para a frente no assento, tirando sarro dela ao lhe dar atenção.

– Bem, não foi exatamente uma reunião mediúnica, mas eu já participei de uma invocação com a minha irmã e o coven dela.

– Então essa é a primeira vez pra você.

– Aham! – Ela deu outro sorriso radiante.

Os olhos dela eram irritantemente verdes.

– Isso é tão empolgante pra você! – exclamou Lucy, com um entusiasmo condescendente.

– Lu – advertiu Zack.

Kiera apenas sorriu para os dois, incapaz de sacar o que estava rolando ali.

– O que você precisa que a gente faça? – Zack fez um sinal para o Sr. Burr trazer a conta. – Precisamos fazer alguma coisa pra nos preparar?

– Acho que ter uma mente aberta? Sei lá. – Ela deu de ombros. – Mas isso vai ser superinteressante. Eu não conheci a Emily, já que me mudei pra cá depois que ela tinha morrido, mas é lógico que a minha turma todinha fala dela!

Jodi estreitou os olhos. Ela já sabia que Kiera era uma aluna transferida. Lucy e Paige tinham feito uma busca completa do passado de Kiera quando Zack começou a sair com ela. Mas Jodi não gostava daquele entusiasmo todo para "conhecer" Emily. Como se ela estivesse passando por um tipo de iniciação.

Lucy encarou Kiera de um jeito que a fez murchar.

– Você entende que ninguém pode saber o que a gente vai fazer nem descobrir o que vai acontecer amanhã à noite?

– Aham! É, eu saquei. Não quero que vocês se metam em mais encrenca.

Jodi cruzou o olhar com o de Lucy quando Kiera pediu a Zack a casquinha do sanduíche de peru dele. Julian se remexeu na cadeira de frente para ela. Pela primeira vez, Jodi percebeu como era estar dentro da cabeça de Paige, Lucy e Julian, sabendo que aquela garota tinha que sumir.

Ela precisava passar pelo Tratamento Thrasher.

Rosa sempre dizia que o mês de fevereiro era melhor em Sacramento. Não tinha neve, só fazia frio suficiente para se agasalhar. Como alguém que só tinha visto neve pela primeira vez havia dois anos, Jodi discordava. Mas ela estava grata naquela noite, sabendo que os 4 graus no jardim de rosas não cairiam para 7 abaixo de zero enquanto estivessem lá.

Estava usando duas calças legging, botas UGG falsificadas e três camadas de roupa na parte de cima com um gorro cobrindo as orelhas. Julian a encarou de cima a baixo.

– Parece que você vai roubar um banco – comentou ele.

Jodi olhou feio para ele e tirou o gorro da cabeça, fingindo que ia assentar o cabelo, e depois não o colocou de volta. Foi para o banco de trás do carro de Zack, ao lado de Paige.

Lucy se ofereceu para buscar Kiera, algo que surpreendeu Zack, mas ele não discutiu. Jodi teve a sensação de que Kiera estava prestes a ter um gostinho de como era cair nas más graças de Lucy Reed e nem se sentiu mal por isso.

Eles pararam do outro lado do parque McKinley, um lugar exuberante que se

estendia por dois quarteirões, com uma biblioteca, um lago, quadras de tênis, um castelo que era um parquinho para crianças e, no lado sul, um jardim de rosas. Estacionaram ao lado das quadras de tênis e tomaram o cuidado de ficarem quietos por causa dos vizinhos fuxiqueiros que sempre estavam de olho na população em situação de rua que ficava a leste dos viadutos elevados da rodovia.

Era quase uma da madrugada, e o trânsito da H Street, a via do lado sul, estava diminuindo. Paige os levou ao local que tinha em mente, um pedaço de terra onde as trilhas do jardim convergiam. Aquele era o lugar onde os cinco e Emily tinham ido fumar maconha no ano anterior. Ficava perto de um poste de luz.

– Se ela queria que a gente "viesse no jardim de rosas", era isso que ela queria dizer – declarou Paige, depois se abaixou e se sentou com as pernas cruzadas.

Jodi caminhou pela trilha central, tentando ler as descrições das flores. Zack se juntou a ela depois de um segundo.

– E aí, o que você acha dela?

Os molares de Jodi rangeram.

– Quem?

– A Kiera. Anda.

Ela passou para a próxima fileira.

– De verdade? Acho que você não deve namorar *ninguém* até o fim do julgamento. Não pega bem, Zack.

– Você tá certa. Eu sei que tá. Mas… – Ele sorriu, melancólico. – Eu gosto dela.

– Fala sério! – retrucou ela. – Você tá sendo investigado por estupro de vulnerável. Você tem 18 anos, e a Kiera tem 17. Ponto-final.

O rosto dele se contorceu antes de fazer que sim com a cabeça em direção ao chão, e o coração de Jodi ficou apertado.

– Ela tem 16, né?

– Ela faz aniversário em maio.

– Não faz diferença.

– Olha – disse Zack, depois passou a mão no cabelo –, eu não tenho que dormir com ela! Eu só quero sair com ela. Namorar.

Jodi engoliu a pontada de dor e se virou para encará-lo, cruzando os braços.

– E o que vai acontecer se não der certo?

Ele franziu as sobrancelhas, e ela esclareceu:

– O que vai acontecer se ela passar pelo Tratamento Thrasher antes do julgamento?

Ele soltou um suspiro exasperado.

– *Tratamento Thrasher*. O que isso significa, afinal? Que expressão mais besta.

– Significa alguma coisa pras pessoas que passaram por isso – disse ela. – Pras pessoas que sentem que foram usadas e jogadas fora por nós.

– Mas a gente não faz isso.

– Não faz, é? – Uma brisa noturna passou pelo cabelo de Jodi, e ela resistiu ao desejo de enfiar o gorro na cabeça de novo. – A gente ia continuar saindo com a Emily depois que as aulas acabassem? Tem pessoas dizendo pra quem quiser ouvir que a gente fez bullying e machucou eles. A sua antiga parceira na aula de biologia. A Reagan…

– A Reagan tá atrás da Lucy há anos. Esse povo tá com ciúmes ou alguma coisa assim.

Jodi sentiu como se houvesse um abismo entre eles enquanto Zack brincava com o único botão de rosa amarelo que tinha sobrevivido ao inverno. A flor se partiu na ponta dos dedos dele.

– Eles acharam um padrão, Zack. Quando é um padrão, não tem como colocar a culpa em outra coisa – disse ela, depois voltou para onde Paige estava tentando meditar entre as roseiras dormentes.

Duas silhuetas atravessavam a grama ao longe, a menor carregando uma sacola grande, como se estivessem indo a um piquenique. O que quer que tenha acontecido entre Lucy e Kiera não afetou o sorriso radiante da garota mais nova quando ela os alcançou. Paige ajudou Kiera a tirar as coisas da bolsa: alguns cristais, um pacote de sálvia que não podiam acender e um tabuleiro Ouija comprado numa loja de departamento.

Jodi se sentou à direita de Kiera, e ao lado de Jodi se acomodaram Lucy e Julian. Paige verificou se tinha uma boa visão do poste mais próximo antes de se sentar entre Kiera e Julian.

– Tá, então, tipo, a coisa *mais importante* – começou Kiera – é que todo mundo tem que estar *unido*. Então, se alguém acha que isso aqui é *burrice* ou que a Emily não vai falar com a gente, essa pessoa tem que se livrar desse pensamento.

Julian fez um gesto como se puxasse uma coisa da testa e jogasse fora.

– Tá. Então, tipo, parem um pouco pra se concentrar, definam uma intenção para o que vocês querem com essa comunicação.

Paige fechou os olhos, como se estivesse rezando. Lucy deixou o olhar ficar mais suave ao encarar os cristais e a sálvia no meio deles. Jodi se concentrou no

vento. Era bom que não estivesse chovendo, mas o frio estava lá, se infiltrando sob as camadas de roupa e gelando seus ossos.

Ela tinha ido ver a médium sem achar que aquilo fosse funcionar. Mas acreditava que Nan tinha a capacidade de se conectar com o mundo espiritual e que Emily ainda estava tentando se comunicar.

E tinha perguntas.

Mais cedo do que Jodi esperava, Kiera interrompeu o silêncio.

– Agora, temos que dar as mãos e nos concentrar na Emily.

Ela abriu a palma da mão para Jodi com um sorriso, que Jodi tentou retribuir enquanto Kiera entrelaçava os dedos nos seus – com muito mais intimidade do que Jodi gostaria. Os dedos dela se entrelaçaram com os de Zack do outro lado.

Jodi olhou para a rua, procurando pessoas correndo à noite ou viaturas da polícia fazendo a patrulha. Os olhos dela se fixaram no poste, e ela esperou que ele piscasse. Nada. Ela olhou para Paige e viu que ela estava esperando a mesmíssima coisa.

– Então, pensem nela, imaginem a Emily. Imaginem a presença dela aqui com a gente. – A voz de Kiera era quase relaxante no escuro.

Os pensamentos de Jodi se voltaram para dentro. Ela imaginou Emily como a tinha visto pela última vez. Um dia antes do baile, nos armários, perguntando da limusine. Ali no jardim, pensou que era possível que Emily estivesse achando que ia com eles. Pensando bem, devia ter enfrentado a situação. Jodi se arrependia de muitas coisas que tinham acontecido no último mês que passou com Emily, mas não ter tido coragem para enfrentar aquela conversa difícil estava no topo da lista.

O tom mais baixo de Kiera interrompeu os pensamentos de Jodi:

– Emily, você tá aqui com a gente?

Os olhos de Jodi se viraram para o poste. Ela esperou, contando os segundos.

– Emily, mostre que você está com a gente.

O poste de luz permaneceu aceso. Jodi procurou outras lâmpadas mais distantes, mas não viu nenhuma atividade.

– Talvez a gente deva pegar o tabuleiro Ouija – disse Kiera para Paige.

Jodi sentiu o aperto de Kiera na mão afrouxar.

O poste apagou, mergulhando-os na escuridão.

Paige ofegou de leve. Jodi sentiu a tensão entre os dedos como eletricidade. E se deu conta de que não era só o poste mais próximo que tinha apagado. Todas as lâmpadas da H Street estavam apagadas. Somente a lua os iluminava.

– Ok… – A voz cética de Lucy veio do outro lado do círculo.

– Emily, você tá aqui com a gente? – perguntou Kiera.

A palma dela estava suando na mão de Jodi. Conseguia ouvir a respiração ofegante, o luar brilhando em meio à névoa do vapor.

As lâmpadas não piscaram.

Paige inspirou o ar frio.

– Emily, você me falou que nós estávamos seguros quando perguntei lá na Nan. Isso ainda é verdade?

Kiera soltou um murmúrio no escuro ao lado dela.

– Seguros? – Jodi franziu as sobrancelhas ao ouvir a voz de Kiera. – Talvez.

Melódica. Como uma canção. Como era a voz de Emily.

– A gente não tá falando com você – disse Julian, com a garganta tensa.

– Ninguém nunca fala comigo – retrucou Kiera. – Só de mim. Não foi isso que você disse?

O olhar de Kiera deslizou pelo tronco de Julian como água se movimentando na direção errada.

Os olhos de Julian se estreitaram para ela.

– Quer dizer que você conheceu ela, né? – perguntou ele.

– O que tá rolando? – perguntou Zack, à direita de Jodi.

– Vamos voltar ao assunto. – A voz de Lucy estava tensa. – Emily, você consegue ouvir a gente?

– Consigo – respondeu Kiera baixinho.

– Ela consegue? Dá pra você saber?

Jodi se virou para Kiera e observou a cabeça dela girar na direção de Lucy. Os cabelos castanhos caíam em grossas camadas nas laterais do rosto, e a postura cedeu, se transformando em algo curvado e invertido.

– Sim.

Jodi viu os olhos determinados de Kiera refletindo o brilho do luar…

Azuis. Como o céu da manhã.

O peito de Jodi se inflou de repente. Ela sentiu o ar frio se infiltrar até bem lá no fundo. Os dedos tentaram se desvencilhar da mão de Kiera, e em seguida os olhos de Emily Mills recaíram nela pela primeira vez em nove meses.

O nariz de Kiera estava mais comprido. O cabelo e as sobrancelhas tinham escurecido. Os dentes eram quase pequenos demais. Mas os olhos estavam frios, e havia uma cobiça reluzente neles que fez Jodi perder o fôlego.

– Oi – sussurrou Kiera.

– Que merda é essa? – murmurou Zack ao lado dela.

Mas Jodi não conseguia se virar para ele. Não conseguia mexer a cabeça. Não

conseguia mexer o braço. Era como acordar na cama sentindo uma coisa em cima do peito ou dormir em cima do braço até ele ficar completamente dormente.

Kiera sorriu para ela.

– Não quebre o círculo – disse Paige de repente. – Não até a gente terminar.

– Ela… – gaguejou Zack. – A gente tem que…

– Não tem, não.

Jodi observou os olhos azuis de Emily irem até Zack. Interrompendo o transe, Jodi observou o restante do círculo. As luzes ainda não tinham acendido, mas ela conseguia distinguir a respiração comedida de Lucy, a postura imóvel de Julian, o lento balançar de Paige.

– Emily, eu tenho uma pergunta – declarou Paige devagar.

A cabeça de Kiera girou como a de uma boneca. Ela esperou.

– O que foi que você escreveu no seu diário?

– Só a verdade.

– Eu nunca joguei uma garrafa de refrigerante em você, Emily – sibilou Lucy.

– Eu sei. – A voz de Kiera estava aguda e despreocupada.

– Qual é a desse lugar aqui? – indagou Paige, interrompendo. – Por que você falou pra gente vir no jardim de rosas?

Ela pareceu pensar.

– Eu não fiz isso.

– Você quer vingança, Emily? – Zack enfim conseguiu falar.

– Pelo quê?

– Para com essa merda. – A tensão emanava de Julian em ondas. – O drive-in. A bombinha. Paige e eu nos machucando. Você quer vingança, não é?

Foi a primeira vez que Julian aceitou que algo sobrenatural estava acontecendo. Jodi o observou se remexer sob o olhar atento de Emily.

– Por que eu ia querer machucar os meus amigos? – Kiera sorriu, encarando cada rosto no círculo. – É bom estar de novo com os meus amigos.

Um som engasgado saiu da garganta de Lucy, e Jodi viu que lágrimas deslizavam com delicadeza pelas bochechas dela.

– Por que você escreveu sobre uma garrafa de refrigerante, Emily? – sussurrou Jodi.

Kiera voltou a encará-la. Jodi não conseguia sentir a ponta dos dedos, como se o fluxo sanguíneo parasse no pulso.

– Você sabe que não era pra ficar contando isso por aí, porque não aconteceu com você – insistiu Jodi.

– Tem razão. *Você* deveria contar – cantarolou a voz de Kiera. – Na verdade, essa é uma coisa em que ela e eu concordamos.

Jodi se sentiu congelada, como se o vento do inverno tivesse entrado pela boca e se infiltrado nos pulmões. O braço ficou dormente até o cotovelo.

Ela olhou para baixo e só viu os dedos de Kiera firmemente entrelaçados aos seus.

– Eu vou te proteger.

As palavras de Emily pareceram flutuar até ela. Jodi ergueu os olhos.

– Eu vou te proteger de todo mundo.

Um eco reverberava na cabeça de Jodi. Cochichos e gritos entravam por um ouvido e saíam pelo outro enquanto ela tentava se concentrar no eco. Kiera se inclinou para ela, e Jodi observou os olhos de Emily enquanto a voz dela cantarolava:

– Ela quer que você vá pra casa da Rosa.

Jodi estava na ponta distante de um túnel, segurando a mão de Emily na escuridão, e os amigos gritavam do outro lado. Como se tivesse corrido a toda velocidade na direção de uma parede de tijolos, o som e a consciência a atravessaram.

– … fica longe dela, porra!

– Para!

– … juro por Deus que eu vou…

– Xiu!

– Não solta…

Os olhos de Kiera giravam. Ela piscou uma vez, e os olhos ficaram verdes. Ela caiu de costas em cima de uma roseira, fechando os olhos ao desmaiar.

Jodi foi arrancada do chão. Braços envolveram seu peito e a colocaram de pé, afastando-a dali.

As pernas dela se trançavam, e o vento frio que se plantara como um jardim dentro do peito se intensificava…

Ela vomitou na grama. O braço esquerdo balançava frouxo ao lado do corpo, e o outro a apoiava numa árvore.

Alguém esfregava suas costas com a mão grande e quente, e com a outra mão afastava seu cabelo do rosto. Os demais estavam calados e ofegantes a poucos metros de distância, mas Zack estava com ela.

Ela fungou, ofegante e com ânsia de vômito. Quando se endireitou, o olhar percorreu um moletom da equipe de polo aquático: Julian.

– Você tá bem? O que foi que ela falou pra você?

Jodi olhou para trás. Zack segurava Kiera junto ao peito. Ela estava tremendo, e os soluços foram ficando mais altos enquanto Paige a acalmava. Lucy estava guardando o tabuleiro Ouija e os cristais com mãos trêmulas.

– Você não devia ter rompido o círculo – sibilou Paige para Julian.

– Tá de sacanagem comigo? – Zack se virou para ela. – A gente devia ter parado tudo no segundo em que a Kiera…

– Chega. – Lucy colocou a sacola no ombro. – A gente tem que ir.

Jodi piscou para desembaçar os olhos e viu que os postes estavam acesos. Kiera estava soluçando e ofegante, fazendo muito barulho. Ela se lembrou dos sons deles discutindo pouco antes de Emily desaparecer.

Ela quer que você vá pra casa da Rosa.

Jodi afastou aquele pensamento e se concentrou em Lucy correndo pelo parque com a bolsa, com Paige logo atrás, e Zack pegando Kiera pelo pulso, seguindo as duas aos tropeços. Em seguida, ela foi puxada. Olhou para baixo.

Julian segurava a mão dela, levando-a em direção aos carros do outro lado do parque. Ela não conseguia sentir.

– Minha… minha mão tá dormente. O meu braço todo. – A voz de Jodi estava trêmula.

Ele parou e olhou para baixo. Deu um beliscão no antebraço de Jodi, e o que ela sentiu foi semelhante a uma carícia. Mas a mão ainda parecia um peixe morto, frouxo, que Julian segurava.

Luzes vermelhas e azuis vinham da H Street. Ela viu o rosto de Julian – azul, depois vermelho – por apenas um segundo antes que ele pegasse sua outra mão e corresse.

Ela acompanhou o ritmo dele aos tropeços, correndo pelo parquinho. Sombras se mexiam na escuridão, pessoas adormecidas acordando e guardando todos os seus pertences antes que a polícia chegasse.

O carro de Lucy estava dando a partida na rua oposta. O de Zack não estava em lugar nenhum.

Paige viu os dois primeiro, acenando para eles do banco do passageiro do carro de Lucy, gesticulando para correrem mais depressa. Julian abriu a porta de trás, Jodi se enfiou lá dentro, e os pés de Julian mal tinham deixado o asfalto quando o carro deu partida, com Lucy dirigindo como se estivessem em fuga.

– O que aconteceu? – perguntaram Paige e Jodi ao mesmo tempo.

– O que ela estava falando pra você? – prosseguiu Paige. – Você parecia horrorizada.

– Ela… ela… – Jodi respirou fundo. E soltou uma risada rouca. – Ela disse

que está falando com a minha mãe.

Ela riu de novo, o som se embargando quando lágrimas brotaram em seus olhos.

Ficaram em silêncio por um momento, e ela percebeu que seu corpo estava balançando; alguém a balançava. Ela baixou os olhos e viu Julian esfregando o braço dela entre as mãos como um graveto prestes a pegar fogo contra uma pedra.

– Ela não tá sentindo o braço – explicou ele.

– Quê? – disse Lucy, olhando para eles pelo retrovisor.

Paige se virou no assento.

Jodi ainda sentia o gosto de vômito no fundo da boca quando perguntou:

– O que aconteceu lá?

Houve uma pausa.

– Aqueles eram os olhos dela – comentou Lucy. – Vocês sabem que eram.

Eles ficaram em silêncio, a não ser pelo som das palmas de Julian deslizando para cima e para baixo na manga de Jodi. Ela começou a sentir os dedos.

Quando chegaram à casa dos Thrashers e o carro de Zack não estava lá, Julian começou a ligar para ele.

Jodi tirou o celular do bolso.

Havia 23 mensagens. Dezessete chamadas não atendidas.

Os olhos dela buscaram qualquer sinal de Zack, mas não encontraram nada. Mas o pai, Rosa e até Oliver Burns tinham ligado e enviado mensagens.

O pulso de Jodi disparou. Paige e Lucy estavam conversando com ela, mas ela não conseguia se concentrar. Ela escolheu um dos números e retornou a ligação.

– Jo, onde você tá? – A voz do pai estava tensa; pessoas falavam ao fundo.

– Tem algo errado?

– Onde você tá? Você tá segura?

– Aham, eu… eu tô segura. O que aconteceu?

– Foi um acidente, Jo. Eu tentei preparar o jantar e… – Ele parou de falar. Ela ouviu sirenes ao fundo. – E eu devo ter caído no sono enquanto esperava ficar pronto.

Havia três bocas funcionando no fogão. Ela verificava as quatro toda noite antes de ir dormir.

– Pai, o que houve?

– Foi um acidente, Jodi, eu juro. – A voz dele estava arrastada, grossa e pesada.

Ela ficou com vontade de bater o pé. Precisava de respostas, não de desculpas.

Julian a observava enquanto Lucy e Paige andavam de um lado para outro, ligando para Zack e Kiera várias vezes.

– Senhor, preciso que volte pra ambulância – disse uma voz pelo celular. – Precisamos continuar verificando seus sinais vitais.

– É a porra da minha filha aqui, tá bom?! – retrucou o pai.

Jodi desligou, ligando em seguida para Oliver. Ele atendeu no primeiro toque.

– Você tá bem? Onde você tá? – perguntou ele.

– Oliver, o que tá acontecendo? O que houve?

Uma risada ofegante soou no ouvido dela e logo se transformou numa tosse.

– O seu pai botou fogo em metade da sua casa. O fogo pulou pra minha pouco antes dos bombeiros chegarem.

Jodi não conseguia respirar. Ela se sentou no meio do acesso de veículos dos Thrashers.

– Tem alguém ferido?

– Não. É só, tipo… fumaça no nosso pulmão e tal. Jo, o seu pai tá… Eu tô surpreso que ele esteja conseguindo ficar de pé.

Ela assentiu, mesmo que ele não pudesse vê-la, e fechou os olhos com força. Agradeceu e retornou a ligação de Rosa, deixando que a tia reclamasse com ela enquanto as lágrimas rolavam pelo rosto.

Ela quer que você vá pra casa da Rosa.

Dava a sensação de que estava admitindo a derrota. Era como dizer *eu não dou conta disso sozinha.* Mas Jodi fungou, contendo as lágrimas, e perguntou:

– Rosa, posso ir morar com você e a vovó?

Ela não falou "até que a casa seja consertada" nem "até o final do ano letivo". Simplesmente deixou isso no ar, como uma nota tocada em um tom diferente.

– Claro. Onde você está? Eu te busco.

Jodi lembrou a ela onde Zack morava e desligou. Paige estava explicando que Zack tinha levado Kiera em casa para garantir que ela estava bem. Lucy estendeu a mão para ajudar Jodi a se levantar, e ela deixou. Não conseguiu encarar os olhos de Julian quando contou que ocorrera um incêndio na sua rua e a tia estava indo buscá-la.

– Ah, meu Deus, Jodi! – exclamou Paige. – O seu pai tá bem?

– Tá – foi tudo que ela disse.

Quando Jodi se espremeu no banco da frente de Rosa, Zack ainda não tinha chegado em casa. Ouviu a falação da tia a respeito do pai, deixando as palavras tomarem conta dela e desejando poder culpar Emily de alguma forma. Emily

tinha dado um jeito de começar um incêndio e tentar matar o pai de Jodi.

Mas ela sabia que não era verdade. Havia demônios suficientes sem Emily.

Capítulo 22

Quando Rosa a levou para casa, no dia seguinte, a fim de pegar algumas roupas, Jodi viu o estrago pela primeira vez. O lado esquerdo da casa estava carbonizado, o revestimento enegrecido. Os arbustos entre a casa deles e a dos Burns estavam queimados. Ela conseguia ver onde o fogo tinha pulado para a outra casa, e seu coração ficou apertado quando ela se deu conta de que era o quarto de Oliver.

Felizmente, parecia que apenas o lado de fora tinha sido danificado. Os Burns logo tinham evacuado o local, e os caminhões dos bombeiros tinham chegado bem depressa.

Havia uma fita de isolamento em torno da casa, e ela precisou se abaixar para enfiar a chave na fechadura. O fogo tinha se espalhado até a sala de estar, pegando no tapete e chamuscando a poltrona favorita do pai dela. Jodi o imaginou ainda ali, cochilando embriagado enquanto a fumaça o sufocava até a morte. Ela balançou a cabeça para não pensar naquela imagem de pesadelo e entrou no corredor para ir até o quarto.

Exceto pela fumaça, o quarto dela estava intacto. O fogo não tinha chegado tão longe. Ela pegou tudo que era importante e encheu uma bolsa de viagem com todas as roupas que conseguiu.

O pai recebera alta do hospital naquela manhã. Ele precisava ficar sóbrio e fazer um exame no pulmão e, caso sentisse rouquidão ou dificuldade para respirar, deveria voltar imediatamente. Eles tinham conversado pelo telefone naquela manhã, e cada pedido de desculpas parecia um peso no peito de Jodi. Ele não parava de pedir desculpas. Jodi sabia que fora um acidente, mas também sabia que não teria acontecido se ele não estivesse bêbado.

– Fico feliz que você esteja com a Rosa – disse ele. – Acho que é melhor assim até que a seguradora libere o dinheiro pro conserto.

Jodi apenas concordou.

Enquanto montava um quebra-cabeça com a avó, a cabeça de Jodi repassava a reunião mediúnica. Ela tentava entender o comportamento de Kiera, não querendo atribuí-lo a uma ação de Emily.

Ela quer que você vá pra casa da Rosa.

Bem, ali estava ela. Se a mãe dela queria que Jodi ficasse na casa da Rosa…

Ela ficou pensando se Emily se importava mesmo com o jardim de rosas. Nan tinha visto uma rosa durante a sessão com Jodi e Paige. Mas será que tinha sido a Emily?

Ela ligou para Nan naquele dia, saindo da cozinha de Rosa e indo até o quintal.

– Você consegue explicar o que é possessão?

– Possessão? – perguntou Nan; dava para ouvi-la mexendo em papéis e se movimentando pelo salão. – Pode ser mais específica?

– A gente… tentou se comunicar com a Emily ontem à noite, e acho que ela possuiu um de nós. Ela estava falando *através* de uma pessoa.

Jodi não mencionou os olhos. Não era algo de que pudesse ter certeza.

– Hum. Bem, eu diria que… – Nan se interrompeu. Jodi a estava quase instigando a falar quando Nan finalmente disse: – Ok. A Emily está aqui.

Jodi cerrou a mandíbula.

– Ela está curiosa a respeito de um incêndio…

– Fala pra ela dar o fora – retrucou Jodi, irritada. Em seguida: – Desculpa. Eu tô muito, muito cansada dela.

– Bem, ela não cansou de você.

Arrepios percorreram as costas de Jodi.

– Então era ela ontem à noite? Foi ela quem possuiu Kiera?

– Ela está feliz de levar o crédito por isso, sim. Quer dizer, é isso que estou recebendo dela.

Jodi engoliu em seco.

– Vai acontecer de novo? Será que ela… Ela quer machucar a gente?

– Não é isso que estou recebendo. Ela ainda está muito preocupada com você. Está concentrada em você.

Isso não fez Jodi se sentir nada melhor.

– Quando a gente foi te ver pela primeira vez, você falou que alguém estava segurando uma rosa. Você achou que era a Emily?

– Havia muitas vozes – respondeu Nan. – Eu não tinha certeza, mas alguém associou rosas com segurança.

Jodi esfregou os olhos.

– O nome da minha tia é Rosa.

– Ah. Bem, pode ser isso.

– Então, não era pra ir no jardim de rosas – zombou Jodi.

Nan fez uma pausa.

– Se você quiser dar uma passada pra falar um pouco mais sobre isso, posso te dar dez minutos de graça…

– Valeu, mas acho que eu cansei de falar com espíritos.

Nan desejou felicidades a Jodi, e ela retribuiu.

Jodi falou com o restante do grupo mais tarde naquele dia. Zack contou que Kiera estava assustada. Quando ele finalmente respondeu à mensagem no grupo, disse que levara uma hora para acalmá-la. Tinha ido ver como ela estava de manhã cedinho, e ela contou que sonhara com Emily a noite toda.

Na segunda-feira, Kiera parecia… bem, parecia que tinha visto um fantasma. Os olhos estavam vermelhos, e a pele estava pálida. Jodi tentou se aproximar e perguntar se ela estava bem, mas Kiera desviou para evitá-la.

As semanas pareciam passar depressa durante o inverno. Jodi começou a trabalhar no cenário de *Amor, sublime amor*, mas o resto do semestre foi apenas uma contagem regressiva para as audiências na justiça.

Elas começaram na última segunda-feira de fevereiro. Paige vestiu roupas em tons pastel que tinha comprado numa rede barata de lojas de departamentos no dia anterior, ficando com a aparência de alguém que nunca tivera um par de óculos de sol Gucci nem seis bolsas Louis Vuitton. Ela prendeu o cabelo em um rabo de cavalo e caminhou olhando para a calçada enquanto os repórteres se aglomeravam ao seu redor nos degraus do fórum.

Lucy foi a próxima. Estava sem maquiagem. Subiu os degraus como alguém em uma missão. No dia anterior, tinha recebido cartas de rejeição das Universidades de Louisiana e de Stanford, apesar das propostas de admissão antecipada em novembro.

Havia pouco que Julian Hollister pudesse fazer para parecer mais simpático. O advogado arrancou os óculos de aviador das mãos dele e o obrigou a fechar os botões de cima da camisa, mas ele claramente continuava com o mesmo perfil de modelo de roupa cara de sempre.

Os três se declararam inocentes. Imagens de cada um deles saindo do fórum foram reproduzidas em todos os canais de notícia. Veículos de noticiários se aglomeraram ao redor da escola por mais de uma semana, gravando trechos de entrevistas com qualquer um que quisesse cinco minutos de fama.

– Não é a primeira vez que eles fazem algo assim, e, por mais triste que eu esteja pela morte de Emily, fico contente que haja um alerta aqui – disse um garoto de cabelo castanho e aparelho que Jodi nunca tinha visto na vida.

Reagan Matthews parecia estar em todos os lugares.

– Se chama *Tratamento Thrasher*. Eles são *os Thrashers*, e o que eles fazem é escolher alguém pra colocar debaixo da asa deles, sair com essa pessoa, colar o dever de casa dela, sei lá, e depois eles dão o Tratamento Thrasher.

– O que isso quer dizer? Especificamente? – A repórter virou o microfone de novo para Reagan.

– Significa que eles destroem essa pessoa. Eles a jogam no lixo, humilham a pessoa na frente de todo mundo. Aconteceu comigo no primeiro ano.

Jodi apertou a ponte do nariz, imaginando se aquela era a sensação de uma enxaqueca.

Algumas semanas após as audiências, o tio de Lucy comentou sobre um grupo no Facebook chamado "Justiça para Emily Mills". O grupo tinha dois mil membros com muitas opiniões sobre o caso Emily Mills. De acordo com eles, os Thrashers eram culpados até que se provassem inocentes, e mesmo assim isso não seria suficiente.

Paige começou a ser assediada por equipes da imprensa e "cidadãos preocupados" no estacionamento depois da aula. A escola teve que contratar seguranças externos para mantê-los fora da propriedade. Uma campanha foi organizada para que Zack fosse expulso. Jodi suspeitava de que a única coisa que o mantinha na escola eram as doações anuais de Greg e Charity Thrasher. Lucy estava saindo do carro na frente de casa um dia quando alguém passou de carro e jogou uma garrafa de vidro nela.

– Gostou? – perguntou o sujeito, depois que o vidro se estilhaçou aos pés dela.

As bolsas de polo aquático de Julian foram suspensas, e quase todas as faculdades da Costa Leste cancelaram sua admissão.

No aniversário de 18 anos de Jodi, eles fizeram uma reuniãozinha na casa de Zack. Quando ela chegou, ficou pensando por que Paige e Julian ainda não estavam lá.

– Esses aqui são da Paige – disse Lucy, abrindo um sorriso radiante ao carregar um pote cheio de cupcakes caseiros.

Jodi piscou para ela, confusa.

– Ah. Será que ela…?

– Ela quer que a gente faça uma chamada pelo FaceTime. – O sorriso de Lucy vacilou. – Ela não teve um bom dia.

O estômago de Jodi ficou embrulhado.

– O que foi que aconteceu?

Lucy olhou para Zack, que estava na sala, procurando algo para assistir na

Netflix. Zack olhou para ela e desviou o rosto.

– O que foi que aconteceu? – repetiu Jodi.

Lucy respirou fundo para se fortalecer.

– Todos nós recebemos mensagens hoje. Sobre o seu aniversário.

Jodi pegou o celular por reflexo.

– O que diziam?

– Várias coisas – respondeu Lucy. – A minha perguntava onde era a festa. Paige recebeu links de presentes pra você. Zack recebeu umas informações esquisitas sobre uma peça em São Francisco e, logo depois, o link para ingressos na primeira fila.

Jodi sentiu o sangue se esvair do rosto. Oliver tinha contado a ela sobre um musical em São Francisco no mês seguinte. Dissera que a produção estava usando no cenário uma recriação pintada à mão de *Uma tarde de domingo na ilha de Grande Jatte*, de Georges Seurat, em vez de uma tela impressa, e que ela devia ir assistir. Jodi tinha procurado ingressos dois dias antes, buscando códigos de cupons e descontos antes de finalmente resolver que não poderia ir.

– Então a Paige disse que não queria arriscar – concluiu Lucy.

– Que número era? – perguntou Jodi, com a garganta seca e chiando.

Enquanto Lucy lia, Jodi deu outra olhada no número desconhecido que tinha enviado uma mensagem de texto com um "feliz aniversário" mais cedo naquele mesmo dia. Não pensara nada, achando que era alguém que conhecia de vista e cujo número não tinha salvado nos contatos. Mas era o mesmo número.

Ela olhou pela janela, pensando se a pessoa que enviara aquelas mensagens tinha ouvido Oliver…

– Ei – disse Zack, aparecendo na frente dela. Ele massageou o braço dela. – Tá tudo bem. A gente pode esquecer isso por uma noite. É seu aniversário, Jo.

Zack pegou uma língua de sogra e soprou a ponta do papel no rosto dela até que Jodi abriu um sorriso fraco.

Jodi assistiu ao filme, tentando descobrir a melhor maneira de perguntar a Oliver se ele sabia quem estava assediando os Thrashers com mensagens de texto sem acusá-lo.

Quando Julian chegou, bem mais atrasado do que seria considerado elegante, e se sentou ao lado dela no sofá, Jodi perguntou:

– Você também recebeu uma mensagem de uma garota morta hoje?

– Aham. – Ele jogou pipoca na boca. Ela observou a língua dele lamber o sal nos lábios. – Mas ela queria fotos de pau. Esquisito.

Jodi bufou e deu um tranquinho no ombro dele.

– Quer dizer, eu fui *obrigado* – prosseguiu Julian, brincalhão. – Ela falou que eram pra você, mas não sei se ela vai compartilhar.

Jodi mordeu o lábio para conter o sorriso.

– Você acha que eu quero fotos do seu pau no meu aniversário?

Ele inclinou a cabeça para ela.

– Dillon – disse ele, com toda a sinceridade. – Claro que você quer. Todo mundo quer.

Jodi revirou os olhos, sentindo as bochechas ficarem quentes. Quando voltaram a prestar atenção na TV, Jodi viu Lucy observando-os com uma sobrancelha erguida e um sorrisinho.

Jodi desviou o olhar bem depressa, e Lucy voltou a olhar para a TV.



A promotoria enfim marcou o depoimento de Jodi em março.

Depois da aula, ela pegou o ônibus para o fórum e foi levada para a mesma sala. Ela se sentou em uma cadeira desconfortável e encarou Buechler, Yang e a detetive Harding, só que dessa vez não estava acompanhada por um advogado.

– Srta. Dillon – disse Buechler, sem muito alarde. – Sabia que Julian Hollister enviou uma mensagem para Emily Mills no dia em que ela morreu?

– Fui informada disso na última vez que falei com a polícia – respondeu Jodi. – Mas, não, antes eu não sabia.

– A senhorita sabe o que ele mandou para ela?

– Tudo que eu sei é o que os senhores me contaram. Uma mensagem e um link. Não sei o que havia em nenhum dos dois.

Somente Yang pareceu decepcionado. Os outros tinham treinado as expressões.

– Quem é Oliver Burns? – perguntou Buechler.

Jodi o encarou, fechando a boca após o queixo cair.

– Ele estuda comigo e é meu vizinho de porta.

– A senhorita já o considerou um amigo?

– Já – respondeu ela lentamente, tentando entender aonde eles queriam chegar com aquela pergunta. Será que Oliver tinha decidido prestar queixa contra Julian, no fim das contas? – Éramos muito chegados no ensino fundamental, e há pouco tempo ficamos próximos de novo.

– O que explica essa lacuna? – Buechler deu de ombros, bem de leve.

– O ensino médio. Acho que começamos a frequentar círculos diferentes de

amizade.

– E o seu círculo eram os Thrashers.

Jodi não respondeu, já que ele não tinha formulado uma pergunta.

– Por que Oliver não conseguiu se enturmar com os Thrashers?

– Não conseguiu? – repetiu ela. – Acho que ele não *quis*. Como já falei, a gente seguiu por caminhos diferentes.

Harding riscou algo em suas anotações, e Jodi se arrependeu de não ter chamado Miranda para aquilo. Ela tinha 18 anos e não estava sendo acusada de nada, por isso pensou que não precisava de um advogado. Talvez estivesse enganada.

– Acha mesmo que há algum adolescente na New Helvetia que não gostaria de ser um Thrasher? – insistiu Buechler.

Jodi estreitou os olhos.

– Não é um clubinho. Eu já falei, é um grupo de amigos. Ninguém recebe convite nem indicação, como se fosse uma sociedade secreta. Nós cinco somos amigos.

– Mas você era amiga de Oliver Burns. Por que ele não continuou seu amigo depois que você se tornou uma Thrasher?

– Eu acho que os senhores estão distorcendo as coisas pra se encaixar na sua narrativa, quando eu já falei que a resposta é simples: amigos se afastam – retrucou ela, irritada, tensionando o queixo.

Buechler teve a arrogância de sorrir para ela.

– Zackary Thrasher já falou para a senhorita não sair com Oliver Burns?

– Não – respondeu ela depressa.

– E Julian Hollister?

– Não.

– E Lucy R…

– Não, e não.

Os lábios dele se contraíram outra vez, e ele colocou os dois cotovelos na mesa e nivelou o olhar com o dela.

– Oliver Burns nos contou que Zackary Thrasher e Julian Hollister o impediram especificamente de falar com a senhorita no primeiro ano. Que Lucy Reed não o convidou para uma festa na piscina depois de comentar o assunto na frente dele. Que Paige Montgomery pediu a ele para arrumar o cabelo dela no baile de boas-vindas do primeiro ano e depois nunca deu crédito a ele por isso nem falou com ele no baile.

As pontas dos dedos de Jodi estavam formigando. Ela nunca tinha ouvido

nada daquilo.

– Que você, Jodi – disse Buechler –, parou de falar com ele após o primeiro semestre do primeiro ano.

O peito dela estava apertado, o ar rarefeito. Eles pararam de se falar, mas tinha sido mútuo. Não era como se ela tivesse decidido fazer isso.

– Oliver Burns afirma que ele foi a primeira pessoa na Escola de Ensino Médio New Helvetia a receber o "Tratamento Thrasher".

– Não é verdade – retrucou ela. – Ele pode ter achado isso, mas nós *nunca* decidimos excluí-lo. Nunca fizemos ninguém sentir que tinha sofrido o… "Tratamento Thrasher" de propósito.

As palavras pareciam pesadas na língua. Ela se remexeu na cadeira, sentindo uma sensação repugnante dentro de si.

– Quer dizer que você não tinha conhecimento de nada disso? – Harding falou pela primeira vez. – Você não sabia que os seus amigos estavam tentando se livrar de Oliver Burns?

– Não foi isso que aconteceu. Acabei de falar que não foi de propósito.

A pele de Jodi estava formigando, e parecia que as paredes estavam mais próximas do que antes.

Harding e Buechler a encararam, como se estivessem esperando. Como ela não disse mais nada, Buechler gesticulou para Harding. A detetive folheou a papelada e leu algo brevemente.

– A morte de Emily a afetou em particular por causa da maneira como a sua mãe morreu? – perguntou ela, erguendo os olhos das anotações e apertando a ponta da caneta.

Os pulmões de Jodi se fecharam.

– Como?

– Você foi mais afetada pelo suicídio de Emily por causa da sua mãe?

– O que é que a minha mãe tem a ver com a Emily?

Harding olhou para ela, piscando, como se estivesse genuinamente surpresa. Jodi sentiu que havia algo que não estava entendendo.

– Elas morreram de um jeito bem parecido. Só estou perguntando se você foi afetada por isso em particular – explicou Harding.

Jodi a encarou. *De um jeito bem parecido*. Ela não entendia…

– Porque a sua mãe se suicidou – prosseguiu Harding, com a fala branda.

As veias de Jodi pareciam sólidas. A visão ficou turva e voltou.

– A minha mãe se afogou.

Yang ergueu os olhos. Harding ficou imóvel. Buechler pigarreou.

– Certo – disse ele, alongando a primeira vogal –, mas foi depois de uma overdose. Na banheira.

– Não foi uma overdose – retrucou Jodi. – Ela… ela tomou analgésicos para dor nas costas… Tinha sofrido um acidente de carro um mês antes… – Ela conhecia aquela história como a palma da mão. – A minha mãe tomou uma taça de vinho pra relaxar na banheira e dormiu sem querer, daí ela afundou. E se afogou.

O clique de uma caneta. Seis olhos se fixando nela como agulhas sob a pele.

– A causa da morte foi afogamento, sim. – A detetive Harding assentiu e virou as páginas do arquivo. – Você não consegue se lembrar, é claro, mas deve ter sido muito traumático saber disso depois de mais velha. – Os olhos de Harding se fixaram nos dela. – Alguém contou que você estava na banheira com ela?

– Sim. – A voz de Jodi era um fiozinho do outro lado da mesa.

– E o seu pai… arrombou a porta quando ouviu você chorando e se debatendo na água…

– Eu sei a história.

O pulso de Jodi estava disparado.

– Porque ela trancou a porta – finalizou Harding, com a voz branda.

Havia algo em seu olhar sob a franja escura. Pena e condescendência, como se estivesse explicando algo para Jodi.

– A minha mãe se afogou. Foi um *acidente*.

– Você chegou a contar para Emily como a sua mãe morreu?

Jodi não conseguia respirar.

O couro na cadeira embaixo dela estava grudento e suado, igual ao assento do ônibus.

Os olhos frios de Harding buscavam algo dentro dela, como outros olhos azul-celeste costumavam fazer.

Eu vou te proteger.

– Contei, sim. Foi uma das coisas que ela acabou me forçando a contar a meu respeito. Ela era boa nisso.

– Foi o que você disse. – Buechler se acomodou mais à frente. – Emily sabia que a sua mãe se matou?

– Ela não…

– Você contou os detalhes pra ela? Comprimidos. Vinho. Banheira.

– Contei. Ela arrancou isso de mim.

– Emily chegou a mostrar algum… interesse exagerado em como a sua mãe

morreu?

Jodi estreitou os olhos.

– Exagerado.

– Ela pediu pra você repetir a história, pediu mais detalhes, mencionou isso com frequência?

– Não. – Ela balançou a cabeça. – Eu só contei isso pra ela uma vez, e depois disse que não queria mais falar do assunto.

– E uma última pergunta, Srta. Dillon – disse Buechler. – Julian Hollister, Paige Montgomery, Lucy Reed ou Zackary Thrasher estão a par dos detalhes da morte da sua mãe? Os comprimidos, a banheira. Eles poderiam ter encorajado Emily a reproduzir a cena?

– Não. Eles não sabem os detalhes. Nenhum deles. – Ela se forçou a falar, detestando se sentir tão diminuída por essas palavras.

Harding apertou a caneta para fechá-la, como se batesse um martelo em um prego teimoso.

Jodi ficou de pé, sentindo os joelhos trêmulos, e pegou a bolsa. De alguma forma, seguiu pelo corredor, contornou o balcão da recepção e saiu para a luz do sol. Começou a andar, sem saber para que lado ficava o ponto de ônibus.

Porque a sua mãe se suicidou.

Ela se sentiu burra. Quantas vezes tinha pensado na morte da mãe, quantas vezes pedira a Rosa para lhe contar a história… e nunca lhe ocorrera por que a porta do banheiro estava trancada.

Os pés de Jodi pararam. O estômago dela revirou, e ela engoliu a bile.

Se a mãe dela queria morrer, por que Jodi estava na banheira?

Uma mensagem atraiu sua atenção. Era de Julian.

estacionei na esquina, se quiser uma carona. a turma tá no parque chavez

Ela secou os olhos. Eles queriam informações. É claro que queriam. Trinta minutos antes, ela teria querido dar informações a eles. Mas, naquele momento…

Ela seguiu o quarteirão até que uma caminhonete preta apareceu na rua.

– Como foi? – perguntou ele assim que ela fechou a porta.

Ela hesitou ao colocar o cinto de segurança.

– Tudo bem. Eles ainda não sabem o que você mandou pra ela.

Ele a encarou por muito tempo, sem dar a partida na caminhonete, e ela perguntou:

– Parque Cesar Chavez?

– O que foi que eles te falaram? Por que você tá assim?

– Vamos pro parque – disse ela. – Pra eu não ter que ficar me repetindo.

O Parque Cesar Chavez tinha um cantinho seguro para isso, ao lado dos ambulantes que vendiam seus produtos para os trabalhadores do centro da cidade. Foi ali que encontraram o restante do grupo – incluindo Kiera, e Jodi ficou irritada ao descobrir isso.

– Oi! – exclamou Zack. – Como foi?

Jodi tentou sorrir.

– Foi normal. – As mãos dela tremiam enquanto afastava o cabelo do rosto. Os olhos se fixaram em Kiera, que não tinha nada que escutar o que acontecera no depoimento. – Não tenho nada novo pra contar.

Lucy abriu a boca para perguntar mais, mas Julian a interrompeu.

– Vamos comprar comida. A gente pode conversar sobre isso comendo uns hambúrgueres.

A conversa parecia entrar por um ouvido de Jodi e sair pelo outro enquanto eles discutiam aonde ir. Ela não queria mais falar sobre o depoimento. Não queria contar para eles que Emily tinha morrido do mesmo jeito que sua mãe.

Jodi sentia como se tivesse perdido a sensibilidade nas pernas enquanto caminhava com eles em direção aos carros.

– Opa – disse Lucy, forçando o grupo parar. – Vamos fazer um carro com um grupo só de meninas.

Ela empurrou Zack na direção da caminhonete de Julian, afastando-o do banco da frente do Camry de Kiera para o qual ele estava indo. Lucy deu uma piscadela cheia de malícia para Jodi, que foi para o assento atrás de Lucy enquanto Paige divagava sobre o conselho estudantil ao seu lado. Ela observou Kiera olhar três vezes pelos retrovisores.

– A Lucy teve que fazer a baliza pra mim – comentou ela, com uma voz alegre. Jodi demorou alguns segundos para se dar conta de que Kiera estava falando com ela. – Esse é só o meu carro de treino. O meu pai vai comprar um novo pra mim de aniversário.

Jodi olhou para o carro. Estava ótimo, apesar de ter travas e janelas manuais. Em meio àquela névoa, ela percebeu que Kiera queria garantir que todos soubessem que ela era rica. Ela era "um deles".

Elas partiram em seguida, com a caminhonete de Julian logo atrás enquanto iam para a ponte na J Street. Jodi não conseguia se concentrar na conversa. Só conseguia se concentrar em manter a compostura.

Alguém contou que você estava na banheira com ela?

Se a mãe dela tivesse se matado, Rosa teria dito alguma coisa. Ela reclamava o tempo todo do pai de Jodi. Teria surgido alguma coisa.

Jodi listou os insultos ao longo dos anos, lembrando alguns momentos de *Não a julgue por querer uma saída* ou *Escolhas burras, aquela garota sempre fez escolhas burras* ou *Sua mãe era egoísta. Maravilhosa, mas egoísta*.

A construção da ponte sobre o rio finalmente terminara; da noite para o dia, ao que parecia. As placas laranja tinham sido retiradas, e ambas as pistas enfim estavam liberadas.

Jodi olhou pela janela à direita enquanto Lucy aumentava o som; estava tocando Rihanna. Kiera cantava junto, gritando as palavras e fazendo Paige rir. Kiera, a herdeira de cabelo castanho e cinturinha fina. Mais Thrasher do que Jodi jamais seria.

Por que a senhorita acha que são amigos?, perguntara Harding. *O que a senhorita acha que acrescenta à dinâmica deles?*

Talvez ela devesse deixar Kiera ficar com eles.

Jodi piscou devagar, sentindo uma fisgada entre os olhos.

Talvez ela sempre estivesse destinada a sofrer o Tratamento Thrasher no fim das contas. Ela era o projeto final. A estratégia de longo prazo.

– Você tá bem, gata? – perguntou Kiera.

Os olhos dela estavam fixos em Jodi pelo retrovisor. Verdes. Lindos. Já chamando ela de *gata*, como Paige fazia.

Jodi assentiu e respirou fundo, pronta para deixar para lá. O olhar dela recaiu nos postes ao longo da ponte. Já estavam piscando e acendendo, apesar de faltarem algumas horas para o pôr do sol.

Kiera ofegou.

O carro desviou para a esquerda, na direção do tráfego do sentido oposto. Paige deu um grito enquanto Kiera dava uma guinada brusca.

Jodi estendeu as mãos rapidamente, se apoiando no encosto do assento de Lucy e na janela enquanto o som do aço rangendo a atravessava e atingia em cheio.

O carro estava voando, e o som de quatro garotas gritando penetrou seus tímpanos conforme caíam. Ela viu o céu pela janela, e depois o carro caiu na água.

Capítulo 23

A água batia nas janelas. Jodi estava sentada olhando para a frente, sentindo o cinto de segurança forçar o pescoço, respirando com dificuldade.

Elas estavam dentro do rio.

Iam se afogar. Emily ia vencer.

– Cala a boca, porra! – gritou Lucy, e só então Jodi percebeu que Paige ainda estava berrando.

Ela piscou algumas vezes para afastar o medo e viu Lucy se desvencilhando do airbag.

– A gente tem que… a gente tem que sair! – gritava Paige. – A gente tem que abrir as portas…

– Não! – Lucy se virou, estendendo a mão para o joelho de Paige enquanto segurava a maçaneta da porta. – Espera. A gente tem que… a gente tem que fazer isso ao mesmo tempo.

– A água pode empurrar a gente, afastar a gente das portas – disse Jodi, e a voz soava vazia nos próprios ouvidos. – A gente devia usar o cinto de segurança.

Só então ela ergueu os olhos e viu Lucy pressionando os dedos no pescoço de Kiera, com a palma da mão sob o nariz dela. Kiera estava caída para a frente no banco do motorista, com a cabeça apoiada no volante e o sangue escorrendo até os joelhos. Lucy a sacudiu de leve. Ela não se mexeu.

– Ela tá morta? Ela tá morta, cacete? – perguntou Paige, sem fôlego.

– Ela tá respirando – disse Lucy, mas não parecia confiante.

Jodi olhou pela janela. Uma linha parecida com a do horizonte dividia a vista da água para o céu.

– A gente tem que esperar – sussurrou Lucy. – A gente tem que submergir.

Jodi achava que aquilo não estava certo.

– A gente não pode esperar! A gente tem que sair! Não dá para simplesmente ficar paradas aqui!

– Paige, esse rio não é fundo. Tá tudo bem. A gente só… a gente só precisa esperar o carro ficar por baixo…

– De que porra você tá falando? Eu não posso esperar! Não posso ficar aqui parada! Né, Jodi?

Paige virou os olhos desvairados para Jodi, que viu a mancha vermelha de sangue na janela de Paige e o sangue manchando os cabelos louros de rosa. Jodi se virou para Lucy e viu que ela também tinha notado isso.

– Paige, vai ficar tudo bem – insistiu Lucy. – Eu vou cuidar de você. Eu sempre cuido.

Paige pareceu se acalmar.

O céu estava ficando mais escuro. Jodi observou o sol desaparecer na água.

Água.

Afogando.

A água chegou no topo da janela, e então só havia bolhas.

– Tá, me escutem. Verifiquem se os cintos de segurança não estão travados. – Lucy soltou o cinto e depois voltou a prendê-lo. Paige fez isso três vezes. – Tá vendo a minha bolsa aí atrás, Jodi?

Jodi olhou para o chão. Celulares, carteiras, notas fiscais, batons. Ela não conseguia nem separar o que era dela ali.

– Eu preciso da minha bolsa – repetiu Lucy.

– Você não precisa dela. A gente tem que sair. A gente só precisa sair…

– Preciso da minha bombinha, a menos que uma de vocês vá carregar o corpo dela. – A voz de Lucy embargou na última palavra, e Jodi a ouviu engasgar.

Paige se abaixou e procurou entre as coisas no chão. Os reflexos dela estavam estranhos, tentando pegar as coisas duas vezes, e os dedos só conseguiram segurar os zíperes na terceira tentativa. Tinha sofrido uma concussão.

Jodi olhou para a parte de trás do assento de Lucy, ignorando a água cinza à sua direita. Uma delas não conseguia respirar, a outra não conseguia pensar, e ela não sabia nadar.

O som do sopro da bombinha invadiu os pensamentos de Jodi. Enquanto borrifava remédio nos pulmões, Lucy estendeu a mão e verificou se o cinto de segurança de Kiera estava travado. Ela soltou o ar e disse:

– Tá, vamos abrir as janelas. Respirem bem fundo no último instante e, em seguida, soltem o cinto e nadem pra cima.

Jodi encarou o sangue no joelho de Kiera. Lucy tinha falado a palavra *corpo*.

– Jodi!

Ela se virou depressa e viu o olhar determinado de Lucy.

– Abre a janela até o fim. Não para. Depois, é só bater os pés. Vai na direção do sol, tá?

Jodi a encarou. Paige estava hiperventilando de novo, mas Lucy a observava como se tivesse acabado de se lembrar por que Jodi nunca entrava na piscina.

Fazendo que sim com a cabeça, Jodi segurou a manivela manual da janela. Jodi ficou pensando que, se Kiera estivesse consciente ou se Paige estivesse no controle de si mesma, talvez pudesse pedir para ser carregada. Talvez Lucy pudesse ter ido para o banco de trás e a ajudado a passar pela janela primeiro.

Mas talvez não. Talvez fosse pedir demais.

– Um, dois, três!

Paige gritou. Jodi empurrou a alavanca para baixo e a frestinha que mal tinha aberto estourou com a água como uma represa. Ela perdeu o ar quando a água a atingiu no rosto, encharcando o banco de trás. Não conseguia respirar.

Fraca, ela abriu a janela até o final. A água estava espirrando na cintura delas. Um celular flutuou.

E, em questão de segundos, a água estava no pescoço dela como se fosse uma coleira pesada, apertando. Jodi estava engasgando, cuspindo.

A última coisa que viu antes de fechar os olhos com força foram os dedos de Lucy segurando a cabeça de Kiera acima da água. Jodi respirou fundo.

Havia um eco oco do mundo nos seus ouvidos. Ela sentiu os braços flutuando. Os lábios se fecharam com força, segurando o último suspiro de ar dentro dela.

Os olhos se abriram para um mundo cinza difuso bem parecido com o dela. A parte de trás do assento de Lucy. Dois corpos se agitando perto do lado do passageiro.

Jodi se virou para procurar o cinto de segurança, e uma dor lancinante atingiu sua mandíbula. Bolhas escaparam de seus lábios enquanto ela piscava, vendo os sapatos de Paige a centímetros do próprio rosto enquanto ela batia os pés para sair pela janela.

Paige a tinha chutado. E Jodi perdera o ar. Perdera tempo.

Lucy tinha saído, estendendo a mão para dentro em busca do braço de Kiera.

Ela observou o corpo ser puxado para fora, como uma boneca deslizando pela terra e pela grama enquanto era arrastada por uma criança.

E Jodi ficou sozinha.

Ela olhou para a esquerda e para a direita. A janela dela estava pela metade. Ela empurrou a manivela, girando-a cada vez mais para baixo.

Eu não posso morrer. Não posso me afogar como a minha mãe.

Os pensamentos chegavam furiosos na cabeça dela enquanto o braço fazia força contra a água para abrir a janela.

Deve ter sido muito traumático… Alguém contou que você estava na banheira com ela?

Mas talvez fosse isso que ela queria. Se a polícia tinha razão… Se a mãe dela queria se matar naquele dia…

Por que Jodi estava na banheira?

Ela observou o cabelo flutuar para a frente em torno do rosto.

Talvez não fosse para ela sobreviver. Ela não sabia nadar. Talvez devesse ter morrido dezesseis anos antes, e agora a morte tinha aparecido para cobrar.

Era silencioso debaixo d'água. A cabeça dela estava ficando confusa. Precisaria respirar em breve, mas não havia nada a fazer.

Ela tentou se virar para a janela aberta, mas seu corpo estava pesado e foi forçado a voltar para o assento.

Como se alguém a estivesse empurrando para baixo.

Jodi se virou para a esquerda.

Os olhos estavam embaçados e a cabeça girava, mas havia algo ali. Uma pessoa sentada ali. Cabelo louro, olhos azuis e dentes espaçados sorrindo para ela.

Emily estendeu a mão. Jodi olhou para as unhas dela, pintadas de laranja.

Talvez houvesse um lugar ao qual ela pertencesse. E talvez ela não precisasse se esforçar para chegar lá.

Ela segurou a mão de Emily, entrelaçou os dedos nos dela e fechou os olhos.

Capítulo 24

A luz invadiu as pupilas dela. Jodi tossiu, puxando o ar. Bendito ar.

Ela escutou aquele som como se estivesse dentro de uma garrafa, ouvindo-o ricochetear. Piscando por causa da luz laranja que incidia em seus olhos, a primeira coisa que sentiu foi dor no peito.

– Ah, sua piranha desgraçada.

Jodi ofegou.

O cabelo molhado de Julian Hollister pingava no rosto dela. Dava a impressão de que ele queria matá-la.

Já estou morta.

Ele desapareceu em um acesso de raiva, falando vários palavrões enquanto um cabelo louro e molhado batia nas bochechas dela.

– Julian, não! Meu Deus! – Paige passou os dedos nas bochechas de Jodi. – Jodi, gata. Respira.

– Todo mundo saiu? – berrou um homem desconhecido, de longe.

– Sim! – respondeu Paige. – Nós quatro.

– Ela tá respirando? – perguntou o homem.

Jodi olhou para o sol poente. Laranja, rosa e fúcsia. Sim, ela supunha que estava respirando.

Mas Paige não respondeu.

Jodi virou a cabeça para a direita, na direção de onde se ouvia uma contagem suave, pontuada por pancadas. Ela olhou por entre os cílios molhados enquanto Zack bombeava o peito de Kiera, se inclinando para soprar na boca da garota.

Kiera tossiu.

Paige saiu de perto dela. Jodi virou a cabeça em direção às nuvens cor-de-rosa, deitada sozinha na margem rochosa do rio.

– Julian! – chamou Lucy, como se ele estivesse longe.

Jodi ouviu Kiera respirar, sentindo o próprio peito doer e chiar.

– Onde ela tá? – perguntou a voz rouca de Kiera.

Jodi inclinou a cabeça para a direita. Kiera estava sentada, olhando para a

água. Os olhos dela estavam vidrados.

As sirenes ecoavam.

– A Jodi tá bem aqui – respondeu Paige.

– Cadê a Emily? – perguntou Kiera, ofegante. – Eu atropelei ela. Eu atropelei ela com o carro. Ela tava no meio da estrada, e eu atropelei ela.

Jodi ouviu o barulho de botas no cascalho e se virou para ver os socorristas chegando, carregando macas pela margem do rio.

– Cadê a Emily? – repetiu ela.

A dor no peito de Jodi estava muito forte. Quando as botas a alcançaram, ela fechou os olhos, feliz por desmaiar de novo em vez de ouvir a resposta.



Jodi acordou e viu o conhecido teto de gotelé do Hospital Mercy. Um monitor apitava à esquerda, e as enfermeiras conversavam logo atrás das cortinas.

Ela tentou se sentar, e uma dor lancinante atravessou o seu peito. Estremecendo, ajeitou-se nos travesseiros.

– Ei, ei. Calma aí. – Lucy surgiu ao lado dela, guiando-a. – Você quebrou a costela durante a ressuscitação cardiopulmonar.

Jodi fechou os olhos com força.

– Agora essa queimação gostosinha no meu peito faz sentido.

– O médico deve te contar, mas não tem gesso nem nada. Dói pra caramba, mas cura sozinho em quatro a seis semanas.

Ela assentiu.

– Deram uma olhada na cabeça da Paige? Ela sofreu uma concussão…

– Pois é, eles estão com ela. Ela tá no final do corredor. Nossa terceira concussão esse ano, contando todo mundo do grupo.

– A gente devia tentar quebrar o recorde. – Jodi deu uma olhada no horário no monitor: 8h12. – Cadê o Zack?

– Ele tá… de olho na Kiera.

Jodi sabia que devia se interessar pelo estado de saúde dela, mas tudo que sentiu foi a raiva e o ciúme arderem, cada vez mais fortes, percorrendo seu corpo. Duas garotas quase tinham se afogado naquele dia, e ele escolheu qual cabeceira velar.

– O Julian sumiu – disse Lucy. – Assim que a ambulância partiu, ele entrou na caminhonete e foi embora.

Jodi bufou, e o peito se contraiu em resposta.

– Imaginei.

– Tem alguma coisa rolando entre vocês dois?

Jodi virou a cabeça e viu Lucy observando-a com um sorriso tímido nos lábios.

– Que dois?

– Vocês dois. Você e o Julian.

Jodi olhou para ela, aturdida.

– Desculpa, qual é a pergunta?

Lucy abriu um sorriso aos poucos.

– Ele tava *muito* preocupado com você.

– É, ele me chamou de "piranha desgraçada" quando eu acordei.

Recostando-se na cadeira, Lucy respirou fundo e cruzou as pernas.

– Ele entrou atrás de mim no rio. Eu tava me mantendo na água, tentando deixar a cabeça da Kiera pra fora e nadar até a margem, e ele perguntou: "Cadê a Jodi?"

Um arrepio percorreu os ombros de Jodi. Ela tentou não encarar o olhar profundo de Lucy, mas não conseguiu.

– Eu tentei entregar a Kiera pra ele, mas ele simplesmente nadou até você. Não deixou mais ninguém fazer a ressuscitação cardiopulmonar em você na margem do rio.

– Ele sabe que eu não sei nadar – disse ela depressa. – Deve ser por isso.

Lucy assentiu devagar, mal aceitando a desculpa.

– Bem, vou tentar achar o Julian. Vou falar que ele quebrou a sua costela, mas que tá tudo bem com você.

– É, tá. Quer dizer, se você quiser… – Ansiosa para mudar de assunto, ela perguntou: – E o meu pai?

– Eles ligaram pra ele. O Zack fez questão de pedir pra eles ligarem pra Rosa também.

– Ela vai acabar me forçando a morar aqui.

– É, a gente precisa acabar com essa coisa de se machucar.

Jodi hesitou.

– Fala isso pra Emily.

Os olhos de Lucy se voltaram depressa para ela.

– Você viu alguém na estrada? – perguntou Jodi.

– Não. Nada. De repente, a Kiera começou a frear e desviar. Mas não tinha ninguém lá.

Alguém afastou a cortina, e Zack apareceu.

– Oi, Jo – disse ele, fazendo uma careta.

Lucy se levantou.

– Vou dar uma olhada na Paige.

– Tá, tudo bem. – Zack apontou o polegar na direção do corredor. – Acabaram de me falar que ela logo vai ter alta.

Jodi baixou os olhos para os lençóis brancos engomados. Três garotas no hospital, e Jodi era a última da lista.

Lucy deixou a cortina se fechar, e Zack ocupou o lugar dela na cadeira.

– Você tá bem?

– Excelente. E a Kiera?

Ela ficou orgulhosa de si mesma por controlar a voz.

Zack passou a mão pelo cabelo.

– Ela tá fisicamente bem. Mas ela… ela tá muito assustada porque acha que viu a Emily naquela ponte.

Jodi assentiu, amassando os lençóis entre os dedos.

Zack ficou ali com ela enquanto o médico fazia a visita e falava da alta. Quando ele foi embora, Zack pegou o celular.

– Vou mandar uma mensagem pro Julian, pra avisar que você tá bem.

O olho de Jodi teve um espasmo.

– Aham, tá bom.

Zack balançou a cabeça enquanto mexia os polegares.

– Nunca vi ninguém se mexer com aquela rapidez. Ele teve que parar a caminhonete, estacionar, e mesmo assim conseguiu chegar na margem do rio antes de mim. Fico feliz que vocês dois finalmente estejam se dando bem.

– Quem disse que a gente tá se dando bem? – Havia uma tensão na voz dela que não a agradava. – Ele só deve ter entrado no modo salva-vidas.

Zack dispensou o assunto dando de ombros.

Jodi sentiu a irritação revirando no peito, fervilhando ao lado da costela quebrada. Ela culpou os analgésicos por soltarem sua língua.

– Por que a Kiera tava lá hoje, Zack?

Ele fitou Jodi com olhos curiosos e vulneráveis.

– O que você quer dizer?

– Quer dizer: por que você chamou ela pra sair enquanto eu tava dando meu depoimento? – Ela lançou um olhar duro para Zack. – Por que ela tinha que fazer parte disso hoje? Você achou mesmo que eu ia me sentar numa mesa na lanchonete e contar pra todos vocês o que aconteceu no tribunal enquanto a Kiera tava lá?

O olhar de Zack passou por ela. Ele parecia estar com dificuldade para falar, abrindo e fechando a boca.

– Eu não… acho que eu não entendi qual é o problema.

Jodi ergueu as sobrancelhas até elas quase alcançarem a linha do cabelo.

– Não entendeu?

– Não. – Ele esfregou a nuca. – Ela é legal, Jodi. Tipo, ela não vai contar pra ninguém nada do que a gente falou.

– Por quanto tempo?

– Quê?

– Por quanto tempo ela vai guardar todos os nossos segredos, Zack? – A voz de Jodi estava implacável. – Enquanto você estiver dando em cima dela? Enquanto ela estiver saindo com os Thrashers? Pelo menos até o baile, tenho certeza, desde que você leve ela. – Ela sentiu o rosto esquentar. Zack franziu a testa para ela. – O que você acha que vai acontecer quando você se cansar dela? Ela ainda vai guardar esses segredos confidenciais e *jurídicos*?

Zack se recostou na cadeira, a boca formando uma linha fina.

– Você tá começando a falar como os outros. Julian, Lucy e Paige. Você era a única que não pensava o pior das pessoas.

– Ah, eu sempre pensei. Só ficava com muito medo de te contar a verdade – disse Jodi. Ela sentiu as palavras jorrando como água. – Com muito medo de sofrer o Tratamento Thrasher se dissesse algo que te desagradasse.

Ele a encarou com confusão e uma leve decepção, as duas emoções em conflito na expressão. Com um suspiro vindo do fundo da garganta, ele ergueu as mãos para esfregar os olhos.

– Do que você tá falando? Por que você tá usando essa expressão?

– Porque você é quem manda, Zack – retrucou ela. O coração de Jodi estava na garganta. – Você quis que o Julian fosse na *nossa* viagem pro parque de diversões na oitava série, e ele foi. Você quis que a Paige e a Lucy começassem a fazer tudo com a gente, e agora elas fazem. Eu não pedi pra essas pessoas serem as minhas amizades mais próximas, mas agora elas são. Eu não tenho nada em comum com essas pessoas, a não ser o fato de que todos nós queremos ficar perto de você.

– E daí? O que é que tem? – rebateu ele bruscamente. – Vocês todos ficam com ciúme quando eu tento apresentar alguém novo? É isso? – Ele se sentou na beirada da cadeira, os olhos quase implorando para ela. – Não sou *eu* quem decide quando alguém vai passar pelo Tratamento Thrasher. São vocês. São vocês que me dizem quando alguém não presta ou quando a pessoa irrita vocês

ou quando não a querem nas suas festas.

Jodi balançou a cabeça, frustrada, desviando o olhar do dele.

– Tá. Tudo bem, se você acha que é verdade. Só, por favor, *para* de tratar a Kiera como alguém que vai ficar aqui por muito tempo. Você não faz ideia se ela vai ficar. E você é burro se acha que a gente pode falar dos processos com alguém que você conhece há cinco minutos.

Jodi sentiu o calor nas bochechas e nos lábios, a raiva ardente e o constrangimento aumentando.

Zack respirou fundo.

– Tá – respondeu ele, e parecia resignado. – Tudo bem. Acho que não vai ser um problema. Ela disse que não quer mais andar com a gente, depois do que aconteceu hoje. E depois do jardim de rosas.

– Bem, eu sinto muito por ouvir isso – retrucou Jodi, azeda, apertando bem os lábios.

Um sopro de ar saiu da boca de Zack, e ela olhou para ele e viu que ele estava rindo.

– Não sente, não.

Ela sorriu.

– Não sinto mesmo.

Ele riu outra vez.

– Zack, ela não tinha uma personalidade que se destacasse. Tipo… como assim, sabe?

– Tinha, sim!

– "Rica, bonita e obcecada por você" não é uma personalidade – disse Jodi, rindo também.

– Tá de zoeira? É o meu tipo preferido de pessoa – brincou Zack.

Jodi bateu nele com o travesseiro murcho do hospital.



O problema de jogar o carro de uma ponte é que a pessoa fica grata por estar viva, mas todo o resto fica cem vezes mais difícil.

Jodi tinha perdido o celular. Estava no fundo do rio American, junto da carteira. Uma equipe seria enviada para tirar o carro, mas a prioridade não era recuperar os pertences de ninguém.

A costela quebrada doía demais. Rosa manteve Jodi em casa, sem ir para a escola, durante a primeira semana de recuperação, e, por mais que ela

implorasse, a tia não permitiu que ela fosse ao laboratório de teatro para dar uma olhada no cenário. O laboratório de teatro era o único lugar em que Jodi sentia que tinha algum controle sobre qualquer coisa na vida. Tinha *criado* coisas lá, e era uma tortura ficar na cama enquanto Oliver mantinha os calouros longe de seu cenário inacabado.

Foi uma semana de deveres de casa, quebra-cabeças com a avó e telefonemas para substituir tudo que ela perdera no carro. Ela manteve contato com Oliver a respeito da peça, e os amigos foram visitá-la – todos, menos Julian. Ela não ouvia falar dele desde que a tinha arrastado para a margem do rio.

Na quarta-feira, Jodi se abaixou com cuidado para se sentar à mesa de carteado com a avó. Ela estava montando um quebra-cabeça de um vaso cheio de flores bem coloridas. Jodi andava querendo perguntar a ela sobre a mãe desde o depoimento, para conferir se Buechler e Harding estavam certos. Mas nunca haveria um bom momento para perguntar a uma pessoa se a filha dela tinha se matado. Mas, naquele dia, foi a avó quem começou a falar da mãe de Jodi.

– Sua mãe quebrou a perna na sexta série – comentou a avó. – Ela não reclamou tanto quanto você.

Jodi riu, mas parou quando a costela doeu.

– Como foi que ela quebrou a perna?

– Ela estava tentando se exibir para a garotada mais velha. A Herminia sempre tentou parecer mais velha do que era.

Os dedos dela pararam em meio ao gesto de pegar uma peça da borda.

– Quem? – perguntou Jodi.

– Herminia Josephina Rodriguez – disse a avó. – Ela odiava esse nome, então pediu pra ser chamada de Josephine.

– O primeiro nome da minha mãe era Herminia?

A avó assentiu. Jodi ficou encarando as peças do quebra-cabeça.

Nan tinha razão. O nome começado com *H*. Era a mãe dela tentando ser ouvida por cima da Emily.

Ela quer que você vá pra casa da Rosa.

– A minha mãe estava triste? – perguntou Jodi, engolindo o nó na garganta. – Ela estava deprimida?

A avó colocou a peça de uma flor roxa no lugar e respirou fundo.

– A tristeza vai e vem. A Herminia passava por isso mais do que as outras pessoas.

Os olhos de Jodi estavam cheios de lágrimas. Ela queria perguntar mais: se a mãe tinha tomado aqueles comprimidos de propósito, trancado a porta de

propósito, levado Jodi para a banheira *sabendo* o que aconteceria. Mas a avó pediu licença para preparar um chá.

Jodi terminou de encaixar as peças da borda para ela.



Na semana seguinte, quando Jodi voltou para casa após o primeiro dia de volta às aulas, imediatamente pegou mais analgésicos para as costelas e se acomodou para abrir o site da faculdade. Ouvira pelos corredores muitas notícias de cartas de aceitação em faculdades naquele dia, e Jodi mal conseguiu se concentrar até as aulas acabarem, ansiosa para estar diante de um computador, já que ainda não tinha um celular novo.

Ela respirou fundo e digitou a senha.

O Instituto de Artes da Califórnia tem o prazer de aceitá-la em nosso programa de Design e Produção Teatral.

Uma alegria radiante encheu o peito dela. Jodi abriu um sorrisão para a tela. Ela ia estudar no Instituto de Artes da Califórnia.

Jodi correu para a sala de estar e encontrou Rosa e a avó vendo TV e, sem demora, anunciou:

– Eu passei para o Instituto de Artes da Califórnia!

Rosa gritou e jogou a pipoca para cima.

Jodi bateu palmas ao ver o sorriso da tia e não conseguiu conter a risada alegre que escapou dela, apesar da dor nas costelas. A avó fez uma dancinha e beijou a bochecha dela, e Rosa começou a chorar.

– Eu sei que ainda tenho que receber informações sobre a bolsa de estudos – disse Jodi, enxugando as lágrimas que tinham começado a cair.

Rosa a silenciou.

– Não se preocupa com isso agora. A gente vai dar um jeito, eu prometo.

A avó pegou o telefone e começou a contar para todas as amigas, e Rosa foi preparar um bolo para comemorar. Jodi pensou em ligar para o pai, mas ficou em dúvida se ele logo ia pensar no dinheiro em vez de deixá-la aproveitar o momento.

Ela resolveu esperar. Quando foi para o notebook a fim de mandar uma mensagem no grupo, ela se deu conta de que os sonhos universitários dos outros

amigos estavam sendo destruídos. Talvez ela pudesse esperar um pouco mais para contar a eles. Talvez depois dos julgamentos.

Rosa levou Jodi para comprar um celular novo no dia seguinte. Depois de instalar os aplicativos, adicionar contatos e se certificar de que ainda tinha acesso às fotos, ela resolveu falar com Paige para perguntar da concussão e de Kiera.

ela ainda acha que viu a emily na ponte?

Paige digitou uma resposta: ela falou pros médicos e pra polícia que não estava dormindo e que achava que tinha visto alguém, mas disse que talvez não tivesse visto nada. zack tentou falar com ela, mas ela respondeu pedindo um tempo.

Jodi franziu a testa. Não achava que Kiera as jogaria de uma ponte de propósito, mas ficou imaginando se o cansaço era mesmo o culpado.

Com o celular finalmente em mãos, ela estava ansiosa para falar com todo mundo. O dedo pairou sobre o número de Julian, imaginando o que dizer.

Talvez… obrigada? Se ele não tivesse chegado tão rápido até ela, poderia ter sido tarde demais.

No dia anterior, ele a cumprimentara com um aceno de cabeça do outro lado da sala, mas não a seguira até o armário nem pedira anotações como costumava fazer. Então ele não a estava ignorando. Os dois simplesmente não eram amigos. De novo. Era estranho como Jodi tinha se acostumado com ele.

Jodi digitou um cumprimento genérico e depois apagou a mensagem. Escreveu parágrafos enormes agradecendo a ele por ter ido atrás dela e depois excluiu tudo. Respirou fundo e passou a mão no cabelo. O peito estava apertado, e isso não tinha nada a ver com a dor nas costelas. Não havia nada que parecesse certo dizer.

O que falar para alguém que nadou até o fundo de um rio por sua causa *e* fez ressuscitação cardiopulmonar?

Ela pensou que talvez devesse apenas puxá-lo de lado na escola, mas a ideia lhe causou um nó no estômago. Não conseguia se imaginar olhando nos olhos castanhos presunçosos dele e dizendo "obrigada", como se ele tivesse lhe oferecido um chiclete.

Por fim, decidiu esperar até sentir que era o momento certo.

Quando chegou em casa da escola no dia seguinte, havia um e-mail de Greg Thrasher esperando por ela. O assunto da mensagem dizia: *Você tinha razão…*

Quando ela abriu, havia um anexo chamado "Vanessa Jones". Ela o abriu depressa e se deparou com vários documentos com o logotipo da Escola de Sacramento, mas com nomes e endereços censurados.

2 de abril de 2023

Depois de uma conversa muito detalhada com [redacted], recomendo separar [redacted] e [redacted] em futuras aulas e atividades extracurriculares. [redacted] tem incomodado e repetidamente se inserido na vida pessoal de [redacted], inclusive aparecendo sem avisar em sua casa, usando a senha de [redacted] para desbloquear seu celular e bisbilhotar, além de perseguir amigos de [redacted] quando ela fala deles.

[redacted] não deseja mais se relacionar com [redacted] e gostaria que as ações da escola fossem discretas neste momento.

Jodi rolou a tela até o documento seguinte, com a cabeça rodopiando depressa na tentativa de preencher os nomes censurados.

18 de maio de 2023

Os pais de [redacted] estão pensando em apresentar uma ordem de restrição contra [redacted]. O comportamento não melhorou, e [redacted] colocou limites claros. Sugiro uma reunião com o diretor Hughes e os familiares de [redacted] e [redacted] para chegar a um acordo e/ou avaliar as medidas disciplinares necessárias.

Jodi leu mais de dez vezes, com o coração batendo forte enquanto se colocava no lugar de Vanessa.

Vanessa tinha pensado em pedir uma ordem de restrição contra Emily. Ela obviamente não tinha entrado com o pedido, ou a defesa já estaria a par disso. Mas já era bem ruim o fato de Emily ter sido obrigada a mudar de escola.

Encarando o teto naquela noite, Jodi ficou imaginando se as coisas um dia chegariam a ficar tão ruins entre ela e Emily. Pensou na foto das duas juntas, editada por Emily.

Talvez as coisas já estivessem tão ruins.

Processo nº 4512420
Trecho do diário de Emily Mills
Inscrito como prova em 06/08/2024 pela detetive Chelsea Harding

10 DE MAIO DE 2024

AMANHÃ É A NOITE DO BAILE! EU NEM ACREDITO QUE VOU. NÃO TEM MUITOS ALUNOS DO SEGUNDO ANO QUE VÃO NO BAILE DA GALERA DOS DOIS ÚLTIMOS ANOS.

A LUCY AINDA NÃO COMENTOU NADA SOBRE O LANCE DA GARRAFA DE REFRIGERANTE. ELA ESTÁ AGINDO NORMALMENTE, O QUE SIGNIFICA QUE ESTÁ ME IGNORANDO.

COMENTEI COMO QUEM NÃO QUER NADA QUE NUNCA DANCEI COLADINHO, E O ZACK FALOU QUE VAI DANÇAR COMIGO. EU QUASE DESMAIEI. EU SABIA. SABIA QUE A GENTE IA FICAR JUNTO. ELE ME FALOU PARA NÃO COMENTAR SOBRE O QUE ACONTECEU NO RECESSO DA PRIMAVERA, MAS ACHO QUE AGORA ELE ESTÁ PRONTO PRA CONTAR PROS AMIGOS DELE. A GENTE BASICAMENTE VAI JUNTO NO BAILE, ENTÃO LOGO A COISA VAI FICAR OFICIAL.

O POVO SEMPRE TRANSA NA NOITE DO BAILE, ENTÃO EU VOU FALAR PRO ZACK QUE QUERO DE NOVO. E DE NOVO E DE NOVO E DE NOVO E DE NOVO...

Capítulo 25

MAIO

Uma nuvem sombria encobria a Escola New Helvetia à medida que o baile se aproximava. De modo surpreendente, Paige foi a primeira a sugerir não comparecer.

Jodi ficou quieta durante semanas acompanhando as mensagens no grupo enquanto eles discutiam os prós e os contras de apenas ficar dando voltas de limusine ou ir para a casa de Zack e assistir a um filme. Ela não ligava. O ensino médio estava acabando. As datas das audiências se aproximavam, e nada estava certo.

Ir ao baile não seria "ir ao baile", não importava o que fizessem. Ela se concentrou em terminar o cenário de *Amor, sublime amor*, cuja temporada começaria no fim de semana após o baile.

Uma semana antes do baile, de maneira surpreendente, foi Julian quem apareceu com uma mensagem no grupo acompanhada de uma selfie dele no espelho experimentando um smoking: foda-se, galera. vamo lá

A foto chegou quando Jodi estava na cozinha esperando a água ferver. Ela sentiu a pele coçar de irritação ao ver como Julian Hollister ficava bem num traje formal. A gravata borboleta estava solta no pescoço, e ele estava com uma das mãos enfiada no bolso da calça, se apoiando em uma perna. Ela bufou, balançando a cabeça ao pensar em como era injusto para toda a humanidade que Julian Hollister soubesse se vestir tão bem.

Os olhos dela percorriam as pernas compridas dele quando um chiado chamou sua atenção, e ela percebeu que tinha ficado olhando para a foto por tanto tempo que a água estava transbordando. Jodi abaixou o fogo, engolindo o constrangimento, e respondeu: Não é justo. Tenho certeza de que você tem dez smokings no armário. Agora as garotas têm que se mexer.

Lucy logo concordou que eles deviam ir e falou que não tinha problema Jodi usar o vestido do ano anterior.

Jodi franziu a testa para o celular enquanto Paige e Zack foram obrigados a concordar, depois correu escada abaixo para contar a Rosa as boas novas. A tia tinha passado o mês todo enviando links de vestidos para ela.

Tinham decidido não ir de limusine dessa vez. Greg Thrasher permitiu que Zack fosse ao baile de encerramento, mas só se não chamasse atenção. Jodi achou um aviso hilário, porque Zack chamava atenção aonde quer que fosse.

Cheryl Montgomery passou na casa de Rosa em seu Land Rover às oito, e Jodi se espremeu na terceira fileira de assentos, atrás de Zack e Lucy. Eles foram buscar Julian em seguida; o smoking dele estava perfeitamente passado e os sapatos estavam engraxados, brilhando. Quando ele se sentou ao lado dela, Jodi sentiu aquele ímpeto de novo – aquela necessidade fervilhante de agradecer quase vindo à tona. Ele mal olhou para ela antes de afivelar o cinto de segurança e puxar assunto com Zack sobre o lançamento de um novo videogame que tinha sido anunciado. Jodi olhou para a frente, se sentindo uma burra de marca maior por ter esperança de que eles pudessem voltar ao que tinham antes de o carro cair da ponte. Aquilo nem era o "normal" deles, então não havia razão para pensar que continuaria daquele jeito.

Paige parecia uma princesa de conto de fadas ao sair pela porta do passageiro e pisar no tapete vermelho da escola, vestida de branco e dourado. Lucy usava a imitação de um smoking com um decote tão profundo que quase a fez ser barrada na porta.

Jodi estava saindo do SUV, tentando se equilibrar no salto alto, quando notou que todos já estavam à frente dela. Os quatro já estavam no tapete vermelho, a caminho das portas: o grupo perfeito. Não importava o que acontecesse, eles chamavam atenção. Os Thrashers.

– Divirta-se, Jodi! – exclamou Cheryl, interrompendo sua concentração. – Se eles ficarem muito bêbados, me liga. Você tem o meu telefone.

Jodi fez uma careta e agradeceu, fechando a porta do carro. Foi atrás dos amigos se equilibrando nos saltos desconfortáveis, observando-os à frente como se os enxergasse por uma janela coberta de gelo. Ela, do lado de fora, no frio.

Durante o baile, Jodi ficou ao lado de Paige, com a sensação de que estava um pouco atrás em todas as conversas.

– Fotos? – perguntou Paige para o grupo.

– Mas não só de nós cinco. A gente pode se separar um pouco – disse Zack com a voz branda, e Lucy assentiu.

Mas, assim que chegaram perto do fotógrafo, Lucy e Paige pediram uma foto em dupla, depois Paige quis uma foto com Zack, e Lucy puxou Julian para uma pose engraçada. Jodi teve aquela sensação de estar debaixo d'água de novo, se esforçando para chegar à superfície. Ninguém queria uma foto com ela. Não era bem que não *quisessem*, é que não tinham pensado nisso. Ela ficava em segundo

plano. Jodi pensou em quanto tempo tinha ficado em segundo plano.

O rosto dela queimava ao mesmo tempo que os olhos ardiam, e ela morreu de vergonha por estar prestes a chorar no baile. A garganta parecia sufocada com toda a solidão reprimida que carregava consigo desde que descobrira como a mãe tinha morrido – desde que fora intimada a depor contra os amigos –, desde a primeira vez, anos atrás, que esperara a noite toda que Zack respondesse, só para receber um *foi mal, eu tava com o Julian*.

Zack se virou para Jodi, e ela desviou o rosto para que ele não visse seus olhos marejados.

– Jo. Foto?

Ela balançou a cabeça com um sorriso fraco.

– Tô de boas.

A respiração falhou enquanto ela tentava lembrar a si mesma de que ele pensava nela, *sim*, mesmo que fosse depois de pensar nos outros.

Jodi se sentia completamente descontrolada quando Paige sugeriu que eles deviam ir votar no rei e na rainha do baile.

– Vou no banheiro rapidinho – disse ela.

Embora Lucy tivesse sinalizado que a ouvira e Paige tivesse falado onde estariam, ninguém pareceu notar a primeira lágrima que escapou de seus cílios antes que ela conseguisse se virar na direção das portas.

Jodi abriu caminho pela multidão até chegar ao corredor e se apoiou em um conjunto de armários para acalmar a respiração.

Ela se sentia tão boba. O que diria se alguém perguntasse por que ela estava chorando? *A vida dos meus amigos não gira em torno de mim? Fiquei triste, e ficar triste me deixou mais triste ainda?*

Ela ouviu a música mudar, um sinal claro de que a dança estava começando, e, assim que o peito ficou vazio de novo, se dirigiu para a ala do teatro.

Oliver tinha feito uma cópia da chave do laboratório cênico uns meses antes para que ela pudesse trancar a porta caso ficasse até tarde trabalhando no cenário. A peça começaria dali a seis dias, e Jodi não conseguia pensar em mais nada que quisesse fazer, a não ser vestir um avental de trabalho por cima do vestido, tirar os sapatos de salto e abrir as latas de tinta. Ela provavelmente ia manchar o vestido, mas ficou pensando se alguém ia notar.

Destrancou a porta, lembrando a si mesma que devia trancá-la novamente ao sair, e tirou os sapatos. Olhou para a paisagem da cidade que estava quase terminando; só faltavam alguns realces e sombrear as janelas. Levaria uma meia hora para abrir as latas, fazer algum progresso e limpar os pincéis antes de voltar

para a pista de dança. Uma parte infantil dela queria nunca mais voltar – só para ver se eles iriam embora sem ela, se o celular ia tocar.

Estava misturando os tons de cinza quando a porta pesada se abriu, rangendo alto em meio ao silêncio. Olhou para trás e viu Julian olhar para o avental de pintura, os misturadores, os sapatos largados no chão de concreto.

Ela esperava ouvir: *O que você tá fazendo?* ou *Tá tudo bem?* Mas, quando ele entrou no laboratório e deixou a porta se fechar em silêncio, ela se deu conta de que era isso que Zack diria. Ele encararia o problema de frente. Enquanto Julian contornava a bancada mais distante do laboratório, ela se deu conta de que, quando se deparava com um problema, ele o ignorava ou se aproximava dele. Julian se inclinou para a frente na bancada limpa, com os cotovelos apoiados adiante, e olhou para o cenário. Jodi imaginou qual das duas abordagens ele escolheria naquele dia.

– Qual é o enredo dessa peça? Mais amantes mortos?

– Na verdade, sim. *Amor, sublime amor* é *Romeu e Julieta*, mas se passa em Nova York na década de 1950.

– E eles cantam?

– Cantam.

Ele ficou em silêncio por um minuto, encarando a pintura.

– Então, essa é Nova York. Na década de 1950.

– Isso.

Ela misturou o cinza, acrescentando branco até ficar alguns tons mais claro do que o que estava no tecido.

– Posso ajudar?

Ela hesitou, olhando para a tinta, aturdida, refletindo se valeria a pena refazer todos os traços dele mais tarde.

– Se você quiser. Mas pode me deixar aqui. Não sei se você tá sabendo, mas tem um baile rolando no ginásio.

– Um *baile*. Que grandioso. – Ele pegou um pincel, o errado, e se aproximou dela. – O que é que a gente vai fazer?

Havia uma alteração em seu tom de voz, como se Julian soubesse que tinha feito uma pergunta capciosa. Mas Jodi ignorou, substituiu o pincel na mão dele pelo correto e demonstrou como ela realçava as janelas escuras. Ela apontou para onde estavam os aventais, mas ele apenas se aproximou das janelas altas e começou a pintar.

Jodi costumava pintar ouvindo música. Sem isso, conseguia ouvir o raspar dos pincéis como se fosse madeira sendo lixada. No silêncio, o laboratório tinha

o clima de um confessionário.

– Acho que a minha mãe se matou – sussurrou ela para o horizonte de Manhattan.

De maneira positiva, Julian não parou nem reagiu. Ele se inclinou para mergulhar o pincel, limpando o excesso como ela mostrara, depois se endireitou e continuou.

Ela pensou que talvez pudesse se safar dizendo só isso. Tinha falado em voz alta. Talvez fosse só isso que precisava acontecer.

– Quando eu cheguei no carro, a janela do seu lado estava pela metade e o cinto de segurança ainda estava afivelado.

Ela poderia contar a ele sobre o chute de Paige em seu rosto ou lembrá-lo de que ela não sabia nadar, mas decidiu só fazer mais uma linha em uma nova janela.

– Você desistiu quando o carro inundou – sussurrou ele – ou antes mesmo de o carro sair da ponte?

Jodi terminou uma janela.

– O meu pai nunca me deixou chegar perto de uma piscina porque a minha mãe se afogou na banheira de casa depois de tomar muitos analgésicos. – E, após uma pausa: – Eu estava na banheira com ela. Acho que ela queria que eu morresse junto.

A garganta parecia sufocada de novo, a mesma sensação de antes. Não havia mais nada que Jodi pudesse falar sem se despedaçar.

O ambiente estava muito quieto. O silêncio a forçou a encará-lo. Não havia pena no olhar dele nem pressa para dizer as palavras certas. Ele simplesmente olhou para ela e a viu.

– Talvez ela quisesse. Mas eu não quero – disse ele.

Simplesmente.

Ela sustentou o olhar dele, esperando a resposta certa vir à mente. Rápido como um lampejo, Julian estendeu a mão e passou o pincel nas clavículas nuas dela com um sorriso provocante.

O queixo de Jodi caiu, os olhos se arregalaram. Ele mordeu o lábio e ergueu uma sobrancelha.

Ela se aproximou dele, esperando que ele se afastasse, observando o smoking preto. Passou o pincel no cabelo dele, que caía sobre a têmpora, pintando-o de cinza. Como ele não a deteve, ela pintou o outro lado também.

Julian pigarreou em meio a um sorriso, se abaixou para molhar o pincel – foi isso que ela pensou – e enfiou a mão na bandeja de tinta. Ele se levantou e apoiou

a mão cinzenta no meio do peito dela, sobre o esterno, deixando uma marca de mão no avental.

Ela ofegou e passou o pincel no peito dele sem parar para pensar. Descendo ao longo do smoking.

– Nossa. Que burrice. Desculpa…

Ele enfiou o pincel no ouvido dela, e Jodi soltou um gritinho. Em seguida a abraçou bem forte, desamarrou o avental e mergulhou os dedos na lata de tinta em cima da mesa.

– Não! – exclamou ela, mal conseguindo falar em meio ao riso.

Ele segurou a parte da frente do vestido dela para pintá-lo de cinza e combinar com o smoking dele.

A risada rouca no ouvido dela provocou um frio no estômago, e ela soltou outro gritinho quando ele encostou a testa na bochecha dela para manchar a pele de tinta. Jodi se afastou, estendendo a mão com o pincel para molhar na lata de tinta, mas Julian segurou o pulso dela, puxou a cintura dela para perto de si e silenciou a risada colando os lábios nos seus.

O peito de Jodi estremeceu, como um tremor secundário após um terremoto. Ela ofegou em busca de ar, e a língua de Julian roçou na dela. O pincel atingiu o chão de concreto fazendo barulho.

A mão manchada de cinza pressionava o maxilar e a nuca de Jodi, envolvendo-a, e a boca dele se movimentava na dela da forma que só as pessoas que sabem beijar mexem a boca: provocando, testando, tentando.

Jodi segurou o paletó do smoking dele, se lembrando de algo do primeiro ano: a festa de aniversário de Zack e uma garrafa girando em um jogo. A boca de Julian roçando na dela por meio segundo antes de ele passar a mão nos lábios curvados…

Ela empurrou o ombro dele e, no momento em que os lábios se separaram, se apressou em dizer:

– Desculpa.

Porque estava claro que *ela* tinha feito aquilo, não? Julian Hollister não queria beijá-la. Sabe-se lá como, ele colara a bochecha na dela, ela movera a boca e ele caíra para a frente, para perto…

– Pelo quê?

Os olhos buscavam os dela. A mão dele ainda estava no maxilar dela, com os dedos no pescoço. Segurando-a. Puxando-a para perto.

A respiração de Julian roçava na testa dela, e Jodi lembrou que ele tinha ido ver *Nossa cidade* e tinha ido atrás dela naquela noite, quando ninguém mais se

importara. Que ela teria se deixado afogar sem ao menos lutar se ele não tivesse se recusado a deixar isso acontecer.

Ela envolveu o pescoço dele com os braços – talvez como fazem nos filmes, talvez como um filhote de pássaro desajeitado – e o empurrou de novo contra a parede. Ele riu quando as bocas se encontraram mais uma vez, mas chiou e olhou para baixo. Tinha pisado na bandeja de tinta, e a sola do sapato estava encharcada.

– Ai, meu Deus – disse ela, fechando os olhos.

Julian segurou as bochechas de Jodi, puxando outra vez seu rosto para si. Ele a beijou de um jeito que não era delicado, tampouco agressivo, parando apenas para puxar o avental por cima da cabeça dela e atirá-lo para o lado. Ele a fez recuar até a bancada, se assomando sobre ela enquanto os olhos de Jodi se fechavam. A mão dele se demorou nas clavículas pintadas, apoiadas no espaço entre os seios dela – onde ele tinha batido para expulsar dos pulmões a água do rio.

E ela pensou no que diabos os dois estavam fazendo, e se era sensato deixar que ele abrisse o coração dela uma segunda vez, só para ver se ele cabia lá dentro.

A boca parecia embriagada e carente na dele, e ela sabia que não tinha como ser tão boa naquilo quanto ele estava acostumado, mas não ligava. Não quando ele estava inclinando os lábios para mordiscá-la, saboreá-la – fazendo a cabeça de Jodi rodopiar enquanto tentava acompanhar.

– Que porra é essa?

Eles se afastaram ao ouvir a voz, e Jodi virou o pescoço e viu Zack à porta. Os olhos dele estavam arregalados, mas se estreitando.

– Oi! – exclamou Jodi, com a voz muito alta. – A gente… a gente tava…

Ela olhou para Julian. Os lábios dele estavam vermelhos por causa dos beijos, mas a expressão era resignada.

– Que porra vocês estão fazendo? – gritou Zack, entrando na sala.

Julian ainda não tinha respondido, então Jodi balbuciou:

– Não é nada! Simplesmente aconteceu. A gente tava brincando, e… e ele tava me ajudando com a pintura…

– No meio do baile – disse Zack, a descrença estampando sua voz.

– Pois é.

Jodi olhou para Julian enquanto ele se recostava na bancada. Ele estava encarando Zack de um jeito que ela nunca tinha visto. Como se Zack estivesse cancelando seus planos de verão.

– Não é nada de mais – prosseguiu Jodi.

– Há quanto tempo isso vem acontecendo pelas minhas costas? – perguntou Zack de um jeito ríspido.

– Literalmente três minutos e meio – respondeu Jodi.

Ela riu de leve, mas ninguém a acompanhou.

Zack se aproximou de Jodi e apontou para Julian.

– Ele tá te usando! Será que você não enxerga isso?!

Jodi olhou para Zack, aturdida, sentindo Julian enrijecer ao lado dela.

– Ele quer ficar numa boa com você antes que seja sua vez de testemunhar – sibilou Zack.

Julian deu um passo à frente, com o olhar rígido.

– Não é nada disso…

– Jodi, *pensa*! Ele *nunca* foi tão legal com você antes de você ser intimada a depor.

Lembranças de momentos formaram uma linha do tempo na cabeça. Julian aparecendo para cuidar dela quando estava completamente bêbada. Ele se recostando no armário dela, acompanhando-a entre as aulas – tudo isso tinha começado no semestre da primavera. E indo assistir a *Nossa cidade*…

Ela arregalou os olhos e balançou a cabeça, que estava sendo preenchida por muitos pensamentos.

– Eu não…

– Ele tá te distraindo porque você tá solitária. – Os olhos de Zack estavam sombrios e ferozes, cravados em Julian, e Jodi sentiu o estômago revirar. – Ele aproveitou a oportunidade…

– Eu tomaria cuidado com o que você vai dizer sobre aproveitar oportunidades – disse Julian de um jeito suave, mas com tom de ameaça.

– Você não ousaria – retrucou Zack, ficando pálido.

– Não força a barra.

– Ok! – Jodi deu um passo à frente, erguendo a mão como se pudesse separá-los fisicamente. – Estamos todos… ficando um pouco exaltados aqui. O Julian e eu… – Ela olhou para ele. – A gente tava só se divertindo. Não foi nada.

Algo passou pelo rosto de Julian como uma onda, como se ela tivesse dito as palavras exatas para quebrar uma maldição. Os olhos dele escureceram e depois se concentraram em Zack.

– E o que você tem a ver com isso? – perguntou ele, com a voz estável e indiferente.

– Quê?

– São só dois amigos se divertindo um pouco. – Julian deu de ombros. – Não

precisa ficar chateado.

Naquele instante, ela sabia o que queria que Zack dissesse – o quanto queria ouvir que ele estava com ciúmes ou gostava mais dela mais do que ele imaginava. Julian armou tudo direitinho só para decepcioná-la.

– É claro que eu *me importo*. – Zack deu um passo à frente. – Você nunca gostou dela, e agora quer que eu acredite que tá a fim dela?

– E se fosse eu e a Paige... – perguntou Julian, se afastando da mesa com um gesto gracioso. – Você ia ligar tanto assim se a Paige e eu quiséssemos nos pegar?

Jodi se encolheu. A ideia de simplesmente a trocarem por Paige dava a impressão de que a preferência dele era aleatória.

– Você *sabe* que é diferente…

– Como? – perguntou Julian. – As duas são suas amigas. As duas estão solteiras no momento.

Zack pareceu estalar de tensão enquanto Julian permanecia firme como uma rocha.

– A Paige sai com babacas há anos – declarou Zack. – Ela sabe como não partir pra nada sério.

Jodi bufou.

– Tá bom. E eu partiria pra algo sério?

– Jo – disse Zack, exasperado. Ele tocou no braço dela. – Você sabe que não é assim.

Jodi encarou os olhos dele de um jeito desafiador. Ela abriu a boca para discutir.

Julian a interrompeu, com a voz parecendo um tubarão astuto sob uma superfície tranquila:

– Mas a Emily era?

Jodi piscou, confusa. Houve um zumbido em seus ouvidos enquanto observava o pescoço de Zack ficar vermelho. Ela cambaleou para trás ao ver a expressão de medo no rosto dele.

– Não faz isso – disse Zack baixinho. Implorando.

Jodi olhou para os dois, tentando acompanhar. Tentando entender por que Emily estava sendo envolvida naquilo. Porque, se o que Julian estava insinuando era verdade, Zack e Emily…

Ela sentiu um aperto no peito, e a bile subiu até o fundo da garganta. Sentiu como se estivesse fora do corpo.

Zack baixou os olhos para ela, com os lábios abertos, pronto para se explicar.

– Você dormiu com a Emily? – perguntou ela, com a voz embargada.

– Não! Ele tá te manipulando de novo. – Zack segurou os braços dela e se inclinou para encará-la. – Eu não transei com ela.

Jodi desviou o olhar para Julian, encostado na bancada, com o smoking pintado de cinza e o rosto sério. Ela não sabia quando tinha começado a confiar nele. Talvez estivesse sendo manipulada, mas havia algo instável nos olhos de Zack, como se tudo dependesse de Jodi acreditar nele. E… realmente dependia. A vida toda dele dependia disso.

– Por favor, me conta a verdade. – Lágrimas brotaram nos olhos dela. – Só fala comigo como se eu fosse a Jodi e não alguém do júri, Zack.

A hesitação dele era tudo de que ela precisava.

Ela se desvencilhou dele, sentindo o ar rarefeito, o raciocínio lento. Precisava sair dali.

– Não acredito que você fez isso – disse Zack para Julian num rosnado, e ela sentiu como se ele tivesse roubado as palavras dela.

– Eu sei – respondeu Julian, sem hesitar. – Foi horrível da minha parte, né? O que eu posso dizer? – Ele enfiou as mãos nos bolsos enquanto saía pela porta. – Sou mesmo um oportunista.

A porta de metal se fechou. Jodi ficou olhando para ela, ignorando Zack. Ficaram em silêncio, com apenas a bagunça de tinta e o nojo da confissão de Julian entre os dois.

– Deixa eu explicar – começou ele.

Os olhos dela se fecharam com força. Ele seguiu em frente.

– Foi um acidente. Aconteceu só uma vez. Ela me fez companhia em um dia muito ruim, e foi um erro.

A garganta de Jodi se fechou. Tinha ficado do lado dele em muitos dias ruins. Tinha visto Zack cometer muitos erros.

– A gente não… a gente não chegou nos finalmen…

– Tenho que ir. – Lágrimas escorriam pelo rosto de Jodi. Ela precisava limpar o laboratório cênico, mas teria que deixar isso para outra hora. – Tenho que ir – repetiu e se virou para falar claramente: – Não vem atrás de mim.

Ela pegou a saída lateral em direção ao estacionamento, e o vento abafado atingiu seu rosto. Andou depressa pelo asfalto, descalça. Tinha deixado os sapatos ao lado da lata de tinta.

Zack não foi atrás dela, e Jodi se deu conta de que Julian teria feito isso. Não importava o que ela o mandasse fazer, ele iria atrás dela.

Ele tá te usando! Será que você não enxerga isso?!

Será que estava mesmo? Será que todas as coisas positivas que tinham vivido

poderiam estar atreladas à intimação?

Os pés a levaram para longe do barulho do ginásio e da fila de carros que ia buscar os adolescentes que precisavam sair depois de passarem só uma hora no baile. Se ela tivesse um pai ou uma mãe, poderia ter chamado um deles para ir buscá-la. A cabeça foi direto para a noite em que Julian foi buscá-la quando o pai tinha apagado fazia um tempo. E o trajeto de duas horas que ele fizera num instante para ir atrás dela, para salvá-la de uma festa que tinha dado errado.

Julian sabia de Emily e Zack. Quanto tempo fazia isso? Desde que tinha acontecido? Ou desde que aquilo tinha aparecido no diário de Emily?

Se o diário estava certo em relação a *isso*, o que mais estaria certo? Será que Emily tinha tentado se matar em abril do ano anterior? Será que Jodi sem querer a impedira com suas palavras? Será que Lucy tinha jogado uma garrafa em Emily pela janela do carro?

Quando a cabeça alcançou o corpo, Jodi estava em Fair Oaks. Não havia boas calçadas na avenida. Ela atravessou em um cruzamento e continuou caminhando até uma rua menos movimentada, pisando em cascalho e guimbas de cigarro. Estava com a chave da casa do pai. O lugar estava quase inabitável, mas era o único onde poderia ficar sozinha. Era só isso que ela queria.

Foi para casa com o vestido de baile manchado, imaginando como Zack poderia ter feito aquilo com Emily. Será que ele estava mentindo quando se juntava ao papo sobre como ela era irritante e esquisita? Será que tinha sentimentos por ela que não queria admitir? Jodi não sabia o que era pior: Zack gostar de Emily ou não. Porque, se ele não gostasse… e ela simplesmente estivesse lá. Se ela fosse apenas algo conveniente. O que isso significava?

Ela voltou para a casa do pai, entrou e encheu a banheira com água quente. Sentou-se na borda de porcelana com o vestido de baile pintado e ignorou a lembrança de como ele tinha ficado daquele jeito enquanto a água rodopiava, preta e cor-de-rosa, ao redor dos pés. Ela chorou, e as lágrimas caíam na água do banho.

Tirou o vestido e o deixou embolado, vestiu um short e uma camiseta e se enfiou embaixo das cobertas antes que as lágrimas começassem a cair de novo.

Capítulo 26



– De que cor é o seu vestido pro baile?

Jodi fechou a porta do armário e viu Emily ali parada, perto demais.

– É um lance meio verde-água – respondeu ela, evasiva.

– Quer ver o meu?

Jodi fez uma careta.

– Claro.

Emily mostrou uma foto no celular. Ela estava na frente de um espelho, usando um vestido de tule cor-de-rosa. Jodi ficou encarando a foto.

– Esse vestido é…? Acho que a Paige usou esse vestido no baile de boas-vindas do ano passado.

Emily assentiu, radiante. Jodi ergueu as sobrancelhas. Ela achava que estava avisando gentilmente que Emily precisaria usar outro vestido. Mas será que ela tinha feito aquilo de propósito?

– Bem, tenho certeza de que vai cair bem em você – disse Jodi e começou a se afastar.

– E aí, tem uma limusine?

Ela parou, se virando de novo para Emily. Tinha, sim, *uma limusine. Mas Jodi não fazia ideia de como Emily sabia disso.*

Jodi a encarou.

– Acho que… Acho que a limusine tá cheia, Emily.

Mas Emily simplesmente abriu um sorriso radiante.

– Te vejo amanhã à noite!

Ela puxou o corpo de Jodi para um abraço apertado que não foi retribuído. Ao se afastar, Emily passou os dedos na lateral do rosto de Jodi.

– Não vejo a hora. Você vai ficar tão linda.

Jodi engoliu em seco. Devia contar a ela. Devia dizer: Emily, você não vai na limusine. *Mas era Jodi quem sempre tinha que ir ao cinema com ela. Estava sempre indo estudar na casa de Emily. Por que seria Jodi quem teria que partir o coração dela?*

– Te vejo no baile, tá?

Emily simplesmente sorriu.



Na manhã seguinte, no chuveiro, Jodi esfregou a tinta cinza ressecada, cada mancha um lembrete de onde Julian tinha colocado as mãos. Ela pegou um pano áspero e esfregou até que as crostas se desprendessem do corpo. Tirou o gel do cabelo e experimentou vários esfoliantes para a pele e máscaras faciais – qualquer coisa para não pensar na noite anterior.

Quando ouviu uma batida preguiçosa na porta da frente, Jodi não se incomodou em trocar o short e a camiseta. Quase não foi abrir, mas sabia que precisaria encarar Zack mais cedo ou mais tarde. Quando abriu a porta e Julian estava lá, encostado no batente como se estivesse sendo pago para servir de modelo de calça jeans, ela engoliu em seco e cruzou os braços.

Ele se endireitou.

– Eu fiz uma cagada ontem à noite – disse ele. – Me desculpa.

O coração dela afundou. Sentiu o sangue deixar o rosto enquanto o pescoço esquentava. Então Zack tinha razão. Julian a estava usando.

– Tá – foi tudo que conseguiu dizer.

– Eu não devia ter exposto o Zack daquele jeito – prosseguiu ele. – O que eu *devia* ter feito era obrigar o Zack a te contar.

Os batimentos do coração dela normalizaram. A "cagada" era ter contado sobre Zack e Emily.

– Há quanto tempo você sabe?

– Desde que aconteceu.

Ela apertou os lábios, sentindo a raiva e o nojo subirem pela garganta.

– E quando foi isso?

– Acho que no fim do recesso de primavera.

Jodi sentiu como se uma pedra tivesse se alojado na garganta. Por volta de abril. Será que Emily tinha tentado se matar depois? Ela balançou a cabeça para clarear as ideias e retomou o foco.

– Então ele te contou logo depois. A Paige e a Lucy sabem?

Ele fez que não com a cabeça.

– Acho que não. Quer dizer, até onde eu sei, ele só contou pra mim.

Jodi sentiu um mal-estar, depois passou para a próxima coisa horrível que precisava falar.

– Eu não entendi por que você me beijou – disse ela, hesitante.

– Pois é, nem eu.

– Que legal. Maravilha. – Ela revirou os olhos e se apoiou nas costas do sofá. – Então vamos esquecer isso de vez, acho.

– Claro. – Ele engoliu em seco, dando a impressão de que ia dizer mais alguma coisa, mas depois mudou de ideia. – Enfim. Eu fiquei muito incomodado quando o Zack falou que eu tava te usando por causa do depoimento. E eu só queria explicar que não é verdade.

– Ah, tá.

Jodi não sabia o que esperava. Ela *não esperava* nada. Era Zack quem devia ter ido se desculpar logo de manhã. Era Zack quem devia estar se explicando. Mas, em vez disso, Julian Hollister tinha ido ver se ela estava bem e esclarecer tudo entre os dois.

E ficou claro.

Bem claro.

Fora um beijo e só.

– Você ainda tá com tinta atrás da orelha – comentou ele.

Ela se sobressaltou e ergueu a mão.

– Orelha errada.

Ele abriu um sorrisinho e deu um passo à frente. Ele segurou o maxilar dela, como na noite anterior, e tentou tirar a tinta só com a unha. Jodi sentiu um arrepio nos braços e se forçou a ficar parada para que ele não notasse.

Bem claro.

Ele olhou para os lábios de Jodi, e o coração dela vacilou.

Ela engoliu em seco.

– Hum, antes que você me beije de novo…

– Que presunçosa.

– … preciso saber o que você disse pra Emily naquele dia.

O bom humor deixou os olhos dele e, aos poucos, os dedos escorregaram da pele dela. Ele enfiou as mãos nos bolsos.

– Se eu te contar – disse ele –, acho que a gente nunca mais vai se beijar.

A pele dela formigou, e dessa vez não foi de um jeito agradável.

– Me conta.

Ele se afastou dela, e Jodi sentiu a distância como um vento forte.

– Depois que o Zack dormiu com ela, eu fiquei de olho na Emily. Tentei fazer isso porque, se ela quisesse contar pras pessoas que tinha dormido com Zack Thrasher… o Zack teria que fazer uma escolha: falar a verdade ou negar. – Ele

encarou um ponto acima do ombro dela e tensionou a mandíbula. – Naquela época, eu não tava pensando nisso de estupro de vulnerável nem nada assim. Me preocupei mais com as consequências sociais, com as pessoas vendo o Zack de um jeito diferente. Ele tinha feito uma merda danada, e todo mundo ia ficar sabendo.

Ele fez uma pausa.

– Ela ficou bem mais esquisita depois do recesso de primavera. Não sei se mais alguém notou, mas ela estava em todo lugar ao mesmo tempo, em todos os papos, em todos os rolês. No começo, eu achei que o Zack tava convidando a Emily pra fazer ela se sentir melhor com o que tinha acontecido entre eles, mas, quando falei pra ele parar, ele negou. Mas ela não se tocava. Era como se pensasse que ter dormido com o Zack tivesse feito ela se tornar uma de nós.

Jodi mordiscou a parte interna da bochecha.

– O diário que tá com a polícia diz que ela tentou se matar – disse ela. – Em abril, mais ou menos no recesso da primavera.

Julian estreitou os olhos.

– Eu não sei nada sobre isso. Ela não parecia pronta pra desistir de *nada* naqueles meses.

Jodi assentiu e deixou Julian continuar.

– Eu não notei até chegar mais perto do baile, mas alguma coisa mudou na primavera passada. A atenção dela não tava mais no Zack. – Os olhos dele percorreram o rosto de Jodi. – Tava em você. Como se *você* fosse a pessoa com quem ela queria estar, que ela queria se tornar ou alguma coisa assim.

Jodi abriu a boca para negar, mas parou, se lembrando da anotação da Sra. Needlemeyer: *Acompanhamento sobre Jodi Dillon.*

Disse que Jodi era a única pessoa que se importava com ela no mundo inteiro.

– Isso não faz sentido – disse Jodi, apesar dos pensamentos que rodopiavam na cabeça dela.

Os lábios de Julian se curvaram.

– Não? No final, ela não tava pegando no seu pé mais do que pegava no de todo mundo? Você era a única que dava bola pra ela.

– Ela… ela ainda tava apaixonada pelo Zack. Falava dele comigo o tempo todo.

Ele deu de ombros.

– Talvez ela soubesse que era disso que você queria falar.

Jodi olhou feio para ele.

– Vai direto ao ponto.

– Quando a gente começou a planejar as coisas pro baile, percebi que a Emily achava que ia com a gente. Ela tava falando de combinar vestidos e arranjos de flores, onde a gente ia comer. Então, sim, eu falei pra ela que ia comprar um arranjo igual ao de vocês.

Jodi ficou sem fôlego.

– Por que você fez isso?

– Porque pensei que ela ia contar pra todo mundo que tinha dormido com o Zack. Eu não fiz isso pra enganar ela. Você pode perguntar na floricultura: tinha um arranjo a mais que nunca foi retirado. Eu falei pra Emily que ela mesma podia ir buscar quando ficou claro que ela não ia na limusine com a gente.

– Foi essa a mensagem que você mandou pra ela naquele dia?

Ele fez uma pausa, e ela sentiu a respiração vacilar.

– Foi o que eu disse pra polícia.

A mandíbula dele estava tensa, e os olhos desviaram para um ponto acima do ombro dela, como se preferisse não olhar para ela.

Jodi engoliu em seco.

– Mas essa não é a verdade – afirmou.

– Não. Eu falei isso pra ela pessoalmente, um dia antes do baile, quando pedi pra ela ficar longe de você.

Jodi o encarou, em seguida deixou uma bufada escapar.

– De mim? Como assim?

Ele passou a mão pelo cabelo.

– Eu ia garantir que ela soubesse que não ia na limusine. Não queria que mais ninguém falasse que a gente tinha dado o Tratamento Thrasher em alguém só porque a Emily era uma sem noção. – Ele soltou um suspiro. – Ela falou: *Eu e a Jodi vamos juntas, então acho que ela também não vai na limusine*. E, do jeito que ela falou, Jodi… era como se vocês tivessem conversado sobre isso, mas eu *sabia* que todos nós íamos sem par.

Ela cruzou e descruzou os braços, tentando combater o desconforto no peito.

– Então eu falei a verdade pra ela. Falei: *A Jodi não gosta de você. O Zack não gosta de você. Ninguém gosta de você, Emily*.

Jodi sentiu o peito apertar. Ela se lembrou das palavras de Emily através de Kiera no jardim de rosas. *Ninguém nunca fala comigo. Só de mim. Não foi isso que você disse?*

– Isso foi crueldade, Julian.

– Não foi – retrucou ele, ríspido. – Era o que tinha que ser feito. Você e o Zack saem por aí fazendo amizade com qualquer pessoa, e eu, a Lucy e a Paige

temos que ficar juntando os cacos. Eu *sempre* tenho que fazer o trabalho sujo.

A garganta dela estava apertada. *Você e o Zack*. Como se ela já tivesse estado nessa posição.

– Você excluiu o Oliver no primeiro ano? – perguntou ela.

Ele olhou para ela, depois revirou os olhos.

– Qual é, Jodi. Foi *você* que excluiu o cara. Se você quisesse mesmo continuar saindo com aquele babaca, teria feito isso. A gente não ia ser uma família feliz…

– Tá, entendi – retrucou ela. – Quer dizer que você falou pra Emily que a gente odiava ela. E, sabe-se lá como, você é inocente de instigar o suicídio dela.

Ele recuou.

– Eu nunca falei isso – sussurrou ele, e Jodi sentiu arrepios percorrerem seu corpo. – Ela dobrou a aposta. Falou que ia contar pra todo mundo sobre ela e o Zack. Ela queria que você odiasse ele e escolhesse ela.

Jodi esfregou os olhos.

– Isso é… isso é ridículo, Julian. Tem certeza que foi isso que ela quis dizer?

– Ela falou: *Se eu contar de mim e do Zack pra Jodi, talvez ela finalmente se livre dele*. Não foi tão difícil interpretar. Além do mais, foi nesse momento que eu falei pra ela ficar longe de você, que ela não podia mais chegar perto de você, real oficial. E eu…

Jodi o encarou quando ele parou de falar.

– Você o quê?

Ele olhou para o teto.

– Eu "coloquei as mãos nela". Acho que foi assim que o promotor falou.

Jodi franziu as sobrancelhas, tentando entender.

– E o que isso quer dizer?

Ele engoliu em seco.

– Eu nem lembro direito. Eu encurralei ela. Fiquei perto da cara dela e acho que "toquei nela de forma ameaçadora". – Ele fez aspas com os dedos. – Foi depois da escola, numa sexta-feira. Achei que não tinha ninguém por perto, mas alguém viu a gente conversando.

– Então você estava "conversando" ou estava "tocando nela de forma ameaçadora"? Qual dos dois?

Os olhos de Jodi examinaram o rosto dele. Ele fez uma pausa, e ela prendeu a respiração. Ele estava com uma expressão distante.

– Sabe, logo depois eu pensei comigo mesmo: *é assim que o meu pai se sente?* – Ele passou a mão agitada pelo cabelo. Uma risada irônica escapou de seu peito. – Tipo, será que eu frustro tanto o meu pai que ele só…

Jodi sentiu um nó na garganta, e os olhos arderam.

Julian ainda estava olhando para algo além do ombro dela quando falou:

– Eu não bati nela. Eu não faria uma coisa dessas. Eu não empurrei ela. Acho que eu bati no armário que estava perto da gente. Eu me lembro do estrondo do metal depois, mas não coloquei as mãos nela. Talvez tenha dado essa impressão.

– Quem foi que viu? – perguntou Jodi.

– Não sei. Eles não falaram.

– Quer dizer que você deu um susto nela? No dia anterior ao baile de encerramento?

O coração de Jodi estava se partindo. Julian fez um barulho baixinho.

– Foi esse o problema, Jodi. Eu *não dei* um susto nela. – Ele se remexeu, e os olhos finalmente se ergueram para encarar os dela. – Eu conheci a verdadeira Emily Mills naquele dia. Ela ficava sorrindo pra mim. O tempo todo. Não importava o que eu dissesse ou o quanto eu invadisse o espaço dela. E aí…

Ele estalou o pescoço e deixou escapar uma risada.

– O quê? – perguntou Jodi.

– Ela me perguntou se eu gostava de você. – Ele olhou para ela depressa. – E eu não gostava, só pra deixar claro. Continuo não gostando, na verdade.

– Valeu – comentou ela, seca. – Digo o mesmo.

– Mas ela enfiou na cabeça que eu queria você, e eu não queria…

– Foi o que você disse.

– E isso me deixou intrigado. Ela falou, e eu não me toquei. Mas ela tava tão segura. Tão insolente. Aquilo me pegou de jeito.

Jodi abriu um sorrisinho.

– É desse jeito que a Emily Mills tem te assombrado, Julian? Ela alugou um triplex na sua cabeça, e agora você tá me beijando no laboratório de teatro?

Os olhos dele dispararam para ela, sérios e ansiosos, antes de se enrugarem para retribuir o sorriso.

– Acho que sim.

Jodi retomou o foco.

– O que foi que você mandou pra ela? – perguntou Jodi baixinho.

Ele fez uma pausa e passou a mão no pescoço.

– Eu só quero que você saiba que eu tava tentando te ajudar. Eu queria que ela visse que tava errada e se afastasse.

Jodi ficou desanimada.

– Qual foi a mensagem? – sussurrou ela.

– Eu guardei tudo. – Ele não a encarou nos olhos, e as palmas das mãos de

Jodi começaram a suar. – Tudo que a gente tinha falado dela em particular. Tudo que ela não sabia. Levei a noite toda. Coloquei num Google Drive e mandei o link pra ela.

– O que você quer dizer com *tudo*?

– Mensagens de texto, do Discord, do privado. As nossas conversas em grupo.

A cabeça de Jodi estava girando.

– Isso era particular. – A voz dela estava fraca.

– Ela precisava saber, Jodi…

– Não precisava. Ela era inofensiva.

– Inofensiva? – rebateu ele, zombando. – Ela forjou um diário pra punir a gente do além-túmulo! Você acharia que ela era inofensiva se ela tivesse acusado Zack no ano passado?

– Me mostra o Google Drive – pediu Jodi, revoltada. – Eu quero ver.

– Eu deletei. Excluí a mensagem do meu celular e apaguei a pasta do Google Drive no segundo em que vi as ambulâncias na rua dela.

Ela sentiu o sangue ferver.

– Você realmente não tem outra cópia? Isso não é do seu feitio.

A mandíbula dele ficou tensa, e ele enfiou a mão no bolso para pegar as chaves. Começou a tirar um pen drive do chaveiro. Jodi sempre achou que aquilo era um cigarro eletrônico. Quando ele o estendeu para ela, ela o encarou.

– Aqui – disse ele, pois ela não pegara o pen drive.

Ela esticou os dedos para pegá-lo.

– O que você mandou pra Emily no dia do baile tá aqui? Você simplesmente leva pra todo lado?

Ele assentiu.

– No caso de eles terem um mandado de busca e apreensão para entrar na minha casa.

– E você tá simplesmente… dando ele pra mim? – perguntou ela, baixando os olhos para o pen drive azul. – Tipo, sem me implorar pra não mostrar à polícia?

Julian respirou fundo.

– Só… faz o que você tiver que fazer. Eu quero que isso acabe.

Os olhos de Jodi se viraram depressa para ele. Julian parecia tão cansado. Quase derrotado.

– Você recebeu uma carta da Universidade de Fordham – sussurrou ela, supondo.

Ele engoliu em seco e se remexeu.

– Fui rejeitado, sendo inocente ou não. O resultado da minha audiência não vai mudar nada.

Jodi estava tentando pensar no que dizer – algo para encorajá-lo de que havia vida fora de Fordham e da faculdade, prometer que não o delataria –, mas percebeu que não conseguia dizer nada.

Ele se virou para a porta da frente, com a mão na maçaneta, antes de se virar de novo para ela. Os olhos estavam cristalinos e intensos quando disse:

– Eu nunca quis que ela morresse. Eu queria que ela sumisse.

Jodi percebeu a expressão sincera dele, a esperança de que ela o entendesse. Mas ele nunca ia entender o que *ela* era. Nem como Emily era.

– É a mesma coisa, pra garotas como nós duas.

Os olhos dele ficaram sombrios, como se ele fosse argumentar. Mas ele simplesmente abriu a porta e saiu.

Jodi esperou que o motor da caminhonete desse a partida antes de ir para o computador. Ela andou de um lado para outro na frente da tela enquanto levava séculos para iniciar e, em seguida, inseriu o pen drive. Abriu a única pasta, chamada *Dever de Biologia,* e se deparou com centenas de imagens. Capturas de tela de mensagens de texto. Vídeos salvos do Snapchat. Chats baixados do Discord.

Os dedos tremiam quando ela abriu um vídeo do Snapchat.

Lucy e Zack estavam na cozinha dos Thrashers. Ele estava de pijama, de costas para a câmera, enquanto virava panquecas numa frigideira. Lucy se aproximou dele e o encarou com os olhos arregalados e uma expressão vazia.

– Você deve fazer as melhores panquecas do mundo – disse ela, com uma voz sonhadora.

Zack deu uma risadinha, ainda sem saber que estava sendo filmado.

– É só panqueca de caixinha.

– Não, mas você tá, tipo… fazendo tão bem – insistiu Lucy, arregalando os olhos e se aproximando dele. – Eu bem que queria fazer panquecas tão boas quanto você.

Zack se virou para ela, curioso, e notou a câmera apontada para ele. O rosto se abriu num sorriso.

– Você tá imitando a Emily?

Lucy gargalhou. Jodi ouviu a risada de Julian enquanto ele filmava. O vídeo terminou com um Zack radiante por causa da piada.

Jodi fechou a janela, resolvendo ler algumas das mensagens. A primeira em que clicou era de um grupo com os cinco. Ela viu a data no topo: 27 de março de

2024.

Julian
ainda vamos pro lago no sábado?

Paige
tô indo

Zack
fechado

Lucy
juro por deus zack: se você chamar a emily, eu vou jogar ela no lago
talvez com pesos amarrados nos tornozelos

Jodi


Jodi estremeceu ao ver a própria mensagem. Julian poderia ter cortado depois da ameaça de Lucy para passar a ideia geral, mas tinha incluído a mensagem de Jodi. Ela selecionou outra captura de tela.

Paige
a emily acabou de me perguntar pra qual faculdade eu vou me inscrever
por que é que eu tenho a sensação de que ela tá prestes a tentar mandar uma inscrição pra brown?

Zack
provável

Lucy
ela vai. vai te seguir até a aula e matar a sua colega de quarto e depois te trancar no dormitório pra vocês ficarem juntas pra sempre

Jodi
Trabalho de Inscrição na Faculdade / Emily Mills
Conheço Paige Montgomery há apenas vinte minutos, mas estamos destinadas a dividir o mesmo quarto de 10 metros quadrados. Peço que me aceitem para que eu possa continuar cortando mechas do cabelo dela. Meus apliques estão quase prontos.

Julian
pqp 

Paige
é real demais, socorro

O estômago dela estava revirando. Jodi massageou a testa. Tudo que ela queria era fazer os amigos rirem. Ela se lembrou especificamente de se sentir quase orgulhosa quando Julian riu. Agora havia algo se retorcendo e apertando

seu peito.

Emily nunca deveria ter visto aquilo. Jodi tinha confiado que essas quatro pessoas nunca divulgariam aquelas mensagens. Ela rangeu os dentes, pensando em como Julian tinha traído a confiança deles.

As capturas de tela pioravam com o passar do ano. A certa altura, Jodi tinha documentado toda uma conversa entre ela e Emily. As duas estavam falando do dever de casa, mas Emily mudava toda hora o assunto para sexo, cavoucando informações a respeito da vida sexual de cada um deles. Jodi fez Emily parecer desequilibrada – e, pensando bem, era essa a impressão que Emily passava. Mas Jodi não deveria ter contado aos outros daquele jeito.

Outra conversa do começo de maio a fez suar.

Jodi
por favor por favor por favor por favor por favor por favor alguém esteja livre hoje à noite
a emily acabou de me tapear pra sair com ela

Julian
a culpa é sua

Jodi
eu sei disso

Lucy
Diz que você esqueceu que o seu pai tava na cidade

Jodi
ELA JÁ CONFIRMOU QUE ELE NÃO TÁ
ELA É MESTRA NISSO
TAQUIPARIU AAAAAHHHHHHHHH

Julian
amadora

Zack
tenho treino! foi mal

Paige
quais são os planos?

Jodi
eu quero ir ver um filme pra não ter que falar com ela

Lucy
é uma boa
meu deus, é como se vc estivesse tentando se livrar de um encontro ruim

Jodi
exatamente

Paige
vou ver o filme SÓ se você sentar no meio
vou arregaçar o rosto dela se ela ficar me encarando enquanto vê o filme como da última vez
ALÉM DISSO eu quero escolher o filme

Jodi
DIVAAAAAA RAINHA obrigada obrigada obrigada

A cabeça de Jodi girava. Ela engoliu a bile na garganta ao imaginar Emily lendo as mensagens – trocadas apenas algumas semanas antes da morte dela. Estava claro que Jodi não queria sair com ela, que ria dela pelas costas e que achava que ela era um saco.

Se o que Julian dissera fosse verdade, se Emily tivesse voltado seu foco para *ela*, Jodi só podia imaginar o quanto ler aquilo tinha sido doloroso. Ver vídeos do Snapchat e do TikTok no privado tirando sarro dela ou a filmando sem que ela soubesse, dando zoom no rosto dela encarando Zack com adoração enquanto ao fundo tocava o trecho "I'll be watching you" da música "Every Breath You Take", do The Police.

Jodi se forçou a ver tudo. No final, lágrimas escorriam pelo seu rosto, e havia um nó no seu estômago.

Julian podia ter entregado tudo aquilo, mas Jodi não tinha dúvida de que as mensagens dela mesma tinham sido a gota d'água para Emily.

Capítulo 27

Ela mal ouviu a batida na porta da frente. Teve uma esperança fugaz de que Zack tivesse ido se desculpar antes de abrir a porta e ver Oliver Burns.

– Oi, achei que eu tinha visto pessoas entrando e saindo.

Jodi assentiu e cruzou os braços.

– É, eu vim pegar umas coisas. E aí?

Os olhos de Oliver percorreram o rosto dela, notando a pele avermelhada e os olhos inchados. Ele não fez perguntas, e Jodi ficou muito agradecida. Zack teria perguntado. Zack não teria deixado para lá.

– Então, a Calloway me ligou hoje de manhã. Acho que alguém invadiu o laboratório e abriu um monte de latas de tinta. – disse ele. Jodi sentiu o peito relaxar. – Ela falou que parece que não estragaram nada, mas quer que a gente vá dar uma olhada.

– Fui eu – disse ela, com um suspiro. – Eu entrei lá durante o baile pra trabalhar.

Oliver ergueu as sobrancelhas.

– Tááááá. E você…? Tá meio que uma zona lá, Jodi…

– É, desculpa. Eu tive que sair correndo. – Ela desviou o olhar do rosto dele. – Posso ir lá hoje e fechar as latas, salvar o que der dos pincéis.

Ele assentiu devagar, olhando-a de cima a baixo.

Não faça perguntas. Não faça perguntas.

– Legal. – Ele deu de ombros. – Quer uma carona?

Jodi pensou nas outras cinquenta capturas de tela no pen drive. Na quantidade de pessoas que ela queria ignorar naquele momento e no peso das decisões que precisava tomar.

– Seria ótimo.

Ela vestiu uma roupa velha manchada de tinta e encontrou Oliver na calçada. O carro surrado os levou até a escola em um trajeto silencioso. Quando entrou no laboratório e viu as pegadas de tinta, o borrifo cinza nas mesas, o êxtase da noite anterior tomou conta dela novamente, seguido pela desolação. Os sapatos

de Jodi ainda estavam embaixo de uma das mesas.

Oliver não falou nada enquanto os dois tampavam as latas de tinta, limpavam os pincéis e passavam um pano nas paredes e mesas que tinham ficado bagunçadas com a briga de tinta entre Jodi e Julian. Ele não perguntou o que significava aquela bagunça nem por que ela tinha deixado o lugar daquele jeito.

Depois de meia hora, ela ergueu os olhos da mesa do laboratório e observou as costas de Oliver enquanto ele estava na pia.

– Eu te dei o Tratamento Thrasher no primeiro ano?

Ele continuou como se não a tivesse ouvido. Depois, a voz chegou até ela:

– Achei que você não acreditasse nessa expressão.

– Você falou pra polícia que tinha sofrido o Tratamento Thrasher. Eles me contaram os exemplos que você deu pra eles, tipo o lance do cabelo da Paige no baile de boas-vindas e a festa na piscina da Lucy…

– Ah, que legal terem feito isso.

– O Julian e o Zack falaram alguma coisa pra você?

– Nem precisaram. Gente como eles nunca dá atenção pros outros. – Ele fechou a torneira e pegou uma toalha para secar os pincéis. – Eu acredito quando você diz que o Zack não faz ideia do que tá rolando… nunca. Mas, depois do Halloween do primeiro ano, ficou bem claro que eu não era mais bem-vindo.

Jodi franziu as sobrancelhas.

– Halloween?

Ele ergueu os olhos para ela.

– Você não lembra?

Ela vasculhou as próprias lembranças. Tinha sido uma festa em uma pista de boliche. Na verdade, fora ideia de Jodi. Eles tinham ido vestidos de Tartarugas Ninja: as garotas de roupa de Lycra, Zack com um conjunto verde e Julian como um personagem secundário do qual Jodi nunca tinha ouvido falar. Provavelmente era o Halloween favorito dela desde o início do ensino médio. Havia uns vinte outros alunos da escola lá.

– Você não foi convidado? – perguntou Jodi, hesitante.

Os lábios de Oliver se curvaram em um sorriso cruel.

– Fui. Eu tava lá. Eram seis em cada pista, e eu fiquei na sua. Quando voltei do banheiro, a partida tinha começado, mas só tinha cinco nomes na tela. Só os Thrashers.

O coração de Jodi pulsou forte na garganta, sufocando-a.

– Oliver…

– E você nem lembra que eu tava lá, Jodi. Então a sua resposta tá aí.

Ela queria lutar contra a ideia de ser culpada. Queria perguntar se ele tinha pelo menos falado oi. Queria culpá-lo por não ter reclamado disso. Mas se conteve e aceitou a porrada.

– Eu tava muito distraída naquela noite. E não pensei em você. Desculpa.

Oliver deu uma risadinha.

– Bem, não se desculpe três anos depois. E você não tava distraída. Você tava muito concentrada no Zack, em como ser especial pra ele. Ele sempre foi o seu foco.

Ela assentiu, engolindo as lágrimas.

– É. Pois é, sempre foi assim.

– E tanto faz. Já passou. – Ele devolveu os pincéis limpos para o pote. – Somos amigos agora.

Ela sentiu um calor no peito ao ouvi-lo dizer aquilo. Jodi pegou os sapatos esquecidos da noite anterior e ficou mexendo na fivela enquanto tentava elaborar a pergunta que queria fazer.

– Eu sei das coisas agora – disse ela baixinho, pensando em Zack, em Julian. – Coisas que eu não sabia antes, quando fui interrogada.

Ela deu uma olhada nele. Oliver inclinou a cabeça para ela, e o cabelo magenta caiu nos olhos. Ele balançou a cabeça para afastar o cabelo do rosto e suspirou.

– Bem, você pode ficar quieta, como uma boa Thrasher. Você não tá lutando pela própria inocência, então não tem motivo pra negociar informações.

Ouvir Oliver dizer aquilo era como sentir uma brisa quente tomando conta dela. *Eu poderia*.

– Ou... – insistiu ela.

– *Ou…*

Oliver sorriu para os próprios sapatos.

Jodi respirou fundo, pensando em tudo aquilo. Em mandar Zack para a cadeia. Em entregar Julian à polícia.

– O que você sabe sobre a Reagan ter visto a Lucy jogar a garrafa? – perguntou ela.

– Acho que é mentira. Mas ela mora na rua onde aconteceu, então… sei lá.

Jodi cutucou uma das cutículas e disse:

– Alguém me contou que, no final, a Emily tava obcecada por mim. Que não tinha mais a ver com o Zack.

– Ahhhh, é. – Oliver riu e pegou as chaves. – Isso é verdade mesmo.

Ela ficou olhando para Oliver enquanto ele se dirigia para a saída.

– Como… Por quê? Eu não entendo.

Ele abriu a porta e parou para esperar por ela.

– Esse é o seu problema, Jodi. Você sempre achou que havia alguém mais especial, mais merecedor. A vida de Zack Thrasher, o conforto dele, a felicidade dele… tudo isso sempre foi mais importante pra você do que qualquer outra pessoa.

Ela o seguiu com os pensamentos acelerados e se sentou no carro. Ele saiu do estacionamento e, assim que ligou a seta para virar à esquerda, ela disse:

– Você pode me levar pra casa do Zack?



Charity Thrasher a deixou entrar com uma expressão de curiosidade, explicando que Zack ainda devia estar dormindo.

– Tudo bem. Posso ficar na beira da piscina?

Ela deu uma olhada na pele suada e manchada de tinta de Jodi, na camiseta larga e na expressão determinada e, com um sorriso, falou para ela ir lá fora. Jodi observou a água se movimentar na piscina, se concentrando no que tinha ido dizer. Dez minutos depois, quando a porta dos fundos se abriu, Zack apareceu despenteado e acenou com a cabeça para o anexo da piscina, seguindo-a até lá dentro.

Ele estava horrível, o que era surpreendente. Olheiras enormes e pele inchada. Jodi ficou pensando se Zack tinha bebido até ficar em coma alcoólico por causa dela.

Jodi não se sentou nos sofás confortáveis que foram uma segunda cama para ela durante tantos anos. Ficou de pé no meio da sala e o observou cruzar os braços.

– Na noite em que foi preso, você me falou… que não tinha sido você.

Os olhos dele se desviaram.

– Você chorou. Eu te abracei enquanto você chorava, porque você era inocente, porque você tava com medo.

– Eu sou inocente – disse ele, voltando a encará-la. – Eu não *estuprei* ela. A gente transou… ou começou a transar…

Jodi engoliu em seco.

– Foi consensual. Eu não mereço ir pra cadeia por causa disso – finalizou ele.

Jodi pigarreou.

– Você não pode fingir que não sabia que era ilegal, Zack.

– Ah, e a gente não faz *nada* ilegal, você e eu, né? – A voz dele era brusca e direta. Ele estreitou os olhos. – O parque McKinley depois do toque de recolher. Dirigir sem carteira?

– Você tá mesmo jogando na minha cara as coisas que eu faço por você… *por você?* Dirigir bêbado também é ilegal, mas eu não vi você se oferecendo pra ficar sóbrio…

– Não importa. – Ele acenou com a mão, como se ela fosse uma mosca zumbindo. – O que você quer?

A dispensa foi como uma flecha no peito dela.

– Eu queria que a Emily Mills ainda estivesse viva – retrucou ela. – Você consegue conversar comigo? Eu não queria ser arrastada pra um tribunal pra testemunhar contra todas as pessoas que eu amo. Eu *realmente queria* ter de volta os 3 mil dólares que gastei com uma advogada por causa disso tudo…

– Que porra é essa, Jodi? Tipo… meu Deus! – Ele passou a mão pelo cabelo. – Se você quer dinheiro, eu posso te dar.

Ela se encolheu, como se ele tivesse dado um tapa nela. A expressão de Zack estava irritada, perplexa. Ela esperou que ele se desse conta do que tinha dito, do que tinha ignorado, mas nada disso aconteceu.

Ela respirou fundo, organizando os pensamentos.

– Eu vim pra dar uma chance pra gente falar disso. Mas acho que a gente não tá preparado. Então, tô te avisando que não vou mais mentir… sobre *nada*. Se me perguntarem isso sob juramento, vou falar a verdade.

Ele arregalou os olhos quando ela foi em direção à porta, dando a volta nele.

– Você tá falando sério? Você acha mesmo que eu deveria ir pra cadeia por…

Jodi se virou para ele.

– Por que você dormiu com ela? – gritou. – Zack, você *gostava* dela?

– Não! Quer dizer, ela era legal. Eu nunca odiei ela do jeito que vocês odiavam.

– Mas você sentia alguma coisa por ela?

Ele levou a mão ao rosto.

– Não.

– Então por quê?

– Ela tava lá! Ela tava lá, na minha frente, se oferecendo, tá? É óbvio que eu não tenho orgulho disso, mas ela tava lá, me ouvindo e… – Ele suspirou. – Ela tava me *vendo* de verdade, tá?

– Eu já fui essa pessoa – sussurrou Jodi. – Eu já te ouvi. Eu te vejo faz dez anos, Zack. Não finge que você não sabe!

Ele piscou para ela, aturdido.

– Não finge que você não adora… saber que você pode ter *qualquer* uma de nós.

Ele engoliu em seco.

– Do que você tá…

– Ela tava lá? Que palhaçada. Você controlava a Emily e você *sabe* disso. Eu teria dado *qualquer coisa* pra você olhar pra mim… pra você me escutar, me ver… e pensar: "Olha ela aqui." *Eu estava aqui.*

Ele olhou para a piscina pela janela, e ela viu os olhos dele se mexendo depressa, reflexivos. Os dela estavam transbordando.

– Mas, em vez disso, você escolheu tirar a roupa com alguém que mal conhecia. Então, tá na cara que ela tava te dando algo que eu não tava. Tá na cara que você tava atraído por ela, encantado por ela ou fazendo alguma merda, Zack. Porque ela não tava simplesmente *lá.*

A ponta do nariz dele estava vermelha enquanto ele fungava.

– Eu gostava que ela gostasse de mim. Só isso. – Ele se voltou para Jodi. – E talvez eu soubesse de você. Como você se sentia. Acho que eu não sabia de verdade como *eu* me sentia até te perder.

Ela revirou os olhos com o papinho lixo dele.

– Me perder? Quando?

A mandíbula dele travou.

– Há quanto tempo tá rolando isso aí com o Julian?

A respiração dela saiu na forma de uma risada.

– Tipo, 24 horas, tá? Então relaxa. – Ela balançou a cabeça. – Você não foi atrás de mim, Zack. Eu… eu fui andando pra casa ontem à noite. E, hoje de manhã, o Julian foi a primeira pessoa que apareceu na minha porta.

Ele estreitou os olhos, mas ela continuou a falar:

– Mas mesmo antes disso... Você não me coloca em primeiro lugar há muito tempo. Provavelmente desde a segunda série, pra ser sincera. Mas eu venho te colocando em primeiro lugar em todos os segundos de todos os dias desde então. Eu não quero ter pedacinhos de uma pessoa.

– O Julian também não é o tipo de pessoa que te coloca em primeiro lugar – retrucou ele.

– É, mas eu não pedi isso pra ele. Como já falei: 24 horas.

Zack deu um passo à frente, segurando as mãos dela. Jodi baixou os olhos para elas.

– Eu posso tentar. Posso tentar ser melhor e te colocar em primeiro lugar –

disse ele.

Ela o observou engolir em seco, com os olhos percorrendo os dela.

– A gente podia tentar… ser alguma coisa nova também.

Jodi deu um passo para trás. O estômago estava revirando.

– Esse é um péssimo momento, Zack. Você não sentia nada disso antes do seu melhor amigo me beijar.

– Mas talvez eu sentisse! – Ele segurou as mãos dela com mais força. – Talvez eu só não quisesse estragar tudo…

– Não. – Ela observou as sobrancelhas dele se franzirem. – Não, obrigada. Se isso fosse verdade, acho que você não teria dormido com a Lucy no segundo ano, não teria ficado com aquela garota alemã no último verão, não teria ido atrás da Kiera nem qualquer uma das outras. Acho… Eu acabei de dizer que não vou mais mentir por sua causa, e aí você percebeu que sente alguma coisa por mim…

– Não é isso que eu tô fazendo. Eu juro, Jo. Eu… Se você não acha que devemos tentar agora, tudo bem.

Ela apertou os lábios, sem se preocupar em corrigir a suposição dele de que "não" queria dizer "agora não".

– Zack, eu não quero que você vá pra cadeia. Mas não vou cometer perjúrio nem nada do tipo, se me perguntarem alguma coisa sob juramento. Não vou fazer isso por ninguém. – Ela o observou ranger os dentes. – Os Mills são muito legais. Você devia pensar em dizer a verdade e deixar que eles te perdoem.

A cabeça dele trabalhava a todo vapor enquanto ela o contornava e saía do anexo da piscina. Os passos dele a seguiram, decididos, enquanto ela caminhava direto para a casa dos Thrashers, virava à direita na porta e batia no escritório onde ela raramente entrava.

– O que você tá fazendo?

Zack estava falando atrás dela, ao mesmo tempo que o pai dele perguntava:

– Pois não?

Jodi se virou para olhar para Zack. Os olhos dele estavam arregalados e assustados.

– Eu te falei que agora vou falar a verdade.

Zack estendeu a mão para ela ao mesmo tempo que ela abria a porta e cumprimentava Greg.

– Eu tenho algumas informações pro advogado do Zack. Pros advogados de todos, pra falar a verdade – declarou ela. – Como devo levar isso até eles?

Greg apertou a ponta da caneta e a colocou de lado.

– Que tipo de informação?

– O diário que tá com a polícia é falso. E eu posso provar.

Ele ergueu as sobrancelhas. Ela sabia que, caso se virasse, veria Zack com a mesma expressão.

– Como assim? – perguntou Greg.

– Bem, eu sei que o incidente da garrafa de vidro não aconteceu com a Emily.

– Como?

Os joelhos de Jodi vacilaram, mas ela se manteve firme.

– Porque aconteceu comigo.

Capítulo 28

Quando o dia chegou ao fim, Jodi tinha contado a história três vezes: uma para Greg, outra para o advogado de Zack e outra para o de Lucy. No dia seguinte, ela escreveria uma declaração juramentada que seria entregue a todos os quatro advogados. A declaração diria que, em 1º de março de 2024, Hank Dillon tinha ficado bêbado e atirado uma garrafa na filha, contundindo o ombro dela. Jodi juraria que a única pessoa que sabia do fato até aquele momento era Emily Mills, que perguntou detalhes íntimos sobre o acontecimento. No dia seguinte, todas as equipes da defesa enviariam um pedido de mandado de busca na casa dos Mills para procurar o diário no banheiro do andar de cima.

Depois disso, não haveria nada a fazer senão esperar.

Quando Jodi terminara de contar pela primeira vez, tinha ignorado a presença de Zack atrás dela na porta e se concentrado em Greg. A voz tinha vacilado, mas ela botara tudo para fora.

– É comum o seu pai ficar violento com você? – perguntara Greg, olhando para ela por cima dos dedos entrelaçados.

– Não é comum, mas o Zack pode confirmar que eu já me senti… é, insegura. O Julian também pode. E acho que o Oliver Burns também.

Tinha achado que era importante dar o maior número possível de testemunhas. Dessa forma, muitas pessoas poderiam corroborar a história.

Greg assentira.

– E onde você está morando agora? – perguntara ele, com a voz branda.

– Com a minha tia e a minha avó – respondera ela.

Só então Jodi se dera conta de que Greg não estava perguntando como advogado, mas como pai. Os olhos dela tinham se enchido de lágrimas, e ela fungara para contê-las.

Ele explicara que, como ela já tinha 18 anos, não haveria nenhum envolvimento do Conselho Tutelar, mas ela precisaria se preparar para a possibilidade real de que o pai enfrentasse uma ação judicial depois que a história

fosse a público.

Jodi ainda estava pensando nisso enquanto Greg dava uma carona para ela até a casa de Rosa. Zack se oferecera, mas ela pedira para Greg fazer isso. Precisava ficar um pouco longe dele, e a presença silenciosa de Zack durante a confissão a Greg tinha feito Jodi sentir como se estivesse se afogando.

A perna dela estava balançando de ansiedade quando eles pararam na garagem de Rosa.

– O meu pai vai pra cadeia? – A voz estava fraca e rouca.

– Não necessariamente. Ele pode ser multado ou receber liberdade condicional. Se você quiser que ele vá pra prisão, eu posso ajudar…

– Não. Eu não quero que ele vá pra cadeia. Eu não queria nada disso. – Ela encarou as próprias mãos. – Eu só precisava falar a verdade sobre algumas coisas…

Ela se deu conta de que, naquele momento, quase todas as pessoas de quem ela gostava poderiam ir para a cadeia. Passando a mão na testa, Jodi agradeceu a Greg pela carona e prometeu ligar se precisasse de alguma coisa.

Rosa estava reclamando antes mesmo de ela abrir a porta da frente. Jodi pediu desculpas por ter passado a noite inteira e o dia todo fora e depois pediu para que a tia se sentasse.

– A gente precisa conversar sobre o meu pai.



Rosa berrou durante uma hora. Jodi a fez prometer que não iria para cima do pai quando o visse. Elas foram de carro até o motel onde ele estava hospedado enquanto pensavam no que fazer com a casa. Quando ele abriu a porta, deu um sorriso tão grande que quase partiu o coração de Jodi ao meio.

– Oi, Jo – disse ele. – Que ótima visita.

Ele olhou para Rosa atrás dela, de braços cruzados e fuzilando-o com o olhar.

– Rosa.

Felizmente, ele parecia sóbrio, e, quando Jodi e Rosa entraram, não havia garrafas de cerveja entulhando as mesas e as mesinhas de cabeceira.

– Eu tenho uma coisa pra conversar com você – disse Jodi.

A voz dela embargou, e o corpo queria fugir dali.

– Tá – disse ele, se sentando na beirada da cama.

Rosa se sentou à mesinha perto da janela, e Jodi ficou entre os dois, de frente para o pai.

– Eu… eu não gosto quando você bebe. – Lágrimas brotaram em seus olhos, e ela se sentiu como se fosse se afogar se as deixasse cair. – Você fica cruel.

O pai olhou para ela, aturdido, depois pareceu murchar. Ele olhou para Rosa antes de se dirigir a Jodi:

– Eu preciso parar. Eu sei. Desculpa…

Rosa bufou, interrompendo-o. Jodi fez um gesto com a mão para ela, lembrando a tia de deixá-la falar.

– Você fica cruel quando bebe – prosseguiu Jodi, percebendo que poderia falar bem depressa e terminar logo com aquilo. – E você jogou coisas em mim. Garrafas. Você atirou uma garrafa em mim uma vez, e ela me acertou.

A boca do pai se abriu devagar, encarando a filha de queixo caído.

– Quê? – perguntou ele baixinho.

As mãos de Jodi estavam tremendo, e ela as enfiou nos bolsos.

– Uma vez, uma garrafa de cerveja me acertou e deixou um machucado. Desculpa te falar isso, mas, por causa de algumas coisas do caso Emily Mills, eu tive que falar sobre isso com a polícia. – Ela fungou para conter as lágrimas. – Eu nunca prestaria queixa contra você…

– Mas deveria! – gritou Rosa. – Sua única filha, Hank! A última ligação que a gente tem com a Josephine, e você…

– Rosa – disse Jodi com firmeza. – Você pode esperar lá fora, por favor?

Rosa foi até a porta batendo o pé, de cara feia, resmungando baixinho. Assim que a porta se fechou, Jodi se virou para o pai.

Ele estava encarando o chão coberto por um carpete fino. Uma lágrima solitária escorria por seu rosto.

Jodi olhou para o teto, implorando para que as próprias lágrimas voltassem para os olhos.

– Jodi…

Como ele não falou mais nada, Jodi seguiu em frente.

– Eu fui aceita no Instituto de Artes da Califórnia. Achei melhor não te contar porque você ia ficar preocupado com o dinheiro, mas eu tô muito animada pra ir. Eu tô pintando cenários de teatro. Fiquei chateada quando você não foi ver *Nossa cidade* no outono passado.

A garganta dela travou, e as lágrimas escorreram sem aviso. Ela sentiu o ar rareando, como se os pulmões estivessem se enchendo de água.

– Você não tava viajando a trabalho, só tava bêbado mesmo. Eu cheguei em casa depois do espetáculo e você tava dormindo na poltrona. Você podia ter ido.

– Desculpa. Eu… – Ele passou a mão na cabeça, ainda sem olhar para ela. –

Eu devia ter ido. Sinto muito por você ter achado melhor não me contar sobre a faculdade. E me desculpa por ter jogado uma garrafa em você, Jodi. – Ele finalmente ergueu os olhos para ela. – Eu te amo. Não quero te fazer mal.

Ela assentiu para ele, deixando mais lágrimas rolarem.

– Eu vou parar – declarou ele. – Pra mim chega. Quero que você me veja jogar fora o que está na geladeira.

Ele fez um gesto em direção ao frigobar.

– Tá tudo bem. Eu confio em você. – Jodi fungou. – Obrigada por pedir desculpa. Sinto muito que eu tenha tido que contar pra polícia.

Ele balançou a mão.

– Não, tudo bem. O que aconteceu com a sua amiga Emily?

Jodi contou a ele uma versão muito breve da história. As pernas dela estavam tremendo, então ela se sentou na cadeira que Rosa tinha deixado vazia.

– Tenho mais alguns meses em Sacramento – disse ela – e quero te ver, mas não quero morar com você.

– Eu entendo. – O queixo dele tremia. – Vamos jogar minigolfe. E é claro que eu vou na sua formatura.

Ela abriu um sorriso fraco.

– Eu preciso ir. Tenho muita coisa pra fazer.

Jodi respirou fundo e se levantou. Nenhum dos dois fez menção de se abraçar, e Jodi ficou grata. A ferida era muito recente. Seus braços estavam arrepiados.

Quando Jodi estendeu a mão para a maçaneta, a voz baixa dele chegou até ela:

– É difícil, Jo. É muito difícil não ter a vida que a gente imaginou. E ficar sozinho por causa disso.

Os olhos dele se ergueram do chão para encará-la.

– Você não estava sozinho – respondeu ela baixinho.

O pai respirou bem fundo pelo nariz, com os lábios fechados com força. Ele assentiu.

– Não. Eu não estava sozinho. Às vezes eu esquecia disso.

Jodi mordeu a parte interna da bochecha, pensando se havia algo mais a ser dito ou não. Ela abriu a porta.

– Até mais – murmurou antes de fechá-la.

A luz do sol atingiu sua pele quando se virou para encarar Rosa. Ela respirou fundo, como se estivesse subindo para respirar depois de ficar debaixo d'água por muito tempo.

– Pronto – disse ela.

Rosa a levou para casa.



Na segunda-feira de manhã, Jodi se deparou com Lucy esperando perto de seu armário antes do primeiro sinal tocar.

– Oi.

Jodi abriu um sorriso fraco, mas, antes que conseguisse dizer mais alguma coisa, Lucy a abraçou.

– Você não precisava ter feito isso – disse Lucy. – Deve ser muito difícil pra você.

Afundando o rosto no ombro de Lucy, Jodi sentiu o perfume. Parecia que não era abraçada daquele jeito havia meses.

Jodi finalmente a soltou e deu um passo para trás.

– Eu tive que fazer isso. Não quero que nada de ruim aconteça com o meu pai, mas também não quero que nada de ruim aconteça com vocês. Nenhum de vocês.

Lucy assentiu.

– Assim que a polícia pegar esse segundo diário, o meu advogado acha que a promotoria vai desistir de todas as acusações. Ei, como foi que você soube desse segundo diário?

– Eu meio que… fui procurar. – Jodi estremeceu. – Inventei uma desculpa pra visitar os Mills e fui bisbilhotar.

Os lábios de Lucy se curvaram em um sorriso diabólico.

– Você é muito foda, Jodi Dillon.

Jodi riu e arrastou os pés.

– Além disso – disse Lucy, ajeitando o cabelo atrás da orelha –, eu ouvi uma coisa sobre você e o Julian…

– Ai, caramba. Olha a hora.

Jodi pegou os livros e fechou o armário, lutando contra o rubor nas bochechas enquanto Lucy gargalhava.

Ela passou o resto da manhã pensando no que queria dizer a Julian. No fim do dia, Jodi o encontrou esperando por ela do lado de fora da sala da última aula. Jodi mordeu o lábio enquanto se aproximava.

– Ouvi falar que tem uns desdobramentos muito empolgantes no escândalo Emily Mills hoje – comentou ele, inclinando a cabeça com um sorriso travesso.

– Deve ter mesmo. – Ela respirou fundo. – Tô indo pro prédio do teatro pro ensaio técnico. Você vem comigo?

Ele ficou ao lado dela, acompanhando o passo.

– A peça estreia nesse final de semana?

– Aham. A minha parte tá quase pronta, então agora eu só tenho que me preocupar com as trocas de figurino da Nikita.

Ele pigarreou.

– Então, olha... achei que ia ter notícias de você depois que você saiu da casa do seu pai. Talvez, tipo, com muito grito ou muito choro. Ou com um tijolo atirado na janela da minha caminhonete.

– Eu tinha que colocar a cabeça no lugar. – Ela ergueu os olhos e viu que ele estava encarando os próprios sapatos enquanto caminhavam. – Mandar aquelas coisas pra ela não foi legal. Muita coisa ali era particular. Frases que eu nunca teria dito se soubesse que ela ia ver.

Ele assentiu.

– Eu sei.

– Eu não posso fingir que não sei de nada.

– Eu sei.

Ela parou de andar e o encarou.

– Sabe mesmo?

– Jodi, eu sabia o que tava fazendo quando te dei aquele pen drive. – Outra vez aquele olhar, como se ele estivesse exausto. Julian deu um passo para trás. – Deixa um ingresso pra mim na bilheteria, tá? – disse ele se afastando sem se virar.

Jodi ficou olhando para ele, tentando aceitar que tinha mais uma verdade para revelar e desejando ter tido mais tempo com aquela versão dele.

Ela estava em uma cafeteria a poucos quarteirões da escola, na manhã de terça-feira, bebendo uma coisa doce. O joelho balançava debaixo da mesa enquanto ficava de olho na porta.

Quando ela se abriu, às 7h30 em ponto, as mãos de Jodi envolveram a xícara enquanto a detetive Harding dava uma olhada na cafeteria. Assim que a mulher se sentou na cadeira à frente dela, Jodi notou que a maquiagem de Harding estava perfeita, a blusa impecável e o cabelo bem preso. A detetive colocou a bolsa de grife – pirata, mas era uma boa falsificação – na cadeira ao lado e sorriu.

– Srta. Dillon, estou feliz de saber que finalmente "se lembrou" de onde poderia estar o celular de Emily Mills – disse ela com sarcasmo. – Agora, qual é o assunto aqui?

Jodi enfiou a mão no bolso com os dedos trêmulos e colocou o pen drive em cima da mesa, entre as duas.

– O que é isso?

– Foi isso que Julian Hollister enviou para Emily Mills no dia em que ela morreu.

O falso ar de tédio desapareceu dos olhos de Harding, e eles se estreitaram para o rosto de Jodi. Ela se sentou mais à frente e entrelaçou as mãos.

– Ah, é? Como é que você sabe?

– Porque o Julian me deu.

Com os lábios vermelhos apertados numa linha fina, Harding encarou o pen drive.

– O que tem nele?

– Tem… Acho que se pode dizer que é a prova de que nós não gostávamos da Emily Mills.

– "Nós" quem?

– Os Thrashers. São várias capturas de tela, conversas particulares, TikToks… Coisas que a Emily nunca deveria ter visto.

Harding se recostou na cadeira. Ela pegou o pen drive e o segurou entre as unhas pintadas de vermelho. Os olhos se voltaram para Jodi.

– Por que Julian Hollister te deu isso?

Jodi engoliu em seco.

– Porque a gente… Sei lá. Mas talvez a gente fosse… namorar, ou não, mas…

Harding olhou para ela, aturdida, erguendo as sobrancelhas. O rosto se contraiu em uma expressão que não agradava Jodi. Parecia pena.

– Jodi – disse ela baixinho. – Eu conheci pessoas como os seus amigos a vida toda. Garotos como Zack, Julian… eles não namoram garotas como nós.

Jodi desviou o olhar depressa. Seus olhos se fixaram nos sapatos de Harding, os Louboutins falsificados. Harding ainda queria ser como eles, mesmo depois de lutar com unhas e dentes para ter sua vingancinha do ensino médio. Dali a vinte anos, Jodi não queria mais se preocupar se era ou não uma Thrasher.

Harding se inclinou para a frente.

– Obrigada por ter trazido isso pra mim, Jodi. Foi muito maduro da sua parte colocar Emily e a família Mills à frente das suas amizades.

– Eu só queria falar a verdade e acabar com isso.

Harding assentiu e guardou o pen drive na bolsa. Jodi o ouviu cair lá dentro como um martelo.

– Espera – disse Jodi. – Vocês falaram que ele mandou duas mensagens pra ela. Uma era o link pra isso aí. O que mais ele falou?

Harding respirou fundo.

– Imagino que você vá descobrir logo, logo. Ele enviou o link pra ela e, em seguida, disse: *a Jodi não tá nem aí se você está viva ou morta*.

Parecia que uma espada tinha sido cravada no peito dela.

– Isso não… não é verdade…

– Nós sabemos. – A boca de Harding se apertou em um sorrisinho ligeiro. – Mas, infelizmente para Julian… é o suficiente para o dolo.

Dolo. Jodi estremeceu. Era isso. Ela tinha enfiado o último prego no caixão dele.

Ficando de pé, Harding foi até a porta, depois parou e se virou com seus sapatos pintados.

– Como você se sente? – perguntou ela, com um sorriso. – Por todas as evidências que eu reuni, essa é a primeira vez que você faz isso.

Jodi franziu as sobrancelhas.

– Primeira vez?

– Que você dá o Tratamento Thrasher em alguém.

Harding abriu um sorriso cheio de malícia e saiu graciosamente pela porta sem esperar a resposta de Jodi.

Capítulo 29

JUNHO

Paige foi a primeira a ser inocentada.

Quando o primeiro diário que estava nas mãos da polícia foi examinado, a conclusão a que se chegou foi que era impossível ele ter sido escrito ao longo do ano letivo – de acordo com a pressão da caneta, o desgaste das páginas. O diário encontrado no banheiro dos Mills, por outro lado, foi aceito como verdadeiro. Uma a uma, Jodi viu as acusações dos amigos serem retiradas.

A polícia decidiu que o depoimento de Oliver Burns a respeito do incidente Ou Vai ou Racha não era suficiente se eles não soubessem quem estava dirigindo, então, sem o diário, Paige foi inocentada. Depois que a declaração juramentada de Jodi a respeito do próprio incidente idêntico com uma garrafa de vidro foi examinada por ambos os lados do caso, Reagan de repente reconsiderou se tinha visto Emily na rua dela no dia em que a garrafa de refrigerante supostamente foi atirada. Todas as acusações contra Lucy também foram retiradas.

Jodi recebeu a mensagem de Lucy pouco antes do ensaio de *Amor, sublime amor* na noite de quarta-feira. O pai de Lucy já estava ao telefone com o amigo no escritório do reitor da Universidade da Califórnia em Los Angeles. Olhando para a tela do celular com um sorriso, Jodi digitou que estava feliz por Lucy ao mesmo tempo que o contrarregra chamava os atores para se posicionarem.

Jodi reservou um ingresso para Julian no espetáculo de sexta-feira, mas ele não conseguiria comparecer.

Na manhã de sexta-feira, Julian Hollister se declarou culpado de assédio criminoso contra Emily Mills. A mensagem de texto e o arquivo do Google Drive, o relato da testemunha ocular que dizia que ele tinha "colocado as mãos nela" – tudo isso foi levado em consideração mesmo sem o diário falso. A promotoria e a defesa chegaram a um acordo sobre uma sentença reduzida: seis meses na casa de detenção para menores de Sacramento. Ele foi levado sob custódia logo depois da audiência de delação premiada. Teria que tirar o diploma do ensino médio na casa de detenção.

O coração de Jodi ficou na garganta durante todo o espetáculo e, quando a

cortina se fechou, ela já estava a caminho do carro de Rosa na área de espera.

– O que foi? – perguntou Rosa.

Jodi afivelou o cinto de segurança e secou a lágrima que escorria pelo rosto.

– Nada. A peça foi muito boa hoje à noite.

A promotoria não estava tão disposta a negociar um acordo com Zack. Com seu nome no grupo e seu Mustang usado no incidente Ou Vai ou Racha que Oliver tinha testemunhado, eles ainda queriam processá-lo. Além disso, Emily tinha contado à irmã, com riqueza de detalhes, que transara com Zack, então Hannah tinha passado a ser considerada uma testemunha.

Na semana das provas finais, Hannah estava mais fantasmagórica do que nunca, se arrastando pelos corredores e olhando para o nada. Jodi perguntou a Oliver se ela andava comprando maconha dele, mas ele respondeu que não, havia mais de um mês.

No último dia de aula, a promotoria e a defesa de Zackary Thrasher convocaram uma audiência. Jodi esperou na escola após a última prova, olhando para o celular. No outro lado do pátio, viu Hannah Mills fazendo a mesmíssima coisa. Pensou em se aproximar dela, mas o estômago não parava de revirar. Se o caso fosse a julgamento, Jodi poderia ser chamada para depor e teria que contar as verdades que sabia.

Eram quase cinco da tarde quando o celular dela tocou.

– Zack? – perguntou, atendendo à ligação.

– Acabou, Jodi!

Ela conseguia ouvir o sorriso dele do outro lado da linha.

– Como assim? O que houve?

– Tinha uma discrepância de data. Um estagiário da minha equipe de defesa encontrou isso ontem. A Emily falou "sábado" quando queria dizer "domingo", e eu tinha um álibi pro sábado. O Peter tinha cancelado a aula da manhã, e a gente remarcou pra noite. Acho que o depoimento da irmã dela foi bem vago a respeito do dia, então a promotoria decidiu que não valia a pena levar o caso a júri!

Jodi sentiu o sorriso sumir do rosto, por mais que tentasse mantê-lo ali.

– Uau. Peter Kim é o cara. Então você se safou por uma questão técnica?

– É, acho que sim. – Ele manteve a voz baixa. – Eles retiraram todas as acusações, como fizeram com a Paige e com a Lucy.

Jodi assentiu, tentando dissipar o sentimento no peito.

– Ah. Que ótimo.

Como fizeram com Paige e Lucy.

Mas o caso dele *não era* como o de Paige e Lucy. Zack realmente tinha feito

algo errado. Mas, por causa de uma data incorreta, ele não teria que lidar com as consequências.

E Julian estava na casa de detenção para menores.

Zack devia ter percebido algo no tom de voz dela.

– O que foi? Você tá… decepcionada por eu não ter ido pra cadeia?

Jodi pigarreou.

– Não. Não tô decepcionada. – Ela olhou para o outro lado do pátio e viu uma garota baixinha e loura com tênis laranja, também no celular. – Eu tô muito feliz que deu tudo certo, Zack. Liga pra Paige e pra Lucy. Falo com você logo, logo – finalizou ela e desligou.

Hannah Mills se levantou com um pulo e saiu em direção à porta que dava para o interior da escola. Jodi pegou suas coisas e a seguiu.

No corredor, Jodi olhou para os lados e avistou um halo de cabelo louro se mexendo depressa em direção ao banheiro feminino.

– Hannah? – chamou ela, abrindo a porta.

Hannah Mills estava em frente às pias, lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Então ele é inocente?

Havia uma tensão nos olhos dela, e os lábios estavam rachados e mordidos.

– Eles retiraram as acusações. A Emily escreveu a data errada no diário…

– Data errada? Que data errada?

Hannah se virou e avançou, e Jodi quase deu um passo para trás.

– A data em que o Zack supostamente transou com ela. A Emily escreveu sábado em vez de domingo, e o Zack tinha um álibi pro sábado.

Hannah a encarou, a raiva aumentando atrás dos olhos. De repente, um som engasgado escapou de sua garganta, e o rosto se contorceu. Ela se afastou de Jodi, e um grito irrompeu de sua garganta.

– Hannah, eu sei que isso é angustiante…

– Foi você que contou pra eles do diário de verdade, não foi? – resmungou ela. – A minha mãe me falou que você foi lá em casa. Você subiu e procurou, não foi?

Jodi ficou paralisada. Ela o chamara de *diário de verdade*.

– Eu achei mesmo que podia ter sido você – disse Jodi baixinho. – Foi você que escreveu o diário falso?

Lágrimas escorriam pelo rosto de Hannah.

– Eu levei semanas. Consegui imitar a letra dela com perfeição. Reescrevi tudo. Juro que acertei *todas as datas*.

Jodi sabia que tinha que ser cuidadosa. Não podia dar a Hannah nenhuma

pista de que sabia que era verdade o que estava escrito no diário a respeito de Zack e Emily transando.

– O diário na parede, o verdadeiro, parou em abril. Mas você fez registros em maio?

Hannah fungou.

– Depois que a Emily me contou que tinha transado com Zack, ela falou: *Diário é coisa de criança. Eu já sou adulta agora*. Então eu mesma preenchi as datas de maio.

Jodi estreitou os olhos. Algo ainda não fazia sentido.

– A Emily te contou do meu pai atirando uma garrafa em mim?

Hannah enxugou o nariz com o pulso, assentindo.

– Ela me contou tudo sobre tudo.

Então Hannah tinha distorcido a informação e colocado no diário só para incriminar Lucy.

– Por que você não me acusou de nada? – perguntou Jodi.

Hannah ergueu os olhos marejados para ela.

– Você era muito importante pra ela. Ela não ia querer isso. Mas desculpa se eu… – Ela parou de falar, mordendo o lábio.

– Você o quê?

– Desculpa se eu te assustei – disse ela devagar.

Nesse momento, Jodi se tocou.

– Hannah, era você quem estava mandando as mensagens de texto?

Ela encarou as pias.

– Eu só queria que eles se lembrassem dela. Que eles se sentissem culpados.

– Como foi que você fez isso?

Jodi pensou na mensagem falando da tintura de cabelo, no clarão nas fotos de Paige.

– Eu comecei a hackear na sétima série – respondeu Hannah, indiferente. – Não foi difícil acessar o seu histórico de busca.

Jodi ergueu as sobrancelhas. Percebeu que, nas duas circunstâncias em que tinha sentido que as mensagens de texto sabiam demais – quando Jodi estava pensando em experimentar uma nova tintura de cabelo e quando queria ingressos para o espetáculo em São Francisco –, não era clarividência. Era o histórico de busca dela.

– E os números diferentes? – perguntou Jodi.

Hannah deu de ombros.

– Eu comprava celulares descartáveis. E jogava fora depois de usar.

Jodi estreitou os olhos.

– Você também inseriu a luz nas fotos da Paige?

– Não. – Hannah olhou para ela com curiosidade. – Que luz?

Jodi sentiu um arrepio nos ombros, mas ignorou a pergunta.

– Escuta, Hannah. Eu sei que você tá brava. Sei que você sente saudade da sua irmã. E talvez você ache que a gente não teve o que merece, mas você precisa parar. Você fez tudo que pôde pra que a lei fosse cumprida. Se você for mais longe com tudo isso, pode se meter numa grande encrenca. Pode destruir tanto a sua vida quanto a nossa.

Hannah mordeu o lábio, arrancando a pele morta e revelando partes vermelhas em carne viva. Ela assentiu.

– Deles – disse Hannah, lentamente. – Eu não queria destruir a sua vida.

O estômago de Jodi revirou.

– Mas eu *era* igual a eles. Eu sabia ser tão má quanto eles. A Emily te mostrou o Google Drive?

– Umas partes. Quando olhei aquilo, falei que ela precisava contar pra nossa mãe, e ela apagou do celular. Eu nem vi qual deles enviou pra ela.

Jodi assentiu.

– Bem, eu posso ter sido muito importante pra Emily, mas não fui gentil com ela. Não como eu devia ter sido.

– Você não gostava dela – afirmou Hannah com naturalidade, dando de ombros. – Acontece. Mas a gente não precisa gostar de alguém pra ser gentil com ela. Você ia na nossa casa depois da escola e conversava com ela. Deixava ela encher seu saco. Dava esperança pra ela. Acho que isso é ser gentil.

A visão de Jodi ficou embaçada enquanto ela encarava os azulejos do banheiro. Ela achava que aquilo, em grande parte, era verdade. Mesmo assim, não aplacava a dor no peito quando ela pensava no que havia naquele Google Drive.

Contendo as lágrimas, Jodi se virou para Hannah.

– Você vai ficar bem? Alguém vem te buscar?

Hannah fungou e fez que sim com a cabeça.

– Posso dar um jeito de alguém vir, sim.

Jodi ficou pensando se deveria abraçá-la, mas se contentou em apoiar a mão no ombro dela.

– Você pode conversar sobre ela comigo, se quiser. Você tem meu celular.

Como Hannah não respondeu, Jodi foi em direção à porta, com as pernas trêmulas.

– Por que você demorou tanto?

Jodi se virou para ela. Lágrimas escorriam pelo rosto de Hannah outra vez.

– Quando?

– Na noite do baile de encerramento. Na limusine. Você se atrasou muito. Ela falou que você ia chegar às sete.

Jodi sentiu a bile subindo pela garganta.

– Hannah, eu sinto muito, mas a Emily nunca foi chamada pra limusine.

A testa de Hannah estava franzida, demonstrando confusão. Ela abriu a boca algumas vezes antes de dizer:

– Mas ela disse pra esperar. Ela falou: *A Jodi tem que ver*.

Ela ouvia o coração martelar nos ouvidos.

– Ver o quê?

– Ela disse que eu tinha que esperar. Eu não queria, mas ela falou que eu não podia…

– Não podia o quê?

Hannah estava soluçando, tentando puxar o ar.

– Eu não podia gritar até a limusine chegar – respondeu ela, ofegante. – Mas você se atrasou muito. E ela não acordava. E aí, quando você chegou, ela já tinha partido. – Hannah ergueu os olhos para Jodi, com os mesmos olhos da irmã: claros e frios. – Por que você se atrasou tanto?

Havia algo gelado no peito de Jodi e um peso enorme no estômago. Hannah não tinha "encontrado" o corpo da irmã.

Ela estava lá… no banheiro.

– Por que o boletim de ocorrência dizia que o vestido da Emily tava molhado?

– Porque ela me falou pra jogar água fria nela toda vez que ela desmaiasse. Ela disse que tinha que ficar acordada até você chegar.

A voz de Hannah começou a ficar embargada por causa dos soluços. Jodi pensou que, se Emily ainda estivesse viva, ela não seria mais tão gentil com a garota, como Hannah achava que ela era.

O que teria acontecido se eles tivessem chegado na limusine para buscá-la às sete? Jodi nunca mais teria saído de perto de Emily – ela entendia isso agora. Sempre teria tentado tomar conta dela, a garota que quase tinha morrido. Não teria perdoado Julian por ter feito bullying com ela. Se Emily contasse que Zack tinha transado com ela, Jodi também não o teria perdoado.

Emily teria vencido. Jodi teria visto exatamente o que deveria.

Ela engoliu a bile na garganta.

– Hannah, eu sinto muito, de verdade. A Emily não devia ter pedido pra você fazer isso. A gente nunca teve a intenção de buscar ela na limusine. Ela entendeu mal.

O rosto corado e molhado de Hannah estava contorcido de sofrimento. Ela ergueu as mãos para escondê-lo.

– O que ela fez foi muito errado. Espero que você saiba disso, Hannah. Não foi justo com você. E não foi culpa sua.

Jodi deu um passo à frente e puxou Hannah para um abraço. Ela a deixou chorar por um bom tempo.

– A Emily realmente tentou se matar em abril? – perguntou Jodi, hesitante, quando Hannah finalmente terminou. – A primeira vez?

Hannah fungou e fez que não com a cabeça.

– Eu achei que fosse gerar um efeito dramático.

Jodi respirou fundo, exalando o ódio que sentia por Emily Mills naquele momento, e puxou Hannah para perto.

Capítulo 30

Jodi guardou para si a nova informação que tinha descoberto com Hannah. Os amigos estavam tentando seguir em frente, deixar isso para trás. Ela não queria nem imaginar o chilique que Lucy daria se ouvisse a loucura que Emily tinha aprontado. E quis proteger a identidade de Hannah como a mensageira misteriosa, contanto que as mensagens parassem.

Quando parou para pensar, Jodi percebeu que muitas coincidências e acidentes bizarros tinham acontecido com todos eles no ano anterior. Se Hannah estava por trás da perseguição eletrônica, talvez fosse só isso. O drive-in estava velho e decrépito. Ninguém conseguiu achar a bombinha de Lucy por causa do pânico. O choque que Paige tomou poderia ter acontecido com qualquer pessoa, e ela andava preocupada havia meses com Emily; sonhar com ela enquanto estava inconsciente era compreensível. O acidente de carro foi terrível, mas Kiera não estava dormindo e até admitiu, mais tarde, que alguém a estava assediando on-line; provavelmente era Hannah. Embora Jodi acreditasse que Nan era uma médium legítima depois de passar tanto tempo com ela, isso não significava que Emily estava por trás de todos aqueles acontecimentos.

Com o passar do tempo, nada mais aconteceu. No verão, Jodi ficou com Rosa e a avó, visitando o pai quando ele estava na cidade. Ela saía com Oliver e Nikita, que estavam indo para a Costa Leste. (Jodi tinha um convite garantido e um sofá para dormir se resolvesse visitar os dois.)

Um dia, no fim de junho, Jodi enviou uma mensagem para o grupo para ver como andava o pessoal. Não se deu ao trabalho de criar um grupo novo sem Julian; desse jeito, era mais fácil fingir. Ela contou que ia visitar o cemitério e prestar condolências no túmulo de Emily, se mais alguém quisesse ir.

Paige foi a única que respondeu. Ela foi buscar Jodi na casa de Rosa, e as duas fizeram o trajeto em um silêncio amigável até East Lawn, interrompido apenas por algumas perguntas sobre o ano seguinte.

A admissão na Universidade Brown não tinha sido restabelecida, mas a Universidade da Califórnia em Irvine aceitara Paige. Ela já estava falando em se

transferir de lá após o primeiro ano, mas depois elogiou o programa de direito penal em Irvine, sua nova paixão. Jodi tinha a sensação de que Paige se daria bem lá.

– O que você vai fazer? – perguntou Paige. – Na última vez que a gente conversou, acho que você ia pro sul da Califórnia, né?

– É, eu fui aceita no Instituto de Artes da Califórnia.

– Sério? – Paige quase perdeu o controle do carro. – Jodi, isso é incrível!

– Valeu.

Doía pensar em quantas vezes tinha se contido para não mencionar isso, mas Paige estava lutando pela própria vida. De várias maneiras.

– Eles têm um programa de design de teatro – explicou Jodi –, e foi nele que eu entrei.

– Que incrível, gata. Eu com certeza vou dirigir até lá pra ver uma das suas peças!

Jodi abriu um sorriso. Ela não ia cobrá-la para fazer isso.

As duas estacionaram e seguiram o mapa até o túmulo de Emily. Paige tinha comprado flores no supermercado, mas Jodi se contentara com um pedaço de papel com um pequeno esboço de um desenho: uma garota com dentes espaçados e olhos claros, os cabelos dourados emoldurando o rosto.

Havia muita coisa a respeito de Emily Mills que Jodi queria ter descoberto quando ela estava viva. Ela era manipuladora e obsessiva, mas também era usada de várias maneiras. Jodi não podia mentir e dizer que sentia saudade dela, mas queria que as coisas tivessem sido diferentes. Queria ter sido mais direta. Talvez, se Jodi é que tivesse dito que eles não iam buscá-la de limusine, Emily teria escutado.

Elas acharam um túmulo simples com flores frescas. Jodi tinha certeza de que Maureen Mills ia até lá com frequência. Ela se virou para ver o restante das lápides, pensando no túmulo da mãe, que estava em algum lugar por ali. Nunca tinha ido visitá-lo. Talvez pudesse fazer isso antes de ir para a faculdade. Talvez Rosa gostasse de ir com ela e levar flores.

– Eu sinto muito, Emily. – A voz de Paige estava grossa, como se as palavras tivessem saído do peito antes que a boca recebesse a mensagem. – Eu fui má com você e menti pra você. Eu retiraria tudo que falei num instante e sei que isso não significa nada…

Ela engasgou, encarando os próprios sapatos. Jodi estendeu a mão e entrelaçou os dedos com os de Paige.

– Eu não vou ter mais o clarão nas minhas fotos – murmurou Paige para ela.

– Não é estranho? Você acha que ela tá satisfeita?

– Talvez. – Jodi apertou a mão da amiga. – Talvez a gente tenha um pouco de paz, agora.

– A Lucy também não tá mais tendo aquele lance de paralisia do sono. Acho que tá tudo interligado. Ou, pelo menos, queria achar que tá.

Elas ficaram ali, de pé, por um tempo. Jodi não fazia ideia do tempo que uma pessoa deveria levar visitando um túmulo. Será que havia algo que ela deveria fazer? Ou dizer? Será que Paige ia querer rezar?

– Eu joguei a garrafa.

As palavras foram sussurradas à esquerda de Jodi. Ela virou a cabeça de repente para Paige e, se não fossem as lágrimas caindo de seus cílios, poderia pensar que outra pessoa tinha dito aquilo.

– Eu joguei e sinto muito.

O coração de Jodi martelava.

– Você o quê?

– Fui eu. – Paige encarou Jodi com os olhos marejados e o nariz rosado. – Não foi engraçado, mas eu pensei… – Ela engasgou, e Jodi não conseguia respirar. – Você já sentiu que não é suficiente? – perguntou Paige.

Havia uma brisa quente serpenteando entre elas. O cabelo de Paige esvoaçava.

– Eu tenho muito medo de vocês descobrirem que eu não sou nada. Ninguém – disse Paige. Os olhos de Jodi estavam ardendo. – Tenho a sensação de que estou sempre correndo pra alcançar vocês. Faço coisas idiotas pra aparecer. – Ela se virou para a lápide de Emily, erguendo a voz para dizer: – E foi errado. Podia ter te machucado de verdade. Me desculpa.

Jodi sentiu uma mistura de horror e tristeza, compreensão e alteridade.

– A Lucy sabe?

Paige fungou.

– Não. Eu tava dirigindo o carro dela. Tinha deixado ela em algum lugar pra fazer alguma coisa.

A brisa brincava com os cabelos e as roupas das duas. Jodi a encarou, tentando entender.

Uma porta de carro bateu no estacionamento, ecoando em meio às lápides. Jodi se virou. Zack e Lucy estavam caminhando na direção delas. Lucy carregava um ramo de margaridas.

– Não conta pro Zack – pediu Paige, depois abriu um sorriso radiante, acenando para eles.

Jodi ainda estava tentando controlar a expressão quando Zack e Lucy as alcançaram. Era a primeira vez que os quatro estavam juntos desde que as acusações de Zack tinham sido retiradas, mas era estranho estarem reunidos sem Julian. E, agora que Jodi sabia de outro segredo, parecia insuportável.

Lucy a abraçou assim que se aproximou, e Jodi sentiu que estava desabando nos braços dela.

– Ótima ideia – sussurrou Lucy em seu ouvido. – Obrigada por chamar a gente.

Os olhos de Jodi se voltaram para Paige enquanto Lucy a abraçava.

Jodi ficou pensando se eles a culpavam, se estavam secretamente zangados por causa de Julian e queriam respostas. Ela não tinha comentado por que entrara em contato com a detetive Harding, mas eles nunca perguntaram nada. Mas ela achou que não importava. Não tinha como voltar atrás.

Julian era o único que não estava saindo ileso daquela situação.

Os olhos dela pousaram em Zack. O olhar dele estava franco e gentil, mas havia uma pontinha de preocupação por trás.

– Oi, Jo.

Ela acenou com a cabeça para ele. Não sabia se precisava de um abraço dele. Se ele não fizesse menção de abraçá-la como Lucy fizera, ela não ia dar um passo à frente.

Lucy colocou as margaridas no túmulo e disse algo meigo e breve. Zack fez a mesma coisa. Depois de um instante, eles começaram a falar sobre os novos colegas de quarto com quem já tinham feito amizade. E tudo estava normal. Ou quase.

Greg tinha conseguido que a Universidade de Boston restabelecesse a matrícula de Zack. Não era a primeira escolha de Zack, mas era onde sua irmã estava, e ele faria parte da equipe de basquete. Lucy ia para a Universidade da Califórnia em Los Angeles, e ela e Paige já estavam combinando de se encontrarem depois da primeira semana de aulas.

Enquanto as duas falavam da Rodeo Drive, Zack se inclinou para falar com Jodi.

– A gente pode dar uma volta?

Jodi respirou fundo e o seguiu entre as lápides. Alguém tinha colocado flores em todos os túmulos daquela fileira.

– Posso perguntar se você tá brava comigo? – perguntou ele.

Ela pensou por um instante.

– Não. Na verdade, não. Eu te falei: eu nunca quis que você fosse pra cadeia.

Mas quero te pedir um favor. – Ela se virou para Paige e Lucy, pensando em quantos segredos todos eles guardavam. – Conta pras meninas. Elas merecem saber a verdade.

Ele ficou elaborando palavras por um instante, tentando se safar, ela supôs.

– Vai ser difícil – prosseguiu ela –, mas mentir pras suas melhores amigas é a pior coisa que você pode fazer, Zack.

Ele assentiu.

– Vou contar. Antes da gente ir pra faculdade. – Ele se virou para ela e respirou fundo. – Tenho a sensação de que as coisas estão estranhas entre todos nós agora. Vocês vão pra Califórnia, mas eu vou pra Boston. E o Julian… Você falou com ele?

– Vou visitar ele em agosto – respondeu ela.

Ele tensionou a mandíbula, e ela revirou os olhos.

– Relaxa. Você devia falar com ele. Ele é seu melhor amigo.

Ele pigarreou.

– Você acha que eu posso te visitar na faculdade? Talvez em outubro? Ou eu poderia te levar de avião até Boston?

A expressão dele era lívida, à espera.

– Talvez – respondeu ela. – Acho que a gente devia tentar fazer coisas sem o outro por um tempo. A faculdade é pra isso.

– Eu não quero perder a sua amizade, Jo.

Os olhos dele eram de um azul profundo, implorando a ela. Jodi assentiu.

– Eu não penso nisso como uma perda. Penso como… uma chance da gente se reencontrar. Você vai pra Costa Leste, eu vou ficar aqui. É impossível continuar sendo o que a gente era, então é uma oportunidade de ver o que mais a gente pode se tornar.

Jodi olhou para ele e viu que ele estava franzindo a testa. Teve a nítida impressão de que Zack Thrasher não tinha conseguido o que queria pela primeira vez na vida. Ela sorriu.



UM MÊS DEPOIS

Jodi se apresentou na recepção, entregou seus objetos pontiagudos e passou pelo detector de metais. Luzes fluorescentes zumbiam no alto, e as paredes pareciam ecoar sozinhas.

O guarda a conduziu até uma sala com telefones dos dois lados, separados por painéis de acrílico. Alguns visitantes já estavam sentados, conversando com seus entes queridos vestidos com roupas laranja.

Ela esperou apenas trinta segundos até que a porta de metal pesado se abrisse do outro lado do painel e Julian Hollister aparecesse. O cabelo estava curto e a pele tinha perdido um pouco daquele brilho de anúncio da Gap, mas ele estava dando um sorrisinho malicioso para ela.

Ele se largou na cadeira à sua frente, pegou o telefone com um floreio e disse:

– Alô, aqui é Julian Hollister, quem tá falando?

– Não é justo que mesmo raspando o cabelo… o cabelo que te define… você ainda consiga ficar tão bonito.

– Nunca foi só o cabelo. – Ele a observou com atenção, examinando o rosto dela, guardando-o na memória. – Quer que eu fale algo sobre a sua aparência atual?

– Não, isso seria meio de mau gosto, já que você tá preso. – Ela apoiou o braço livre em cima do balcão e se inclinou para a frente. – Você quer ouvir que eu sinto muito?

– Só se for sincero.

Ela olhou para ele com um sorriso suave, que ele retribuiu.

– Eu tirei a carteira de motorista – contou ela.

O sorriso dele foi eletrizante.

– Se cuida, mundo. Jodi Dillon está à solta nas ruas.

Ela revirou os olhos.

– Quer dizer, eu ainda não tenho um carro. Mas agora tenho mais opções. E vou pra faculdade na semana que vem – disse ela. – Instituto de Artes da Califórnia. Vou tentar "uma carreira" com essa coisa toda de cenário de teatro.

Os olhos dele cintilaram.

– Que bom. Talvez eu perca o espetáculo deste semestre, mas você acha que consegue guardar um ingresso pra mim na primavera?

Ela deu uma risadinha, e o guarda atrás dele olhou feio para os dois. Ela supôs que a conversa devia ser bem mais leve do que a maioria das conversas que ocorriam naquela sala.

Eles conversaram um pouco, e ela enfim fez a pergunta que estava na sua cabeça.

– Quem tava dirigindo o carro? Quando a Emily tava no capô?

Ele inclinou a cabeça para ela.

– Eu te falei que era eu.

– E eu não acredito.

Os lábios de Julian se contorceram.

– Ah, é? Quem você acha que era?

Jodi olhou bem para ele.

– A única pessoa por quem você levaria a culpa. Por quem todos nós levaríamos a culpa.

Ele apertou os lábios, contendo um sorriso.

– Mas você não. Você não faria isso.

– Não. Eu não faria. Não se tivessem me pedido pra depor.

Ele suspirou.

– Eu escrevi pra Hannah – disse ele, e ela piscou, aturdida. – Não sei se ela leu, mas não importa. Isso é com ela.

– E o que foi que você escreveu?

– "Desculpa." E falei sério.

Jodi assentiu.

– Lembra das mensagens estranhas que a gente recebia? Era a Hannah.

Julian ergueu as sobrancelhas.

– Ela tava muito brava, tentando… Sei lá. Talvez garantir que a Emily não fosse esquecida?

Ele se remexeu na cadeira.

– É.

– Muitas outras coisas bizarras pararam de acontecer. A Lucy disse que não acorda mais como se estivesse sendo observada. A Paige também não. Eu costumava sonhar com ela… não sei se eu te contei… mas isso também parou. – Ela respirou fundo. – Pode ter sido tudo coisa da nossa cabeça. A culpa pregando peças na gente.

O guarda deu um passo à frente e gesticulou para Jodi.

– O tempo acabou.

Ela assentiu, e Julian olhou bem para ela uma última vez.

– Você vai sair logo, logo – disse Jodi. – Eu, a Paige, o Zack e a Lucy fomos assombrados por isso durante um ano. Sei que não é a mesma coisa, e talvez seja bobagem…

– Não, eu já saquei – retrucou ele. – É a minha vez. Sei que escolhi ser cruel. E tenho que lidar com as consequências disso.

– Acho que o que eu quero dizer é que… eu tô contente de você não ter sido assombrado no ano passado. De ela não ter… brincado com a sua galeria de fotos, estado nos seus sonhos nem sentado na sua cama de manhã.

Ela deu uma risadinha. Julian encarou Jodi, os olhos ficando sérios e determinados.

– Eu nunca falei que ela não fez isso.

Jodi o encarou, sentindo o choque.

– Anda, Hollister – disse o guarda, dando um passo à frente.

– Você… – Jodi tentou elaborar as palavras. – O tempo todo? Ou quando você… quando você quase morreu…?

– Até mais, Dillon – disse ele. – Não esquece de escrever pra mim.

Jodi sentiu o momento escapar pelos dedos. Julian não esperou que ela respondesse. Colocou o fone no gancho, dando a conversa por encerrada, e se afastou da cadeira com um sorriso fugaz.

Ele foi até a parede nos fundos e seguiu o guarda até a porta. A luminária acima dele deu uma piscada.

A porta se abriu, e a segunda luminária oscilou. Julian olhou para ela uma última vez antes que a porta se fechasse, e Jodi observou a luminária em cima dele piscar e apagar.

Epílogo

O guarda o acompanha até cruzar a porta, e olho uma última vez para Jodi. Aceno.

Vou com ele até o alojamento, um cubículo que ele divide com outra pessoa, mas que no momento está desocupado. Ele tensiona a mandíbula enquanto me sento na beirada da cama do colega de quarto e o encaro. Do mesmo jeito que venho fazendo há um ano.

– Eu te falei pra agradecer a ela pelo desenho – digo.

Ele me ignora. Como vem fazendo há um ano.

Ele pega um livro e tenta ler, e eu fico encarando um ponto na nuca dele até que ele coça o lugar. É a minha brincadeira favorita.

Tento sussurrar ideias para ele. Maneiras de vê-la de novo daqui a poucos meses. Sei que ele quer, mas ele é vingativo o suficiente para ficar longe dela se isso for *me* manter longe dela.

– A gente deveria ir no Instituto de Artes da Califórnia em dezembro – sugiro. – A gente pode ver a peça dela. Pensa só em como ela ia ficar feliz se você fizesse uma surpresa pra ela…

O livro voa na direção da minha cabeça e passa direto.

Ele cruza as mãos debaixo do queixo, fechando os olhos com força. Eles se abrem de repente e me encaram, com um olhar penetrante e cortante.

Sorrio para ele. Estamos apenas começando.

Cena bônus

Viver sem um espelho era mais difícil do que ele imaginava. O primeiro mês lá dentro tinha sido um choque por diversas razões, mas a falta de superfícies reflexivas lhe dava a sensação de ter perdido um membro do corpo. Toda vez ele se flagrava procurando o próprio reflexo acima da pia.

Bem, na verdade *ela* o flagrava.

– A vaidade foi o primeiro dos sete pecados capitais – sussurrou ela quando ele parou em frente à única janela com a quantidade certa de luz sendo refletida para dar uma boa olhada no próprio rosto. – Tenho a sensação de que nunca entendi o motivo até te conhecer.

Julian passou a mão pelo cabelo raspado, fingindo que havia algo que pudesse fazer para arrumá-lo. Puxou a pele das bochechas, sentindo falta do hidratante, pensando em todos os produtos gratuitos que costumava receber quando era modelo. Deu uma olhada nos dentes em busca de alguma coisa presa neles.

– A vaidade se espalha para os outros, você não acha? Tenho a impressão de que dá pra atribuir todos os outros pecados à vaidade.

Ele odiava quando ela falava como se fosse moralmente superior em relação a ele. Como se ele não soubesse coisas que fariam a mãe dela ficar tensa e fariam o sangue do pai ferver. Coisas que nem mesmo o diário dela, o *verdadeiro*, revelaria.

Um peso fez pressão em um lado do corpo dele. Era mais como uma presença. A umidade de uma noite quente quando a gente vai para o ar livre ou o peso de um cobertor embolado do qual a gente quer se livrar, mas não consegue, porque está muito enrolado nele. Pressão suficiente para sufocar se não for controlada.

O cabelo louro reluzia no canto da visão dele, efêmero e incorpóreo.

Era só isso que ela significava para ele. Um cabelo louro sem rosto desde o primeiro dia em que ele tinha acordado e se deparado com a presença, o peso, a umidade dela em cima dele. Ele tinha encarado o rosto dela naquela manhã, e foi como deixá-la entrar por uma porta que não poderia voltar a ser fechada. Não

tinha olhado para ela de novo, não de verdade, até ele estar morrendo na piscina, com a concussão o engolindo aos poucos, assim como a água nos pulmões. Os olhos a tinham encontrado na beira da piscina, sorrindo na direção dele enquanto ele se afogava. Ela tinha rido quando ele lhe estendeu a mão, pedindo ajuda.

Desde aquele dia, ela sempre esteve reluzindo em seu campo de visão, mas ele tomava cuidado para não dar a ela o peso de seu olhar.

– Você acha mesmo que faz sentido se preocupar com a aparência? – sussurrou a voz suave e infantil dela. – Acha que ela vai ficar suspirando por você se estiver bonito hoje?

Julian se afastou rapidamente da janela, franzindo o lábio. Odiava quando ela mirava numa veia e tirava sangue daquele jeito.

Ele seguiu depressa pelo corredor até a sala de convivência, onde ia esperar ser chamado, passando pelos caras que o chamavam de "bonitão" porque tinham descoberto, na primeira semana, que palavras eram tudo que ele toleraria. Eles haviam subestimado sua capacidade de levar um soco ou de revidar. Se o pai tinha lhe dado alguma coisa na vida, além de riqueza e status, era o talento de desviar de um soco quando possível, a força de permanecer de pé quando não era e a sabedoria de entender quando simplesmente devia se deixar atingir. Ele nunca fora pego dando o troco. Sua reputação ali era impecável.

Não esperou muito na sala de convivência até seu nome ser chamado, mas a pele começou a coçar no segundo em que se levantou e seguiu o guarda, sabendo que ela estava atrás dele.

É claro que ela iria junto.

Julian quase tinha recusado o pedido de Jodi para vê-lo naquele dia, com base apenas na reação de Emily à carta. A empolgação dela era como uma criatura viva na cela dele, vibrando e infectando o peito de Julian como um vírus.

Ele passou a mão pelo cabelo de novo, sentindo-se tenso de repente, e em seguida assentiu para o guarda, avisando que estava pronto.

A porta pesada se abriu, revelando a fileira de cadeiras, telefones e painéis de acrílico, mas os olhos de Julian bateram nela no mesmo instante.

O cabelo tingido de ruivo, o rosto oval, os olhos delineados que não costumavam ficar iluminados daquele jeito – como se o simples fato de ele entrar em uma sala valesse um sorriso, como se ela estivesse diante de algo que queria ver mais e mais...

– Ela tá tão bonita... – sussurrou Emily no ouvido dele. – Você precisa dizer pra ela que ela tá bonita. Ela arrumou o cabelo hoje. Ela tá linda, você precisa

falar isso pra ela.

Julian a ignorou, como sempre. Dispensou a suspeita que sempre aparecia bem lá no fundo de sua mente toda vez que Emily dizia em voz alta algo que ele estava pensando. Será que ele pensaria em Jodi desse jeito se Emily não estivesse dentro da cabeça dele, sentada no banco do passageiro?

Julian abriu um sorrisinho malicioso para Jodi quando a viu pegar o telefone e, antes que ela pudesse começar, ele se largou na cadeira e ergueu o fone com um floreio.

– Aqui é Julian Hollister, quem tá falando?

– Não é justo que mesmo raspando o cabelo... – disse ela – ... o cabelo que te define... você ainda consiga ficar tão bonito.

Um calor invadiu o peito dele. Emily bufou com desdém.

– Nunca foi só o cabelo – retrucou ele, erguendo os lábios.

– Diz pra ela que você gosta do cabelo dela – disse Emily, aparecendo de repente do outro lado do painel, parada ao lado de Jodi. Ele apertou o fone com força. – Ela passou tanto tempo arrumando.

– Quer que eu fale algo sobre sua aparência atual?

– Não, isso seria meio de mau gosto, já que você tá preso – respondeu Jodi.

Julian deu um sorrisinho e sentiu uma agitação no lugar cintilante onde Emily vivia no canto do olho dele.

Jodi falou dos seus planos para a faculdade, e ele respondeu a algumas perguntas embaraçosas sobre a própria vida.

Emily se sentou na bancada do lado de Jodi, encarando-a, impossibilitando que Julian olhasse para Jodi sem o fantasma de Emily Mills no campo de visão. Mas era sempre assim, não era? Impossível vê-la, impossível ficar sozinho com ela, impossível pensar nela.

– Ela deixou um desenho no meu túmulo – comentou Emily, abafando o lado de Jodi da conversa. Julian a ignorou. – Diz pra ela que eu amei. Eu queria poder guardar comigo pra sempre.

Ela se virou para ele de repente, mas o olhar de Julian não se desviou de Jodi.

– Pede pra ela desenhar algo pra você e te enviar. Pede pra ela.

Julian se concentrou no jeito como a boca de Jodi se mexia quando ela falava, na maneira como os olhos sempre se voltavam para ele, como se ela tivesse medo de que ele fosse parar de ouvir.

– *Pede pra ela.*

A luminária atrás de Jodi piscou. Ela não viu.

– Podemos guardar juntos – sugeriu Emily com leveza, com o olhar se

voltando para Jodi.

A forma cintilante dela estava sentada de pernas cruzadas no balcão, com os cotovelos apoiados nos joelhos, inclinada para a frente a fim de ficar o mais perto possível de Jodi.

Julian engoliu em seco. Aquilo era um erro. Ele não devia ter deixado.

Mesmo quando a conversa chegou a Zack e depois a Hannah, a atenção de Emily não se desviava do rosto de Jodi, como se nem mesmo a menção à irmã a afetasse. Sua energia era eletrizante e efervescente, e a alegria irradiava dela conforme Jodi falava. Emily estendeu a mão translúcida para um cachinho que tinha caído no rosto de Jodi. Os dedos a atravessaram, mas Jodi colocou o cacho atrás da orelha um segundo depois.

Julian sentiu Emily sorrir, da mesma forma que *sentia* o que vinha dela. Como se fossem suas próprias emoções.

Quando o guarda avisou que o tempo tinha acabado, o alívio o inundou com a perspectiva de afastar Emily dela.

– Você vai sair logo, logo – disse Jodi. – Eu, a Paige, o Zack e a Lucy fomos assombrados por isso durante um ano. Sei que não é a mesma coisa, e talvez seja bobagem...

– Não, eu já saquei – interrompeu ele. – É a minha vez. Sei que escolhi ser cruel. E tenho que lidar com as consequências disso.

– Acho que o que eu quero dizer é... – prosseguiu Jodi. – Eu tô contente de você não ter sido assombrado no ano passado. De ela não ter... brincado com a sua galeria de fotos, estado nos seus sonhos nem sentado na sua cama de manhã.

Emily se virou, o cabelo louro descendo pelas costas enquanto o encarava. Ela deu uma risadinha.

Julian pensou na primeira vez em que Emily aparecera quando ele abriu os olhos de manhã: encovada e translúcida, apenas um espectro do que era agora. A maneira como conseguiu se convencer de que ela era um sonho do qual ele ainda não tinha acordado. Isso tinha acontecido havia mais de um ano, na manhã seguinte à morte dela.

Pensou em como ela o empurrara em direção à luz depois que ele se afogara, mesmo enquanto ele lutava com unhas e dentes pela vida. Como ela queria que ele partisse, como o queria fora do caminho. Mas não mais. Agora...

Agora, ela era o parasita dele, e ele... o hospedeiro dela.

Julian olhou para Jodi, observando-a com atenção, guardando-a na memória. Ignorou a figura totalmente formada de Emily Mills, que sempre pairava perto de seu campo de visão.

– Eu nunca falei que ela não fez isso.

Ele viu o choque no rosto de Jodi. O guarda o chamou de novo, e Jodi se apressou para esclarecer, para entender.

Mas Julian não queria contar a ela como Emily tinha ficado nítida depois que ele se afogara. Não queria contar como a voz dela tinha ficado clara. Não queria que Jodi soubesse o quanto Emily estava perto dele agora, porque isso não era problema de Jodi.

– Até mais, Dillon – disse ele. – Não esquece de escrever pra mim.

Ele colocou o fone no gancho, olhando para ela só mais uma vez.

De volta ao alojamento, ele pegou um livro, pronto para ignorar a energia eletrizante de Emily, que sempre ficava assim quando ela se aproximava de Jodi – da mesma forma que as veias de Julian pulsavam e o peito se aquecia quando ele estava perto dela. Duas reações individuais, possivelmente interligadas agora. Conectadas.

O alívio o inundou quando Emily se sentou na cama do colega de cela, pensando em formas de ver Jodi de novo. Alívio por Emily estar ali com ele e não ter seguido Jodi até em casa. Um alívio semelhante tinha tomado conta dele quando assinou o acordo judicial e o levaram preso logo em seguida. Sem passar pela casa do Ponto de Partida no tabuleiro, sem parar na casa do pai para um último castigo. Seis meses longe de Ray Hollister talvez valessem a pena, já que não havia mais nenhuma faculdade que o aceitaria.

Mesmo que isso significasse seis meses com Emily Mills.

– A gente deveria ir no Instituto de Artes da Califórnia em dezembro – sugeriu ela.

Estava tagarelando, infectando a cabeça dele com pequenos pensamentos relacionados a Jodi o tempo todo. Lembrando a Julian que ele não passaria apenas seis meses com Emily Mills. Não havia data de expiração no seu acordo judicial com ela.

– A gente pode ver a peça dela. Pensa só em como ela ia ficar feliz se você fizesse uma surpresa pra ela...

Julian atirou o livro em Emily. Passou direto pela cabeça dela e bateu na parede atrás.

Ele respirou fundo, fechando os olhos em busca de paciência, e olhou bem para o rosto dela pela primeira vez desde seu afogamento. Observou os dentes muito grandes e os olhos azul-claros. O jeito como o cabelo caía sem vida ao redor do rosto. Os brincos laranja que ela usava.

Emily sorriu para ele como se estivesse ganhando, e Julian também se

lembrava disso. Ele se lembrava de como ela tinha sorrido para ele no dia em que Julian dissera para ela ficar longe de Jodi Dillon. O jeito como ela olhara bem para o coração dele e resolvera puxar um fio, desfazendo-o como se fosse um casaco de tricô.

Você também tá apaixonado por ela?, perguntara Emily.

Julian encarou o rosto de Emily Mills conforme ela se materializava ainda mais, como se a atenção dele lhe desse poder, como se finalmente olhar para o rosto dela a permitisse se agarrar com mais força ao que quer que restasse da alma dele.

Ele a deixou cravar os dentes, como uma sanguessuga em busca de alimento.

Porque, se ela estava com ele, não estava com Jodi. Ele poderia deixá-la trancada ali com ele.

Emily inclinou a cabeça, e Julian ficou imaginando se ela finalmente tinha entendido a intenção dele.

Jodi iria para a faculdade, e Emily Mills ficaria ali.

Julian se certificaria disso.

Nota à edição

Se você tiver pensamentos suicidas, por favor, busque ajuda. Sua saúde mental é muito importante. Você não está sozinho.

Além de contar para alguém de confiança, entre em contato com o Centro de Valorização da Vida (cvv.org.br, telefone 188), uma das ONGs mais antigas do Brasil.

Fundado em 1962 por um grupo de voluntários, foi reconhecido como uma organização de utilidade pública federal e é associado ao Befrienders Worldwide, entidade que congrega instituições de apoio emocional e prevenção do suicídio em todo o mundo.

Agradecimentos

Eu me dediquei a este livro de corpo e alma, e não teria conseguido chegar até aqui sem as seguintes pessoas:

Minha agente, Gaia Banks, que é simplesmente a melhor no mercado. Obrigada por ficar ao meu lado sempre que digo que quero me aventurar. Obrigada a todos da Sheil Land Associates LTD, especialmente Lauren Coleman e Natalie Barracliffe.

Aos meus editores Alexandra Sehulster, Tom Bonnick e Natalie Doherty: obrigada por chegarem a este livro e o promoverem. Vocês elevaram demais minha obra, e não tenho palavras para agradecer. Wednesday Books e Harper Fire, sou muito grata pelo início dessa longa parceria! Obrigada a Ashley Quintana, Cassidy Graham, Jane Tait, Cassie Gutman, Natalie Montanez, Sara Goodman, Eileen Rothschild, Anto Marr e a toda a equipe da Wednesday Books e da Harper Fire. Obrigada, Ollie, pelo cuidado que você teve na leitura sensível.

Aos amigos, que não só me apoiaram, mas também leram a primeira versão de *Amizades fatais*: Ali Hazelwood, Jen, Mar, Cat, Katie, Lucy, Alannah, Bailey, Toni, Celia Winters, Victoria e Diana Maltzer. Aos meus grupos de bate-papo que são fundamentais para minha saúde mental e bem-estar: Gremlins, WAH e Edge Chat. Obrigada a todos vocês.

Anna Conathan, pode ser que você ame este livro mais do que eu, e isso, na verdade, é impossível, então vamos contrariar o possível. Sei que sou sua cliente favorita, obrigada. Amanda, você chegou de última hora e não só resolveu minhas confusões jurídicas (fictícias), como também me falou que este era *o livro*. E Fancy Margaret, você é tão chique que não tinha como se chamar de outro jeito. Obrigada por ser a maior fã do casal Jodi e Julian do mundo e por falar à toa comigo sobre este livro quando estava em uma sacada na Itália.

Aos livreiros e influenciadores que se dedicam a divulgar meus livros e me apoiar, obrigada. Aos escritores de YA que toparam fazer os *blurbs* para minha estreia no gênero, obrigada!

Obrigada aos meus pais por cada coisinha. E obrigada aos meus leitores que

me acompanharam até os confins da Terra, de gênero em gênero. Obrigada aos membros do Rights and Wrongs e do Grupo de Leitura da Julie Soto por tornarem tudo isso tão divertido.

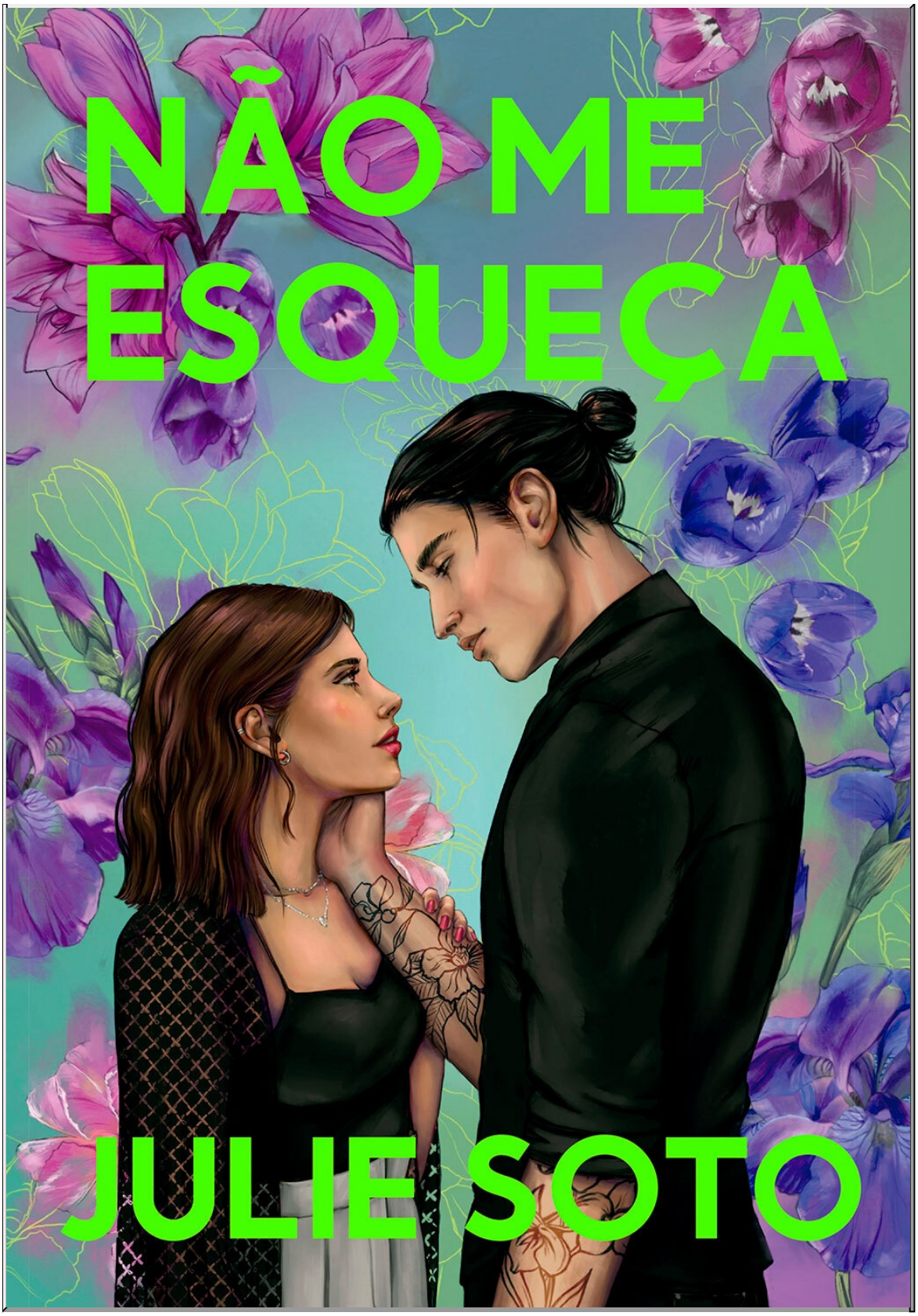
Obrigada à minha Paige, à minha Lucy e ao meu Oliver por passarem comigo pelas trincheiras. Todos nós sobrevivemos com cicatrizes diferentes, e este livro é a minha.

Sobre a autora



Julie Soto é escritora, roteirista e atriz nascida em Sacramento, na Califórnia. Ela é aficionada por teatro e fandoms, e já escreveu várias fanfics picantes. Pela Arqueiro, também publicou *Não me esqueça* e *Não é uma canção de amor*. Atualmente mora em Fort Bragg, na Califórnia, com seu cachorro, Charlie. Enquanto você lê isto, ela provavelmente está tomando café. Para encontrá-la em todas as redes sociais, basta procurar por JulieSotoWrites.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO


NÃO ME ESQUEÇA
JULIE SOTO

Não me esqueça

Julie Soto

Ama Torres adora organizar casamentos, mas não tem a mínima intenção de ficar noiva. Dona de um pequeno negócio, ela sabe como apresentar os clientes aos fornecedores perfeitos para o evento dos sonhos. Bem, quase perfeitos...

Na maior parte do tempo, Elliot Bloom detesta ser florista. Quando o pai lhe deixou a loja, ele a encarou apenas como um problema, mas não conseguiu abandoná-la.

Já Ama não pensou duas vezes antes de largá-lo, dois anos atrás. Eles colaboravam em eventos durante o dia e, à noite, ela traçava com os dedos as intrincadas tatuagens florais no corpo dele.

Quando é contratada por uma celebridade e tem a chance de ser vista pelo país inteiro, Ama descobre que Elliot também vai trabalhar no casamento. As noivas não ajudam nem um pouco, pois notam a química entre os dois e ficam determinadas a juntá-los.

À medida que o evento toma vida, Ama e Elliot percebem que algumas coisas talvez possam sobreviver a uma completa catástrofe.

Inteligente e divertido, *Não me esqueça* é a história de duas pessoas que dão uma à outra – e ao amor – uma segunda chance.

Clique aqui para ver na loja

"A história evolui no ritmo ideal e na intensidade perfeita. Poucas vezes vi dois personagens com tanta química." — LIV RESENHAS

Não é uma canção de amor



Julie Soto

autora de *Não me esqueça*

Não é uma canção de amor

Julie Soto

Gwen Jackson é uma jovem violinista profissional. Dedicada e responsável, ela vê na arte sua chance de melhorar de vida.

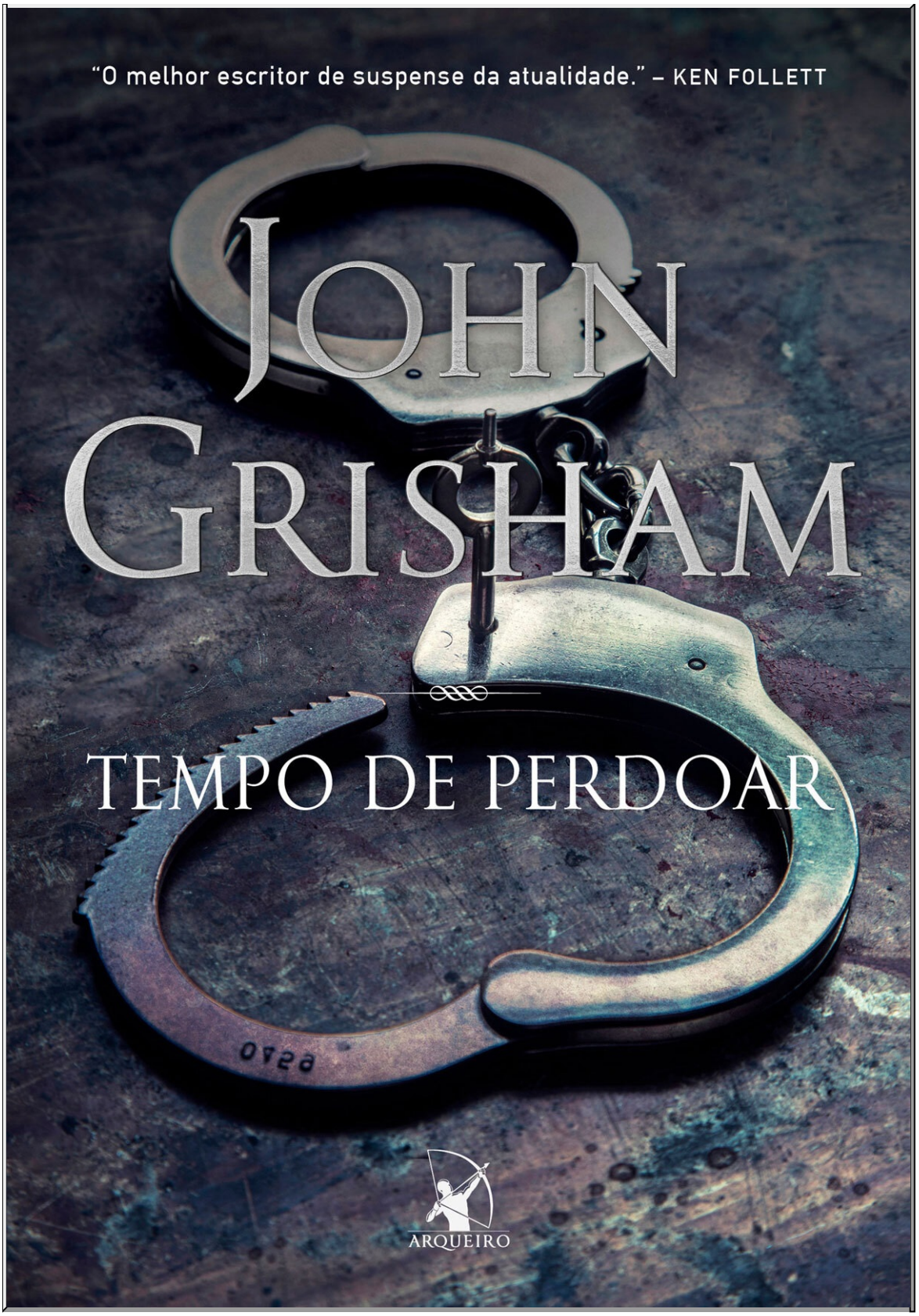
Xander Thorne é o extremo oposto. Violoncelista bonitão com ar rebelde, ele é o astro principal numa banda de sucesso e parece não dar valor a nada que tem.

A única coisa que esses dois têm em comum, além do talento excepcional, é tocarem na mesma orquestra, a Manhattan Pops. Lá, Xander trata todos os integrantes da mesma forma: com total indiferença.

Mas quando Gwen recebe uma oferta para assumir o primeiro violino da Pops – uma ambição antiga de Xander –, a indiferença se transforma em hostilidade... e numa química explosiva, impossível de ignorar.

Apesar da resistência dos dois, a atração fala mais alto e eles não conseguem evitar a paixão que vai nascendo pouco a pouco. Será que esse romance vai sobreviver à rivalidade e à pressão pelo sucesso a todo custo?

Clique aqui para ver na loja


"O melhor escritor de suspense da atualidade." – KEN FOLLETT
JOHN
GRISHAM
TEMPO DE PERDOAR
ARQUEIRO

Tempo de perdoar

John Grisham

Stuart Kofer é um policial exemplar. Por isso, mesmo afundando cada vez mais na bebida e descontando sua fúria na namorada, Josie, e nos filhos dela, ele se sente protegido pelo pacto de silêncio entre os colegas da corporação.

Uma noite, porém, Stuart vai longe demais: depois de espancar Josie mais uma vez, ele a deixa desmaiada no chão, antes de cair de bêbado. Drew, o filho dela de 16 anos, sabe que só tem essa chance de salvá-los. Sem pensar direito, pega uma arma e faz justiça com as próprias mãos.

Em Clanton, Mississippi, não há ninguém mais odiado que um assassino de policiais, portanto o advogado Jake Brigance quer distância desse caso. Mas quando fica sabendo os detalhes do que aconteceu no dia do crime, ele decide que vai fazer de tudo para salvar Drew da câmara de gás, mesmo que acabe colocando sua carreira, suas finanças e a segurança de sua família novamente em risco.

Tempo de perdoar levanta questões pertinentes e atemporais sobre raça, classe, religião, política e laços de sangue. Repleto de ação, intrigas típicas de cidade pequena e personagens inesquecíveis, é ao mesmo tempo um drama emocionante e um suspense vertiginoso.

Clique aqui para ver na loja



O filho perfeito

Freida McFadden

Uma história perturbadora e provocante que testa os limites da lealdade de uma família.

Erika Cass tem um marido perfeito. Uma vida perfeita. Até que, em uma noite tranquila, dois policiais batem à sua porta.

“Gostaríamos de fazer algumas perguntas ao seu filho sobre a garota que desapareceu hoje de manhã.”

Uma adolescente sumiu do bairro pacato onde moram, e a polícia suspeita do pior. O filho mais velho de Erika, Liam, foi a última pessoa a vê-la com vida. Erika sempre percebeu algo... diferente em Liam. Ele pode ser lindo, carismático e inteligente, mas coração de mãe não se engana. Ela sabe que há algo perverso em seu filho preferido, algo muito além das aparências.

Mais que tudo, Erika quer acreditar na inocência dele. Porém, conforme as evidências se somam, fica impossível ignorar que Liam pode ter feito algo impensável.

Clique aqui para ver na loja



O menino do bosque

Harlan Coben

Há trinta anos, um menino foi encontrado vivendo na mata como uma criança selvagem. Ao ser interrogado, ele não sabia nada sobre seu passado. Agora, já adulto, Wilde ainda não tem nenhuma lembrança confiável sobre suas origens.

Quando Naomi, uma garota que mora nos arredores da floresta, desaparece, ninguém parece levar a sério o seu sumiço, nem mesmo seu pai. Até que Hester Crimstein, uma famosa advogada criminalista com quem Wilde tem uma trágica conexão, fica sabendo que a jovem era vítima de bullying na escola.

Ela então pede a Wilde que use suas habilidades e seu instinto especial para ajudá-la a descobrir o paradeiro da menina.

Wilde é incapaz de ignorar uma adolescente em apuros. Só que, para encontrar Naomi, ele deve ingressar em um mundo no qual nunca se encaixou, um lugar onde os poderosos são acobertados mesmo quando guardam segredos que podem destruir a vida de milhões de pessoas.

E são esses segredos que Wilde precisa descobrir antes que seja tarde demais.

Clique aqui para ver na loja

Autora da série As Sete Irmãs
Mais de 40 milhões de livros vendidos

LUCINDA RILEY

MORTE NO INTERNATO



ARQUEIRO

Morte no internato

Lucinda Riley

A morte repentina de um estudante na Escola St. Stephen – um internato na região mais remota de Norfolk – é um acontecimento chocante que seu diretor faz questão de encarar apenas como um acidente infeliz.

Porém, a polícia local não descarta a possibilidade de um crime, e o caso traz de volta à ativa a inspetora Jazmine Hunter. Jazz se afastou da carreira policial em Londres, mas, relutante, concorda em participar da investigação como um favor a seu antigo chefe.

Ao analisar os detalhes da morte de Charlie Cavendish, ela descobre que o garoto fazia bullying com diversos alunos e que alguns tiveram o motivo e a oportunidade de trocar os comprimidos que ele tomava diariamente para controlar a epilepsia.

Para complicar a investigação, outro estudante some e um respeitado acadêmico morre na St. Stephen. Os novos acontecimentos trazem pistas importantes para o caso, mas, quando um dos suspeitos desaparece, Jazz se vê ainda mais enredada em mistérios.

Precisando enfrentar seus demônios pessoais, a inspetora percebe que aquela investigação é a mais desafiadora de sua carreira. O internato esconde segredos mais sombrios do que Jazz jamais poderia ter imaginado...

Clique aqui para ver na loja

CONHEÇA OS LIVROS DE JULIE SOTO

Não me esqueça
Não é uma canção de amor
Amizades fatais

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

